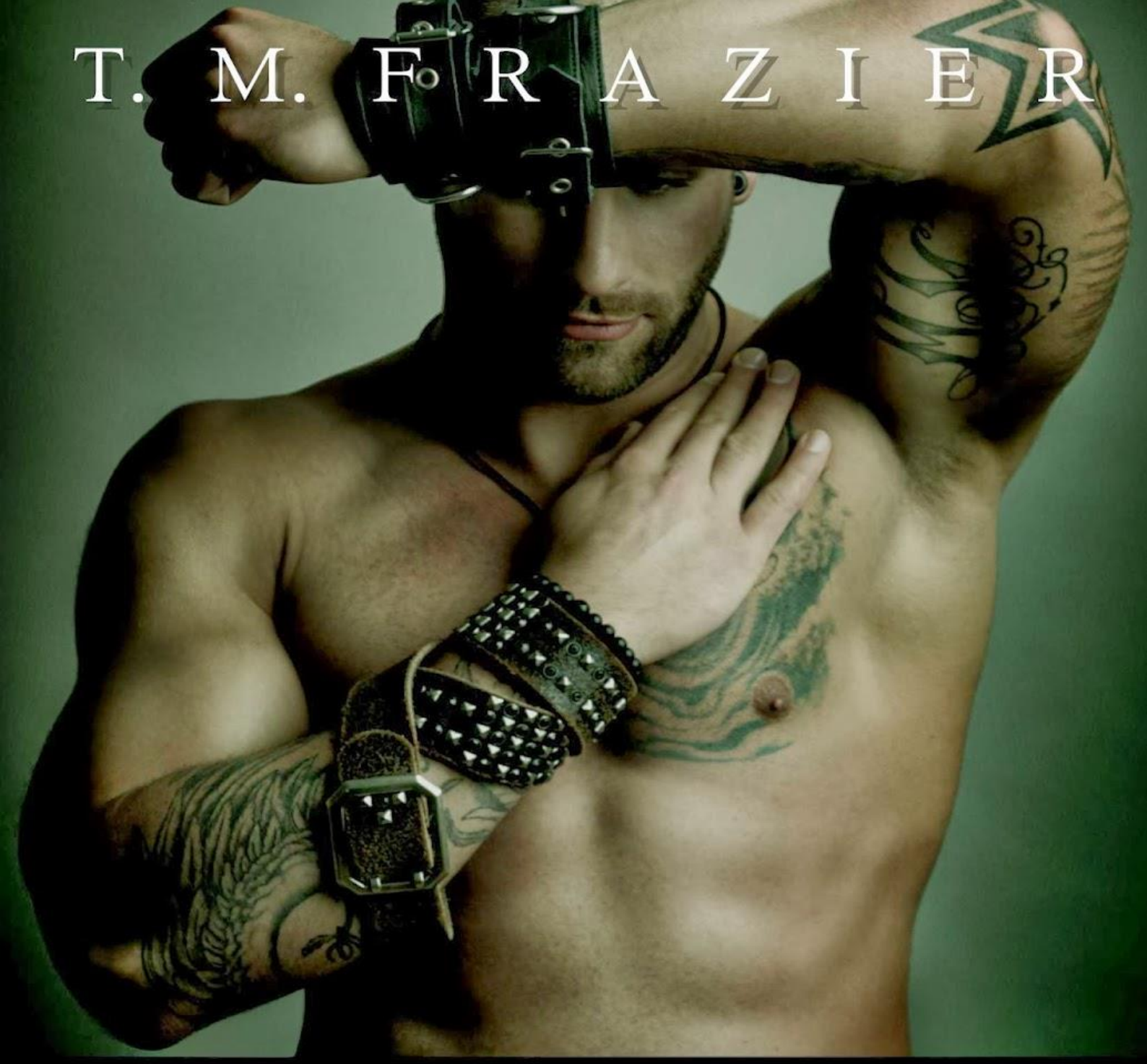
T. M. FRAZIER



KING

from the bestselling author of
The Dark Light of Day



T.M. Frazier

Série King

#1 King

King Copyright © 2015 T.M. Frazier

SINOPSE

Desabrigada. Com fome. Desesperada.

Doe não tem lembranças de quem ela é ou de onde ela vem.

Com um carreira criminal notória e acabado de ser libertado da prisão, King é alguém que você não quer cruzar a menos que você esteja preparado para pagar de volta com sangue, suor, buceta ou uma combinação de todos os três.

O futuro de King está na balança. Doe está escrito em seu passado. Quando eles caem juntos, eles terão de aprender que às vezes, a fim de segurar, você tem que primeiro deixar ir.

Aviso: Este livro contém violência gráfica, sexo consensual e não consensual, uso de drogas, abuso e outros temas tabus e assunto de adultos. Embora originalmente programado para ser livro único, KING é agora uma série de duas partes.

A SÉRIE

Série King - T.M. Frazier



Capítulo um

KING

Doze anos

— Qual é seu viadinho! Sua pequena bicha!

Eu tinha visto algumas das crianças da minha escola intimidar outras crianças antes, mas eu nunca achei que deveria intrometer. Se uma criança não tinha a coragem de se levantar por si mesmo, então eles mereceriam o que tinha vindo a eles.

Mas naquela manhã, eu tinha tomado a decisão de sair de casa para o bem. O atual namorado da minha mãe a tinha usado como um saco de pancadas mais uma vez. Mas desta vez, quando eu pisei na frente dela, ela não só me afastou, mas ela defendeu o filho da puta.

Ela disse que ela merecia.

Ela chegou a ir tão longe a ponto de se desculpar.

Por *ele.*

Eu a odiava por isso. Por se tornar fraca. Por deixá-lo colocar suas mãos sobre ela assim. Eu queria gritar na cara de John tanto que eu fiquei sentado no lado da escola no intervalo fechando os punhos enquanto eu repassava aquela manhã uma e outra vez em minha mente. Posso não ter sido capaz de ganhar em uma luta contra um homem adulto, mas eu estava convencido de que eu poderia ter feito, pelo menos, algum dano.

Então, quando ouvi essas palavras gritadas do outro lado do parque infantil, era como se minha raiva houvesse tomado à decisão antes que eu tivesse uma chance de realmente pensar sobre isso. Antes que eu percebesse, eu saltei sobre a caixa de areia e estava indo em direção a um grupo de crianças que se reuniram em um círculo no lado mais distante do pátio ao lado do campo kickball[1].

Eu me elevei sobre todas as outras crianças da minha classe e poderia facilmente ver por cima de suas cabeças. No centro do círculo

[1] É um jogo para parque infantil.

estava um garoto bruto chamado Tyler, um menino de cabelos escuros que sempre usava uma camiseta de banda sem mangas. Ele estava segurando o garoto magro pela gola de sua camisa, socando-o no rosto uma e outra vez com o punho fechado. O garoto pequeno grunhiu cada vez que Tyler fez contato. O menino levantou a camisa rasgada sobre seu estômago revelando contusões em vários tons de roxo e amarelo. Suas costelas eram tão visíveis que eu poderia contá-las. O sangue escorria de seu nariz e caia no chão. Eu empurrei duas meninas que estavam torcendo por espancamento.

As crianças podem ser cruéis pra caralho.

Os adultos podem ser mais cruéis ainda.

Eu pulei na frente de Tyler e recuei o meu punho. Com um soco em cheio no queixo do agressor, e ele caiu de bunda. A parte de trás de sua cabeça caiu com um baque contra o pavimento. Ái.

Eu me senti imediatamente melhor, embora a necessidade de infligir violência fosse sempre como um rato roendo em todos os meus pensamentos e emoções, bater em Tyler tinha diminuído temporariamente a sensação de estridentes holofotes acesos.

O garoto magricela estava no chão segurando o nariz sangrento. Ele moveu suas mãos para longe de seu rosto e olhou para mim com o maior e mais ridículo sorriso, dentes cheios de sangue que eram grandes demais para sua boca. Não o que eu esperava de alguém que tinha acabado de ter apanhado. — Você não tem que me salvar. Eu estava apenas o deixando conseguir alguns socos antes de acabar com ele. — sua voz falhou em qualquer outra palavra da mentira. Lágrimas correram para fora de seus olhos e desceram através do sangue que manchava o seu lábio. O círculo de crianças tinha terminado e voltado ao seu jogo kickball.

— Eu não te salvei. — eu disse, passando por cima dele. Eu comecei a andar para longe, mas em algum lugar ao redor da caixa de areia o garoto tinha me alcançado.

— Claro que você não fez. Eu poderia perfeitamente acabado com ele. Mas puta merda cara, o desgraçado mereceu, — o garoto jurou, jogando as mãos para o ar enquanto corria para tentar se manter com os meus passos largos.

— Ah sim, e por que isso? — perguntei.

— Porque ele queria que eu fizesse sua planilha de matemática de merda, e eu vou te dizer uma coisa. Eu não sou a puta de ninguém. Então eu mandei ele se danar. — sua voz era abafada, pois ele ainda estava tentando parar o sangue escorrendo de seu nariz, fechando suas narinas.

— Tudo o que você disse a ele foi 'vá se danar' e ele começou a bater em você? — perguntei, apesar de eu não achar difícil de acreditar, além da treta com minha mãe e John, era principalmente pequenas coisas que tinham feito o meu punho doer para socar alguma coisa.

O garoto sorriu.

— Bem, foi isso... e então como eu achava que era legal que seu pai não se importasse que seu filho fosse cuspido e cagado a cara do chefe de sua mãe em Price Mart. — ele limpou a sujeira dos arranhões nos cotovelos, em seguida, espanou a palma de suas mãos em suas calças cáqui amassadas. — Samuel Clearwater é meu nome. Qual é o seu?

Parei e me virei para ele. Ele estendeu a mão para mim e eu descruzei os braços e apertei. Para um garoto desengonçado que tinha a mesma idade que eu, ele se vestia e falava como um avô boca-suja, alguém muito velho para ligar sobre como filtrar as suas palavras. E que tipo de garoto de onze anos de idade apertam as mãos?

Samuel Clearwater faria.

— Brantley King, — eu respondi.

— Você tem um monte de amigos, Brantley King? — o cabelo loiro e desregrado de Samuel caiu na frente de seus olhos, e ele afastou com dedos sujos de areia.

— Não. — nenhuma das crianças na escola era como eu. Eu me senti sozinho desde o meu primeiro dia no jardim de infância. Enquanto todo mundo estava aprendendo as palavras de Old McDonald, eu estava preocupado com quanto tempo eu ia ter que esperar até depois do anoitecer para ir para casa. Se eu fosse muito cedo qualquer que fosse o cara da vez da minha mãe nesse mês estaria pronto para briga.

Ser sozinho foi natural para mim. Conforme o tempo passava, se tornou algo que eu gostei. Embora eu fosse o maior garoto na escola, eu sempre consegui me movimentar como um fantasma.

Até que eu comecei a ficar em apuros.

Então nós começamos a ficar em apuros juntos. Preppy e eu. Dois delinquentes juvenis.

— Eu também não. Te leva à mais problemas do que vale a pena essa merda, — disse Samuel, quase convincente. Ele reenfiou a camisa xadrez grande demais em suas calças caqui, endireitando seus suspensórios que caíram de seus ombros a cada poucos segundos. Ele ajeitou sua gravata borboleta amarela de bolinhas.

— O que há com as contusões? — perguntei, apontando para suas costelas.

— Você viu essas, né? — tristeza cruzou sobre seu rosto, mas ele lutou contra tudo o que ele estava pensando e franziu os lábios. — Padrasto do inferno é o problema, desde que minha mãe morreu. Na verdade, ele tem apenas dois problemas. Cerveja e eu. Cerveja ele gosta. Agora eu? Não muito.

Eu poderia entender. Apesar de eu não ter um padrasto, mais como um desfile constante de homens. Todos eles tinham nomes diferentes, rostos diferentes, mas essencialmente eles eram todos iguais.

— Bem, garoto, eu não acho que Tyler vai te incomodar novamente. — eu comecei a andar novamente, voltando para o meu lugar no lado do prédio onde eu poderia ficar sozinho. No canto do meu olho eu vi Tyler mancando até a escola, apertando sua mandíbula.

Viado.

— É isso? — Samuel acompanhava de perto, atrás de mim, batendo em meus calcanhares.

— Que mais está lá? — eu abaixei sob o ramo de uma árvore baixa. Samuel era facilmente vários centímetros mais baixo do que eu e deslizou sob ele sem problemas. Quando chegamos longe o suficiente dos outros garotos, acendo um meio cigarro que eu estava guardando no bolso de trás com o último fósforo que eu estava escondendo no meu sapato.

— Posso tentar? — perguntou Samuel, me assustando. Eu não tinha percebido que ele ainda estava lá.

Passei a ele o cigarro, e ele respirou fundo. Ele então passou os próximos cinco minutos tossindo. Eu coloquei o cigarro na sola do meu

tênis, enquanto seu rosto ficou um tom estranho de roxo antes de voltar para pálido, untado com sardas e sangue. — Isso é realmente muito bom, mas eu sou um homem de balas de menta.

Uma gargalhada escapou de mim, e me inclinei, me abraçando na cintura. Samuel ignorou meu desabafo e continuou falando. — Onde você mora?

— Aqui e ali. — em nenhum lugar era a verdade. Eu não estava sempre voltando para casa. Escola passou a ser apenas um lugar para ir durante o dia para que eu pudesse me esgueirar para o vestiário antes da aula para tomar banho e para o almoço gratuito. Tudo o que eu tinha estava na minha mochila.

— Eu moto em Sunny Isles Park. É uma porra de merda. Quando eu crescer, eu vou ter um desses grandes lugares na água do outro lado da calçada com as longas pernas que se parecem que são da Star Wars.

— Como aquelas casas de palafitas[2]?

— Sim cara, uma porra de casa Star Wars com pernas longas, bem na baía. — esse menino vivia em um trailer onde ele foi espancado por seu padrasto, e aqui estava ele sonhando com seu futuro. Eu não podia ver meu futuro nem na próxima semana, muito menos pelos próximos dez anos. — E quanto a você, cara?

— E quanto a mim? — eu tiro meu canivete do cós da minha calça jeans e o uso para descascar o concreto caindo no lado do edifício.

— O que você vai fazer quando crescer?

A única coisa que eu realmente sabia era o que eu não queria. — Não tenho certeza. Eu só sei que eu não quero trabalhar para ninguém. Nunca gostei de ser dito o que fazer. Eu gostaria de ser meu próprio patrão, correr a minha própria merda.

— Sim cara. Isso é uma merda incrível. Sim, isso. Vou te ajudar. Nós podemos fazer isso juntos. Você corre a merda. Eu vou te ajudar a correr a merda. Então, vamos comprar uma grande casa de

---

2 

palafitas Star Wars e viver lá, e ninguém será capaz de nos dizer o que fazer nunca mais!

Samuel tirou um bloco de papel em branco de sua mochila e se virou para uma página em branco. — Vamos fazer uma porra de um super plano.

A ideia parecia boba, se sentar com um garoto que eu não conhecia e fazer um plano para um futuro que eu nunca tinha pensado, mas por alguma razão o pensamento de ferir seus sentimentos fez o meu peito doer, um sentimento que eu estava muito familiarizado. Sem saber o que fazer a seguir, eu cedi. Me sentei ao lado dele na grama e suspirei. Ele sorriu para mim como se só eu estar ali significava que estávamos no meio do caminho.

— Nós não podemos ser idiotas sobre isso, — ele continuou. — Nós não vamos ter uma casa Star Wars conseguindo um emprego em um hotel de merda ou fábrica, e eu nunca fui um bom pescador. Então essa merda começa agora. Idiotas são empurrados mais e pisados. Meu tio, que é um babaca idiota total vende drogas. Nós poderíamos roubar um pouco dele e vender. Então, podemos usar esse dinheiro para comprar o nosso para vender.

Usando um marcador preto de sua bolsa, Samuel começou a desenhar na página. Na parte superior se lia META e ele desenhou uma casa com as pernas embaixo que se parecia com uma versão de varas do que a coisa que você chama de casa Star Wars. Eu não sabia o nome disso, porque eu nunca tinha visto os filmes, apenas os trailers. Então, ele desenhou o que parecia ser nós, ele muito menor do que eu. Com um marcador verde, ele desenhou cifrões em torno de nós flutuando no ar.

— E aí? Nós agora somos amigos, Preppy?

Eu nunca tive um amigo antes, mas havia algo sobre o menino com a boca suja que chamou a minha atenção. Eu arranquei o marcador da mão dele e assumi seu desenho. Eu nunca fui muito bom na escola, exceto na arte. Muito bom em desenho.

Desenho era meu dom.

— Porra, sim! — disse Preppy, me observando adicionar a sua casa de palafitas. Ele também tinha desenhado um retrato do que eu assumi que era seu tio porque ele tinha escrito idiota por cima. — Você

é fodidamente bom nisso. Cara, a gente tem que te por nisso, também. Essa merda de arte. Escreva isso no plano. Temos que ter passatempos, também.

— Então, qual é o seu hobby? — perguntei.

— Meu hobby? — ele sorriu e limpou o nariz, que tinha acabado de começar a sangrar novamente, uma única gota caiu na página e espirrou na palavra META. Ele balançou a cabeça maliciosamente e franziu os lábios, enganchando seus polegares sob seus suspensórios. — Vadias.

Eu acho que eu ri mais naquele dia do que eu já fiz em toda a minha vida. Aprendi também que 'vadias' poderia ser um hobby.

— Então o que acontece se formos apanhados? — perguntei, parando o marcador sobre a página.

— Não vamos. Somos muito inteligentes para essa merda. Vamos ter cuidado. Nós vamos fazer planos e cumprir os planos. Ninguém vai ficar na nossa cola do caralho. Ninguém. Nem meu padrasto, nem meu tio, nem professores, e as intimidações, especialmente, sem cadelas idiotas como Tyler. Eu nunca vou me casar. Eu nunca vou ter uma namorada. Isto é só Preppy e King, rastejando para fora da merda em vez de apodrecer na mesma.

— Mas, sério, e se formos apanhados? — perguntei. — Eu não estou falando dos policiais. Estou falando de seu tio, ou qualquer outra pessoa que faz o tipo de merda que estamos falando fazer aqui. Estas são pessoas difíceis. Pessoas más. Elas não gostam de ser trapaceadas. — eu conhecia esses tipos de pessoas em primeira mão. Mais do que um comerciante tinha vindo à nossa casa armado, exigindo o pagamento. Mamãe resolvia a sua dívida levando eles para o quarto e fechando a porta.

Esse garoto pode estar apenas divagando, mas quanto mais eu pensava nisso melhor, tudo parecia verdade. Viver uma vida sem responder a ninguém. Uma vida sem medo do que alguém poderia fazer comigo ou com o garoto Preppy, que pela aparência já tinha sofrido bullying o suficiente para durar toda a sua vida.

A ideia de crescer e ser eu mesmo, o tipo de homem que as pessoas não mexem, o tipo de homem que não leva desaforo pra casa, se tornou mais e mais atraente, uma vez que rolou no meu cérebro e

agarrou, se fixando bem, eu estava perdendo outras coisas que os conselheiros de orientação disse que eu estava perdendo, um 'firme sentido de certo e errado'. Mas eles eram os únicos que estavam errados. Não é que eu não sabia a diferença.

É que eu não me importava.

Porque é isso que acontece quando você nunca teve nada para se preocupar.

Se eu ia levar esse garoto a sério, eu precisava saber que ele não me iria foder se a merda ficasse ruim. Eu precisava saber que ele estava tão sério sobre o plano quanto eu, então eu tive que perguntar: — O que realmente acontece se alguém entrar no nosso caminho? No caminho da nossa empresa? No caminho do nosso plano?

Preppy levou a ponta do marcador para o canto da boca, onde o sangue tinha começado a secar e grudar. Por um momento, ele olhou sobre minha cabeça, imerso em pensamentos. Então, ele deu de ombros e trancou seus olhos nos meus.

— Nós os matamos.

Capítulo um

KING

No dia em que fui libertado da prisão, eu me encontrei tatuando um gato em uma buceta[3]. O animal em uma parte feminina.

Um gato numa buceta.

Que ridículo.

A parede da minha loja de tatuagem temporária pulsava com a batida pesada da música vinda da minha festa de boas vindas no andar de baixo. A porta balançava como se alguém estivesse tentando ritmicamente a derrubar. Tinta spray e cartazes cobriam as paredes do chão ao teto, lançando uma camada de falsa luz sobre tudo dentro.

A pequena cadela de cabelos escuros na qual eu trabalhava esteve gemendo enquanto eu trabalhava nela. Tenho certeza que ela estava sendo sincera porque de jeito nenhum uma tatuagem diretamente acima de seu clitóris poderia ser outra coisa senão fodidamente doloroso.

Voltando há esse dia, eu poderia viajar durante horas, enquanto fazia a tatuagem, achando um canto na minha vida que não envolvesse todas as besteiras que eu tinha que lidar em uma base diária.

No passado, quando eu tinha sido preso, ainda que por períodos muito curtos de tempo, a primeira coisa em minha mente era buceta e uma festa. Mas desta vez a primeira coisa que fiz quando entrei pela porta foi pegar minha máquina de tatuagem, mas não era a mesma. Eu não poderia chegar a esse lugar de alívio temporário, não importa o quão duro eu tentasse. Não ajuda que o povo querendo tatuagens estava ficando mais burros e mais burros do caralho.

Logotipos de equipe de futebol, citações de livros que você sabe que eles nunca leram, e gangsters presunçosos queriam uma lágrima caída sobre os seus rostos. Na prisão, a tatuagem de lágrima representava tirar uma vida. A maioria dessas cadelas pareciam não poder pisar em uma barata sem se encolher no canto e chorar.

---

[3] Aqui ele usa a palavra pussy, que pode ser bichano, gato.

Mas desde que a maioria das vezes os meus clientes pagavam em favores e consistiam principalmente de motoqueiros, strippers, e os ricos ocasionais que encontrei no lado errado da calçada, eu deveria ter reduzido as minhas expectativas.

Mas então, era bom estar em casa novamente. Na verdade, era bom estar em qualquer lugar que não cheirava a vômito e vidas desperdiçadas.

Minha própria vida tinha avançado a uma velocidade de merda desde o dia que eu conheci Preppy. Eu adorava viver como um fora da lei. Eu alimentava o medo nos olhos de quem me cruzava. A única coisa que eu lamentava era de ter sido pego.

Quando eu não estava preso, eu passava quase todos os dias dos meus vinte e sete anos na Logan's Beach, uma pequena cidade de merda na costa do golfo da Flórida. Um lugar onde os moradores de um lado da calçada viviam exclusivamente para atender os ricos que moravam do outro lado, em condomínios à beira-mar, arranha-céus e mansões. Parques de trailers e casas velhas passavam longe do tipo de riqueza que leva mais de uma geração para se acumular.

No meu aniversário de dezoito anos, eu comprei uma casa de palafita velha escondida atrás de uma parede de árvores frondosas, sobre três hectares de terra que praticamente estavam localizadas debaixo da ponte. Em dinheiro. E junto com o meu melhor amigo Preppy, nos mudamos para o lado rico da cidade como a versão lixo branco dos Jeffersons filhos da puta.

Fiel à nossas palavras, nós nos tornamos nossos próprios homens e não respondíamos a ninguém. Nós fazíamos o que queríamos. Virei meus desenhos em tatuagens.

Preppy teve cadelas.

Eu fodi. Eu briguei. Eu festejei. Eu roubei. Eu fodi. Eu tatuei. Eu vendi drogas. Eu vendi armas. Eu roubei. Eu comi. Fiz dinheiro.

E eu fodi.

Não havia uma festa que eu não gostava ou que não gostava de mim. Não havia uma garota que não me deixou avançar, levantando seus quadris para que eu pudesse deslizar sua calcinha. Eu fazia essa merda toda fodida vez.

A vida não era apenas boa. A vida era muito foda. Eu estava no topo do mundo do caralho e ninguém ferrava comigo.

Ninguém.

E então tudo mudou e eu passei três anos em uma pequena cela sem janelas, estudando as rachaduras nas paredes de blocos de concreto.

Quando eu terminei com a garota do gato roxo, eu apliquei pomada, cobri com papel insulfilm, e tirei minhas luvas. Será que esta menina achava que os caras ficariam excitados por esta coisa? Trabalhar era bom, especialmente desde que eu tinha estado fora por três anos, mas isso era tatuar a minha parte favorita de uma mulher. Se eu a despisse e visse isso, eu mandaria ela se virar.

O que parece uma boa ideia. Transar ajudaria sacudir essa neblina pós-prisão e eu poderia voltar para as coisas que costumavam ser importantes para mim sem este senso persistente de pavor iminente no meu consciente.

Em vez de enviar a menina de volta para a festa, eu a agarrei e a puxei para baixo da mesa em minha direção. Eu estava de pé, a lançando sobre seu estômago. Com uma mão na parte de trás do pescoço dela, eu empurrei à cabeça dela em cima da mesa, liberando a fivela do meu cinto com a outra. Eu peguei um preservativo da gaveta aberta.

Ela sabia de antemão que o dinheiro não era o tipo de moeda que eu estava procurando, e eu não fazia de graça. Então, eu alinhei a cabeça do meu pau e tomei sua buceta como pagamento por sua nova tatuagem. De uma bichana.

Foda minha vida.

A menina tinha um grande corpo, mas depois de alguns minutos de gemeção irritante, ela não estava fazendo nada para mim. Eu podia sentir meu pau ficando mole dentro dela. Isso não deveria estar acontecendo, especialmente não após anos fodendo a minha mão direita e minha imaginação sendo meus únicos parceiros sexuais.

O que diabos está errado comigo?

Agarrei sua garganta com ambas as mãos e apertei, pegando meu ritmo, tirando minhas frustrações com cada impulso áspero em ritmo com a batida pesada do outro quarto.

Nada.

Eu estava prestes a sair e desistir.

Eu quase não notei a porta abrindo.

Quase.

Olhando para cima da minha porta estava um par de olhos azuis emoldurados por cabelos loiros longos, uma pequena covinha no meio de seu queixo, a testa franzida em seus lábios rosados e cheios. Uma menina, não mais de dezessete ou dezoito anos, um pouco magra.

Um pouco assombrada.

Meu pau se agitou à vida, arrastando minha atenção para o fato de que eu ainda estava bombeando a morena. Meu orgasmo me bateu duro, correndo pela minha espinha e me pegando completamente de surpresa. Fechei os olhos, soprando minha carga na menina com a buceta tatuada, caindo nas costas dela.

Que porra é essa?

Até o momento que eu abri meus olhos novamente, a porta estava fechada e uma menina com os olhos tristes tinha ido embora.

Eu estou perdendo a cabeça.

Eu rolei para fora e sai da morena que estava felizmente ainda respirando, embora inconsciente de qualquer estrangulamento ou droga que tinha feito suas pupilas tão grandes quanto suas órbitas fodidas.

Me sentei no meu banquinho e deixei minha cabeça cair em minhas mãos.

Eu tinha uma enorme dor de cabeça.

Preppy havia organizado esta festa para mim, e o eu pré-prisão já teria estado fodendo peitos de strippers. Mas o eu pós-prisão só queria um pouco de comida, uma boa noite de sono, e que estas malditas pessoas dessem o fora da minha casa.

— Você está bem, chefe? — perguntou Preppy, espreitando a cabeça para dentro da sala.

Eu apontei para a garota inconsciente na mesa. — Tire essa puta daqui. — eu passei a mão pelo meu cabelo, a pulsação da música fazendo o latejar na minha cabeça ficar ainda mais forte. — E por Deus do céu, desligue essa porra! — Preppy não merecia minha raiva, mas eu estava muito fodido na cabeça para refrear as minhas ordens.

— Tudo bem, — disse ele, sem hesitação.

Preppy passou por mim e não questionou a garota seminua em cima da mesa. Ele ergueu seu corpo flácido por cima do ombro em um movimento fácil. Os braços da menina inconsciente agitavam em torno de costas, batendo contra as costas dele com cada passo. Antes que ele pudesse ir muito longe, ele se virou para mim.

— Acabou com isso? — ele perguntou. Eu mal o podia ouvir sobre a música. Ele apontou com o queixo para a morena em seu ombro, um sorriso de criança em seu rosto.

Eu balancei a cabeça, e Preppy sorriu como se eu tivesse acabado de lhe disser que ele poderia ter um filhote de cachorro.

Doente do caralho.

Eu amava aquele garoto.

Fechei a porta, agarrando minha arma e faca da gaveta inferior da caixa de ferramenta onde eu guardava meus equipamentos de tatuagem. Eu embainhei a faca na bota, e minha arma no cós da minha calça jeans.

Eu balancei a cabeça de um lado para o outro para limpar o embaçamento. A prisão faz isso com você. Três malditos anos dormindo com um olho aberto em uma prisão cheia de pessoas onde eu fiz amigos e inimigos.

Era hora de manter alguns desses amigos e chamar alguns desses favores, porque havia algo mais importante do que a minha própria merda egoísta que eu precisava cuidar.

Alguém mais importante.

O sono podia esperar. Era hora de descer as escadas e fazer bonito com os motoqueiros. Eu tinha evitado fazer negócios com eles durante anos, apesar de seu VP, Bear, fosse como um irmão para mim. Bear tentou fazer com que eu me juntasse a seu MC uma centena de vezes, mas eu sempre disse que não. Eu era um criminoso que

gostava dos meus crimes do meu jeito, sem um lado organizado. Mas agora eu precisava de conexões que os motoqueiros poderiam fornecer, bem como o acesso aos políticos obscuros cujas decisões e opiniões poderiam ser seduzidas por um preço.

Eu nunca me importei com o dinheiro antes. Isso costumava ser algo descartável para mim, algo que eu utilizava para financiar o meu *eu não dou a mínima* estilo de vida. Mas agora?

Pagamentos aos políticos não vêm barato, e eu ia precisar de um monte de dinheiro e muito em breve.

Ou eu nunca ia ver Max novamente.

Capítulo dois

DOE

Nikki era minha única amiga no mundo inteiro.

E eu meio que odiava ela.

Nikki era uma prostituta que tinha me encontrado dormindo debaixo de um banco. Eu sem êxito evitava o aguaceiro das noites anteriores e apenas estremeci e me deitei para dormir. Eu já tinha vivido nas ruas durante várias semanas naquele momento e não tinha tido uma refeição real, uma vez que fugi de Camp Touchey-Feely, um apelido que eu dei ao grupo que eu tinha sido deixada para apodrecer. Eu tenho certeza que Nikki estava tentando me roubar - ou o que ela achava que era um cadáver - quando ela passou e notou que eu ainda estava respirando.

Francamente, estou surpresa que ela sequer se preocupou comigo depois de perceber que eu estava viva.

Não muito viva, mas viva.

Nikki bufou o último sopro em um post-it amarelado e enrolado que tinha se soltado da parede. O chão estava coberto com papel higiênico, e todos os três banheiros estavam à beira de transbordar com lodo marrom. O cheiro esmagador chamuscou meus pelos do nariz como se alguém tivesse encharcado o quarto com produtos químicos para diminuir o cheiro, mas não se preocupou com qualquer limpeza real.

Nikki elevou o queixo para cima em direção as telhas do teto e tampou o nariz. Uma única luz fluorescente piscava e zumbia acima de nós, lançando um tom esverdeado sobre o banheiro do posto de gasolina.

— Porra, isso é uma merda, — disse ela, jogando o saco vazio no chão. Usando um brilho labial quase vazio, ela usou o que restava e aplicou aos lábios rachados e finos. Ela, então passou uma sombra escura em seus olhos com os dedos e ela balançou a cabeça em satisfação para o espelho, mais parecendo um guaxinim do que qualquer outra coisa.

Eu estendi a manga da minha camisola para baixo sobre o calcanhar da minha mão e limpei a sujeira do espelho na minha frente, expondo duas coisas: uma teia de aranha no canto e um reflexo de uma menina que eu não reconheci.

Cabelo loiro claro. Bochechas afundadas. Olhos azuis. Queixo partido.

Nada.

Eu sabia que a menina era eu, mas quem diabos eu era?

Dois meses atrás, um homem que catava lixo me descobriu em um beco onde eu tinha sido literalmente jogada fora com o lixo, encontrada deitada em meu próprio sangue entre uma pilha de sacos de lixo ao lado de uma lixeira. Quando acordei no hospital, com a maior dor de cabeça do caralho na história de dores de cabeça, a polícia e os médicos me descartaram como uma fugitiva. Ou uma prostituta. Ou alguma combinação híbrida dos dois. O policial me fez perguntas e não se preocupou em esconder o seu desagrado quando ele me informou que o que provavelmente aconteceu foi um simples caso de um amante que ficou áspero comigo. Eu abri minha boca para argumentar, mas parei.

Ele poderia ter tido razão.

Nada mais fazia qualquer tipo de sentido.

Sem carteira. Sem identidade. Sem dinheiro. Sem posses de qualquer tipo.

Nenhuma porra de memória.

Quando alguém desaparecido passa no noticiário, as equipes de pessoas se reúnem e formam um grupo de busca. Os relatórios da polícia são arquivados e vigílias à luz de velas, por vezes, são realizadas na esperança que o que se perdeu retornasse logo para casa. O que eles nunca lhe mostram é o que acontece quando ninguém procura. Quando os *entes queridos* ou não sabem, não existem... ou simplesmente não se importam.

A polícia procurou os relatórios de pessoas perdidas em todo o estado e, então, o país, sem sorte. Minhas impressões digitais não encontraram nenhum em registro, e nem a minha imagem.

Aprendi então que ser rotulada como uma pessoa desaparecida não significa necessariamente que eu estava perdida. Pelo menos não o suficiente para exigir qualquer uma das encenações. Sem artigos de jornais. Sem aparição no canal de notícia. Sem membros da família aguardando o meu retorno seguro.

Talvez a culpa fosse minha de que ninguém se preocupou em procurar por mim. Talvez, eu era uma idiota e as pessoas celebraram o dia em que fui embora.

Ou fugi.

Ou fui enviada pela correnteza de rio em uma fodida cesta.

Eu não sei, porra. Tudo era possível.

Eu não sei de onde eu vim.

Eu não sei quantos anos eu tenho.

Eu não sei o meu nome real.

Tudo o que eu tinha no mundo foi refletido de volta para mim no espelho do banheiro do posto de gasolina, e eu não tinha mínima ideia de quem ela era.

Sem saber se eu era menor de idade ou não, fui enviada para viver no acampamento Touchey Feeley, onde eu durei apenas um par de semanas entre os masturbadores compulsivos e delinquentes juvenis. Na noite que eu acordei com um dos meninos mais velhos no pé da minha cama com a braguilha aberta, seu pau na mão, eu escapei através de uma janela do banheiro. A única coisa que eu tinha para levar eram as roupas doadas e um apelido.

Eles me chamaram de Doe.

Como em Jane Doe.

A única diferença entre mim e uma verdadeira Jane Doe era uma tag no dedo do pé[4], porque o que eu estava fazendo com certeza não era viver. Roubar para comer. Dormir onde quer que eu possa me encostar. Implorar ao lado da autoestrada por carona. Vasculhando através de lixeiras de restaurantes.

[4] São aquelas plaquetas de identificação que eles colocam no dedo do morto.

Nikki passou os dedos através de seu cabelo vermelho gorduroso. — Você está pronta? — ela perguntou. Fungando, ela pulou na ponta dos pés dela como se ela fosse um atleta se preparando para o grande jogo.

Apesar de ter sido a coisa mais distante da verdade, eu assenti. Eu não estava pronta, nunca estaria, mas eu fiquei sem opções. Não era seguro nas ruas, cada noite ao ar livre era uma aposta literal com a minha vida. E para não mencionar que, se eu perdesse mais peso, eu não teria a força para lutar contra quaisquer ameaças. De qualquer maneira eu precisava de proteção de ambos os elementos e as pessoas que se escondiam em torno à noite antes que eu acabasse uma verdadeira Jane Doe.

Eu não acho que Nikki foi capaz de registrar a sensação de fome. Dada a opção, ela escolheu usar drogas a encher seu estômago. Toda vez. Um fato triste que era óbvio por suas maçãs do rosto afiadas e olheiras sob seus olhos. No pouco tempo que eu tinha conhecido ela, eu nunca tinha a visto ingerir qualquer coisa, além de cocaína.

Eu a julguei e me senti uma merda sobre isso. Mas algo dentro de mim me diz que ela é melhor do que o que ela parece. Quando eu não estou extremamente irritada com ela eu me sinto quase protetora com ela. Eu estava lutando pela minha própria sobrevivência e eu queria lutar pela dela, mas o problema era que ela não queria lutar por si mesma.

Eu abri minha boca para dar um sermão. Eu estava prestes a dizer a ela que ela deveria acabar com as drogas e mudar a sua principal prioridade à alimentação e sua saúde geral, quando ela se virou para mim. Lá estava eu, minha boca aberta, pronta para chover julgamento a respeito de como eu era melhor do que ela. A verdade era que eu poderia ter tido o joelho profundamente envolvido na mesma merda dela antes que eu perdesse minha memória.

Fechei minha boca julgadora.

Nikki me olhou de cima a baixo, avaliando minha aparência. — Eu acho que você vai fazer, — disse ela, a insatisfação evidente em seu tom. Me recusei a passar maquiagem ou arrancar toda a minha sobrancelha apenas para desenhar uma linha fina em seu lugar como ela fez. Em vez disso, eu tinha lavado meu cabelo na pia e usado o

secador de mãos para acelerar ao longo do processo de secagem. Meu rosto estava sem maquiagem, mas teria que servir, porque se eu iria fazer isso, eu estava determinada a fazer do meu jeito e sem parecer como Nikki.

Sim, eu sou um idiota julgadora.

— Como é que isto vai funcionar? — perguntei. Ela já tinha me dito dez vezes, mas ela poderia me dizer dez mil vezes e eu ainda não me sentiria confortável.

Nikki afofou o cabelo. — Sério, Doe, você nunca ouve? — ela suspirou em aborrecimento, mas continuou. — Quando chegarmos à festa, tudo que você tem que fazer é conseguir um dos motoqueiros. Se ele gostar de você, há uma boa chance de que ele pode querer te levar, te manter por um tempo, e tudo que você tem a fazer é manter a sua cama quente e um sorriso no rosto.

— Eu não sei se eu posso fazer isso. — eu disse humildemente.

— Você pode fazer, e você vai fazer. E não seja tímida em torno deles, eles não vão gostar disso. Além disso, você não é o tipo tímido, isso é apenas seus nervos falando. Você é todas as arestas, especialmente com aquele caso horrível de síndrome de boca afiada.

— É misterioso o tanto que você sabe sobre mim no curto espaço de tempo que você me conhece. — eu disse.

Nikki deu de ombros. — Eu sou uma leitora de pessoas, e, acredite ou não, você é muito fácil de ler. Como, por exemplo, agora você está super tensa. Eu sei disso porque seus ombros estão curvados. — ela aperta meus ombros para trás. — Melhor. Estufe seu peito. Você não tem muito com que trabalhar aí em cima, mas sem um sutiã, se você mantiver seus ombros para trás, eles podem pegar um vislumbre de um pequeno mamilo, e caras adoram isso.

Era isso. Eu tinha que conseguir um motoqueiro que gostasse de mim, ele iria me proteger e esperar o tempo suficiente para descobrir o plano B. — pior cenário é que ele só esteja procurando uma coisa rápida de uma só vez e ele vai te jogar alguns dólares e te mandar embora. — Nikki fez soar mais como um período de férias do que prostituição.

Eu poderia me enganar em pensar isso, se eu não estava pedindo na rua, então eu não era como Nikki, mas a verdade era que não

importa o quanto eu torcesse os fatos, este plano era eu me transformar em uma prostituta.

Senhorita julgadora.

Quando eu revirei meu cérebro para outras opções, eu voltei tão vazia como o meu estômago.

Nikki abriu a porta, e a luz do sol invadiu o espaço escuro enquanto ele balançava para frente e para trás. Com um último olhar para a menina no espelho, eu sussurrei, — Eu sinto muito.

Foi um conforto saber que quem eu era antes da minha mente ser limpa não sabia o que eu estava prestes a fazer.

Porque eu estava prestes a vender seu corpo.

E o que quer que eu ainda tivesse de alma.

Capítulo três

DOE

Me sentei no banco de trás do Subaru[5] antigo de algum careca, desejando que eu me tornasse temporariamente surda, então eu não seria forçada a ouvir Nikki chupar o motorista. Ele estava nos levando para a festa, que era em uma casa em Logan's Beach. Quando finalmente paramos, eu pulei para fora do carro como se estivesse pegando fogo.

— Tchau, baby, — disse Nikki docemente, limpando o canto de sua boca com uma das mãos e acenando com a outra enquanto nossa carona se afastava. Quando ele estava fora de vista, ela revirou os olhos e cuspiu no chão.

— Eu acho que vou ficar doente, — eu disse, tentando não vomitar.

— Bem, eu não vi você oferecendo chupar o pau dele para uma carona, — Nikki estalou. — Então cale a boca sobre isso. Além disso, eu nos trouxe até aqui, não foi?

Aqui estávamos nós em uma estrada de terra na borda de uma propriedade coberta de árvores e sebes. Uma pequena lacuna permitia espaço para um caminho estreito. Estava escuro e não havia luzes na rua para guiar nosso caminho até a casa, o caminho parecia durar para sempre. Um odor leve de peixe permeava o ar. Meu estômago vazio rolou, e eu cobri minha boca e nariz com a mão para não vomitar.

Luzes piscando apareceram à distância. Quando nos aproximamos da casa, percebi que o que estávamos vendo não eram luzes, mas tochas de plástico presos no chão em ângulos esquisitos, criando um caminho improvisado através da grama ao redor da parte de trás da casa.

A própria casa tinha três andares e era construída sobre uma fundação de estacas. A maior parte do piso inferior sob a casa era área aberta, cheia de motos brilhantes e carros estacionados em cada

[5] É a marca de um carro.

polegada de espaço disponível. Duas portas assumiram a parede oposta, uma com uma tranca e uma barra de metal em toda ela e a outra alguns centímetros mais abaixo com piso de concreto que levava a ela. A casa era rodeada com uma varanda e luzes piscavam através de cada janela, revelando sombras das pessoas lá dentro. A música vibrava a terra molhada, agitando a água perto da grama até as minhas pernas.

— Os motoqueiros vivem aqui? — perguntei a Nikki.

— Não, esta casa pertence ao cara que eles fizeram a festa.

— E quem é esse? — perguntei. Nikki deu de ombros.

— Sei lá. Tudo o que sei é que Skinny disse que era uma festa de boas vindas. — Skinny foi o namorado de Nikki em algum momento e cafetão.

Quando chegamos à parte de trás da casa, eu dei o meu primeiro vislumbre dos motoqueiros e meu estômago revirou novamente. Eu travei.

Lá estavam eles, em torno de uma fogueira no centro do quintal enorme, chamas e muita fumaça subindo tão alto quanto a casa. Eu estava tão presa ao que eu ia ter que fazer que eu tinha esquecido de parar e pensar de que eu iria fazer. Havia sete ou oito homens, alguns sentados em cadeiras no gramado, alguns de pé, com uma cerveja em suas mãos. Todos usavam coletes de couro com quantidades variadas de patchs os adornando. Alguns usavam blusa de manga comprida sob suas vestes; outros usavam nada. As mulheres que pareciam ter tomado sugestões da moda de Nikki riam e dançavam em volta do fogo. Uma garota estava de joelhos, balançando a cabeça para cima e para baixo no colo de um homem que casualmente falava em seu telefone enquanto guiava a cabeça dela com a mão.

Este é apenas um meio para um fim.

Me virei para dizer a Nikki que talvez devêssemos reconsiderar o plano, mas ela já tinha ido. Fazendo uma varredura do quintal, a vi com um braço já sobre um cara alto com barba trançada vermelha. Uma bandana americana estava amarrada em torna de sua testa.

Braços fortes envolveram ao redor da minha cintura por trás e me puxou com força contra uma parede do músculo. Minha reação imediata foi de sacudir, mas quando eu lutava para me libertar, ele me segurou mais apertado. Seu hálito quente cheirava a alho e licor,

agredindo os meus sentidos. Quando ele falou, seus lábios pressionados contra o meu pescoço. — Ei, menina. Estou pronto para a festa. E quanto a você? — agarrando meu pulso, ele arrancou com força nas minhas costas até que eu tinha certeza de que meu ombro tinha deslocado. Ele empurrou minha mão na frente da sua calça jeans, esfregando o meu punho para cima e para baixo no comprimento de sua ereção. — É uma sensação boa, não é, menina?

Eu abri minha mão e agarrei suas bolas, as apertando com toda a força que eu poderia controlar.

— Sua puta! — ele gritou.

Me soltando, ele caiu de joelhos na grama. Mãos sobre suas partes íntimas, ele caiu para o lado e levantou as coxas para seu peito. Corri até o caminho que levava para a casa.

— Sua puta de merda! Você vai pagar por isso, porra! — ele chamou quando eu desapareci para dentro da casa, deslizando entre uma tonelada de festeiros. Peguei o primeiro conjunto de escadas que me deparei e corri todo o caminho até o terceiro andar. Eu tentei a maçaneta de várias portas fechadas por um corredor estreito, mas todas elas estavam bloqueadas. Não foi até que eu estava quase no final do corredor quando uma finalmente abriu.

Eu ainda não tinha dado um passo para dentro quando eu rapidamente percebi que o quarto estava escuro, mas não estava vazio.

Um punhado de pintura néon nas paredes fazia o quarto parecer como se estivesse brilhando. Eu não podia ver muito, mas eu poderia ver dois corpos no centro do quarto. À primeira vista, parecia que alguém estava de pé atrás de outra pessoa que estava deitada. Levei um segundo para entender, mas depois que eu fiz, não havia dúvida do que estava acontecendo na minha frente.

Pele batendo contra pele. Gemendo. O cheiro de suor e outra coisa que eu não conseguia decifrar. Parecia que havia horas que eu estava ali de pé, mas na realidade não era mais do que alguns segundos. Eu deveria ter me virado e fechado à porta no instante em que percebi que o quarto estava ocupado, mas eu não podia me afastar da cena acontecendo na minha frente.

Um par de olhos magnéticos bloqueou nos meus. Sob as luzes artificiais que brilhava. O homem olhou através de mim e para minha

surpresa, ele não piscou ou desviou o olhar. Mais e mais rápido, seus quadris batiam contra o dela. Seus olhos perfuraram os meus quando ele empurrou uma e outra vez. Quando ele fechou os olhos e jogou a cabeça para trás com um gemido longo gutural, a nossa ligação foi cortada.

O homem desabou sobre a menina e soltou a garganta dela. Ele tinha estrangulado ela? Ela gemia quando entrei e os vi, e, então, ela havia se calado.

Morta em silêncio.

Eu rapidamente lembrei que eu tinha pés e fechei a porta, fugindo de volta para baixo da escada. Me escondi ao lado do aquecedor de água sob a casa, ao lado de todos os carros e motos, onde eu fiquei sentada por mais de uma hora, arranhando o cascalho através das minhas mãos e na esperança de chegar a um acordo com a direção que a minha vida de merda estava indo. Por mais que eu quisesse decolar na noite e correr, eu não poderia ir longe, o meu medo esmagador do escuro me mantinha em cativeiro na casa onde eu posso ter acabado de testemunhar um assassinato, mas pelo menos eu poderia encontrar a luz.

O medo tinha seriamente fodido com minhas prioridades.

Foi esse medo, assim como o meu estômago roncando e tonturas que me fez lembrar por que eu estava lá em primeiro lugar.

Sobrevivência básica.

Estou desesperada, e as pessoas desesperadas não têm o luxo de opções.

Chupei uma respiração profunda. Eu tinha que fazer o que eu tinha que fazer, mesmo não sabendo exatamente o que era. Quer dizer, eu sabia a mecânica da coisa. Mas meu cérebro era como um carro com a quilometragem voltada para zero. A limpeza que eu estava prestes a sujar.

Eu posso ter sido sem-teto e faminta, mas eu estava determinada a me tirar das ruas e ter uma vida real algum dia. A vida com uma cama macia e lençóis limpos. Uma vez que eu não tinha que me preocupar com a minha segurança ou meu estômago, eu poderia me concentrar em descobrir a verdade sobre quem eu realmente era.

Eu fiz uma promessa para avançar com o aqui e agora e fazer o que precisava ser feito, então eu nunca iria pensar sobre este tempo de novo. Seria um pequeno ponto no radar da minha vida sobre a qual eu jurei que nunca iria me debruçar.

Me levantei, e me afastei e comecei minha conversa de vitalidade interna. Eu ia fazer isso. Eu ia ter que fingir que eu sabia o que eu estava fazendo, como se eu não estivesse com medo. Mas fingir que eu não estava cagando de medo não era algo novo para mim, eu tinha feito isso todos os dias desde que eu acordei com nenhuma ideia de quem eu era.

Eu seria a prostituta de um motoqueiro porque era o que eu precisava fazer. Eu seria uma equilibrista, se é isso que me faria permanecer viva.

Com determinação recém-descoberta, eu andei de volta ao redor da fogueira, peguei uma cerveja do refrigerador e abri. O líquido frio lubrificou minha garganta arranhada e seca. Corri de motoqueiro a motoqueiro e as meninas que tinham sua atenção. Eu me encontrei particularmente interessada em uma menina montanda no colo de um motoqueiro que deve ter ultrapassava ela em pelo menos 50 quilos.

Era o olhar em seu rosto com o qual eu estava intrigada. O sorriso que ela usava disse que *seu pau iria se sentir bem preso na minha garganta.* Eu imitava o comportamento dela e esperava que fosse suficiente para chamar a atenção de alguém que iria se interessar por mim.

Alguém que poderia me ajudar a sobreviver.

* * * * * *

— Ei você aí, — uma voz profunda retumbou contra a minha orelha.

Quando me virei, eu estava no nível dos olhos com uma parede de couro com manchas brancas costuradas nela. Um patch se lia VICE-PRESIDENTE e o outro, BEACH BASTARDS. O homem vestindo o colete tinha longos cabelos loiros que cobria um lado da cabeça, revelando a área raspada abaixo. Ele tinha uma barba, não uma por fazer, uma barba completa que era alguns centímetros longa e muito bem

cortada. Ele tinha mais de um e oitenta, seu corpo magro, mas muito duro e muscular. Eu não poderia dizer qual a cor que seus olhos eram porque as pálpebras penduravam pesadas e estavam ligeiramente avermelhadas. Todo o seu pescoço estava coberto com tatuagens coloridas e quando ele foi acender um cigarro, percebi que as costas de ambas as mãos estavam cobertas de tinta também.

— Ei, — eu respondi de volta, tentando afirmar a minha falsa confiança recém-encontrada.

Ele era além de atraente. Ele era lindo. Se eu tivesse que acabar na cama de alguém, eu imaginei que estar na dele não seria tão ruim. Ele fungou, chamando a atenção para a leve camada de pó branco preso em suas narinas.

— Eles me chamam de Bear. Você pertence a alguém? — ele perguntou sedutoramente, se inclinando em direção a mim.

— Talvez... você? — estremeci com a minha escolha de palavras. De todas as coisas de merda que eu poderia ter dito, foi o que me veio à mente? Fodida boca estúpida. Nikki estava certa. Eu falava primeiro e pensava depois.

Bear riu. — Eu adoraria, bonita, mas eu tenho outra coisa em mente.

— Oh sim? O que seria? — perguntei, tentando manter meu tom leve, embora minha mente e coração estivessem competindo.

— Esta festa? É para o meu amigo. E ele esteve aqui por um total de trinta minutos antes de ele desmoronar no andar de cima para se afogar em uma garrafa de Jack. Ele é como um gato em uma árvore, parece que ninguém o consegue acalmar. É compreensível, visto que ele esteve fora um tempo, mas eu acho que você pode me ajudar.

Ele enganchou o dedo na frente da minha saia e me arrastou lentamente em direção a ele até que meus mamilos estavam presos contra seu peito. Ele pressionou os dedos na pele logo acima do meu osso público e eu resisti à vontade de saltar para trás por morder meu lábio inferior.

— BBB nunca realmente foi à coisa dele. — ele parou quando viu o olhar confuso na minha cara em sua abreviatura. — Beach Bastard

Bitches[6]. — ele explicou. — Mas você? Você é nova. Você é diferente. Você tem essa pequena coisa inocente e bonita acontecendo, mas eu sei que você não é ou você não estaria neste tipo de festa se isso era seu negócio. Eu estou pensando que ele vai gostar de você. — Bear roçou os lábios contra a lateral do meu pescoço. — Então talvez você vá lá. Faça ele feliz para mim. Fazer ele um pouco feliz envolvendo esses lábios lindos ao redor do pau dele por um tempo. Então, quando você tiver terminado, traga ele de volta para baixo para a civilização. E talvez mais tarde, se você for uma boa menina e fizer o que eu te disse, nós podemos voltar para o clube e ter algum divertimento real. — ele roçou os dentes ao longo da minha orelha. — Acha que você pode fazer isso por mim?

— Sim, sim eu posso fazer isso, — eu disse. A minha pele formigava de seu toque. E eu poderia fazer isso.

Eu acho.

— Qual é seu nome mesmo? — a mão de Bear lentamente viajou até a volta da minha perna, empurrando a minha saia, descansando na bochecha da minha bunda, que foi exposta a qualquer um que poderia ter estado olhando em nossa direção.

— Doe. Meu nome é Doe[7], — eu respirei.

— Combina, — ele disse com uma risada. — Bem, minha inocente pequena Doe. — Bear se aproximou e me surpreendeu plantando um beijo suave na esquina da minha boca. Seus lábios eram suaves, e ele cheirava a sabonete misturado com bebidas alcoólicas e cigarros. Eu estava apenas começando a pensar que o beijo significava que ele tinha mudado de ideia e não queria que eu fosse até seu amigo, mas não tive essa sorte. Ele se afastou abruptamente e me virou pelos ombros de modo que eu estava de frente para as escadas. Ele me deu um tapa na minha bunda, me impulsionando para frente. — Vá até o final das escadas, querida. Último quarto no final do corredor. Seja boa para o meu amigo e eu e você começaremos a jogar mais tarde. — ele selou suas palavras com uma piscadela e quando eu fiz meu caminho até as escadas, eu virei para trás e lancei a ele um sorriso falso. Eu esperava que o cara no final do corredor fosse como Bear, porque então talvez não fosse tão ruim.

---

[6] Vadias do Beach Bastards.
[7] Doe é uma corça, que parece uma gazela.

Então um pensamento me bateu que tinha me feito lutar contra as lágrimas que brotaram dos meus olhos com uma força súbita que quase me levou para meus joelhos.

Eu oficialmente vendi a mim mesma, e o preço era muito mais do que qualquer quantidade de dólar.

Capítulo quatro

DOE

Boom. Boom. Boom. Ba-boom.

Era difícil dizer onde o baixo terminou e meu pulso começou.

Limpei minhas mãos sobre a saia esfarrapada que eu ganhei da doação Goodwill e manobrei através de um mar de corpos se contorcendo ritmicamente contra o outro. Uma espessa camada de fumaça jazia presa sob o teto baixo. As pessoas dançavam e giravam sob as luzes piscando em cada polegada disponível de espaço.

No escuro, com apenas o pulsar das luzes para me guiar, eu fiz o meu caminho até as escadas e, como Bear instruiu, até a porta no final do corredor.

A porta para a minha salvação.

A porta do meu inferno.

Virei à maçaneta, e as dobradiças gemeram. A única luz no quarto era cortesia da TV muda na parede distante. O cheiro forte de maconha flutuava do quarto.

— Olá? — gritei para a escuridão, tentando o máximo que pude fazer minha voz soar tão sexy quanto possível, mas falhando miseravelmente.

Uma voz, profunda e áspera, rompeu o silêncio, as palavras dele vibrando através de minha essência. — Fecha a porra da porta.

Esgueirei minha mente frágil e corpo através do quarto quando uma sensação inteiramente nova me envolveu, fazendo com que os cabelos na parte de trás do meu pescoço arrepiarem. Eu esperava me sentir hesitante, nervosa, e até mesmo ansiosa.

Mas o que eu sentia era muito mais do que isso.

Era medo.

Com o coração acelerado. O pulso batendo. Alerta vermelho. Medo.

O impulso de virar e correr tão rápido quanto minhas pernas trêmulas podiam me levar foi esmagadora, mas qualquer pensamento de fuga imediata foi interrompido.

— Porta, — a voz ordenou novamente. Eu não tinha movido uma polegada. Por mais que eu quisesse correr, meu desespero me impeliu de ir para frente.

Fechei a porta atrás de mim e o caos no térreo desapareceu com um clique do trinco, acabando com o ruído, bem como a possibilidade de qualquer pessoa ouvir meus gritos por ajuda.

— Onde está você? — perguntei, hesitante.

— Eu estou aqui, — disse a voz, não oferecendo nenhuma indicação de onde *aqui* era realmente. Eu tomei uma respiração profunda, firmando e, em seguida, dei poucos passos em direção à TV até que eu estava perto o suficiente para fazer o contorno de uma cama no meio do pequeno quarto e um par de pernas longas pendurando na beirada da cama.

— Ummm, bem-vindo em casa? Bear me enviou. — talvez falar desse ao meu coração tempo para relaxar meu corpo. Mas a realização do que eu estava prestes a fazer me pareceu estúpido e me deixou em pé paralisada na frente da sombra.

Ignorando a minha tentativa lamentável de conversa, ele se embaralhou até a beira da cama. Embora eu não conseguisse distinguir suas feições, seu quadro sombrio foi enorme.

Ele se sentou e estendeu à mão, eu me preparei para seu toque, mas não houve contato. Em vez disso, ele pegou uma garrafa da mesa de cabeceira atrás de mim. Ele inclinou para a boca, tomando um longo gole, lento. Seus goles eram altos no silêncio do pequeno quarto.

Mais uma vez, eu limpei as palmas das mãos na saia, esperando que a escuridão envolvesse meus nervos melhor do que o suor em minhas mãos.

— Eu te deixo nervosa? — perguntou ele, como se estivesse lendo minha mente. Eu podia sentir o cheiro de uísque em seu hálito fresco.

— Não, — eu respondi sem fôlego, a mentira travou na minha garganta. Uma grande mão agarrou minha cintura, me puxando para dentro do espaço entre suas pernas. Seus dedos cravaram em meus quadris e eu gritei em surpresa.

— Não minta para mim, garota, — ele rosnou, sem um pingo de brincadeira. Meu sangue gelou. Meu coração disparou. Ele tomou outro gole da garrafa, chegando atrás de mim novamente para colocá-la na cômoda. Desta vez, quando ele arrastou para trás, ele fez isso lentamente, esfregando sua bochecha contra a minha, sua barba não o suficiente para ser considerada uma barba, mas como uma barba por fazer. Arrepios inesperados dançaram pela minha espinha, e eu lutei contra a vontade de tocar seu rosto. — Você sempre ignora as pessoas quando elas lhe fazem uma pergunta?

Sim, sim, ele me deixou nervosa. Ele me deixou tão nervosa que eu não poderia encontrar a minha língua. Eu não esperava isso. Eu esperava espalhar minhas pernas para algum idiota bêbado para que ele pudesse entrar em mim em um quarto muito claro.

Em vez disso, eu estava no escuro, pressionada entre as coxas de um homem que eu mal podia ver, mas a sensação dele por si só causou arrepios na minha espinha.

— Eu vou tomar o seu silêncio como você querendo pular a conversa fiada. — ele agarrou meus ombros e me empurrou com força. Estendi a mão para me abraçar, minhas mãos sobre as coxas quando meus joelhos bateram no tapete. — É melhor.

Você consegue fazer isso. Você consegue fazer isso. Você consegue fazer isso.

— Me chupe, — ele ordenou, se recostando na cama, se apoiando nos cotovelos.

Corri minhas mãos trêmulas até suas coxas até que eu encontrei o cinto. Eu lentamente soltei, meus dedos roçaram a pele aquecida de seu estômago. Seus músculos abdominais apertaram sob o meu toque e ele respirou através de seus dentes. Eu balancei as minhas mãos trêmulas, tentando recuperar algum controle. Quando cheguei para o seu zíper, eu hesitei.

Pessoas desesperadas.

Coisas desesperadas.

Firmei minhas mãos, tanto quanto possível e, lentamente, eu arrastei o zíper para baixo. Fechei os olhos em um esforço para acalmar a minha respiração irregular, com medo de que eu fosse desmaiar e cair em seu colo. Eu estava esperando que fechar meus olhos fosse me trazer algum tipo de conforto em saber que eu poderia me retirar do que eu estava prestes a fazer.

Eu tinha acabado de descer seu zíper e estava chegando a seu jeans quando sua voz explodiu em cima de mim como um tiro de canhão de perto. Eu pulei para trás em surpresa, caindo de bunda no tapete.

— Que porra é essa? — ele gritou. Com os olhos fechados, eu não o tinha visto acender a luz ao lado, mas quando olhei para cima a partir do chão, eu me vi olhando para um belo par de olhos verdes cheios de ódio, me perfurando como se eu fosse à razão para tudo de errado com o mundo.

Olhos familiares.

Ele empurrou minhas mãos longe de sua braguilha e me agarrou pelos pulsos. Ele se levantou e me puxou para os meus pés, o peito pressionado contra o meu. — Eu te encontrei antes, você estava fazendo sexo com uma garota. — eu soltei, lamentando instantaneamente. Foda-se essa porra de falar antes de pensar.

Seu corpo apertado mostrou as ondulações de sua impressionante estrutura muscular. Uma miríade de tatuagens coloridas decorava um lado de seu pescoço, peito e ombros, continuando todo o caminho até os dois braços para as costas das mãos e dedos. Ele usava pulseiras que não eram realmente pulseiras, mas pulseiras de couro com tachas de metal ao redor de seus pulsos e antebraços. O cabelo escuro cortado rente à cabeça, um pino preto em cada orelha. Uma cicatriz branca corria através de sua sobrancelha direita. Barba em seu queixo quadrado, que era mais do que alguns dias passados precisando ser aparada.

Eu pensei que ele era grande quando ele esteve implacavelmente fodendo a menina na mesa. Mesmo quando ele era apenas uma sombra eu sabia que ele era grande. Mas em toda a realidade, eu não tinha noção do homem gigante que estava diante de mim.

Esse cara não parecia pendurado com a turma errada.

Esse cara era a turma errada.

— Você? — ele perguntou. Suas narinas abriram quando ele olhou para mim. Eu não sei o que eu fiz para deixar ele tão irritado, mas dar um olhar a ele à luz me deixou com mais medo do que eu já tinha dele no escuro, e eu desejei ter ouvido meus instintos mais cedo e corrido quando tive a chance.

— Obviamente você não sabe merda nenhuma, porque senão você saberia que o que você viu não era o sexo.

— Eu sei o que vi. — eu argumentei.

— Não, você sabe que eu não estava fazendo sexo com ela. Eu estava *fodendo* com ela. — a maneira como ele disse a palavra fodendo enviou uma onda de umidade na minha calcinha.

Sua garota estúpida. Seu cérebro deve realmente estar danificado, porque este não é alguém que merece esse tipo de reação. — Quem é você? — perguntou ele.

— Eu não sou ninguém, — eu respondi, com sinceridade. Meu coração doeu ao ouvir as palavras ditas em voz alta a partir de minha própria boca.

— Você não é prostituta de motoqueiro, — ele afirmou categoricamente. Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto ele olhava para mim. Correndo sobre minhas características, como se estivesse tentando me descobrir. Com seu olhar persistente em meus lábios, sua língua saiu para molhar o seu próprio.

— Você não sabe quem eu sou. — eu cuspi. Eu tentei dar um passo para trás, mas ele me segurou firme no lugar.

— Não, mas as putas dos motoqueiros normalmente não tremem e praticamente hiperventilam quando elas estão prestes a chupar um pau. — ele apertou meus pulsos com força e dor disparou em meus braços.

— Me deixe ir! — eu empurrei meus pulsos sem sucesso de suas garras. Eu precisava sair de lá, mas ele me segurou ainda mais apertado, me forçando para trás até a parte de trás da minha cabeça bater em uma parede.

— Então você está dizendo que você faz isso o tempo todo? Que você sabe o que um cara como eu quer? Que você sabe como chupar e foder como uma profissional? — ele correu seu dedo indicador para o

lado do meu rosto e eu tentei ignorar o calor que permaneceu em seu rastro. — Você acha que pode cuidar de mim, pequena? Bem. Nós podemos começar diretamente de onde paramos. — ele guiou uma das minhas mãos para frente de sua calça e segurou a minha mão aberta para a ereção ameaçando brotar de seus jeans abertos. Os cabelos na minha nuca se arrepiaram. — Você não vai me mostrar como você pode me fazer gozar? — ele zombou, suas palavras um sussurro quente contra a minha orelha, embora as próprias palavras fossem frias. Aterrorizante. Eu podia ouvir meu sangue correndo pelas minhas veias enquanto o meu coração batia mais rápido e mais rápido. — Você já me fez gozar uma vez esta noite. — eu olhei para ele e franzi as sobrancelhas.

— Isso é uma mentira. Eu mal toquei em você.

— Não, não agora. Quando você me viu antes, com aquela garota. Você estava na porta e você nos observou. Você gostou do que viu? Você gostou de me assistir gozar para você?

— Você se dá crédito demais. Eu não fiquei vendo você. Eu estava apenas surpresa. Você estava praticamente estrangulando ela, por que eu iria ficar para assistir a isso?

Ele moveu suas mãos na minha garganta e apertou com força, me deixando as vias aéreas apenas o suficiente para que eu ainda pudesse respirar. — Você quer dizer assim? — ele perguntou, olhando nos meus olhos enquanto eu tentava esconder os alarmes de terror saindo do meu corpo. Ele estava se alimentando do meu medo.

— Vá se foder, — eu cuspi, reunindo toda a coragem que eu poderia controlar. Ele estava brincando comigo, e eu posso ter tido medo, mas eu não era uma tarefa simples.

— Eu sei que você queria ser aquela garota. Você queria que fosse você que o meu pau estava fodendo. Eu vi o jeito que você olhou para mim e isso me fez explodir. Eu vejo o jeito que você me olha agora e por trás do medo você me quer, talvez até por causa disso.

— Você está errado. Isso não é como eu estou olhando para você.

— Não? Então me diga o que você está pensando realmente quando você olha para mim. Agora. O que está passando por essa linda cabeça sua?

— Eu estava pensando sobre como é uma pena essa perfeição e sua aparência serem desperdiçadas em alguém como você. — ele sorriu com o canto da boca dele e apertou minha garganta ainda mais, se inclinando para que seu rosto estivesse alinhado com o meu e eu podia ouvir suas palavras vibrarem na minha pele.

— Quantos anos você tem, pequena?

— Que diabos é isso para você? — eu fervia com os dentes cerrados.

— Eu só quero saber se você é ilegal. — ele se afastou e seu olhar vagou por cima do meu corpo com uma longa extensão lenta. Ele soltou minha garganta e prendeu ambos os meus pulsos acima da minha cabeça com uma mão. Ele mergulhou um dedo calejado no decote da minha parte superior da blusa, traçando lentamente a carne arredondada dos meus seios. Arrepios subiram na carne dos meus braços.

Eu respirei fundo.

— Eu vi toda a merda acontecendo lá fora. — eu disse, inclinando a cabeça em direção à porta. — Como se você realmente desse a mínima sobre ilegal, — minha respiração ficou superficial e rápida.

— Eu não dou à mínima, — disse ele com uma risada profunda, — Por uma questão de fato, eu estou esperando que você *seja* ilegal. — ele apertou os braços contra a parede em ambos os lados da minha cabeça, me enjaulando em com seu enorme quadro, pressionando sua ereção contra o meu estômago. — Porque eu faço a porra ilegal muito bem.

Engoli em seco e meus pulmões estavam pesados no meu peito. Eu me contorci em seu aperto e não conseguia decidir se eu queria me esfregar contra ele para encontrar o atrito que agora ansiava ou o golpearia pra caralho. Ele deve ter sentido minha indecisão porque ele me olhou nos olhos e balançou a cabeça.

— Vá em frente, pequena. Mas eu não iria se eu fosse você. — sua expressão aumentou, seus olhos escuros e perigosos, brilhando com um traço de diversão. Ele pressionou a testa na minha e suspirou. — Você e eu poderíamos ter tido um monte de diversão, pequena. — ele balançou a cabeça e, pela primeira vez notei que as olheiras sob seus olhos e a vermelhidão de suas pálpebras.

Ele parecia cansado. E não o tipo de você se sentir cansado depois de um longo dia, mas o tipo de cansado que permanece, não importa quanto sono você tenha ou quanto café que você ingere. O tipo de cansado que é menos sobre descanso e mais sobre a agitação.

Eu sabia disso porque eu era o mesmo tipo de cansada.

Ele me soltou e deu um passo para trás. Em um segundo sua presença intimidante tinha ido embora do meu espaço pessoal eu senti a frieza de sua ausência.

Ele pegou a garrafa da mesa de cabeceira e se dirigiu para a porta.

Eu ainda estava congelada na parede. Meu queixo solidamente fixado ao chão.

O que diabos aconteceu?

— Você está indo embora? — perguntei. Meu alívio guerreando com algum fodido senso deslocado de decepção.

Ele abriu a porta e parou com a mão na maçaneta. A música filtrou através da abertura, penetrando o silêncio, cada batida pesada tomando outro passo para dentro. — Tem sido um longo dia do caralho e você me pegou em um momento muito estranho. Por mais que a coisa inocente que você tem faz meu pau duro, eu não faço suave, então você deve estar feliz que eu estou indo embora. — ele tomou um gole da garrafa e lançou um último olhar confuso na minha direção, olhando meu corpo que ainda estava pressionado contra a parede. — Três anos atrás eu teria te fodido até o meio da próxima semana, sem pensar duas vezes.

Em seguida, ele se foi.

O que diabos isso significa?

Meu estômago interrompeu meu pensamento roncando alto. A dor torcendo ameaçava me tombar. Me abracei em uma tentativa de acalmar a dor. Eu olhei ao redor por algum tipo de comida, mas todas as mesas no térreo estavam cobertas com garrafas de cerveja e bebidas alcoólicas. A mesa de café não tinha nada sobre ela, além de copos e um monte de droga, que estava sendo dividida em linhas com um cartão de crédito por um homem que parecia velho o suficiente para ser um avô.

Uma batida na janela me fez pular. — Me deixe entrar, cadela! — veio uma voz estridente de fora.

Nikki.

Eu me arrastei até a janela para levantar a trava. Nikki saltou e caiu para o quarto, caindo no chão. Seu cabelo vermelho gorduroso estava estampado em sua testa com o suor, seu velho xale de pele falsa que pode ter sido uma vez branca, mas era agora era uma cor cinza, estava envolta ao acaso sobre um ombro.

— Como você sabia onde eu estava? — perguntei. Eu não tinha visto Nikki desde que ela sumiu horas atrás, quando chegamos à festa.

— Aquele cara, Bear, me disse. Eu queria me sentar totalmente em seu rosto, mas ele só decolou em sua moto com uma garota parecendo Tyra Banks.

Lá se vai essa opção.

Eu ajudei Nikki a se levantar do chão. — Então, como foi? Como ele era? Eu o vi lá embaixo antes e puta que pariu, que homem quente. — ela ajustou a alça de sua bolsa através de seu ombro. — fez essa coisa com a língua que eu lhe disse para fazer? — ela me perguntou com o mesmo entusiasmo como se ela estivesse perguntando se eu montei a roda-gigante no carnaval. — Você o fez gozar? Ele fez você gozar? Me conte tudo.

Eu suspirei, derrotada e aliviada. — Não. Ninguém fez qualquer um fazer qualquer coisa. Ele só... saiu.

Nikki me olhou de cima para baixo, sua expressão se tornou a partir de exaltação ao aborrecimento. — Não é de admirar que ele saísse. Você já viu como diabos você se parece? Eu nunca deveria ter deixado vir até aqui assim.

Eu olhei para a parte superior da minha blusa cinza claro que eu tinha amarrado na parte traseira para fazê-la parecer mais sexy, saia de lantejoulas que estava faltando à maioria das lantejoulas. Eu sabia que não parecia ótimo, mas eu não tinha os recursos para parecer melhor.

Ou até mesmo boa.

Nikki balançou a cabeça, gesticulando com as mãos para cima e para baixo para o meu corpo. — Você parece uma criança que chegou suja que estava brincando com as roupas velhas de sua mãe.

Ela fungou e ajeitou a própria saia jeans que mal cobria suas nádegas. Sua camiseta verde tinha uma mancha de água sanitária sobre seu seio direito.

— Isso não importa agora. Ele se foi, — eu disse amargamente. — Vamos sair daqui. — eu tinha que limpar minha cabeça e chegar a um novo plano.

Que incluiu ficar longe de Nikki.

— Espere aí, não tão rápido. Qual é a pressa? — Nikki deu uma volta ao redor do quarto e quando ela chegou à porta ela virou a fechadura. — Vamos ver o que podemos encontrar aqui, — ela disse, brincando, abrindo as gavetas de uma cômoda, uma por uma, em busca do conteúdo, afastando meias e camisetas.

— O que diabos você está fazendo? — perguntei. — Precisamos sair agora. Você não viu o olhar sobre os caras antes, porque se você viu já estaria a meio caminho em todo o estado até agora.

— Oh tadinha, Você é tão dramática. Qual é a pressa? Além disso, este lugar tem ar condicionado, — disse Nikki, se abanando. Ela pegou uma foto com uma armação de plástico fino e virou para mim. — Garoto doce heim? — ela correu os dedos sobre a foto de uma menina loura pequena com cachos sorrindo para a câmera. Pela primeira vez desde que eu conheci Nikki eu vi o seu sorriso, embora tenha havido uma persistente tristeza por trás dele. Ela balançou a cabeça, colocou a imagem de volta, e abriu a gaveta de baixo, mexendo alguma papelada.

— Puta que pariu, BINGO! — ela gritou. Quando ela levantou a mão na gaveta, ela trouxe uma enorme pilha de notas amarradas com faixas roxas. Ela acenou no ar e meu estômago se revirou. Esse dinheiro poderia comprar um monte de comida.

Pode comprar o começo de uma vida nova.

O pensamento saiu tão rápido quanto ele havia entrado, porque não havia nenhuma maneira do caralho de que eu estava prestes a roubar.

De jeito nenhum eu vou roubar.

Eu estava desesperada, não suicida.

Houve um grande estrondo seguido pelo barulho da maçaneta. — Que porra é essa? — a voz do outro lado da porta gritou. — Por que isso está trancada?

— Temos que ir! — gritei. Nikki pegou outra pilha de notas da gaveta e correu para a janela, me empurrando de lado antes que eu pudesse oferecer para ela ir primeiro, perdendo algumas notas ao longo do caminho.

Nikki mal tinha uma perna para fora da janela quando a porta saiu de suas dobradiças, enviando a moldura da porta em um milhão de pequenas peças de madeira em todo o quarto. Bear, o homem que me enviou até aqui, estava na porta. Nós nos encaramos por uma fração de segundo antes que ele percebesse a gaveta vazia, as notas soltas no chão, e a janela aberta onde Nikki já estava a meio caminho.

Bear deu um passo para dentro do quarto. Nikki enfiou a mão na bolsa e trouxe uma pequena arma que eu não sabia que ela tinha.

— Fique onde está! — ela gritou, apontando a arma para seu peito. Ele parou, levantando uma sobrancelha para Nikki.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — ele perguntou sem nenhum sinal de medo em sua voz, ele mais parecia estar zombando dela. Provocando-a. Ele fez parecer como se fosse coisa velha para ele ter uma arma apontada diretamente para ele.

O homem de olhos verdes apareceu na porta e imediatamente o meu coração parou no meu peito. Quando ele viu Nikki e seu lábio enrolou em um lado. Ele tomou passos confiantes em sua direção, passando por Bear. — Não se mova ou eu vou atirar, porra! — a voz dela vacilou quando ele se aproximou.

— Então atire, — ele ousou, cada passo em direção a ela um desafio.

Nikki se virou para mim, agitando a arma na mão, uma emoção ilegível piscando em seus olhos marejados. — Eu sinto muito, — disse ela.

Ela apertou o gatilho.

Houve um estalo alto no meu ouvido esquerdo, como uma picadeira sendo martelada em um bloco de gelo, seguido por uma sensação de toque desorientador.

Eu não sei como eu acabei no chão, mas eu me encontrei deitada no tapete do meu lado, segurando meus joelhos até meu peito. Meus olhos se fecharam. Minhas mãos cobriram meus ouvidos esperando a desorientação parar. Assim como tinha começado a diminuir, mãos fortes plainaram sobre minhas costas. Minha cabeça bateu contra o chão como um peso morto.

— A ruiva se foi, — disse Bear, tocando na tela de seu telefone com o polegar. — Enviei dinheiro e gente para encontrá-la e perguntar aos moradores. A cidade é pequena demais para ela chegar muito longe sem que alguém percebesse. Nós vamos alcançá-la mais cedo ou mais tarde.

O homem de olhos verdes olhou com raiva para mim a centímetros acima meu rosto. Uma veia pulsava em seu pescoço. — Parece que eu estava errado. Você é uma prostituta. Uma pequena prostituta ladra, — ele deve ter tomado o meu olhar confuso por não ser capaz de ouvir, porque ele rasgou minhas mãos longe de meus ouvidos. — Ouça sua puta... — ele fez uma pausa no meio da frase e olhou para baixo onde minhas mãos estavam, e meu olhar o seguiu. Um líquido pegajoso revestia as palmas das minhas mãos. Ele agarrou meu queixo, virando a cabeça para um lado e depois o outro. Quando ele tocou um ponto sobre a minha orelha, meu pescoço doeu e eu gritei.

— Porra, — disse ele, seus dedos estavam agora revestidos no mesmo vermelho como minha mão.

Isso é sangue?

Bear foi para o lado, com os braços cruzados sobre o peito. Eu abri minha boca para perguntar a ele o que tinha acontecido, mas nada saiu.

Os dois homens trocaram algumas palavras que eu não poderia fazer sentido. Um halo negro se formou ao redor do quarto e enquanto os segundos passavam por tudo desapareceu mais e mais para dentro do túnel escuro em expansão. Meu medo do escuro fez o meu pulso correr, mas uma estranha sensação súbita de calma tomou conta e eu me concentrei na bela face do homem irritado pairando acima de mim.

— Eu nem sei o seu nome, — eu sussurrei.

Eu consegui ficar consciente tempo suficiente para ouvir sua resposta.

— Eles me chamam de King.

Em seguida, a escuridão me cercou e me engoliu inteira.

Capítulo cinco

KING

Eu nunca tinha estado tão irritado em toda a minha vida de merda. E nos últimos vinte e sete anos que eu estive vivo mais do que algumas pessoas sentiram a ira de Brantley King.

Poucos tinham sobrevivido para contar sobre isso.

Quantos anos tinha essa garota de qualquer maneira? Dezessete? Dezoito?

Eu não a conhecia o suficiente para odiá-la, mas eu tinha o desejo irresistível de colocar minhas mãos em volta do pescoço dela e estrangulá-la. Melhor ainda, eu queria desvendar um das fivelas no meu antebraço e apertar em torno de seu pescoço. Eu queria que ela sentisse cada pedaço de minha fúria enquanto eu apertava a vida de seu corpo ossudo.

Eu queria descontar toda a minha frustração sobre ela, mas não era só com ela que eu estava com raiva. Eu também estava chateado comigo mesmo.

Eu sempre fui nada menos do que meticuloso sobre segurança, mas eu joguei a pilha de dinheiro que Preppy tinha me dado aquele dia em uma gaveta.

Em uma fodida gaveta.

O velho eu de três anos atrás teria colocado no cofre no meu sótão e mudado a combinação três vezes já.

Como é que eu fui de excessivamente cuidadoso para perigosamente negligente?

Eu deveria ter tido segurança guardando as portas. Eu tinha inimigos quando fui para a prisão, e eu saí com um pouco mais. Em vez disso, eu esqueci todos os meus protocolo do passado e deixei uma garota que eu não conhecia sozinha no meu quarto fodido, quando eu deveria ter jogado a bunda dela de lá no segundo que eu decidi que eu não ia fodê-la.

O que não era eu.

Eu não transei com ela porque ela tinha medo de mim? Porque ela parecia inocente e ingênua? Não quer dizer que ela não queria meu pau duro, porque ela queria. Eu quase gozei em minhas calças quando suas mãos tremendo desabotoaram meu cinto. Eu disse a mim mesmo que eu não poderia passar essa porque o que eu precisava era de uma menina que poderia me foder como uma profissional para que eu pudesse me livrar da agressão reprimida que estava me transformando em um estúpido.

Mas isso era uma mentira.

Algo dentro de mim, algo que eu quase podia confundir com uma consciência, me disse para não tirar proveito da situação. Não, ele me disse para não tirar proveito *dela.* Ir para longe enquanto suas bochechas ainda estavam vermelhas do medo, vergonha, raiva, e se eu estava lendo ela direito, um pouco de desejo, era uma tortura para meu pau duro. Levou um monte de controle para não marchar de volta e levá-la contra essa parede.

Mas isso foi antes. Qualquer sentimento de fazer bem com ela voaram para fora da janela com sua amiga e meu dinheiro. Os seis mil que a ruiva conseguiu roubar não foi suficiente para arranhar a superfície sobre a quantidade que eu precisaria para uma recompensa, mas a quantidade não importa. Dois centavos de merda teria sido demais.

De uma forma ou de outra, a menina desmaiada na minha cama iria pagar.

Me sentei no colchão e puxei o cobertor. A saia, que era muito grande para seu pequeno quadril estava enrolada na cintura para que ela não caísse de seus quadris. O material, que estava faltando à maioria das coisas brilhantes que penduravam nele, tinha subido até a cintura em seu sono, sua calcinha de algodão branco exposta para mim. Eu parei meus dedos acima da parte externa de seus tornozelos às coxas. O simples contato fez com que meu corpo tremesse e meu pau estremecesse a vida.

Ela era magra demais. Suas bochechas estavam afundadas. Ela tinha olheiras sob seus olhos enormes. Os cotovelos eram afiados e suas costelas me lembravam de como Preppy parecia quando eu o conheci. Ela não era o tipo habitual de menina que eu ficava. Eu

gostava de peitos, bunda. Algo para brincar, enquanto meu pau tomava conta dos negócios.

Então, por que eu não podia parar de tocá-la?

Tirei sua blusa e joguei no chão.

Sem sutiã.

Pequena, mas perfeitamente redondos peitos. Peitos que me fez querer saber quão perfeito seriam com um pouco mais de carne em seus ossos. Peitos que queria assistir saltarem em meu rosto enquanto ela me cavalgava.

A menina suspirou profundamente, mas não acordou. Quando a respiração dela tinha novamente nivelado, tracei círculos preguiçosos na pele suave do seu estômago, em torno de seu umbigo e, em seguida, em torno de seus pequenos mamilos rosados. Foi um esforço do caralho não me inclinar e chupá-los em minha boca. Eu queria mordê-los até que eu tirasse sangue. Eu queria lamber o sangue de sua pele pálida e branca.

Eu nunca tinha odiado e desejado algo tanto em toda a minha vida.

Uma transa rápida de ódio pode enxugar os sentimentos sentimentais desconhecidos rolando no meu cérebro torcido, mas a menina foi ferida e desmaiou na minha cama.

Tecnicamente, você pode dizer que eu estava cuidando dela.

Tecnicamente, eu queria transar com ela até que ela engasgasse.

Meus sentimentos conflitantes estavam me dando uma porra de enxaqueca.

Eu tinha que sair de lá. Não havia bondade suficiente de me refrear a tocá-la enquanto ela dormia, mas eu não poderia me fazer sair da cama. Em seguida, ela se mexeu. Só um pouco, apenas o suficiente para me lembrar de que eu estava atravessando o território de Preppy. Mas eu não podia sair ainda. E se ela acordasse e tentasse fugir? Então, eu realmente nunca saberia onde a ruiva foi com o meu dinheiro.

Eu ignorei o fato de que era impossível ela escapar, especialmente desde que eu a tinha algemado na minha cabeceira. Em vez de me

levantar e sair pela porta do caralho como eu deveria ter feito, eu tirei meus shorts e fiquei na cama ao lado dela. Puxando-a de volta contra o meu peito, eu nos cobri com o cobertor.

Foi à primeira vez para mim. Eu nunca tinha estado debaixo das cobertas na minha cama com uma mulher antes. Eu nunca deixei ninguém ficar o tempo suficiente para dormir antes.

Eu coloquei uma mão em seu estômago fundo, o calor do seu núcleo irradiando na minha coxa fazendo meu pau ainda mais duro. Apoiei minha cabeça no meu cotovelo e me encontrei fascinado com o contraste entre nós, seu pálido e perfeito corpo, no meu bronzeado e tatuado.

Agora eu estava dolorosamente duro.

O pensamento de rasgar essa inocente calcinha e contaminar sua buceta com meu pau ali mesmo enviou espasmos pela minha espinha. A única razão que eu voltei para o quarto mais cedo foi porque eu tinha mudado de ideia. Tão inocente como ela apareceu, ela era a única que tinha se ofereceu para mim, e quem diabos era eu para dizer não a isso?

Talvez a prisão tivesse me mudado, mas eu não estava pronto para aceitar essa mudança. Eu tinha estado lá embaixo por apenas dez minutos, quando eu me virei em meus calcanhares e me dirigi de volta para cima para pegá-la, dobrá-la, e mostrar a ela o que diabos ela se meteu.

Eu torci uma mecha de seu cabelo louro branco em meus dedos. Uma e outra vez, eu me lembrei de que a menina era uma ladra e uma prostituta e que eu tinha todo o direito de ter o pagamento pelo que ela roubou de mim e mais um pouco.

Eu possuía esta cadela.

Ela era minha pra tomar.

Tanto quanto eu queria rolar em cima dela e afundar bem no fundo, eu não poderia fazer isso.

Havia mais na história desta menina do que aquilo que era óbvio do lado de fora. Sua amiga era, obviamente, uma viciada com suas pupilas dilatadas e nariz vermelho brilhante. Esta menina não agiu como uma viciada, mas suas roupas e magreza tinha me feito pensar

que droga poderia ser a única razão pela qual ela estaria saindo com Bear e sua tripulação.

Eu iria erguer sua história dela quando ela acordasse. Então eu iria decidir quais eram meus planos para ela que de preferência consistissem em nu e de joelhos.

Ela soltou um suspiro profundo, e eu a acalmei, temendo que ela pudesse acordar antes que eu tivesse a chance de sair da cama, mas estranhamente seu corpo inteiro relaxou de volta para mim. Sua bunda pressionou contra minha ereção.

Eu sufoquei um gemido.

Só minha boxer e sua calcinha nos separavam. Eu queria balançar contra ela, aliviar a pressão crescendo em minhas bolas, mas me contive e tão rapidamente como eu tinha chegado à cama, eu saí.

Peguei meu jeans do chão. Antes de eu sair do quarto, voltei a olhar para a menina dormindo na minha cama. A luz da lua brilhava através da janela fazendo seu cabelo loiro parecer ainda mais claro, sua pele ainda mais pálida.

Mais assombrada.

Eu não sabia se eu queria matá-la ou transar com ela.

Talvez os dois, mas uma coisa era certa.

De uma forma ou de outra, eu iria fazê-la gritar.

Eu estava finalmente começando a sentir como meu velho eu novamente.

Capítulo seis

DOE

Acordei grogue e confusa. Minha cabeça parecia que ia se abrir contra a pressão da minha cabeça dolorida. O colchão embaixo de mim era suave, os lençóis frescos contra minha pele. Uma alternativa muito melhor do que os bancos do parque ou pavimento onde eu costumo fazer a minha cama.

Eu estendi as minhas pernas, uma por uma, em seguida, levantei os braços para fazer o mesmo. Exceto que meu braço esquerdo não colaborou, estava preso. Meus olhos se abriram quando ouvi um barulho. Meu pulso estava vinculado à cabeceira da cama.

Por algemas.

Porra.

Me sentei rapidamente e olhei ao redor em pânico. Dor arranhava afiado assaltaram o lado da minha cabeça quando meu ombro roçou minha orelha. Tateando ao redor, eu percebi que a minha orelha esquerda tinha sido coberta em algum tipo de curativo. Então, me lembrei dos acontecimentos da noite anterior.

Eu tinha sido baleada.

Nikki tinha atirado em mim.

Eu estava no mesmo quarto que a noite anterior, mas à luz da manhã, os detalhes que a escuridão havia escondido estavam agora em plena exibição. Ao pé da cama havia uma cômoda de madeira que foi aparafusada nos cantos abaixo de um enorme TV de tela plana. Um armário assumia toda a parede do lado direito. O quarto era apenas grande o suficiente para caber uma mesa de cabeceira ao lado da cama. Não era enorme, mas era confortável com um tom de azul marinho e cabeceira de ferro que eu estava algemada.

Onde estão as minhas roupas?

Eu estava completamente nua da cintura para cima, mas, felizmente, minha calcinha permaneceu.

Eu tinha que dar o fora daqui.

Meu estômago revirou. Deixei escapar um gemido agonizante e apertei as mãos sobre a barriga. A porta se abriu, e o homem da noite anterior apareceu.

Eles me chamam de King.

Ele entrou no quarto como se estivesse pisando para fora dos portões do inferno e na terra, onde a presença de nós, meros mortais o irritava. Ele segurou o meu olhar com um brilho constante que balançou a minha essência.

— Nome, — perguntou ele, fechando a porta atrás dele, parando no pé da cama. Ele cruzou os braços sobre o peito musculoso. No lado direito do seu pescoço uma veia pulsava por baixo da tinta de suas tatuagens.

Seus olhos corriam para baixo no meu peito e eu cruzei meu braço livre sobre os meus seios o melhor que pude para me cobrir.

— O que é isso para você? — eu brinquei. King usava as mesmas roupas escuras como na noite anterior, mesmas fivelas ao redor de seus antebraços. A única diferença era a adição de um crânio cinzento escuro. À luz do dia eu notei que as tatuagens que eu peguei um vislumbre da noite anterior eram muito mais complicadas. Se você tirasse o assustador fora da equação, King era de morrer. Seus olhos eram de um verde tão verdes que pareciam quase pretos. Seus lábios eram cheios e ligeiramente rosas.

— Eu imaginei que poderíamos começar com a porra do seu nome e, então, passar para você me dizer onde diabos essa cadela está com o meu dinheiro. — ele ferveu.

Ele era a coisa mais terrivelmente bonita que eu já tinha posto os olhos. Com o meu medo do escuro, as coisas sempre me pareceram mais assustadoras à noite, quando minha mente tinha uma tendência a exagerar a situação. Mas à luz do dia King era muito mais. Mais intimidante, mais assustador, mais irritado... mais bonito.

— Você me roubou, pequena. Esta é a sua única chance de me dizer onde a cadela ruiva foi. Você vai pagar de uma maneira ou outra, mas se você me disser agora, você pode simplesmente sair de pagar com sua vida.

Minha cabeça estava confusa e começou a girar. Minha vida estava na reta, mas eu só conseguia me concentrar em coisas triviais. — Onde estão as minhas roupas? — perguntei.

— Você roubou seis mil de mim, esta fodida roupa deve ser a menor das suas preocupações.

Puta merda! Seis mil?

Porra Nikki.

— Não brinque comigo, menina. — King envolveu as mãos em torno de meus tornozelos e puxou, me deslizando para frente até que eu desembarquei nas minhas costas. Meu braço esticou o quão longe ele podia, sem rasgar, mantidos em cativeiro pelas algemas. Minha outra mão estava apoiada na cama, meus seios foram novamente expostos. — Você está preocupada que eu tenha abusado de você enquanto dormia? Talvez eu fizesse. Porque o que você vai aprender é que eu posso fazer o que quiser com você, quando eu quiser. Porque agora, eu possuo você.

Em todo o tempo que eu estava vivendo nas ruas, eu tive algumas situações apertadas, alguns momentos ruins. Eu vi coisas que fizeram a minha pele arrepiar e meu coração disparar. Eu estava muito familiarizada com o sentimento de medo.

O medo não tinha nada como King.

— Não continue tentando cobrir esses seios bonitos. Ontem à noite você estava prestes a envolver esses lábios bonitos em torno do meu pau, então não sinta de repente a necessidade de se cobrir agora. Mesmo assim, essa pequena calcinha me deixou duro desde que eu te despi. — King se inclinou para frente, apoiando um joelho no colchão em cada lado dos meus quadris. Ele segurou meu rosto entre as mãos. Eu tentei me afastar dele e ele cavou seus dedos em meu queixo e me puxou de volta para encará-lo. — Você quer saber o que exatamente é que eu faço com a pessoas que roubam de mim, que tomam o que é meu?

— Não, — eu respirei. E eu não quero saber.

— Eu poderia te levar a essa pessoa para te dizer em primeira mão, menina, mas nenhuma delas está respirando agora.

Merda.

— Eu não sei onde ela está, eu juro. Por favor, me deixe ir. — eu disse enquanto eu me contorcia debaixo dele. Eu não queria morrer por causa da estupidez de Nikki. — Nós podemos trabalhar algo. — eu disse. Eu não tenho ideia o que exatamente eu quis dizer com isso, mas eu teria dito qualquer coisa para conseguir dar o fora dessas algemas e sair daquela casa.

King me olhou de cima para baixo. — Não estou interessado. Esse navio já partiu, — disse ele, chegando perto o suficiente para passar um dedo ao longo da minha clavícula saliente. — Você pode ser bonita, pequena, e aqueles olhos seus buscam o meu pau duro, mas você esta só pele e osso. Além disso, eu não fodo drogadas.

— Eu não sou uma fodida drogada! — eu gritei descontroladamente. Ser chamado de drogada quando na época que eu estava morando na rua eu não tinha tocado uma única droga me ascendeu como um isqueiro para um fusível.

— Mentira! Não há outra razão que você poderia ser estúpida o suficiente para roubar de mim além de necessitar de um tapa. E eu sei que você não é daqui, porque se você fosse você não teria sequer pensado em tomar o que é meu. — sua voz ficou mais alta, seus olhos frios como gelo. Ele pensou que eu era apenas como Nikki. Uma drogada. Ele esperava que eu acovardasse.

Ele estava errado.

— Eu não dou a mínima para quem você é, imbecil. — eu fervi. — E você não é tão inteligente como você parece pensar que você é. Me diga uma coisa, quem nomeou exatamente você juiz de todas as pessoas?

Eu pensei que minhas palavras iriam começar uma guerra, mas em vez disso King não parecia mais irritado, ele parecia apenas levemente divertido. — Bem, você está parcialmente correta. Porque quando se trata de mim, eu sou o juiz. Eu sou o júri. E se for necessário, eu sou o filho da puta carrasco.

Suas palavras ainda não tinham tido a chance de marinar no meu cérebro quando meu estômago aproveitou a oportunidade para interromper e rosnar alto. O olhar de King seguiu o som para onde eu me abracei com meu braço livre em volta da minha cintura em um esforço para acalmar a dor sempre crescente. A tontura novamente ameaçou me airar para baixo, mas eu lutei.

King ainda estava sentado sobre os joelhos, me estudando. Me sentei na medida em que as algemas permitiriam até que meu rosto estava apenas polegadas dele. — Nikki é uma drogada. Eu só estou com fome seu babaca! — eu cuspi.

King cerrou os punhos em seus lados. Ele levantou a mão. Eu abaixei e cobri o rosto o melhor que pude, me preparando para o tapa.

Mas ele nunca veio.

Depois de um momento eu abri meus olhos. King estava olhando para mim, sua mão levantada, mas não com raiva, ele estava esfregando a mão sobre seu cabelo curto. Suas sobrancelhas franzidas em confusão.

Eu estava presa em sua cama sem saída e não havia maneira de saber o que ia acontecer comigo. Era um momento ruim para a minha síndrome de falar antes de pensar. — Sinto muito. Eu não quis dizer isso. Quer dizer, eu só...

— Cale a boca. — ele disse com um novo controle de calma.

— Eu não uso drogas. Eu nunca usei. Quero dizer, não que eu saiba. Você vê, a coisa é...

— Cale a boca.

Meu estômago roncou novamente, ele torceu com tanta força que eu vi estrelas na frente dos meus olhos. Eu precisava comer. Eu precisava escapar. Eu precisava estar em outro lugar, além de sua cama. — Eu juro que eu não levei o seu dinheiro. Não fui eu. Esse não era o plano. Era para eu conseguir um motoqueiro que...

— Cale a boca! — ele gritou, sua raiva explosiva efetivamente silenciando minha boca.

Meu estômago torceu e virou novamente. Desta vez, eu fechei os olhos até que a dor passou. Eu tentei molhar meus lábios rachados com a minha língua, mas também estava seco e pesado na minha boca. King estendeu a mão e tocou meu rosto com a ponta do polegar. Eu estava tão envolvida na tentativa de não desmaiar que eu mal registrei que ele estava me tocando. Depois de alguns momentos com nada, além do som do meu coração batendo em meus ouvidos, King se levantou abruptamente e saiu, batendo a porta atrás de si.

Eu era sua prisioneira.

Eu iria morrer de fome, medo, ou nas mãos de King. Mas a forma não era importante. Era o que eu estava esperando, porque eu tinha certeza que eu não iria deixar essa casa novamente.

Pelo menos não viva.

Capítulo sete

DOE

Eu estava à deriva em algum lugar entre o cochilo e o inconsciente quando a porta se abriu e passos pesados se aproximaram da cama. Algo de metal foi posto na mesa de cabeceira, batendo e chacoalhando. Era o cheiro que me trouxe de volta para a terra dos vivos tão abruptamente como se sais aromáticos tivessem acenando debaixo do meu nariz.

Comida.

O metal das algemas mordeu meu pulso quando eu saltei para a bandeja que foi colocada fora do meu alcance. Deixei escapar um grito estridente parecendo frustrado.

— Calma, assassina, — disse uma voz. Eu não tinha notado o cara inclinado sobre a cômoda no pé da cama, com os braços e as pernas cruzadas na frente dele. Eu o reconheci da festa na noite anterior. Somente quando seus olhos viajaram até meus seios nus, me lembrei de que eu ainda estava nua da cintura para cima. Eu rapidamente me cobri quanto eu podia, aconchegando perto da cabeceira de metal.

Ele sorriu e lentamente se aproximou de mim.

— Não! — eu gritei quando ele chegou perto o suficiente para estender a mão para mim.

— Não? — perguntou. — Então você não quer isso? — ele pegou a bandeja e a colocou sobre a cama na minha frente.

— Não, não, eu quero. Eu quero isso, — eu assegurei a ele. Me sentei de novo e fiz uma careta quando minha orelha ferida acidentalmente esfregou contra a cabeceira de metal. Se fosse comida que ele estava oferecendo, minha modéstia ia ter que esperar até depois da minha barriga estiver cheia. Tirei meu braço de meus seios e estendi a mão para deslizar a bandeja para perto de mim. Quando vi o que estava sobre ela, parei.

Que diabos?

Havia dois pratos. Uma tinha um sanduíche de algum tipo, embrulhado em papel branco. O outro prato não era realmente um prato, mas um espelho. Lá tinha um pó branco, cortado em três linhas, juntamente com uma nota de dólar enrolada. Próximo a ele estava um saco plástico contendo uma colher e agulha, e outro saquinho menor preenchido com outro tipo de pó mais escuro.

— O que é tudo isso? — perguntei.

— Café da manhã, — disse ele impassível. — Escolha um item da bandeja e só. — ele se sentou em frente a mim na cama.

— Isso é uma piada? — quem diabos iria escolher drogas ao invés de café da manhã?

Nikki, pensei.

— Escolha sabiamente, garota. — ele apontou para a bandeja.

Eu peguei o sanduíche e abri a embalagem antes que ele pudesse terminar a frase. Eu dei uma mordida monstruosa que continha tanto sanduíche e papel.

— Devagar, — ele alertou. Detectei diversão em sua advertência. Eu o ignorei, engasgando quando tentava engolir os pedaços meia-mastigados, mas a sensação de mastigar e engolir era eufórica. Eu continuei até que o sanduíche estava completamente no meu estômago.

Eu não precisava de drogas. Eu estava drogada de alimentos.

Limpei a bagunça que eu fiz no meu rosto e lambi os dedos. Ele me entregou um copo de água, e eu bebi em três grandes goles. Me sentei na cama e dei um tapinha no meu estômago nu, não me importando se eu estava praticamente nua na frente deste estranho. Eu abri minha boca para falar quando uma súbita onda de náusea tomou conta de mim. Me sentei e segurei a mão sobre a minha boca.

— O que há de errado? — perguntou ele, quando eu freneticamente olhava em volta para algo que eu pudesse vomitar. Eu não vi nada ao alcance do meu braço, mas ele levou um segundo para perceber o que era que eu precisava. Ele pulou e pegou um cesto de lixo de metal a partir do canto do quarto e correu de volta, apenas a tempo

para me esvaziar todo o café da manhã na cesta. Cada pedaço mal mastigado de sanduíche não digerido voltou em ondas de até de novo o meu estômago estava completamente vazio.

— Eu te disse para ir devagar, porra. — ele caminhou para o outro lado do quarto e abriu a janela, jogando todo o cesto. — Eu vou lavar mais tarde.

Eu nunca chorei quando acordei no hospital e não podia sequer recordar o meu nome. Eu não chorei quando me disseram que eu nunca poderia recuperar minha memória. Eu não chorei quando eu fui jogada em uma casa cheio de pervertidos. Eu não chorei quando eu fugi e tive que viver nas ruas. Eu não chorei quando eu cheguei à conclusão de que o uso de meu corpo era a única maneira que eu ia ser capaz de sobreviver. Eu não chorei quando uma bala atingiu de raspão a minha orelha. Eu não chorei quando eu estava algemada a uma cama por um psicopata tatuado que eu tinha certeza que ia me matar.

Mas perder o primeiro estômago cheio que eu tinha em semanas?

Chorei.

Não apenas algumas lágrimas. Eu soluçava. Alto e longo. Ombro tremendo. Sem fim à vista.

Gritei *feio.*

Esperança. É algo que eu ainda não tinha desistido, mas ali estava eu, pronta para jogar a toalha. Eu não me importava se eu ficasse atada a essa cama até morrer e a pele apodrecesse dos meus ossos.

Eu estava farta.

Eu tinha sido tratada de tudo quanto é jeito que eu poderia lidar, e eu estava mais do que no limite.

Cansei de ter medo. De estar com fome. De prostitutas ruivas. De ser baleada.

Esta não era desculpa para uma vida.

Me sentei na cama e descansei minha cabeça contra o meu braço, que pendurava em um ângulo estranho. Eu deixei meu corpo ficar mole. Olhando pela janela, notei que o sol estava indo embora. Eu nem sabia que horas eram. Eu não me importava.

Ninguém olhou para mim quando eu poderia ter sido alguém, ninguém estaria olhando para mim agora que eu era absolutamente ninguém.

É irônico realmente. Eu desejado uma cama e um telhado sobre minha cabeça e de uma forma muito fodida, pelo tempo que me manteve viva, eu tinha.

O cara cujo nome eu não sabia deixou o quarto, mas deixou a bandeja sobre a cama. Quanto dessas coisas que eu teria que tomar para que seja letal? Metade? Tudo? Talvez, o plano de King era que eu me injetasse com as drogas. Ou talvez ele fosse um covarde e iria pedir seu amigo para fazer o trabalho sujo para ele.

Talvez, se eu tivesse sorte, a minha morte seria rápida. Apenas um bom tiro na cabeça.

De qualquer maneira, não importa como eu iria morrer. Eu só sabia que era o fim, e por incrível que pareça, foi reconfortante chegar a um acordo com isso em vez de gastar minhas horas restantes combatendo isso.

Eu estava além de exausta.

Talvez, King pensou que eu iria tornar as coisas fáceis para ele acabar comigo com as drogas. Eu bufei. Eu não estava prestes a dar a ele essa satisfação. Se ele me queria morta, ele iria fazer isso. Eu usei toda a força que eu tinha e chutei a bandeja para fora da cama. O espelho saltou para fora do tapete. A coca voou em uma nuvem branca de pó fino.

E eu ri.

Eu ri tanto que meu corpo inteiro tremeu e lágrimas corriam pelo meu rosto. Eu ri tanto que o som do meu riso ficou preso na minha garganta. Lá estava eu. Seminua. Algemada a uma cama. Vômito no meu rosto. Uma bandeja de drogas espalhada pelo chão.

Maníaca rindo como uma esquizofrênica que tinha pulado seus remédios.

A porta se abriu novamente e entrou o mesmo cara de antes. Eu não olhei para ele, apenas continuei a olhar para fora da janela enquanto o sol começou a se pôr.

— Você sabe o quanto essa merda vale? — ele perguntou, com os olhos arregalados.

— Não. E não sei por que você iria incomodar trazendo ela para mim desde que eu já disse a seu amigo que eu não sou viciada de merda. — eu rolei para o meu lado, me virando de costas para ele. — Por que você não me mata, e acaba logo com isso.

— Foi um teste, — disse ele, dando a volta na cama. Ele se apoiou perto de mim, com as costas contra a cabeceira, uma tigela de cerâmica fumegante em suas mãos. — Você passou.

— O que? O que diabos isso significa?

— King. Ele queria saber se você estava falando a verdade, então ele testou você. Um drogado teria dito 'foda-se a comida' e mergulhado de nariz na droga. — ele estendeu a tigela para mim. — Aqui. Eu sou Preppy, por sinal.

Nome estranho para um cara estranho. Ele parecia um cruzamento entre um bandido, um professor, e um surfista.

Eu tinha visto ele brevemente a noite anterior, mas eu não tomei o tempo para realmente olhar para ele. Preppy estava perto de um metro e oitenta de altura. Ele usava jeans leves e uma camisa amarela de manga curta com colarinho com um laço branco. Seu cabelo loiro areia foi amarrado para trás em um rabo de cavalo selvagem no topo de sua cabeça, mas abaixo de sua cabeça foi raspado em ambos os lados acima das orelhas, revelando tatuagens de videira intrincadas que começavam nas têmporas e circulava em volta da cabeça. Seus braços, mãos e dedos também estavam cobertas com tinta. Ele tinha uma barba escura que não combinava com a cor do seu cabelo. À primeira vista, você pensaria que ele era muito mais velho do que ele era, mas eram seus olhos que deram a sua juventude.

— O que é isso? — perguntei, olhando para a tigela fumegante.

— Caldo de galinha. Beba lentamente para que você possa manter isso no estômago. Quanto tempo se passou desde que você comeu? — ele cruzou as pernas na altura dos tornozelos e descansou as mãos atrás da cabeça.

— Não tenho certeza. — eu não sei por que, mas dizer as palavras em voz alta me fez sentir vergonha de uma forma que eu não tinha pensado nisso antes. — Dias, eu acho.

Hesitante, eu levei a taça das mãos. Estava quente em minhas mãos e imediatamente fez a dor em minhas mãos diminuir. Eu levantei para minha boca devagar, saboreando a sensação do vapor contra minhas bochechas e o calor do líquido quando ele se espalhou pela minha garganta.

— Por que você sequer se preocupa em me alimentar?

— Você diz que não é uma viciada, mas a porra dos seus ossos está praticamente cutucando através de sua pele, e eu podia afiar minha faca na porra da sua clavícula. King não é o tipo de cara que mata alguém por fome.

— Então, ele não vai me matar? — eu perguntei, esperando.

— Não disse isso. Apenas disse que não iria morrer de fome até a morte. O pessoal do Bear tem uma vantagem sobre a ruiva. Se nós alcançarmos e nós descobrirmos que você não estava nisso, ele pode te deixar ir.

— Pode?

— Ele não é o cara mais previsível, e ele tem estado afastado por alguns anos. Não esteve agindo como ele mesmo, então não há como dizer o que está correndo através da cabeça dele agora.

— Anos? — foi quando me lembrei de que a festa da noite passada era para ser uma festa de boas vindas. — Onde ele estava?

— Estado.

— Faculdade?

— Prisão.

Prisão fazia muito mais sentido do que a faculdade.

— O que ele fez? — eu estava empurrando minha sorte por ainda perguntar. Mas eu pensei que talvez, se eu soubesse mais sobre King – soubesse o que o fez - eu teria mais uma chance de convencê-lo a me deixar ir.

— Você faz um monte de perguntas, menina. Por que você quer saber?

Dei de ombros e bebi mais do meu caldo. — Só por curiosidade, eu acho.

— Ele matou alguém, foi pego, — disse ele casualmente. Engoli um enorme gole de caldo em um gole apertado.

— Quem? — a minha curiosidade fez a minha boca correr mais rápido que a velocidade das minhas palavras habituais.

Preppy sorriu. Seus olhos castanhos escuros brilhavam de excitação. Eu sabia que havia muito mais nele do que o que eu vi na superfície. Algo sinistro estava deitado logo abaixo das tatuagens e sua gravata borboleta.

Algo que fez o cabelo em meus braços eriçarem.

Preppy se inclinou para frente, apoiando o queixo na parte de trás de suas mãos dobradas.

— A mãe dele.

Capítulo oito

DOE

Não havia nenhuma dúvida em minha mente que King era capaz do tipo de coisas que as pessoas mais normais não podiam entender, mas esse tipo de pessoa que mata a própria mãe?

Preppy me faz as mesmas perguntas que King tinha feito sobre quem eu era, e eu disse a ele a minha história. A diferença entre Preppy e King é que Preppy realmente me escutou.

Eu dei a ele a versão curta.

Sem memória.

O grupo acolhedor.

Viver nas ruas.

Nikki.

A tentativa de me vender por proteção e abrigo.

Também ao contrário de King, Preppy parecia realmente acreditar em mim.

Eu bebi até a última gota do caldo, e Preppy mudou a atadura na minha orelha. Ele já estava começando a coçar como sarna.

— Por que você não me deixar ir? — perguntei, ajuntando o cós das calças de moletom que ele me deu para que não caia. — Você pode apenas dizer a King que eu escapei.

Preppy balançou a cabeça de um lado para o outro. — Isso não vai acontecer, — ele zombou, como se houvesse algo de errado com a minha pergunta, e não o fato de que seu amigo tinha uma menina algemada à sua cama contra a sua vontade.

Preppy me desalgemou. Temporariamente, ele fez questão de me dizer, e me levou a uma das portas do quarto que eu tinha assumido era um armário, mas acabou por ser um pequeno, mas limpo banheiro.

Eu não tinha percebido o quanto eu precisava fazer xixi antes. Eu deixei as calças de moletom cair no chão e estava prestes a empurrar para baixo minha calcinha quando notei que a porta ainda estava aberta e Preppy observava cada movimento meu.

— Você pode, por favor, fechar a porta?

— Claro. — Preppy deu um passo para dentro e fechou a porta atrás dele.

— Não exatamente o que eu quis dizer.

— Desculpe, garota. O chefe me disse para não te deixar fora da minha vista.

— Você sempre faz o que ele te diz? — eu perguntei, com amargura.

— A maioria. — incapaz de esperar mais um segundo, eu empurrei para baixo minha calcinha e me sentei no vaso sanitário.

Nada saiu.

— Não está com vontade? — ele perguntou.

— Estou, mas eu não posso fazer xixi com você olhando para mim assim. Basta virar. Não é como se eu fosse a algum lugar. Este lugar não tem sequer uma janela.

— Sinto muito. Eu não estava ciente de que sua alteza tinha medo de expectadores, — Preppy disse sarcasticamente, revirando os olhos.

Ele abriu a porta do banheiro novamente e desta vez ele virou as costas para mim. O segundo que eu sabia que ele não estava olhando, meu corpo era capaz de relaxar e deixar ir. O alívio pareceu tão incrível que eu gemi em voz alta.

— Eu posso parecer bom, garota, mas não interprete assim. King e eu somos cortados do mesmo tecido.

— Se ele te pedir para me matar, você faria isso? — perguntei, precisando saber se ele seria o único a possivelmente acabar com a minha vida.

— Sim, — ele respondeu. Sem hesitações.

Quando eu terminei, Preppy me levou de volta para a cama e garantiu a algema ao redor do meu pulso. Desta vez, ele conectou mais

baixo sobre a cabeceira da cama para que eu não tivesse de me sentar com o meu braço levantado acima da minha cabeça.

— Prep, — a voz profunda de King cresceu a partir da porta, me assustando. Ele acenou para Preppy com um levantar de seu queixo. Preppy apertou o punho em torno de meu pulso e saiu do quarto. King olhou para mim por um breve segundo, seguindo Preppy para fora, fechando a porta atrás deles.

Eles acharam Nikki? Ela disse a eles que eu não tinha nada a ver com o roubo? Ou talvez, ela se virou contra mim e disse a eles que era tudo ideia minha. Nikki era estranhamente super-protetora quando estava sóbria, mas quando ela estava drogada, ela era imprevisível, e se sua vida ou duas drogas estavam na reta, não havia nenhuma dúvida em minha mente de que ela iria me jogar aos lobos.

Eu ouvi uma porta bater, e, em seguida, suas vozes abafadas se levantaram para a janela do lado de fora. Eu estiquei meu pescoço e olhei para fora. King e Preppy estavam no gramado, um pouco além do deck. O sol estava se escondendo; o céu brilhava laranja.

Eu estendi a minha perna e deslizei a janela aberta uma fenda com o meu pé descalço.

— Encontramos a ruiva, — disse King. Ele acendeu um cigarro.

— Como? — perguntou formal.

— Na casa de Andrews fica na rodovia. Aquele velho motel com a piscina no estacionamento.

— Você pegou o dinheiro? — perguntou Preppy. Ele se encostou ao corrimão e cruzou os braços sobre o peito.

King balançou a cabeça e soltou a fumaça.

— Eu acho que ela está dizendo a verdade, cara, — Preppy disse, apontando para a minha janela com as mãos. Eu abaixei, embora a partir desse ângulo não houvesse nenhuma maneira de que eles pudessem me ver. — Eu acho que você sabe que eu sou muito bom em detectar um mentiroso, e esta menina não grita ladra para mim. O que a ruiva disse sobre ela?

— Ela não disse merda nenhuma.

— Por quê?

— Porque ela está morta.

* * * * *

Nikki estava morta.

Eu não conseguia recuperar o fôlego.

Minha cabeça girava.

King tinha dito que quem roubou dele teria que pagar um preço, e Nikki tinha pagado.

Com sua vida.

Não havia dúvida nenhuma de que, King ser capaz de perguntar sobre o meu envolvimento com Nikki, eu era a próxima.

Nuvens carregadas apareceram. King e Preppy caminharam de volta para a casa, mas eu não podia mais escutar o que eles estavam dizendo. Eu fechei a janela e me apoiei na cama, assim como eles tinham me deixado.

A primeira chance que eu tivesse, eu ia correr. Não havia tempo para esperar e planejar. Isso ia ter que ser rápido e às pressas.

Depois de alguns minutos, Preppy voltou para o quarto e me desalgemou. — Vamos, — disse ele. Me puxando em uma posição vertical, ele me arrastou para a porta.

— Para onde estamos indo? — perguntei freneticamente. Então, ele veio até mim. Esta era a casa de King. Seu quarto. Ele não iria me manter em sua própria casa, então era muito provável que eles me levariam a outro lugar. Esta era a minha única chance, e eu ia ter que tomar isso.

— Não longe, — disse formal.

Estava ficando escuro, e ele estava prestes a atacar. Eles não poderiam, pelo menos, esperar até de manhã? Eu poderia pensar melhor quando eu não estava sendo sufocada pelo meu próprio medo do escuro.

— Por quê?

— Venha. Você vai ver.

Nós andamos pelo corredor estreito e descemos as escadas para a sala principal da casa. King não estava à vista. Achava mesmo que iria pedir Preppy para fazer o trabalho sujo para ele. Uma parte de mim queria que King fizesse isso.

Eu queria que ele visse o olhar nos meus olhos quando ele matasse uma pessoa inocente.

Mas não parecia que eu ia ter essa chance.

Preppy me levou para a varanda, e eu parei quando chegamos às escadas. Preppy já estava a poucos passos abaixo de mim, seu aperto no meu pulso ainda firme. Ele se virou quando me sentiu parar. Esta foi a minha única chance de escapar com a minha vida. Eu não pensei. Eu só agi.

Puxei meu pé para trás e o chutei nas bolas. DURO. Ele soltou o meu pulso para agarrar sua virilha e eu empurrei seus ombros com toda a minha força, mandando ele para trás para baixo na escada íngreme.

Desci correndo as escadas e pulei por Preppy que estava enrolado na parte inferior das escadas gemendo e xingando.

Corri tão rápido quanto meus pés descalços e as pernas fracas me levariam. Agarrando meu suéter com uma mão, eu corri para baixo no cominho de terra, mas quando cheguei à estrada, não havia nada além de mais árvores em todas as direções. Eu não me lembrava do caminho quando vim na noite anterior, e não havia nada me dizendo o caminho que me levaria às pessoas.

Rumo à ajuda.

Uma porta bateu em algum lugar atrás de mim. Botas pesadas contra o deck de madeira ecoavam na minha cabeça. O vento levou os gritos de uma voz muito profunda e muito infeliz.

Merda.

O sol tinha quase totalmente afundado no horizonte. Embora eu não pudesse ver no escuro, eu tinha que sair da estrada aberta, onde eu era um pato sentado.

Cheguei ao outro lado da estrada. Empurrando alguns arbustos de lado, eu pulei pela abertura que eu criei, tropeçando em raízes torcidas. Encontrar o meu pé no chão molhado macio era quase impossível.

Então fui correndo em linha reta.

Videiras bloqueavam cada movimento meu. Teias de aranha esticavam sobre meu rosto enquanto eu tentava limpar o caminho. Apenas um pouco mais, e eu seria capaz de me esconder dentro da mata grossa.

Meu pé pousou em algo afiado e eu assobiei, caindo para frente em um caminho estreito. Eu pulei em toda a lama e usei todo o meu peso para achatar um arbusto. Eu apenas levantei minha perna tão alto quanto ela poderia ir para que eu pudesse passar por cima quando eu fui abordada por trás, aterrissando com força em meu lado. O vento deixou meus pulmões com um som sibilante.

Não importa o quão duro eu tentasse sugar o ar em volta, eu não podia. Uma e outra vez, eu abri minha boca para respirar, e uma e outra vez, meus pulmões me falharam.

Eu ainda estava com falta de ar quando braços fortes me viraram de costas. Maciças coxas, rígidas me seguraram em cada lado do meu peito, ameaçando encaixá-los com um toque de joelhos.

King se inclinou sobre mim, seu aperto apertado em meus pulsos, que ele manteve juntos e levantados acima da minha cabeça. Tentei ganhar o controle de meus pulmões. Quando eu finalmente fui capaz de puxar um pouco de ar, meu peito subia e descia em lufadas rápidas. Meus seios roçaram contra o duro peito de King.

O vento uivava. O céu respondeu com um trovão que eu senti nos meus ossos. A chuva começou lenta. Gotas geladas fizeram a minha pele formigar. De repente eu estava hiper-consciente do homem deitado em cima de mim. A chuva rapidamente se transformou de gotas para enxurrada. A água derramou pelo rosto de King e em seus olhos demoníacos pareciam escuros, mas ele não parecia possuído.

Ele se parecia com o próprio diabo.

— Eu pensei ter deixado claro que eu possuía você. — ele rosnou. Suas narinas abriam e fechavam. — Sua dívida ainda não foi paga, pequena.

— Então, me mate logo e acabe logo com isso, — eu disse com a voz rouca, na voz mais alta que eu poderia reunir, o que era quase um sussurro. — Ou me deixe ir, ou apenas me matar!

King zombou. — Isso seria muito fácil.

— O que então? O que você quer de mim? Eu te ouvi. Nikki está morta. Seu dinheiro sumiu e eu não posso te pagar de volta. Eu não tenho qualquer coisa que você quer. — eu me esforcei para jogá-lo fora, mas eu era tão eficaz como um mosquito.

— Ah, mas eu acho que você pode me pagar de volta, pequena. Você tem algo que eu quero, — disse ele, correndo os dedos pelo meu braço e no meu ombro. Ele agarrou minha garganta em sua grande palma da mão e apertou com os dedos calejados, não o suficiente para me sufocar, mas apenas o suficiente para que eu pudesse lembrar.

— Por favor, me deixe ir! Eu não sou nada! Eu não sou ninguém! Você não me quer. Ontem à noite, você saiu do quarto porque você não me queria. Lembra? Então me deixe ir. Por favor. Eu estou te implorando.

Eu tinha parado de lutar porque era inútil, a única coisa que eu tinha que poderia chegar até ele eram as minhas palavras.

E eu estava falhando miseravelmente.

— Mas é aí que você está errada. Ontem à noite, eu pensei que você fosse uma garotinha assustada, incapaz de lidar com o que eu quero, o que eu posso fazer, o que eu preciso. Mas isso não importa mais. Porque agora você é minha propriedade, e eu posso fazer o que diabos eu quiser com o que é meu. — ele enfatizou isso espremendo mais duro na minha garganta.

Eu abri minha boca para protestar, para dizer a ele que eu não sou dele e nunca fui, nunca seria quando de repente os lábios de King desabaram sobre os meus com tanta força que a parte de trás da minha cabeça foi empurrada ainda mais para baixo na lama. Não havia nenhum lugar para eu ir, nenhum lugar para fugir. Seus lábios cheios

eram suaves, mas seu beijo não. Ele chupou meu lábio inferior em sua boca e lambeu a costura dos meus lábios com a língua.

King era duro e assustador como o inferno, assim como seu beijo. E se suas palavras não estavam fazendo seu ponto de vista, o beijo dele me disse que ele me possuía. Isso me fez esquecer por um segundo que o homem por trás daqueles lábios era um psicopata furioso.

A chuva continuou a nos assaltar. Por uma vez não era minha boca que falava antes do meu cérebro. Foi o meu corpo. Porque tanto quanto eu disse a mim mesma que eu não queria seu beijo, meu corpo estava dizendo o que ele queria. Queria ele.

Eu abri minha boca para protestar, mas no segundo eu fiz, sua língua tocou a minha, e ele gemeu. O contato produziu uma faísca, uma energia que irradiava por todo o meu corpo, reunindo entre as minhas pernas.

King usou um joelho para espalhar minhas pernas, então se estabeleceu entre elas. Em nenhum momento ele tirou seus lábios dos meus quando ele balançou sua ereção contra o meu núcleo. Meu corpo cantarolava pelo atrito, e eu gemi em sua boca. Suas mãos voaram para a parte de trás do meu pescoço, me apertando contra ele quando ele me beijou até que eu estava tonta.

Era um tipo inteiramente novo de fome.

Com um profundo grunhido gutural, King terminou abruptamente o beijo. Me sentando sobre os joelhos, ele estendeu a mão e correu a ponta do polegar na minha bochecha. Ele olhou para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez. Sua expressão suave. Seus lábios inchados de nosso beijo.

Meu peito arfava quando eu novamente tentei recuperar o fôlego. Sem King deitado em cima de mim para me proteger da chuva fria, um arrepio percorreu meu corpo. Meus dentes começaram a bater. Seus olhos se prenderam sobre o meu rosto, em seguida, para baixo o resto do meu corpo. Eu poderia jurar que pareceu como se ele estivesse realmente me tocando, não apenas olhando para mim.

— Vá, — King estalou, pulando de pé como se tivesse sido eletrocutada.

— O quê? — perguntei. De alguma forma eu consegui ficar de joelhos, ainda segurando as calças de moletom agora molhadas e pesadas.

— Basta ir, porra! — ele gritou, se levantando totalmente.

Ele deu um passo ameaçador em minha direção. Sua proximidade súbita me forçou para trás. Eu tropecei em uma pedra e cai de volta para minha bunda.

— Esse caminho vai te levar para a estrada, — disse ele, apontando para o chão atrás de mim. Me virei e encontrei o caminho, mas quando eu virei para trás, ele se foi. O sons de suas botas pisando desapareceram rapidamente, engolidas por os sons da tempestade.

Eu estava livre.

Mas eu também estava realmente sozinha. No escuro. E isso nublava a euforia que eu deveria ter sentido.

Meu peito ficou apertado. Eu apertei minhas mãos contra o meu coração para tentar domá-lo fisicamente de pular para fora do meu corpo. Mais rápido e mais rápido ele batia até que eu pensei que chegaria a um ponto insuportável. Mais uma vez, eu não conseguia recuperar o fôlego.

O pânico se estabeleceu.

Minha visão ficou turva. A floresta em torno de mim girou e girou até que a folhagem se misturou em um grande vórtice verde e marrom, parecendo como o olho de um tornado.

Eu me senti segura minutos antes, olhando nos olhos de King cheios de ódio.

Eu tentei me levantar. Me sentei em meus joelhos, mas eu escorreguei na lama e caí sobre meus braços. Incapaz de encontrar a coragem de tentar novamente, eu me virei para o meu lado e pressionei meu rosto na lama, segurando a mão sobre a minha orelha exposta.

Eu precisava ser invisível. Eu precisava desaparecer no escuro, e, em seguida, apenas talvez a escuridão fosse desaparecer em torno de mim. Abracei meus joelhos no meu peito.

Vinte e quatro horas atrás, eu pensei que estaria metida na cama de algum motoqueiro por agora, desfrutando do conforto de um telhado

sobre minha cabeça e comida no meu estômago. Eu não tenho a minha dignidade, mas eu não tinha tido o luxo de dignidade desde que acordei no hospital. Em vez disso, eu estava descalça e com frio no meio do mato. E quando a lua desapareceu atrás de nuvens de tempestade escuras, eu estava envolta em escuridão completa.

Coloquei meus pés descalços o quão perto de meu corpo que pude para manter o frio fora de meus dedos do pé. Os meus dentes batendo transformou em um tremer de corpo inteiro enquanto a chuva me atacava. Cada gota gelada parecia como uma picada de agulha na minha pele.

Por que diabos ele me beijou? Por que diabos eu o deixei?

Eu estava com raiva de mim mesma. Por não lutar com ele, por gostar.

Eu tinha feito um monte de coisas fodidas nos últimos meses. Comer de lixeiras. Dormir em carros abandonados. Mas nada que eu tinha feito me deixou mais revoltada comigo mesma do que ceder ao seu beijo.

O que foi ainda mais fodido do que tudo era que eu esperava a qualquer momento a grama alta farfalhasse e que ele apareceria para me salvar da escuridão.

King não era o tipo que salvava, eu me lembrei.

Ele era o tipo que mata.

Meu corpo estremeceu. Ainda irritado. Ainda assustado. Ainda realmente com muito frio.

Ainda excitado.

À luz do dia era fácil de levar as coisas para o lado com a distração de sobrevivência para me manter ocupada. Mas sozinha com apenas meus próprios pensamentos no escuro, eu me tornei mais consciente de que sem lembranças do passado, lições vividas e aprendizado, eu era uma mera casca de uma pessoa.

Eu era uma estranha para mim mesma.

Eu era uma estranha invadindo o corpo de uma garota que eu não conhecia. Eu o roubei dela, inteiramente por acaso, um subproduto

de um acontecimento trágico que limpou da terra e me pôs em seu lugar.

Em noites como esta, quando o pânico ameaçava me consumir, eu falava com ela em voz alta.

Eu sei que é estranho, mas de uma forma estranha, eu sinto sua falta. Eu sei que eu te digo isso o tempo todo, mas eu sinto muito. Sinto muito se o que eu estou fazendo não é o que você faria. Eu queria que você estivesse aqui e que eu não, porque morrer de fome nas ruas não é uma vida que eu quero para você ou para mim. Eu sinto muito que eu estou falhando.

Espero que a cada dia quando eu acordar você estará de volta. E eu sinto muito sobre anteriormente, sobre a tentativa de vender o meu corpo por proteção. Foi um momento de fraqueza, mas eu superei isso agora. Eu posso fazer isso do meu jeito. Eu posso me proteger. E eu sinto muito sobre o que aconteceu com King. Eu não sei o quão longe eu iria levar isso, mas eu prometo que eu não ia deixar que ele me fodesse.

Ou fodesse você. Fodesse nós duas?

O trio mais fodido e estranho de sempre.

Eu ri loucamente na lama, acidentalmente chupando alguma coisa em minha boca. Eu tossi e engasguei até que desalojou da minha garganta, cuspindo no chão.

Vou tentar mais. Eu prometo. Eu posso sobreviver... por você.

Capítulo nove

DOE

O momento em que o sol fez uma aparição, eu comecei a caminhar.

Eu fiz meu caminho para uma estrada com mais buracos do que asfalto, e por horas e horas eu marchei, coberta de terra que grudou em volta da minha pele enquanto o sol assava no meu corpo e ele endureceu como argila.

Cada passo através da grama quente que reveste o lado da estrada foi nada menos que agonia completa. Chamam isso de *lâminas* de grama por um motivo, como se fosse pequenas facas contra os meus pés descalços, já ensanguentados e agredidos.

Eu estava mancando meu caminho para lugar nenhum quando eu finalmente me deparei com o primeiro sinal de civilização: um complexo de apartamentos de um andar.

Eu precisava chegar a um telefone ou uma delegacia de polícia, ou uma igreja. Qualquer pessoa que poderia me ajudar, mas eu não tinha a energia de procurar mais e precisava de um lugar para me sentar e recuperar o meu juízo, porque minha mente era uma nuvem de confusão, exaustão e desidratação.

Por que King me deixou ir?

Havia algo inquietante sobre sua indecisão que beliscava meus nervos. Eu meio que esperava que ele viesse ao longo do lado da estrada a qualquer momento e me arrastasse para dentro do carro. Talvez o beijo o fizesse mudar de ideia. Ele pensou que poderia me usar para qualquer perversão que ele tinha em mente, mas quando ele me beijou, ele deve ter percebido que ele só se decepcionaria. Então, ele me deixou ir.

Tinha que ser isso. Mas por que, se ele matou Nikki, eu não estava morta também? Por que ele me poupou e não ela?

Nada fazia sentido, porra.

Depois de pensar que eu estava a segundos de distância da morte mais de uma vez nas últimas 36 horas, a liberdade era algo que eu nunca pensei que eu teria novamente.

Mas estar de volta às ruas era um cativeiro de outro tipo. Liberdade significava que você tinha escolhas.

Eu ainda não tinha nenhuma.

Eu tropecei no complexo de apartamentos. Velho e bagunçado, o edifício tinha cerca de dez unidades e um telhado escuro estilo shaker[8]. Metade das telhas tinha sido substituídas com madeira compensada incompatível. Mato crescia até o joelho através de fissuras nas passarelas de concreto.

Incapaz de dar mais um passo, eu desmoronei contra a parede do corredor aberto e deslizei para baixo até a minha bunda bater no piso. Finalmente protegido do sol escaldante que ainda parecia que estava queimando meu couro cabeludo através da parte centro no meu cabelo.

Eu só precisava sentar um pouco, recuperar o fôlego, e recolher meus pensamentos.

— Você não pode ficar aqui, menina. Saia. — apareceu um homem, vestindo uma camiseta três tamanhos menores do que ele usaria que tinha a estampa de um unicórnio sobre um arco-íris. Ele ficou em cima de mim e cruzou os braços sobre o peito. — Você é surda, menina? Você não pode ficar aqui. Eu não posso ter ralé aqui. — ele cutucou minha coxa com seu tênis como se ele estivesse tentando despertar um cão preguiçoso. — Vá embora, agora.

— Por favor. Eu só preciso usar o telefone. Por favor? — eu implorei, minha voz seca e áspera. Eu nem sequer me preocupei com o fato de que quando eu chamasse a polícia, eles provavelmente iriam me jogar em outra casa de acolhimento.

Eu pensei em uma coisa e uma coisa só.

Eu tinha um assassinato para relatar. Nikki pode ter sido uma prostituta e uma ladra, mas ela não merecia morrer assim. Alguns dias, eu não achava que ela gostava de mim tanto assim, mas ela era tudo que eu tinha.

Se havia uma coisa dessas.

[8] É um tipo de telha de madeira quadrada.

O homem suspirou, claramente irritado. — O que você precisa para isso? — ele cavou dentro da sacola de Cheetos que ele estava segurando. Depois empurrou um punhado em sua boca, ele chupou os dedos sujos de pó cor de laranja.

— Por favor. Você tem que me ajudar. Eu fui sequestrada. Eu estava trancada em um quarto, algemada a uma cama. Eu escapei e eu passei a noite na floresta. Eu tenho andado o dia todo. Estou com sede e queimada de sol e cansada, e este é o primeiro lugar que apareceu. Por favor, eu tenho que chamar a polícia. Minha amiga, minha amiga Nikki foi assassinada pelo mesmo homem que me manteve presa.

Ele empurrou outro punhado de Cheetos em sua boca e limpou a mão em todo o unicórnio. — Oh sim? Bem, você está com sorte, eu sou o deputado por estas bandas. Crestor, meu nome. Assim, você pode denunciá-lo para mim. — ele levantou a gordura do estômago e apontou para um emblema anteriormente oculto preso ao cinto. Queijo pulverizou de sua boca quando ele falou. — E quem é que você está achando que matou sua amiga?

— Eu não acho que ele matou. Eu sei que ele fez. Ouvi ele confessar. E eu não sei o nome completo, ou se é o seu nome em tudo. Eu só sei o que eles chamam de...

— E o que seria isso? — ele se inclinou contra a parede, com foco em uma lâmpada no teto que desligava e ligava a cada poucos segundos sozinha, completamente desinteressado na minha história.

— Eles o chamam de King.

Seus olhos se arregalaram e soltou os dedos em torno da sacola. Ele deixou cair os Cheetos no chão.

Dentro de um segundo, ele se inclinou e me agarrou debaixo dos meus braços, me puxando para os meus pés. — Espere, o que você está fazendo? — eu perguntei quando ele me empurrou em direção ao estacionamento. Meu pé direito torceu quando eu pisei em uma seção de pavimento irregular, e eu caí para frente para a estrada, esfolando minhas mãos e pulsos.

— Vá em frente e continue! E você nunca volte aqui! — ele gritou. Com as mãos sobre a cabeça, ele se virou e acenou os braços no ar em frustração. — Eu não preciso desse tipo de problema aqui. Vai,

menina! Se eu te ver novamente, da próxima vez vai ser a minha arma disparada te escoltando para fora.

Ele me deixou na estrada e voltou para o prédio, a sua gordura saltando para cima e para baixo quando ele desapareceu atrás de uma porta com uma janela marcada como ESCRITÓRIO. Ele desapareceu nas sombras no instante em que entrou.

Fiquei com as pernas trêmulas e tirei o cascalho das feridas em minhas mãos com minha camiseta. As solas dos meus pés doíam. Meu tornozelo torcido enviou fortes dores através da minha canela com cada passo. O meu mancar se tornou muito mais grave.

King aparentemente tem gente. Mas até que ponto? Se eu tivesse qualquer chance de procurar ajuda para mim, ou para Nikki, eu tinha que dar o fora de Logan's Beach, mas eu nem sabia se eu estava indo no caminho certo.

Meu pé arrastava atrás de mim, como se já não estivesse ligado ao meu corpo, mas pendurado, como latas amarradas ao para-choque de um carro.

Horas se passaram e, embora eu estivesse andando o tempo todo, eu não acho que eu tinha ido muito longe. Eu ainda podia ver o complexo de apartamentos à distância atrás de mim.

Nem um único carro tinha passado o dia todo. Meu estômago estava novamente protestando contra seu vazio, girando e gemendo. Meu rosto e orelhas estavam quentes ao toque. As solas dos meus pés estavam inchados e, felizmente se tornando insensível ao raspar constante.

Eu marchei a diante.

A cada polegada que o sol se afundava no horizonte, minha ansiedade aumentava. Um dia ensolarado brutalmente estava novamente prestes a ser camuflado na escuridão da noite.

Me deparei com um velho banco abandonado, com janelas tapadas apenas quando um trovão soou à distância. O céu brilhou quando um relâmpago saltava de nuvem em nuvem. Eu cheirei chuva antes de eu sentir a primeira gota bater na ponta do meu nariz.

Eu manquei em direção ao toldo coberto do drive-through, mas eu não consegui. O céu desabou sobre mim antes que eu pudesse chegar

ao abrigo. No momento em que eu cheguei, eu estava encharcada da cabeça aos pés, o asfalto debaixo de mim ficando marrom quando a água enxaguava a lama da noite anterior. Eu me estabeleci contra o balcão de atendimento e me sentei no meio-fio, descansando minha testa contra os joelhos.

Eu me senti derrotada. E em algum lugar no fundo da minha mente, eu desejei por um dos raios de luz saltasse das nuvens e atingisse sob o toldo para me matar. Morta era melhor do que indesejada.

Morta tinha que ser melhor do que isso.

—Olá. — disse uma voz do nada.

Calafrios se espalharam de minha espinha ao meu pescoço. Arrepios eclodiram em meus braços. Olhei para cima para encontrar um homem com uma barba cinza em cima de mim. As rugas ao redor dos olhos espalhavam por suas bochechas. Alguns de seus dentes da frente estavam faltando, e seu queixo estava coberto de feridas vermelhas.

— Você se perdeu ou algo assim? — ele cheirava a leite podre, suas roupas estavam rasgadas e esfarrapadas.

— Ou algo assim, — eu murmurei.

— Eu sou Ed, — disse ele, estendendo a mão. Suas unhas cada uma com cerca de uma polegada de comprimento e amarelada.

Percebendo que eu não ia aceitar sua mão, ele se ajoelhou para mim, e meu coração acelerou. Ed estendeu a mão suja e tentou correr uma junta pela minha bochecha. Estremeci e me afastei, saltando para os meus pés. Eu balancei instável. Pontos dançaram na frente de meus olhos. Eu agarrei a parede para me equilibrar.

— Não ser rude com Ed. Qual é o seu nome? — perguntou ele, lambendo os lábios e ajustando a virilha de suas calças cáqui uma vez.

— Hum... prazer conhecer você, Ed, — eu disse com tanta confiança quanto eu poderia. — Mas eu tenho que ir. — eu tentei contornar, mas ele deu um passo na minha frente, bloqueando a minha única saída.

— Por que você não fica aqui e se seque por um tempo. — seus olhos percorriam meu corpo. Seu sorriso desdentado ficou mais

ousado. — Embora eu goste de uma mulher que esteja toda molhada. — ele estalou a língua contra o céu da boca.

— Hum, não, obrigada. Só estou esperando o meu amigo me pegar, — eu menti, desejando que fosse verdade. Eu fiz um movimento para outro passo novamente, mas desta vez ele agarrou meu braço. Eu tentei sacudi-lo solto, mas até mesmo uma criança era mais forte do que eu nesse ponto. — Fique longe de mim!

— Agora, escuta aqui. Você entrou na minha casa. Você vai ficar e ver quão hospitaleiro eu posso ser.

Ed puxou meu pulso, me virando até que as minhas costas fossem foi alinhadas contra ele. Ele segurou minhas mãos na minha frente. Seu pênis se contorceu contra a minha coxa, e eu engasguei. Se eu tivesse alguma coisa em meu estômago, ele teria vomitado ali mesmo.

Eu pisei no pé de Ed com o meu, uma forte dor explodindo do meu pé para o meu quadril, me machucando mais do que a ele, mas foi apenas o suficiente para atordoá-lo momentaneamente. Eu quebrei livre de seu aperto.

Eu só tinha dado poucos passos quando eu fui puxada por meu cabelo, me mandando voando sobre minhas costas, quebrando a parte de trás da minha cabeça no concreto. Pela segunda vez em 24 horas, o ar foi tirado de mim. Minha traqueia não abriria. Meus pulmões lutaram dentro do meu corpo, dolorosamente pedindo ar. Minha visão ficou mais turva e turva.

Esta foi à razão pela qual eu estava buscando proteção com um motoqueiro. Naquele momento eu queria que Bear tivesse me levado para o seu lugar, em vez de me mandar para King.

Mas então, eu me lembrei da minha renovada promessa para ela.

Eu tinha que a proteger. A todo custo.

E eu não ia desistir sem um inferno de uma luta.

Quando Ed tentou arrastar minhas pernas para baixo e abri-las, eu me mexi descontroladamente até que meu pé conectado com seu rosto. O sangue jorrou de seu nariz, e o calcanhar do meu pé parecia que estava pegando fogo.

— Você vai pagar por isso, cadela! — Ed assobiou.

Recuando, ele deu um soco na minha mandíbula. Minha cabeça girou para o lado e caiu sobre o concreto com um baque. Minha boca encheu de líquido acobreado quente.

Ed realizou algo frio e afiado na base da minha garganta. — Tente lutar comigo, vadia, e eu vou cortar sua garganta fodida, — ele advertiu com os lábios apertados.

Com uma mão trêmula segurando a faca, ele rasgou minha calça e calcinha em um puxão forte. Cada um dos meus suspiros provocou outra picada de sua faca.

Fechei os olhos. Isto é o que acontece quando você deseja a morte, certo?

Às vezes, desejos se tornem realidade.

Eu só esperava que ele fosse me matar quando ele tivesse terminado, então eu não tinha que reviver esse momento pelo resto da minha vida.

Nem mesmo um dia tinha passado desde que fiz minha promessa de a proteger e eu já tinha falhado.

Ed embaralhou com as calças, e eu me preparei, chegando a um acordo com o fato de que eu ia morrer debaixo de um toldo em uma pequena cidade no meio do nada.

Como ninguém.

Então, Ed tinha ido embora. Seu peso desapareceu de repente.

Houve um farfalhar, em seguida, uma forte explosão que ecoou em meus ouvidos. Um som familiar.

Eu queria levantar a cabeça para ver o que estava acontecendo, mas meu pescoço não cooperava, e minha cabeça parecia que pesava mil libras.

Braços fortes atingiram minhas costas e sob meus joelhos, me levantando sem esforço para o ar, me embalando contra um peito duro. Eu tentei lutar contra quem quer que fosse, mas eu não conseguia nada mais do que uma manobra.

— Eu tenho você, — uma voz profunda familiarizada murmurou em meu cabelo.

King.

— Eu pensei que você fosse me deixar ir. — eu disse, meus pensamentos todos nadando ao redor da minha cabeça, quebrando em outro.

— Eu mudei de ideia. — os músculos de King mal ficaram tensos sob o meu peso. Ele me cobriu com uma jaqueta de couro e não estremeceu nem um pouco quando ele saiu para a chuva.

O mundo em volta de mim ficou distorcido. — Eu pensei que minha vida passaria na frente dos meus olhos?

— Por que você acha isso? — ele perguntou. No meu estado enfraquecido, eu não sabia se a preocupação em sua voz era genuína ou algo que eu estava inventando.

— Porque é isso que acontece quando você está morrendo, — eu respondi.

— Você não está morrendo.

— Ah bom. Porque eu não tenho uma vida para passar na frente dos meus olhos. Eu pensei que aquele poderoso que existe lá em cima estava me mostrando você ao invés disso.

— Por que você me viu se você estava morrendo? — perguntou. Quando eu não respondi imediatamente, King me sacudiu e disse algo sobre tentar ficar acordada, mas eu não conseguia ouvir. Eu acredito que o que eu disse a seguir foi muito semelhante a — Porque você pode estar todo com raiva e outras coisas, mas você é realmente bonito de se olhar. — eu bocejei. — Por que você voltou para mim?

Eu usei toda a energia que tinha restado para abrir um olho e olhar em volta do ombro de King. Ed estava caído contra o chão, olhando fixamente para frente.

Um buraco de bala entre os olhos.

King me segurou mais apertado e baixou sua boca na minha orelha.

— Porque você é minha.

Capítulo dez

DOE

Acordei submersa em água morna. Todos os hematomas latejavam pelo calor. Quando abri os olhos, King estava pairando sobre a borda da banheira, toalha na mão.

Engoli em seco e me sentei rapidamente, derramando água sobre o lado e para o chão. Eu me arrastei até a borda, cruzando os braços sobre os meus seios. King com força agarrou meu pulso e puxou, removendo a única proteção que eu tinha contra seu olhar. Com a outra mão, ele arrastou as pontas dos dedos calejados de minha clavícula ao meu peito. Quando ele chegou ao meu mamilo, ele beliscou.

DURO.

Eu gritei.

— Eu já os vi, pequena. Não há necessidade de escondê-los de mim agora. — King estava sem camisa, seus músculos abdominais ondulados e suas tatuagens se tornaram animadas com cada movimento seu.

— Você matou Ed, — eu soltei. Os acontecimentos da noite anterior caíram uns sobre os outros em minha mente, um detalhe horrível após o outro.

— Ed? — perguntou King, levantando uma sobrancelha.

— O cara ontem à noite, — eu esclareci. — O que você...

— Matei, — King terminou. — Eu não sabia que vocês dois tinham chegado a conhecer um ao outro. — King levantou a toalha. Eu vacilei. — Eu só estou limpando a lama.

— Você não parece muito arrependido. Você parece totalmente convencido de que você tem o direito de ser juiz, júri e carrasco. — eu disse.

— Um simples 'obrigada, King, por salvar minha vida' serviria. — disse King. — Mas o que você deve saber, e o que Ed descobriu, é que se

você foder comigo e com o que é meu, sim, eu sou o juiz. Eu sou o júri. E às vezes, quando a situação pede por isso, eu sou o fodido carrasco. — meu estômago virou.

— Mas por que você dá à mínima se ele me machuca ou não?

— Porque você é minha.

— Por que você continua dizendo isso?

— Porque é verdade.

— Eu nunca concordei em ser sua.

— Não é algo que você precisa concordar. Isso não é uma negociação. Você prefere que eu tivesse deixado Ed fazer tudo o que ele planejava fazer com você?

— Não, não é isso que estou dizendo. — mesmo na água morna, minha pele se arrepiou quando eu pensava no que teria acontecido se King não tivesse me salvou.

Eu estaria morta.

Eu estava chateada que Ed estava morto? Não. Era uma situação 'ele ou eu', e eu estava feliz que eu tinha saído do outro lado com a minha vida.

— É por isso que eu precisava de um motoqueiro, — eu murmurei.

— O que? — perguntou King.

— Nada, — eu disse. Não percebendo que eu disse essa última parte em voz alta.

— Não, você disse que é por isso que você precisava de um motoqueiro. Que porra é que isso quer dizer?

— Para a proteção! — eu lati. — Você não sabe como é lá fora nas ruas. Há um Ed em cada esquina fodida apenas esperando você adormecer ou não prestar atenção ou vaguear no beco errado. Não é como se tivesse sido a minha primeira escolha, mas eu não sabia mais o que fazer. Nikki disse que haveria motoqueiros em sua festa. Que se alguém gostasse de mim, ele poderia me proteger.

— Você veio para a festa para se prostituir para um motoqueiro? — ele parecia irritado e decepcionado e por algum motivo estúpido, eu realmente odiava a ideia de que eu de alguma forma o decepcionei. Quase tanto quanto eu odiava o fato de que eu tinha me decepcionado.

Ou a *ela.*

— Sim, — eu respondi honestamente. — Pelo menos por um tempo. Mas agora percebo o quão estúpido essa ideia era. Isso não é o que eu quero mais. — eu não percebi o quão envergonhada eu estava até que eu disse as palavras em voz alta.

— Pelo menos, tudo faz muito mais sentido agora. Aqui, se incline para trás, — King ordenou.

Eu inclinei meu queixo para trás e ele apoiou meu pescoço com uma mão. Ele pegou um copo no chão e pegou água, lentamente derramando sobre o meu cabelo.

— Você matou a sua mãe, — eu sussurrei. Tão agradável como o banho foi, eu ainda era completamente incapaz de segurar minha boca e parar as palavras antes que elas derramassem como água do copo de King.

— Preppy do caralho. — King balançou a cabeça. — Ele não deveria ter dito nada. Não é da sua maldita conta, — ele cuspiu. Eu atingi um ponto fraco. — Não é da conta de ninguém. — depois de um momento de silêncio, sua respiração novamente igualou e a veia no pescoço parou de pulsando. Ele terminou de enxaguar o meu cabelo. — Você sabe que eu estava na prisão, então, sim?

— Sim.

— Você sabe quanto tempo eu fiquei trancado?

— Três anos, — eu disse, recordando o que Preppy tinha me dito.

— Sim, três anos. Você conhece qualquer um que fica três anos para o assassinato?

Eu não sei por que eu não pensei nisso antes. Não fazia qualquer sentido. Eu balancei minha cabeça.

— Há muito mais nessa história. Mas, eu não estou em um estado de espírito hoje à noite para contar.

— Mas você matou Nikki, — eu me amaldiçoei por não ser capaz de manter minha boca fechada. Para minha surpresa, King riu. Uma risada real como se eu contasse uma piada. Eu não acho que o homem era capaz.

— Não, — ele respondeu. — Eu não matei ela.

— Sim, você fez, — argumentei. — Eu ouvi você dizer a Preppy que você a matou. Por que você iria negar?

— Pense nisso. Você realmente me ouviu dizer que eu a matei?

Ele estava certo. Eu não ouvi ele dizer as palavras reais.

— Eu só disse que ela estava morta. Sinto muito, pequena, mas ela está. Encontrei ela com uma agulha em seu braço em um motel de merda na cidade.

King enxugou uma lágrima debaixo do meu olho com a ponta do polegar.

— Ela atirou em você. Ela realmente merece essa lágrima? — ele me surpreendeu, sugando ela com seu polegar.

— Ela não atirou em mim, — eu a defendi. — Ela estava tentando escapar. Ela atirou em mim por acidente. Ela estava apontando para você. Ela estava desesperada. Nós duas estávamos. Pessoas desesperadas fazem coisas desesperadas.

Foi então que eu percebi que eu sentia falta dela. Tão fodido como o nosso relacionamento era, ela era tudo que eu tinha.

E agora ela se foi.

— Pequena, de propósito ou não, a cadela atirou em você. Para ser honesto, se eu a tivesse encontrado viva e ela tirasse a arma novamente, ela estaria morta agora de qualquer maneira.

— Minha vida parece ser um monte de perguntas empilhadas em cima de um monte de perguntas, e, francamente, eu estou pronta para adicionar algumas malditas respostas na mistura antes de meu cérebro explodir e vazar dos meus ouvidos.

— Que... dramática.

— Estou falando sério. Por que você procurou por mim? Por que você sequer se preocupou em me trazer de volta aqui?

— Quando eu deixei você ir, foi um lapso momentâneo de julgamento. A razão pela qual eu deixei você ir, não importa. O fato é que a sua amiga está morta, e você ainda me deve. Você é minha propriedade, e você vai ser minha até que eu decida de outra forma.

Ele correu a toalha pelas minhas pernas e roçou sobre a ferida no meu pé. Eu gritei, e ele fez uma careta. — Você está muito machucada.

— Eu acho que é o que acontece quando você é deixada na floresta para apodrecer e depois caminhar milhas com os pés descalços sob o sol escaldante, — eu cuspi. Eu esperava que ele discutisse comigo, brigasse comigo, mas ele me surpreendeu.

— Eu sinto muito por isso. Como eu disse, lapso momentâneo de julgamento.

— Você acabou de pedir desculpas para mim?

— Não, eu disse que estava arrependido de ter um lapso momentâneo de julgamento. Eu não disse que estava arrependido

— Como exatamente eu devo pagar? — perguntei, hesitante. — Nós já passamos por isso. Eu não tenho nada para te dar, — eu suspirei. — Eu não tenho nada.

— De qualquer maneira que eu queira, pequena.

— E se eu não quiser ser sua?

King não hesitou. — Então, eu vou deixar Preppy dar um jeito em você. Ele pode parecer legal, mas você vai aprender que o garoto é uma merda doente que irá esmagar sua bunda sem aviso prévio. Ele gosta quando elas gritam. Ele gosta quando elas desmaiam. Ele gosta ainda mais quando elas dizem que não. Ou talvez, eu vou te emprestar para o pessoal de Bear. Ouvi que Harris e Mono tem um fetiche para o jogo com facas.

Não havia humor em sua voz.

— Mas se você cooperar, você vai ser minha e só minha. Você estará sob minha proteção. Quando eu estiver cansado de você e eu sentir que sua dívida foi paga, você estará livre para ir.

— Proteção, — eu repeti. A mesma coisa que eu estava procurando. — O que acontece se você não se cansar de mim?

King riu. — Oh, isso vai acontecer. Sempre acontece. Mas até lá, você vai fazer o que eu digo. Você vai morar na minha casa. — seus olhos se estreitaram para o espaço entre as minhas pernas. — Você vai dormir na minha cama.

— Você vai me estuprar? — meu coração corria no meu peito. — Porque é uma coisa você me vender. E outra coisa completamente diferente é ter a decisão tomada de mim. Se esse é o seu plano, você pode simplesmente enfiar minha cabeça sob a água e acabar com isso agora.

— Você pode ter o corpo fraco, mas não parece que essa sua boca entendeu a mensagem. — adrenalina saltou à vida dentro de mim, correndo em minhas veias, preparando o meu corpo para outra luta para minha vida.

Me levantei, espirrando mais água sobre o piso de cerâmica, minha nudez em plena exibição. Eu não me incomodei em me cobrir.

King me surpreendeu por se levantar e pisar na banheira, molhando sua calça jeans até as canelas. Eu segurei meus punhos cerrados na minha frente como se eu estivesse o indo socar. Ele riu e envolveu ambos os braços em volta da minha cintura, me puxando para o seu peito nu.

— Você vai descobrir que eu sou um monte de coisas, mas eu não sou um fodido estuprador. Antes que eu te foder e eu vou transar com você, pequena, você estará me implorando para isso, — ele sussurrou contra o meu pescoço.

Eu apertei minhas coxas juntas para tentar aliviar a dor que ele criou lá. A onda de adrenalina que eu estava pronta a usar para brigar se transformou em algo completamente diferente. Eu ainda estava pronta para ele. Apenas em uma maneira completamente diferente.

Corpo traidor.

— Mas, primeiro, você precisa se curar. Seus pés estão todos cortados e seu ouvido está sangrando de novo. — King saiu da banheira e me levantou com ele, me colocando sobre o azulejo frio quando meus dentes começaram a bater. Ele abriu o armário sob a pia e me envolveu em uma toalha macia e grande o suficiente para funcionar como um cobertor. — E há algumas outras coisas que eu preciso que você me diga.

— Como o quê?

— Preppy me contou o que você disse a ele, o que aconteceu com você. Mas como é que alguém como você está perdida mundo?

— Alguém como eu?

— Tem que ter alguém lá fora que sente falta desses olhos lindos. — ele cruzou as mãos no meu cabelo molhado e inclinou a cabeça para trás.

— Eu tentei encontrar alguém que me conhece, — eu disse com os meus dentes ainda batendo juntos. King me secou com a toalha, passando com cuidado sobre minhas lesões. — A polícia tentou, também, mas não houve relato de pessoas desaparecidas que combinava com a minha descrição. Minhas impressões digitais não estão no arquivo em qualquer lugar. Sem rastro de papel.

King desabotoou a calça jeans e saiu delas, pendurando o tecido molhado na haste do chuveiro para secar. Tudo o que restava de suas roupas eram sua cueca boxer preta, sua enorme ereção lutando contra o tecido elástico. Ele notou eu olhando e não fez nenhum movimento para fazer uma desculpa para a sua excitação. Ele não fez qualquer movimento para se cobrir. Ele sorriu com o canto da boca, deu alguns passos em direção a mim. Ele me levantou em seus braços como se estivesse segurando um bebê e ele me levou para o quarto onde ele me colocou na cama.

As algemas da noite anterior ainda estavam penduradas na cabeceira da cama.

— Então é isso? Eu sou sua prisioneira? Você vai me manter algemada à cama?

King balançou a cabeça. — Não, pequena. Você não é minha prisioneira. Eu não acho que nós precisamos mais delas. — ele gesticulou para as algemas. Seu bem-construído e altamente tatuado, corpo muscular brilhava sob a luz da lua brilhando através da janela. Minha boca ficou seca, e eu mais uma vez tive que apertar minhas coxas juntas para acabar com a dor se construindo que estava começando a ofuscar as minhas outras dores.

Ele pode ter sido o diabo, mas seu corpo foi esculpido como um Deus.

Eu me mexi para formar a minha pergunta. — Então, o que eu sou? — eu sussurrei. Meu cansaço começando a tomar posse.

— Eu te disse antes. — King se inclinou perto, tirando a toalha, deixando seu olhar percorrer sobre o meu corpo antes de me cobrir com os lençóis da cama. Com um joelho no colchão, King se inclinou e chupou meu lábio inferior em sua boca. A sensação de formigamento começou em minha barriga. Ele soltou meu lábio com um pop.— Você não é minha prisioneira. Você é minha.

Capítulo onze

KING

Contra meu melhor julgamento, eu a trouxe de volta para a minha casa. Eu a alimentei. Eu a banhei. Eu a coloquei em cima da cama, e ela não se incomodou em lutar comigo quando eu subi ao lado dela e a abracei enquanto ela chorou até dormir. Ela estava aqui contra a vontade dela e eu era um fodido filho da puta.

Porque eu nunca estive mais feliz.

Foi o beijo que fodeu tudo. Eu não tinha a intenção de beijá-la na floresta, mas eu não podia ignorar o impulso irresistível de tomar sua boca. No início, eu pensei que era apenas uma parte doente de mim que precisava beijar uma garota que estava lutando debaixo de mim. Mas então, ela abriu a boca para mim, e todo o sentido que eu já tive foi perdido naquele beijo.

Seu gosto, a língua, a atração que eu sentia por ela quando ela esteve pela primeira vez na minha cama tinha explodido em algo que eu não poderia entender. Eu me perdi nela por um bom minuto antes de voltar aos meus sentidos. Parar foi à coisa mais difícil que eu já tinha feito, embora a ideia de levar minha vingança em seu corpo fez cada parte de mim endurecer.

Eu não ia atrás dela. Mas toda a noite eu fiquei acordado e olhava para o ventilador de teto. Eu nem sequer conhecia a menina e eu estava preocupado com ela. O que eu estava fazendo? Ela conseguiu sair da floresta? Então, passei horas esperando que ela fosse à direção certa, porque se ela fosse em direção a Coral Pines, ela não iria encontrar qualquer tipo de civilização há mais de dez milhas.

Eu lutei com a ideia de ir atrás dela o dia todo. Então, Preppy tinha me preenchido no que ela havia dito sobre não ter uma memória.

Então eu fiz uma coisa. Algo que tomou a decisão de ir atrás dela um caminho fácil. Uma decisão que mudaria para sempre a vida de todos em torno de mim.

Um pouco para o bem.

Um pouco para o mal.

Desenterrar mortos.

Descobrir quem Doe realmente era.

Capítulo doze

DOE

Embora os meus olhos estejam abertos, há uma escuridão me circundando que está prestes a abrir as comportas de meu pânico. Um par de olhos castanhos paira sobre mim e me fazem lembrar que não estou sozinha, e meu medo é suprimido momentaneamente. O olhar de puro desejo refletido no olhar dele envia uma onda de umidade entre as minhas pernas. O calor de seu peito nu irradia contra o meu, e eu estou perdida em sensações de pele contra pele.

Lentamente, ele arrasta os dedos pela minha coxa, tocando cada parte do meu corpo, exceto aquele lugar ardendo por seu toque, doendo e pulsando com uma necessidade que eu nunca tinha conhecido. Seu toque é suave, mas nervoso, como se ele não soubesse onde colocar as mãos em seguida. Eu me mexo em um esforço para enviá-lo onde eu mais imploro pelo seu toque.

— Ssshhhh, — uma voz profunda sussurra em meu pescoço, fazendo com que o cabelo em meus braços fique em pé e meu estômago role com antecipação. — É aqui que você precisa que eu toque em você?

Sua mão vem para descansar no meu peito, revirando meu mamilo já sensível entre os dedos. Eu arqueio minhas costas e gemo de dentro de minha garganta.

— Não, — eu digo. Isso sai grosso. Eu preciso dele mais baixo. Bem mais pra baixo.

Ele libera meu mamilo e uma mão suave pega meu peito e aperta levemente. — É aqui que você precisa de mim? — pergunta a voz, me provocando com suas palavras, bem como o seu toque.

— Não, — eu gemo novamente, a agonizante tortura de esperar por ele fazer contato é demais para suportar.

Eu chuto minhas pernas, impaciente.

— Sssssshhhhh. Comporte-se, e você vai conseguir o que deseja, — a voz sussurra, arrastando sua língua para o lado do meu pescoço, ao mesmo tempo trabalhando com as mãos entre as minhas

pernas. Lentamente, dois dedos escovam sobre o meu clitóris, se demorando ali sem qualquer movimento. Quase tocando.

Seu corpo parar.

Eu me contorço debaixo dele, buscando a libertação que ele está me negando. — Por favor, — eu imploro.

Sem resposta.

— Por favor, — eu digo novamente.

Ainda sem resposta.

Eu olho para os olhos que seguravam a promessa de prazer apenas um momento antes, mas eles estão lentamente desaparecendo. Estendo a mão para ele, mas eu pego apenas o ar da noite. Mesmo que eu ainda possa sentir os lugares onde ele me tocou como se tivesse queimado minha pele, eu já não posso senti-lo em mim.

Então, ele se foi completamente, e eu fiquei sozinha no escuro.

Antes que eu possa entrar em pânico, o que eu senti em cima de mim agora está atrás de mim, mas o sentimento não é bem a mesma coisa. A pessoa não é a mesma. Este corpo é mais quente, mais duro, e muito, muito maior. A mão esfregando minha coxa não é suave e gentil; é áspera e calejada. A ereção cutucando contra a minha parte inferior das costas é espessa e longa, esfregando contra a fenda na minha bunda, em minhas dobras molhadas.

— Por favor, — eu imploro. Libertação. Deve haver algum tipo de liberação no final de tudo isso. Eu ansiava por isso, precisava, e eu sabia que ele poderia dar para mim.

Estes novos dedos não demora e eu quase desmorono quando encontram a umidade entre minhas pernas, espalhando-a sobre o meu clitóris até que eu estou me contorcendo contra a espessura atrás de mim, implorando para ele com o meu corpo, precisando ser preenchida com ele até o puro prazer de tudo isso me dividisse em dois.

Dois dedos me penetram.

Meus olhos se abrem. Foi então que eu percebi que eu não estava mais sonhando. Estava deitada de lado, de frente para a parede. Numa cama.

Na cama de King.

COM KING.

Eram seus dedos me enchendo, me esticando. Ele os curvou dentro de mim, e eles roçaram um ponto que me fez arquear as costas contra ele. Engoli em seco e tentei arrancar quando King me pôs debaixo do seu antebraço, envolvendo com força em meu peito, me segurando contra ele.

— Eu tenho você, pequena, — ele rosnou, sua respiração provocando um ponto atrás da minha orelha, provocando arrepios na espinha.

Eu sabia que deveria discutir, ou pelo menos afastá-lo, mas eu não conseguia pensar. Certo ou errado, bom ou ruim me escapou porque os dedos começaram a bombear enquanto a ponta do polegar circulava meu clitóris, mais e mais rápido até que eu estava ofegante no travesseiro, me jogando de volta contra seu corpo duro, perseguindo o lançamento que eu ansiava mais que a minha próxima respiração.

— Eu tenho você, — disse King novamente. Sua voz era tensa e grossa. Eu me perdi em uma névoa de sensações.

— O que você, — eu comecei a perguntar, mas eu não conseguia formar as palavras, porque o meu corpo se apertou nos dedos de King, me fazendo ofegar.

— Eu vou fazer você gozar, pequena. Vou fazer você gozar realmente duro, — ele prometeu. Quando parecia que eu estava alcançando o limite, King me segurou mais apertado e pressionou meu clitóris. Eu pendurei, medo de cair das alturas que ele me trouxe.

— Está tudo bem, baby. Eu quero fazer você se sentir bem. Não tenha medo de gozar para mim.

Com um golpe final de seus dedos, vi estrelas. Então, eu despenquei, caindo para baixo na mais incrível queda livre que eu nunca soube que existia, para um lugar que eu nunca queria sair. Gritando no travesseiro, apertando minhas mãos, meu orgasmo rasgou do meu peito para os dedos dos pés e voltando. Meu núcleo continuou a pulsar em torno de dedos de King quando eu tremulei de volta a terra.

— Você vai me matar, pequena, — King gemeu. Ele removeu os dedos e, em seguida, os chupou em sua boca. — Ahhhh porra.

Que diabo tinha acontecido?

King se sentou contra a cabeceira. Por mais que eu quisesse me mexer, eu estava congelada no colchão. — Algo que você precisa saber agora. Da próxima vez que você estiver tendo sonhos que fazem você gemer e se tocar na minha cama, eu não vou ser responsável pelo que acontece. Isso é com você. Porque a próxima vez, eu não vou ser um cara legal e usar meus dedos para resolver o seu pequeno problema.

— Quem disse que eu precisava de você para resolver alguma coisa? Eu não me lembro de pedir sua ajuda, — eu lati. O sangue correu para o meu rosto, me queimando de vergonha.

— Merda, qualquer um dentro de dez milhas sabia o que você queria, mas da próxima vez, você vai acordar com algo muito maior do que os meus dedos dentro dessa sua buceta. E quando isso acontecer, você vai gozar tão duro que você vai pensar que o que você teve esta noite não era nada mais do que a porra de um soluço. E eu vou te lembrar de que esta é a minha cama. Este é o lugar onde eu durmo, e agora é onde você dorme. Então, aja com cuidado.

— Eu...

— E eu não preciso de você sonhando com um cara enquanto você está dormindo ao meu lado na minha cama do caralho. — a raiva súbita laçada em sua voz me confundiu.

E me deixou puta.

— Um, eu não vejo por que ou com quem eu sonho seja da sua conta, e segundo, — eu levantei dois dedos. — Eu não quero dormir na cama com você. É você quem me trouxe aqui. E três, como você sabe que não foi você que eu estava sonhando? — eu esperava tirar um pouco da vergonha de mim, mas com cada palavra que eu falei, ele construiu e construiu até que eu senti tudo, de minhas pálpebras aos meus lóbulos das orelhas ardendo em brasa.

— Você não estava sonhando comigo, — ele disse, confiante, cruzando os braços. De repente, eu estava ciente de algo.

— Eu chamei o nome de alguém? Qual o nome?

— Não, pequena. Você não chamou o nome de ninguém. Embora eu não possa esperar até que eu esteja fazendo você chamar o meu.

— Você não estava na minha cabeça, então de jeito nenhum você poderia saber com quem ou o que eu estava sonhando, — argumentei, minha voz ficando mais alta com cada frase. Desapontada que eu tinha tido esperanças sobre um nome. Irritada comigo mesma por desfrutar do orgasmo alucinante que ele me deu.

— Pequena, você quer saber como é que eu sabia que você não estava sonhando comigo quando você estava prestes a gozar em seu sono?

— Sim, — eu sussurrei.

A raiva desapareceu de seus olhos por um breve momento. Ele fixou um sorriso arrogante nos lábios perfeitos e rolou em cima de mim, me forçando a me deitar contra os travesseiros enquanto ele me enjaulava. Ele baixou o rosto ao meu, seu hálito fresco contra a minha pele aquecida.

— Porque, baby, se fosse comigo que você estava sonhando, você tinha gritado muito mais alto do que isso, — King rosnou.

— Seu arrogante filho de uma puta de merda! — eu gritei, mas ele já tinha saltado para fora da cama e saiu do quarto. Meus gritos atingiram ninguém, mas a porta já estava fechada.

Por mais que meu corpo respondesse a ele, tanto quanto eu sabia que ele poderia me fazer sentir, eu não tinha dúvida de que ele poderia cumprir todas as promessas que ele fez sobre me fazer gozar e eu tinha que ficar longe dele e manter a minha promessa por *ela.*

O que ia ser muito difícil, já que eu ia dormir em sua cama.

O sonho que eu estava tendo antes que King interrompeu era muito real, muito vívido. Eu tinha um sentido subjacente de que era mais do que apenas um sonho. Talvez, se eu tivesse sorte, era um vislumbre de meu passado.

Esses castanhos olhos só poderiam ser a chave para desvendar a verdade sobre quem eu realmente era e o que tinha acontecido comigo.

Voltei a dormir naquela noite sonhando que o menino com os castanhos olhos coloridos viesse e me salvasse, me levando de volta para uma vida cheia de família e amigos, e tudo o que tinha acontecido nos últimos dias não fosse nada mais do que um pesadelo. Sonhei que havia realmente pessoas lá fora que estavam doentes de preocupação, que não descansaram até que me encontraram.

Corri esse cenário pela minha mente uma e outra vez até que eu quase acreditei.

Quase.

King era inteligente, calculista e astuto. O pior de tudo, ele tinha o poder de fazer meus joelhos tanto tremer de medo e fraquejarem de desejo. Ele era alguém que eu tinha que ficar longe, mas de acordo com ele, isso não estava prestes a acontecer.

Eu não sonhei com ele; ele estava certo sobre isso. Porque King não era um sonho.

Ele era um pesadelo.

Capítulo treze

DOE

King nunca voltou para a cama, e eu fiquei aliviada. Por mais que eu não quisesse ser propriedade de alguém que mudava do quente e frio mais rápido do que uma torneira, decidi concentrar no que estava na minha frente. Ou melhor, o que estava debaixo de mim.

E por cima de mim.

E em torno de mim.

E dentro de mim.

Uma cama. Um telhado. Paredes. Comida.

O sol passava através das janelas. Estiquei meus braços e pernas e respirei fundo. Minha situação pode não ser tão boa como eu esperava que fosse, mas certamente tinha algumas regalias.

Pelo menos, minhas mãos não estavam algemadas.

— Cresça e apareça! — Preppy gritou, escancarando a porta e jogando algumas roupas em cima da minha cabeça. — Nós temos merda a fazer e eu odeio esperar, especialmente por garotas.

Eu puxei as roupas no meu rosto e no meu colo. — Por que você está tão bem humorado? Você não me odeia com o que eu fiz para você? — perguntei, me referindo ao chute não tão agradável nas bolas dele que o mandou para baixo um lance de degraus.

— Nah, eu estava meio que impressionado, realmente. Não me entenda mal. Foi estúpido. Você deveria ter visto o olhar no rosto do chefe. Parecia que ele estava prestes a estourar uma artéria ou algo assim. E se o pequeno Preppy e os meninos não estivessem funcionando corretamente, você estaria cantando uma música diferente, mas felizmente os meninos sabem como tomar uma batida. Às vezes, eles gostam. Mas eles estão bem. Agora, vamos!

— Para onde estamos indo? — eu puxei a camisa sobre a minha cabeça. Preppy pulou em cima da cama e saltou para cima e para baixo

como uma criança. Eu não pude evitar, mas reagi ao seu entusiasmo contagiante.

— Puta merda, ela sorri! — Preppy diz, saltando mais duramente até que eu não tinha escolha a não ser sair da cama ou acabar na minha bunda no chão. — É um belo sorriso. Não faz você parecer como uma viciada em crack.

— Como?

— Viciada. Em. Crack, — Preppy disse, pronunciando cada palavra como se eu não tivesse ouvido.

— Eu sei o que você disse. Isso é realmente como eu pareço? — de repente autoconsciente da minha estrutura fina, o cabelo bagunçado e a minha pele vermelha queimada pelo sol.

— Não? — perguntou Preppy, sorrindo sem jeito. Eu olhei para ele com ceticismo e cruzei os braços protetoramente sobre o peito. Ele pulou da cama e segurou meus cotovelos em suas mãos. — Nós podemos consertar isso. Não se preocupe. Podemos te engordar e colocar um pouco de peito e bunda nesse corpo magricelo em algum momento.

De repente, lembrei que King tinha dito sobre Preppy, às coisas que ele gostava de fazer com as mulheres. Eu rasguei meus cotovelos de suas garras e dei um passo para trás. Se King não estava por perto, Preppy iria me machucar? Engoli em seco, e o olhar no meu rosto deve ter pronunciado meus pensamentos.

— Ah, sei. O chefe ameaçou você comigo, não foi?

Eu concordei com relutância. — É verdade?

Preppy deu um passo em minha direção e me agarrou novamente. Desta vez, ele me puxou para frente até que eu tinha que inclinar minha cabeça para olhá-lo nos olhos.

— Sim, é verdade.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Surpreendentemente, seu toque não me fez estremecer. O homem de pé na minha frente era capaz da mesma brutalidade como King e fazer coisas que faz minha pele arrepiar, mas o próprio Preppy não. Eu me sentia estranhamente confortável na sua presença.

— Eu não sinto muito por isso, de verdade. Aconteceu uma coisa comigo que você não quer saber. Eu não estou dando desculpas. Merda é a maneira que é. Eu sou do jeito que sou. Isso é tudo que existe. Isso é tudo o que há para mim. No entanto, estou preocupado por que King sentiu que tinha que te ameaçar sobre mim.

— Talvez, ele esteja sentindo sua falta, — eu sussurrei.

— Ah, ela faz piadas também. — ele sorriu. — E sobre você? — colocando meu rosto em suas mãos, ele procurou meus olhos como se estivesse procurando uma resposta que a minhas palavras não poderiam fornecer. Ele franziu os lábios e ergueu as sobrancelhas.

— Eu continuo me perguntando a mesma coisa.

Preppy de repente deu um passo para trás e balançou a cabeça como se estivesse limpando seus pensamentos. Ele sorriu de novo, desta vez um sorriso completo, de orelha a orelha. Eu estava rapidamente se tornando familiarizada com este seu olhar patenteado. Ele bateu palmas e apoiou o queixo nas costas dos seus dedos entrelaçados.

Por alguma razão, Preppy começou a falar com um sotaque espanhol falso. — O chefe me informou que você é agora a nossa escrava, e uma vez que ele tem merda importante para fazer hoje, vou te levar comigo na minha corrida. Portanto, se vista, escrava, e vamos começar essa porra de show na estrada!

Preppy apontou um dedo para o ar e bati os calcanhares.

— Essas devem caber, — Preppy disse, apontando para as roupas sobre a cama. — Coloque elas e vamos. Tempo é um desperdício filho da puta.

— Nós estamos indo para algum lugar? Que roupas são esses? Para onde estamos indo? — eu perguntei sem parar para tomar fôlego entre as perguntas.

— Eu sei que você disse que você perdeu sua memória, garota, mas as suas de curto prazo ainda estão intactas? Porque eu odiaria ter de repetir assim todo o tempo do caralho. — ele falou ironicamente lento. — Sim. *Estamos* indo para algum lugar. As roupas estão na cama. Vista-se. Me encontre na cozinha em cinco minutos. — ele

retomou a velocidade normal de conversa. — E pare de fazer tantas perguntas do caralho, ou esse vai ser um dia longo *looooongo*.

— Você está me deixando sozinha? — peguei as roupas e os segurei no meu peito. — No outro dia você teve que me ver fazer xixi, e hoje você vai apenas me deixar?

— Você prefere que eu assista? — Preppy disse com uma piscadela. — Porque nós podemos fazer isso acontecer, embora eu esteja sob ordens estritas – e citadas - para 'não tocar um fodido dedo em você'. — ele pontuou cada uma de suas palavras ao fazer aspas no ar com os dedos.

— Não, eu só estou confusa, é tudo. Sobre Nikki. Sobre King. Sobre você. Sobre tudo. — mordi o lábio.

— Eu também, garota. Eu também, mas eu estou apenas seguindo ordens do chefe, — disse Preppy. — Mas vamos ir logo com isso, e talvez, podemos ter algum divertimento, entretanto, o do tipo chato, isto é, quando King não está por perto para ser a polícia do divertimento. Agora, se apresse, bocuda!

Preppy saiu do quarto sem fechar a porta, assobiando enquanto ele caminhava pelo corredor. O assobio desapareceu, junto com seus passos, enquanto ele ficava mais e mais longe, desaparecendo por completo quando ele se virou e desceu as escadas.

As roupas que Preppy tinha me dado eram simples. Um par de jeans, um top preto e sandálias pretas lisas. As sandálias se encaixaram como se elas tivessem sido feitas para mim. As roupas eram todas dois tamanhos maiores, mas macias e confortáveis. Ele também me deixou uma nova escova de dentes e um par de calcinhas de renda vermelhas brilhantes com a etiqueta ainda sobre elas. Passei quatro dos cinco minutos que ele restava apenas escovando os dentes.

Eu tinha ido para a cama com o meu cabelo molhado do banho, por isso estava um pouco amassado e eu fiz o melhor que pude domesticá-lo com um pente que eu tinha encontrado no banheiro.

Eu estava vestindo roupas de verdade e sapatos reais.

Isso era o céu.

O banho tinha feito maravilhas para meus ferimentos. Eu encontrei o que precisava no banheiro e troquei o curativo no meu

ouvido e pé. Então eu apliquei aloe para a minha pele queimada de sol, o que parecia muito menos vermelha do que tinha estado no dia anterior.

Quando eu encontrei o meu caminho para baixo e para a cozinha, eu parei. No meio de uma pequena cozinha amarela com aparelhos verdes estava uma velha mesa que desapareceu completamente coberta com esculturas e desenhos pequenos. Nomes de pessoas, imagens de paus, citações e um monte de INSIRA O NOME. Mas não foi isso que me chamou a atenção. Era o que estava no centro da mesa que estava me fazendo babar.

Panquecas.

Pilhas sobre pilhas de dar água na boca, amanteigadas, panquecas perfeitamente redondas.

Preppy estava no fogão com uma espátula na mão, virando panquecas em uma frigideira para grelhar. Ele usava um avental vermelho laçado sobre sua camisa vermelha de mangas curtas e calça jeans desbotada. Sua gravata borboleta amarela espiava por cima. Seus tênis brancos combinavam com seus suspensórios brancos.

Mais *panquecas.*

Antes que ele tivesse terminado, eu já tinha empurrado duas até agora na minha garganta que eu poderia sufocar, mas eu não me importei. Eles poderiam ser veneno, eu não me importava. Se eu morresse com um bocado de panquecas enquanto o veneno comesse meu interior, me renderia voluntariamente.

Porque eram *panquecas.*

Preppy virou desligou o aparelho e soltou outra pilha sobre o prato no centro da mesa.

— Devagar. Lembra? — ele me lembrou. Ele me serviu um pouco de suco de laranja em um copo de plástico vermelho, e eu consegui engolir a panqueca que estava ameaçando minha vida. Depois disso, fiz uma tentativa difícil de tomar pequenas mordidas e mastigar mais devagar.

— Então, o que exatamente estamos fazendo hoje? — perguntei.

— Recados, — Preppy respondeu vagamente. — Negócio.

— Por que não posso apenas ficar aqui?

— Oh você pode, mas eu teria que te algemar na cama novamente. Vou ficar fora um bom tempo. Portanto, coma, faça xixi, ou qualquer coisa que seja comer.

Eu rolei meu ombro, que ainda estava dolorido de ser amarrada à cama. — O negócio, então. Que tipo de negócio?

Tal como acontece com a maioria das minhas palavras, ultimamente, assim que elas estavam fora, eu desejava poder sugá-las de volta.

Algo que você provavelmente não deve estar perguntando sobre, sua idiota.

Preppy não parecia se importar com minha pergunta estúpida, mas ele não respondeu. — Cale a boca e termine a sua comida para que possamos sair pela porta ainda neste século.

Preppy tinha um modo de falar que era diferente de qualquer outra pessoa. Seu comportamento era leve, mas as suas palavras e linguagem eram brutas.

Mas então eu calei a boca, e eu fiz o que me foi dito.

Porque eram *panquecas.*

* * * * *

Segui Preppy para uma grande garagem na parte de trás da casa. Andei lentamente e ainda mancava. Embora meus pés estivessem muito melhores do que estavam no dia anterior, cada passo era ainda mais doloroso do que o próximo.

Eu nunca tinha visto a casa de King e Preppy durante o dia. Agora eu tomei uma boa olhada ao redor.

Ela estava diretamente sobre a baía. A casa em si era enorme, assim como a propriedade, que tinha pelo menos um acre. Partes dela parecia que tinha sido em reforma em um ponto, mas quem estava fazendo isso tinha desistido. Andaimes oxidados estavam alinhados em um lado inteiro da casa. Um tapume azul estava debaixo de um plástico

na parte inferior, coberto de sujeira. Mato tinha crescido em torno dele em todos os lados. Baldes enferrujados cheios de tinta e ferramentas diversas estavam espalhadas na grama. A parte de trás da casa foi parcialmente pintada de um cinza. O REI DA CALÇADA foi escrito em grafite a um alto ponto da casa com tinta spray preta. Parecia que alguém tinha tentado pintar isso em algum momento, mas a tinta de baixo ainda era claramente visível através da tentativa fina.

— Você é minha babá agora? — eu perguntei quando nós viramos a casa.

— Eu acho que eu sou, — disse Preppy. — Eu fiz um monte de merda para King, mas isso é algo novo para mim. Eu nunca tinha estado em qualquer corrida antes. Mas ele também nunca resgatou um gato de rua também.

— Gato de rua?

— Bem, você é tipo um gato vadio, sem a sarna. Bonito, mas muito magro, e meio desgrenhado.

— Ok, eu acho, mas eu não fui resgatada. Eu estou aqui contra a minha vontade, — corrigi.

— Quando King te salvou daquele homem na outra noite, foi contra a sua vontade?

— Não, esse cara ia me matar.

— Ok. Então aqui está outra pergunta: você tem algum outro lugar para estar?

Eu balancei minha cabeça.

— Está vendo? Ele te resgatou. Assim como um gato de rua.

Essa foi a primeira vez que eu considero esta aqui como algo além de uma violação do meu livre arbítrio, e Preppy me fez ver isso.

— Quero dizer, sim, ele me salvou, — eu concedi. — Mas, por outro lado, ele também espera que eu pague uma dívida que não é minha, dobrando a sua vontade psicótica.

— Há dois lados para cada argumento. Duas maneiras de estar errado. Duas maneiras de estar certo, — ele cantou quando passamos em uma fogueira no quintal. Não era apenas um buraco no chão como

eu pensava, mas um grande círculo de tijolos construído há alguns pés fora do chão. Além do poço, no fim do quintal enorme, estava um deck de madeira com mangue que ameaçam a engoli-la em ambos os lados. A partir do cais estava um espelho águas calmas da baía cercada por nada além da natureza.

Não há outras casas. Nenhum outro deck.

Um pássaro decolou de uma árvore próxima, balançando os galhos. Ele pairou apenas polegadas acima da água. Uma pequena serpente negra pendia de seu bico.

O local era tão confuso como King. Arestas duras, inacabadas e não refinadas, ainda misteriosas e belas do próprio jeito.

Uma casa de fraternidade esfarrapada em alguns aspectos e um paraíso completo em outros.

— Quem mais vive aqui? — perguntei quando entramos uma porta lateral para a garagem. Lonas em diferentes estágios de desvanecimento cobriam o que eu assumi que eram carros e motos. Elas seguravam grossas com partículas de pó, como tudo estava envolto num nevoeiro sujo. Alguns raios solares invadiram a garagem de outra maneira escura, através do canto de uma janela quebrada.

— Só nós dois na casa principal, — Preppy disse, levantando a lona de um sedan preto brilhante que parecia algo saído de um filme dos anos cinquenta. — Mas Bear mantém um apartamento aqui na garagem. Ele fica aqui quando ele não quer estar na sede do clube, que é muito ultimamente. — ele fez um gesto para a porta na extremidade distante da parede que estava coberta de cima abaixo com adesivos de carros aleatórios.

Preppy ligou o carro, em seguida, correu para abrir a porta da garagem. Ele dirigiu o carro para fora da garagem e o colocou no estacionamento para que ele pudesse fechar a porta da garagem.

Ele nos levou para baixo na entrada em um ritmo extremamente lento. — Não quero chutar lama em Betty, — Preppy me informou, batendo levemente o volante.

— Você nomeou seu carro?

— Hum... sim, claro. Tudo que é importante deve ter um nome.

— Não é verdade, — eu disse, não me referindo ao carro.

— Oh vamos lá. Você é importante. E você tem um nome. Nós simplesmente não sabemos ainda. Talvez seu nome seja uma merda. Poderia ser Petunia Peoplebeater ou algo assim. Você deve esta grata que você está possivelmente evitando um nome que pode muito bem ser uma tragédia total, — Preppy brincou.

— Eu acho que Doe é melhor do que Petunia Peoplebeater, — eu concordei com uma risada.

— É isso aí. — Preppy acelerou quando chegamos ao final da calçada e viramos para a estrada.

A única cidade que eu tinha estado antes além de Logan's Beach era de Harper Ridge. Além de ser uma área muito mais povoada, também realizava a distinção duvidosa de ser onde eu tinha acordado pela primeira vez naquele beco. Quando Nikki fez amizade comigo, se você poderia chamar isso assim.

Fodida Nikki.

Algo me puxou por dentro quando eu pensei sobre ela. Uma parte de mim queria chorar sua perda como se eu tivesse conhecido ela toda a minha vida, em vez de algumas semanas. Uma parte de mim queria chorar por ela, mas eu balancei esses pensamentos, porque ela não merecia as minhas lágrimas. Ela tinha me abandonado.

A cadela *atirou em* mim.

Preppy me deu um tour enquanto dirigia. Quando atravessamos uma ponte íngreme, eu aprendi que era 'A Calçada' que tinha sito pintada com graffiti na lateral da casa.

Eu me encontrei furando minha cabeça para fora da janela como um cão. Quando eu abri minha boca, eu poderia provar o ar salgado na minha língua.

Eu poderia estar de volta na rua a qualquer minuto, então eu decidi aproveitar o tempo que eu tinha livre do ónus da minha sobrevivência imediata.

Nossa primeira parada foi em uma pequena casa bem cuidada, com tapume branco. Preppy estacionou o carro. — Fique aqui, — ele ordenou, antes de sair e fechar a porta.

Eu me inclinei para trás na cadeira, me preparando para esperar por ele quando ele me assustou aparecendo de repente na minha janela.

— Eu quero ser seu amigo, garota, — ele me disse. — Eu sinto muito de verdade pelo que você passou. Eu sei o que é passar por merda e acabar no outro lado. Eu sou um cara legal, na maior parte. Mas só porque eu sou agradável não significa que você deve aproveitar. Você fez isso uma vez, e eu deixei essa merda ir. Eu só espero que você não seja estúpida o suficiente para fazer novamente. Então, isso não deve precisar ser dito, mas eu sinto que eu preciso dizer de qualquer maneira. Não vá a qualquer lugar, ok? Não tente fugir. Porque não importa se você é minha amiga. Eu vou cortar a porra da sua garganta e te deixar apodrecer em algum lugar que ninguém jamais iria te encontrar, entendeu?

Ele bateu a ponta do meu nariz e correu até a calçada, me deixando atordoada no banco do passageiro.

A porta da frente parcialmente abriu quando Preppy subiu na varanda, como se a pessoa do outro lado estivesse esperando por ele. Preppy deu a volta lateralmente e desapareceu dentro da casa.

Me sentei de volta contra o assento de couro confortável. Felizmente, ele tinha deixado o carro ligado, assim como o ar condicionado. Embora houvesse uma brisa no topo da colina, o ar estava estagnado, a umidade tão espessa que eu poderia vê-lo subindo da grama.

Revirei minha calça jeans até acima do joelho, a fim de manter a calma.

O aviso do Preppy, embora estranho como a merda, não era necessário. Não havia nenhum lugar para eu ir.

Eu vou te proteger, King tinha dito.

E em algum momento ao longo das panquecas de Preppy, eu resolvi ficar. King disse que ele não iria se forçar em mim, então tudo que eu tinha que fazer era aproveitar o espaço livre e não deixar King entrar.

Você vai implorar por ele.

Sim, certo. Ele poderia continuar acreditando nisso, enquanto eu continuasse comendo panquecas.

Tinha se passado quarenta e cinco minutos antes da porta da frente aberta. Uma mulher mais velha saiu para a varanda com Preppy e o trouxe para um abraço vinculado. Ela segurou seu rosto com as mãos e falou com ele intimamente, a testa quase tocando a dele. Preppy deu a ela um beijo na bochecha e acenou para ela quando ele voltou para o carro.

— Você está bem? — ele perguntou, virando o carro de volta para a estrada.

— Sim. Por quê? Você está surpreso que eu ainda estou aqui?

— Nah, mas simplesmente não há nuvens hoje. O sol está BRUTAL mesmo com o ar condicionado no máximo, e isso levou muito mais tempo do que o habitual. Gladys, ela é uma faladora. — ele gesticulou para meus jeans enrolados. — Mas parece que você trabalhou.

— Estou bem. Gladys é sua avó? — perguntei.

— Não exatamente, — Preppy disse com um sorriso diabólico no rosto. — Ela é negócio.

—Negócio? Que tipo de negócio você tem que inclui passar 45 minutos na casa de uma mulher mais velha?

Então, isso me bateu. Preppy deve ter visto o reconhecimento pela minha face.

— O quê? — ele perguntou.

— Você teve relações sexuais com ela?

— Oh meu Deus, você acha que eu sou um prostituto! — Preppy bateu com o punho contra o volante. Ele puxou para o lado da estrada e enxugou as lágrimas de seus olhos enquanto ele ria em um ajuste incontrolável.

— Não é *tão* engraçado, — eu murmurei, cruzando os braços sobre o peito.

— Sim, sim, é, garota. O que exatamente King disse sobre mim? Será que ele de alguma forma falou que eu tenho uma coisa para

senhoras idosas? Porque se ele fez, eu vou chutar a bunda dele, porque isso não é verdade.

— Não, ele não disse isso, mas você estava lá por um tempo, e ela parecia gostar de você. Muito. Se ela não era sua avó, então eu apenas pensei...

— Vá em frente e diga. Você pensou que eu era um prostituto, dando prazer a ela e ser pago por isso. — ele se virou para mim e se recostou contra a porta do lado do motorista.

— Bem, sim, mas agora que você diz isso dessa forma, soa ridículo.

— Isso porque *é* ridículo, — disse Preppy, arrancando um maço de cigarros do porta luvas central. Ele abaixou a janela e acendeu um, virando a cabeça de mim para soprar a fumaça fora do carro. Ele ligou o carro e puxou para a estrada. — Acho que vou gostar de ser sua babá depois de tudo.

Senti meu rosto corar, — Você não tem que tirar sarro de mim. Posso não ter muita memória, mas eu tenho sentimentos, de modo que podemos apenas fingir que isso nunca aconteceu?

— Sim, senhora, eu vou esquecer tudo sobre isso, — disse Preppy, embora o olhar divertido no rosto dele dissesse que nunca ia acontecer. Preppy parou em frente de outra casa que parecia quase idêntica à primeira, exceto esta era azul em vez de branca. — Eu vou te dizer o que, garota. Por que você não vem para dentro e veja por si mesmo o que é que eu faço?

— Não, obrigada. Eu só vou ficar aqui e derreter no banco, — eu bufei, soando muito parecida com um pirralho que eu estava sendo.

— Não. Minha reputação está em jogo aqui. Você vai entrar, — Preppy disse, desligando o motor. Com isso, o ar condicionado soltou um silvo, uma vez expressando o último bocado de ar frio através das aberturas.

— Eu pensei que você ia esquecer tudo sobre isso.

— Oh, eu totalmente menti, — disse ele, abrindo a minha porta. — Depois de você, minha querida.

Fui até a porta da frente com Preppy seguindo de perto. Ele tocou a campainha, e outra mulher em torno da mesma idade que a anterior abriu e nos acenou para entrar.

— Arlene, este é o Doe. Ela é uma amiga. Tudo bem dela entrar? É horrível esperar naquele carro quente. — o ligeiro sotaque do sul de Preppy era de repente uma voz arrastada completa.

— Ah, é claro, minha querida. Em um dia como hoje, ninguém deve ficar esperando no carro. Me envergonha você, Samuel, se você já a fez esperar por você. — ela deu um tapa de brincadeira do ombro dele enquanto ela se afastou e nos arrastou em sua sala de estar. — Se sente, se sente. Eu tenho chá pronto. Me deixe apenas pegar outra xícara.

Preppy se sentou em um estofado coberto com renda e fez sinal para eu me sentar ao lado dele. Um jogo de chá de prata que parecia como se tivesse acabado de ser polido recentemente foi posto na mesa de centro de vidro. Próximo a ele estava uma bandeja de servir de três níveis preenchido com biscoitos e bolachas.

— Se sirva, querida, — disse Arlene, voltando para a sala com outro prato. Ela entregou a mim e encheu minha xícara. Olhei para Preppy que estava enchendo biscoitos em sua boca em um ritmo alarmante.

— Arlene faz os melhores biscoitos, — ele disse com a boca cheia de comida. Migalhas atiraram para fora de sua boca.

Arlene colocou um biscoito no meu prato, e eu dei uma pequena mordida. Estava quente, macio e o chocolate derreteu na minha língua. Agora, eu vi por que Preppy não conseguia parar. Eu terminei o resto em uma mordida e tentei não pular para mais antes que ele pudesse chegar até eles. Em vez disso, me sentei e cruzei as pernas, bebendo o meu chá enquanto secretamente esperava Preppy sufocar e morrer para que eu pudesse acabar com eles.

Era um pouco dramático, mas os biscoitos eram tão bons.

— Veja, Samuel. Esta tem boas maneiras. Você pode aprender uma coisa ou duas com ela, — disse Arlene sobre a borda da xícara. — Então, está é sua nova garota?

— Não, senhora, apenas uma amiga que está ajudando hoje. — eu notei que quando Preppy falava com Arlene ele não soltava palavrão.

— Isso é maravilhoso, querido. Amigos são fantásticos. Bem, apenas no outro dia no clube de bridge... — Arlene começou a falar sobre amigos que ela fez no seu clube de bridge, e me perdi em algum lugar em torno do momento em que ela virou abruptamente para falar sobre ser uma enfermeira na guerra. Qual guerra, eu não tinha certeza. Eu sorri educadamente e assenti enquanto Preppy inalava os deleites que ela colocou para ele.

Ele parecia ridículo em sua sala de estar. Suas tatuagens e suspensórios se destacavam entre as rendas e xícara de chá.

Ok, então ele não era um prostituto, mas talvez Preppy fosse uma espécie de babá de velhinhas? Talvez, como um amigo de aluguel?

Eu pensei que quando ele disse que eu o iria ajudar em seus recados para o dia que nós estaríamos indo para um monte de becos escuros e lugares decadentes onde ele iria trocar drogas por dinheiro com um aperto de mão cuidadosamente coreografado.

Eu certamente não esperava estar bem na sala de estar de uma casa que poderia pertencer à avó de alguém.

— Oh, eu não quero dizer isso pra te manter aqui. Eu sei que você tem outras paradas. Janine telefonou antes de você chegar aqui, e eu sei que ela gosta de suas visitas também. Ela te fez uma torta de cereja, — disse Arlene.

— Vocês senhoras vão me deixar gordo. — Preppy se inclinou para trás e deu um tapinha no seu estômago.

Arlene se levantou. — Samuel, você faz o que você precisa fazer. Eu estarei lá fora no jardim. Venha se despedir antes de sair. — Arlene largou a xícara de chá, pegou um chapéu de abas largas e um par de luvas de jardinagem, e desapareceu pela porta da frente.

— Vamos fazer a maldita coisa, — disse Preppy. Ele se levantou e caminhou pelo corredor, parando em uma porta mais abaixo no pequeno corredor. — Você vem ou você acha que isso é onde eu mantenho todas as minhas parafernálias de escravidão de idosas? Porque eu não vou usar uma bola de mordaça novamente, fere totalmente a minha mandíbula.

— Ha-há, muito engraçado. — neste ponto, não poderia haver um circo atrás daquela porta, e eu não teria ficado surpresa. — Nós já estabelecemos que você não esteja sendo pago para ser um prostituto.

— Não. Sou apenas um prostituto para me divertir.

— Então me ilumine. Por que estamos exatamente aqui?

— Estamos cultivando. — Preppy abriu a porta e deu um passo para o lado, me permitindo entrar primeiro. O que eu dei de cara foi muito mais surpreendente do que um circo. Fileiras e mais fileiras de plantas de folhas verdes enchia o pequeno espaço. Máquinas de alta tecnologia cobriam as paredes. Um sistema de ventilação pendurava no teto. Um sprinkler jogava uma nuvem de vapor a cada poucos segundos. Preppy abriu caminho por mim e colocou sua mochila no chão. Ele abriu e tirou algumas ferramentas. Andando pelas fileiras de plantas, ele inspecionava cada uma. Ocasionalmente ele usava lupa para inspecionar de perto as folhas.

— Você está cultivando maconha?

— BINGO.

— Na casa de uma senhora idosa, você está fazendo maconha. Por quê?

— Se você tivesse conseguido adivinhar o que era que eu estava fazendo aqui, você imaginaria isso como uma possibilidade?

— Não.

— É por isso.

— Então, Gladys, também?

— E vários outros ao redor da cidade. Nós pagamos suas hipotecas ou outras contas, ou apenas damos dinheiro, se é isso que elas querem, e em troca elas nos deixam utilizar um quarto em sua casa para cultivar nossas plantas.

— Então, você não é babá de vovó?

— Isso foi o seu segundo palpite? Bem, eu suponho que é melhor do que prostituto, mas não, eu não sou babá de vovó do caralho. Embora eu tente ser simpático com todas as nossas colaboradoras. As mantêm felizes. As mantém querendo fazer negócios conosco. Tira a polícia das nossas costas.

— Eu acho que eu gostava mais quando eu achava que você era um prostituto.

Preppy abriu os braços e olhou ao redor da sala com orgulho. — Garota, bem-vinda ao meu cérebro da criança. Bem-vinda ao Granny Growhouse.

* * * * *

— Então, é isso que você chama de sua operação? Granny Growhouse? — nós estávamos de volta no carro depois de mais três paradas, e Preppy acabou de anunciar que Betty tinha sido a nossa última parada para o dia.

— Isso é o que como eu chamo. King odeia o nome, mas ele não veio o suficiente para atender a todas as senhoras e entender. Ele virá por aí embora.

— Você fez isso enquanto King estava na prisão?

— Sim, eu sempre era zoado pelo nosso principal fornecedor, que só queria lidar com King, então eu montei isso e comecei a Granny Growhouse. Foi assim que continuamos enquanto o grande homem foi embora.

— Você já pensou em conseguir um emprego?

— O que você chama isso? — ele perguntou.

— Não um trabalho real.

— Porra, não. Nunca tive um trabalho real um dia na minha vida. Não planejo ter. Foda-se.

— Eu não sei se você é completamente estranho ou estranhamente brilhante.

— Eu não posso decidir se você é sempre franca demais ou apenas tem um mau caso de não-pode-calar-a-porra-da-boca, — ele respondeu.

— Meio que sempre fui assim, — eu disse honestamente.

— King tem um trabalho real com a tatuagem. É como ele permanece sob o radar. Mas ele adora também. Você deverá ver um pouco de sua arte. É foda. Ele vem fazendo isso desde que éramos crianças, me usando como seu manequim humano.

Não foi até chegamos de volta a casa e estacionamos o carro na garagem que eu comecei a temer a realidade que me aguardava.

Todos os mais de um metro e noventa dele.

Preppy me viu olhando para a casa. — Eu sei que ele é um pouco áspero na superfície, mas ele é o melhor cara que eu já conheci.

— Oh sim? Você não deve conhecer um monte de gente.

— Ela adora piadas! — Preppy disse quando ele puxou a porta da garagem. — Mas, falando sério, ele não é de todo ruim.

Nós começamos a caminhar em direção a casa, quando uma grande sombra passou sobre a janela agora no segundo andar, provocando arrepios na espinha. — Você provavelmente deve dizer isso a ele.

Capítulo catorze

DOE

Preppy fez o jantar, um delicioso prato de macarrão com salsicha. Eu acho que as velhas senhoras estavam começando a entrar na pele dele porque nós comemos nossas refeições nas poltronas reclináveis da sala.

Após o jantar, Preppy desapareceu em seu quarto e desde que eu estava cheia demais, eu subi para procurar King. Ou talvez, eu só o queria encontrar antes que ele me encontrasse. Não era exatamente uma vantagem, mas era algo.

Um zumbido me chamou a atenção. Ele estava vindo da mesma sala onde eu encontrei King com uma menina.

A porta estava parcialmente aberta. Dentro havia uma menina com cabelo vermelho longo, reto abrangendo uma cadeira de espaldar baixo. King se sentou atrás dela, mas não era nada como a cena da última vez. King estava sentado em um banquinho, usando luvas pretas. Ele segurava uma máquina de tatuagem zumbido e de vez em quando ele mergulhava em um pequeno recipiente de plástico antes de continuar com o seu trabalho.

Um homem com cabelo loiro-areia e barba, olhos azuis brilhantes estava sentado no canto, lendo uma revista ARMAS E MUNIÇÃO. Os olhos da ruiva estavam fechados, e King levemente batia o pé com música Lynnyrd Skynnyrd tocando ao longo dos alto-falantes.

Não sabendo como King se sentiria sobre eu o ver trabalhar, eu me virei para ir embora, mas ele me parou. — Pequena, eu preciso de mais toalhas de papel.

Eu virei de volta. Os olhos do loiro estavam em mim imediatamente. A ruiva tirou seus fones de ouvido, mas King não tinha olhado para cima.

— Eu? — perguntei, sem saber se King estava falando comigo ou se ele chamava todos de *Pup*[9].

— Sim você. A menos que eu esteja chamando Jake de *pequena* agora, e algo me diz que ele não iria gostar tanto assim.

O homem no canto olhou para mim com a testa franzida com nenhuma emoção legível. A menina me ofereceu um olhar compreensivo antes de colocar os fones de ouvido de volta e fechar os olhos.

— No balcão, — King acrescentou, impaciente.

Olhei para o canto da sala e vi o rolo de papel toalha. Eu agarrei e levei até King, os colocando sobre a mesinha ao lado dele. Eu estava prestes a caminhar de volta para fora da sala quando ele falou de novo.

— Fique, — ele ordenou. Desdobrando um pedaço de toalha, ele pulverizou as costas da moça com o líquido de uma garrafa de água de plástico e, em seguida, limpou a tatuagem até que ele parecia satisfeito. — Acabei aqui. — ele limpou suas costas, em seguida, gravou as bordas do plástico com fita. King bateu nos ombros da garota e ela novamente tirou os fones de ouvido. — Você pode tirar o plástico amanhã. Mantém isso limpo.

— Sempre, — disse ela.

Eu não tinha visto Jake se levantar, mas de repente, ele estava ao lado da ruiva, a ajudando a sair da cadeira.

— Meus pés sempre adormecem quando eu estou sendo tatuada, — ela me explicou. Ela se inclinou para frente para o homem loiro por alguns momentos até que ela foi capaz de se levantar por conta própria.

Eu tenho um breve vislumbre da nova tinta em suas costas. Era uma árvore, uma árvore laranja delicada e atrás um por do sol. As folhas enunciava *Geórgia* pelo meio. A tatuagem parecia como se estivesse em movimento, como se laranjas estivessem caindo dos galhos.

Era bonito de doer.

Ambos usavam alianças de casamento, então eu assumi que Jake era seu marido. Quando ele me viu olhando para seu novo trabalho de

[9] Ele a chama de Pup no inglês que significa filhote. Então preferi chamar de pequena.

arte, ele chegou por trás dela e cobriu com a camisa, ajeitado até que ela estava coberta.

— O que eu devo a você, irmão? — perguntou ele a King.

— Um favor, — disse King. — Mantenha o telefone.

— Feito. — Jake segurou sua esposa perto quando eles fizeram o seu caminho até a porta.

Quando eles passaram por mim, ela se virou para mim. — Oi. eu sou Ab...

— Nós estávamos saindo, — interrompeu seu marido, olhando para ela como se para a lembrar de algo que ela tinha esquecido.

Ela assentiu com a cabeça, e então me deu um pequeno sorriso antes de saírem do quarto. Eu só tinha estado em torno deles por dez minutos, mas o cara parecia ser duas pessoas diferentes. Ele enviava vibrações de ser antissocial e um idiota, mas ele olhava para ela como se fosse seu bem mais precioso. Mas ele não a possuía. Isso era óbvio.

Ela pertencia *a ele.*

— Quem era? — perguntei. Eu assisti a partir da janela quando o casal subiu em uma moto preta brilhante. Seu marido a ajudou com seu capacete antes de partirem, desaparecendo sob as árvores.

— Se eles quisessem que você soubesse, eles teriam dito.

— Eles estão apaixonados.

— Eu com certeza como a merda espero que sim. Eles são casados. Tem uma filha, também.

King tirou as luvas e as jogou em uma caixa de aço inoxidável ao lado de sua mesa de trabalho. Ele se levantou e se juntou a mim na janela. Eu podia sentir o calor de seu corpo irradiando para as minhas costas. Ele se inclinou sobre mim, sua bochecha se escovando contra a minha testa. Fechei os olhos e tentei não permitir que sua proximidade me afetasse.

Eu sou mais forte do que isso.

— Há uma abundância de pessoas casadas do mundo, mas isso não significa que todas elas estejam apaixonadas. Não desse jeito, de qualquer maneira.

— Não, — King concordou. — Não desse jeito. — ele se afastou, deixando nada além de ar frio em seu lugar. Deixei escapar um suspiro que eu não sabia que eu estava segurando.

— Você quer que eu vá embora? — eu perguntei, me virando da janela. King estava sentado no sofá com seu telefone em suas mãos.

— Não, eu tenho um monte de pessoas chegando esta noite. Você pode me ajudar.

— Você é realmente talentoso, — eu ofereci.

— Você não tem que dizer isso, — King disse, tocando a tela.

— Eu não estou tentando ser legal. É verdade. Sua tatuagem é seriamente incrível.

— Hhmpf, — ele grunhiu, sem olhar para cima a partir de seu telefone.

— Você sabe, é costume dizer obrigado quando alguém elogia você.

— Obrigado pela dica.

A porta de um carro bateu lá embaixo, e duas meninas da minha idade riram quando elas se aproximaram da porta. O sino tocou.

— Traga elas para cima, — ele ordenou.

O meu trabalho ao longo das próximas várias horas consistiu de trocar a música quando King precisava de uma mudança de ritmo, correndo as escadas para buscar Red Bulls, e sentar sem fazer nada. Em um ponto, eu me levantei, disse a King que estava apenas ocupando espaço, e que eu deveria sair do seu caminho. Ele olhou para mim e acenou de volta para o sofá.

— Por que você faz isso quando você faz... outras coisas? — perguntei a ele entre os clientes, enquanto eu estava lavando os recipientes de pintura na pequena pia. — E por que você não tem uma loja de verdade em vez de fazer isso em casa?

— Você faz um monte de perguntas de merda, — King apontou.

— Duas

— O quê?

— Você disse que eu fiz um monte de perguntas. Eu só fiz duas.

King cruzou os braços sobre o peito, acentuando seus bíceps tonificados. — Se você quer saber, eu faço isso porque eu sempre fiz isso. Arte foi à única aula que eu gostava quando era criança. E eu faço isso na minha casa porque os lugares por aqui que são decentes estão do outro lado e o aluguel não faria o negócio vale a pena ter. Feliz?

— Então, você faz isso porque a arte foi à única aula que você era bom em na escola?

— Perguntas demais, porra, — King suspirou. — E você não ouviu. Eu fui bem na escola. Muito bem, na verdade. Eu disse que a arte era a única aula que eu gostava, não é a única aula que eu era bom.

— Oh, — eu disse, me sentindo estúpida que eu tinha saltado a essa conclusão. — Sinto muito. Eu apenas pensei...

— Eu sou um idiota, não um idiota burro.

— Eu não disse que você era burro.

— Olhe na gaveta ali. — ele apontou para uma caixa de ferramentas. Abri a gaveta. Lá dentro estava um diploma emoldurado pela Universidade do Sul da Flórida. Sob ela estava uma arma.

— Por que você mantem isso aqui? Por que você não pendura?

— Porque eu ganhei o grau online.

— Isso não é um grande...

— Enquanto estava na prisão, — King interrompeu. — E eu estou feliz que eu fiz isso. Eu gosto de ter, mas colocá-lo na parede significaria que eu estava orgulhoso disso. Meus sentimentos são muito mais misturados do que isso. Além disso, Grace diz que você deve ter sempre uma gaveta para se lembrar de que quem você é e o que você faz nem sempre são a mesma coisa.

— Quem é a Grace?

— Você vai descobrir.

— Bem, por que você não apenas inicia o seu próprio negócio?

King riu.

— O que é tão engraçado?

— Você, pequena.

— Por quê?

— Porque você me perguntou por que eu não começo meu próprio negócio.

— E?

— E, é engraçado, por que... — King apontou para a arma. O rosto dele ficou sério. — Eu fiz.

Uma batida na porta nos interrompeu. Eu rapidamente voltei à moldura para a gaveta e fechei apenas que Preppy deixasse entrar o próximo cliente do King.

Uma mulher, mais velha do que eu, desfilou pela porta vestindo um top apertado e shorts tão curtos que a parte inferior de suas nádegas aparecia. Ela se colocou sobre a mesa como se fosse à dona do lugar, estalando seu chiclete enquanto explicava a King, em detalhe, a tatuagem de orquídea que ela queria em sua bochecha esquerda da bunda.

King me disse o que ele precisava e eu comecei a reunir seus suprimentos.

— Quem é ela? — perguntou a moça, me lançando um olhar para os lados.

— Ela não é da sua conta.

— Ela não pode sair? Eu sou muito tímida, — ela reclamou, mesmo quando ela empurrou seus shorts de uma forma sugestiva. Saindo em seus saltos, ela se arrastou até a mesa e enfiou a bunda vestida com calcinha para o ar.

— Não, ela não pode, — disse King. Agarrando uma caneta, ele desenhou o esboço de uma orquídea em seu bumbum.

A menina fez um beicinho, mas não empurrou o problema. Depois de uma hora, ela perguntou se eu poderia ir buscar algo para beber. King acenou para mim, e eu fui lá embaixo para pegar cervejas da geladeira.

Quando eu voltei, eu parei na porta.

— Vem cá, baby. Você não se lembra de mim? Você deveria. Seu trabalho está bem aqui. — a garota se virou e se sentou sobre os cotovelos, espalhando suas pernas, ela revelou asas tatuadas de uma borboleta em ambos os lados das coxas internas.

— Me lembro do trabalho. Não me lembro de você, — disse King rigidamente. — Você quer que eu termine essa porra de tatuagem ou não.

— Sim, mas eu quero o seu grande pau primeiro, — ela balbuciou.

— Isso não vai acontecer.

— É por causa dessa cadela magra e feia? Ela ainda não tem nem peitos!

Houve uma comoção, e antes que eu pudesse descobrir o que exatamente estava acontecendo, King tinha jogado os shortses da menina para o corredor e a foi empurrando para fora da porta pelo seu cotovelo.

— Você pode ter essa merda finalizada por outra pessoa. Estamos feitos aqui.

Ela agarrou seus shorts do chão e passou por mim. — Cadela feia do caralho. Cuzão do caralho, — ela murmurou enquanto ela praticamente tropeçou em sua pressa para chegar à escada.

King ficou no caminho da porta. — E se eu ouvir alguma vez falar merda sobre ela de novo, eu vou te encontrar e arrancar essa tatuagem de borboleta.

— Ah, é? — ela gritou, parando no patamar. — Como diabos você vai fazer isso?

King estava na porta um segundo e há uma polegada do rosto dela no próximo. — Eu vou te dizer como, — ele fervia. — Eu vou te encontrar, e então eu vou tomar meu tempo telhando essas asas de borboleta fodidas da sua buceta desagradável com a minha faca. Pense nisso antes de decidir abrir essa boca de novo.

Seus olhos se arregalaram com medo. Ela não podia se mover rápido o suficiente quando ela correu para fora da casa, batendo a porta atrás dela. O cascalho girou sob os pneus de seu carro quando ela acelerou na entrada de automóveis.

— Limpe, — ordenou King. Ele pegou uma das cervejas das minhas mãos quando ele passou por mim no corredor e voltou para seu estúdio. Eu fiquei com a boca aberta por um minuto inteiro antes de o seguir.

— Que diabos foi isso? — eu perguntei, colocando o resto das bebidas no refrigerador ao lado da porta.

— Não foi nada. Limpe. Nós ainda não terminamos. — King bebeu a cerveja, esmagou a lata em suas mãos e jogou no lixo.

O relógio acima da porta marcava três horas.

O próximo cliente era um homem chamado Neil que King tinha começado a fazer antes de ir para a prisão. Neil tinha esperado três anos para King ser liberado para que ele pudesse terminar. Ele disse que apenas não confiava em ninguém mais para fazer isso direito.

Me sentei no sofá de couro e observei King quando ele franziu o rosto em concentração. Como alguém tão talentoso também poderia ser tão ameaçador?

Você já sabe o quão talentosa suas mãos são.

Mordi o lábio e me lembrei da maneira como seus dedos eram dentro de mim. Meu rosto corou.

— Eu posso sentir você olhando para mim, — disse King, me tirando do meu devaneio. Neil tinha um enorme conjunto de fones de ouvido vermelhos e estava com os olhos fechados. Ele estava absorto na música ou dormindo.

— Eu estou meio que entediada, — eu admiti, envergonhada que eu tinha sido pega olhando.

King se levantou e tirou uma luva. Ele abriu outra gaveta da caixa de ferramentas e removeu algo, jogando para mim. Um caderno de rascunho aterrou ao meu lado no sofá, seguido por uma caixa de lápis de cor.

— Talvez isso vá te ajudar a parar essa porra de inquietação, — disse ele. — Sempre me ajudou.

Em seguida, ele aumentou o volume no iPod antes de pegar sua máquina de tatuagem e mergulhar de volta para o seu trabalho.

Abri o caderno de esboços, que não estava em branco. Os primeiros esboços eram variações de uma tatuagem de uma árvore de laranja que eu tinha visto King tatuando na ruiva anteriormente. Cada um melhor que o outro até que cheguei ao que ele usou como um modelo para a tatuagem dela.

Várias páginas de obras de arte impressionantes vieram depois, um belo dragão, um crânio feito completamente de flores, e uma garota pin-up vestida como uma enfermeira, e eu estava finalmente em uma página em branco. Rabiscando, eu rapidamente encontrei sendo uma maneira muito melhor para passar o tempo do que querendo saber sobre o homem que fez minha cabeça girar, e outras partes de mim pulsar.

Eu desenhei caras felizes e figuras da vara primeiro. Mas então eu comecei sombrear e uma das figuras da vara começou a parecer como uma pessoa. Eu não realmente criei o desenho. Parecia mais como se eu já pudesse ver o projeto concluído em minha mente e fui apenas preenchendo o que já estava na página.

Quando eu terminei, eu estava olhando para os olhos castanhos do meu sonho. Eu olhei para King, que ainda estava absorto em seu trabalho. Eu silenciosamente rasguei a página do livro e a dobrei, empurrando profundamente entre as almofadas do sofá. Parte de mim estava escondendo isso para que eu pudesse voltar a ele mais tarde e talvez adicionar algo. Outra parte de mim queria manter esta única coisa que eu sabia que estava de alguma forma ligada ao meu passado, a mim.

Eu, então, decidi esboçar o pássaro que eu vi anteriormente voando sobre a água. Eu o visualizei como eu fiz com os olhos que eu tinha acabado de desenhar. Antes que eu percebesse, meu lápis estava voando sobre a página. Eu não estava apenas desenhando. Eu estava sombreamento, fazendo manchas, e contorno.

Quando eu terminei, não era exatamente o pássaro que eu tinha visto antes, mas uma versão mais exótica do mesmo. Escuro. Feroz. Suas penas voavam incontrolavelmente, e a cobra pendurada em seu bico tinha a boca aberta com presas expostas. Eu criei muito sombreamento nas pequenas narinas e bico do pássaro, como se ele pudesse respirar fogo. Mas então eu decidi que ele parecia muito duro, muito intimidante, então eu dei ao pássaro uma asa quebrada, e no reflexo do olho dele, desenhei a cobra antes dele tê-

la matado, engolindo um rato. O produto final era tanto beleza brilhante e vulnerabilidade. Lágrimas formaram nos meus olhos, e eu as enxuguei antes que pudessem derramar sobre minha bochecha.

Eu posso desenhar.

Não só eu poderia desenhar, mas eu podia desenhar bem. Isso veio tão naturalmente quanto respirar.

Uma segunda coisa que me conectava com *ela.*

Quando eu baixei o caderno, olhei para cima, e o cliente de King tinha ido embora. King estava sentado sozinho em seu banco, me observando. — Você estava concentrada, — disse ele. — Você parecia tão bonita sentada aí.

Engoli em seco, — Eu... uuuhhh... fui pega.

Suas palavras me pegaram de surpresa. Eu visualizei ir até ele e subir em seu colo. Suas grandes mãos fortes vindo em torno de minhas costas e descansando debaixo da minha camisa sobre a minha pele nua. Eu pensei como seria o deixar fazer mais do que o que ele tinha feito antes.

Como seria se ele usasse mais do que os dedos?

Estremeci.

— Traga isso até aqui, — disse King, estendendo a mão, me tirando da minha própria imaginação onde eu estava nua e me contorcendo embaixo dele.

— Não, você não quer ver. Eu estava apenas brincando. Eu vou colocar de volta na gaveta e limpar agora. — fui até a pia com o caderno debaixo do braço. King estendeu a mão e o agarrou de mim, virando as páginas em busca de meu esboço.

— Qual é Inspetor Bugiganga, — eu brinquei. Eu claramente subestimando o alcance de King.

— Como você sabe isso? — ele perguntou.

— O que você quer dizer? Como eu sei o quê? — perguntei.

— A coisa do Inspetor Bugiganga[10]'. Isso é uma referência a um desenho animado. Alguma vez você já viu isso?

— Hum... Acho que sim. É esse cara que veste um casaco de cinza e tem um bilhão de dispositivos pequenos em todo o lugar que normalmente não funcionam da maneira que deveria.

— Eu sei quem ele é. O que eu quero saber é ter você assistiu desde que você perdeu sua memória?

— Não, eu não assisti qualquer TV até a noite anterior, quando Preppy colocou em algo chamado American Ninja Warrior. — dei um passo para trás e me encostei no balcão. — O que você está tentando chegar? Eu pensei que você acreditasse em mim.

— Não é isso. Eu só estou tentando descobrir isso. Me ajude a entender. — King se inclinou para frente e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. — Se você ainda não assistiu, então isso é algo de antes. Como exatamente é que isso funciona?

— Eu realmente não estou certa. Quando eu estava vivendo na casa de acolhimento, vi um psicólogo ou um psiquiatra ou um desses. Ele me disse que a perda de memória funciona de forma diferente para todos. Para mim, limpou toda a informação pessoal. Nomes, rostos, lembranças. Mas eu ainda posso andar e falar, então eu mantive todas as minhas funções. Eu também sei fatos. Tipo, eu sei quem é o presidente, e eu posso cantar para você o jingle do comercial da Harry's House of Falafel. Eu só não sei como eu sei essas coisas.

King acenou com a cabeça. Mordi o lábio.

— Você sabe, você é a única pessoa além do psicólogo que me perguntou sobre isso, — eu adicionei.

King virou uma página do caderno e encontrei o meu esboço. Ele estudou por vários minutos. O tempo parecia passar mais lento e mais

[10] Eu não sei tem um bordão, não lembro muito bem do desenho, mas pra gente aqui no Brasil o desenho veio como O Inspetor Bugiganga.



lento. Eu fiquei inquieta imaginando o que ele pensava disso. Ele provavelmente estava tentando descobrir como me dizer que era uma porcaria completa.

Então, por que diabos ele estava olhando por tanto tempo?

E por que diabos eu preciso tanto de sua aprovação?

— Você acabou por essa noite? — perguntei, tentando chamar a sua atenção para longe do esboço. Se ele odiou, eu prefiro não falar sobre isso em tudo. Ele levantou os olhos de meu esboço apenas o tempo suficiente para dar ao meu corpo um olhar uma vez mais, como se ele estivesse olhando para mim pela primeira vez. Seu olhar inflamou minha pele como se tivesse realmente me tocado.

— Eu acabei? — ele repetiu a minha pergunta. King correu a parte inferior de sua língua em seu lábio inferior, deixando um brilho onde ele tinha deixado molhado. — Não tenho certeza. Eu estou pensando se eu poderia apenas ter começado.

Puta merda.

A vermelhidão familiarizada queimou o seu caminho até meu pescoço e minhas orelhas ficaram quentes.

O relógio marcava 04h45, e embora eu devesse ter estado cansado devido à hora, eu estava mais alerta do que nunca. A cafeína e açúcar dos quatro Red Bulls que eu tinha bebido pareciam que poderia me manter acordada por dias, mas eu precisava ficar longe de King, porque eu me senti começar a esquecer de todas as razões por que o deixar me despir seria uma má ideia.

— O que isso significa exatamente?

— Isso significa que eu terminei com os clientes. Mas isso também significa que eu não terminei com *você.* — King agarrou meu pulso e me arrastou para o seu colo, o próprio lugar que eu tinha acabado de fantasiar sobre estar.

Engoli em seco.

Os músculos rígidos de suas coxas ondularam sob os meus. Seu cheiro uma mistura de sabão e suor era inebriante. Ele pegou um punhado de meu cabelo e puxou minha cabeça para os lados, expondo o pescoço para ele. Ele me inspirou, correndo o nariz ao longo do meu pescoço, seguido por uma longa lambida na minha clavícula até o ponto

sensível na parte de trás da minha orelha. Eu gemi, e ele riu. Eu podia o sentir vibrar através de seu corpo. — Oh, pequena. Quanto divertimento isto vai ser.

Só assim, ele lançou meu cabelo e me empurrou para fora de seu colo. Meus joelhos trêmulos quase cederam, e eu tinha de agarrar a bancada para evitar cair para frente para o chão.

— Temos mais um, — disse King.

— Eu pensei que você acabou de dizer que não tinha mais clientes hoje à noite, — eu disse, sem fôlego.

King passou a arrumar três pequenos recipientes de tinta preta. — Aqui. — ele me entregou uma caneta preta com a ponta fina.

— O que você quer que eu faça com isso? — perguntei.

— Eu quero que você desenhe seu esboço novamente. O mesmo. Use ele como referência.

— Desenhar sobre o que?

— Na parte de trás da minha mão, é uma tela muito menor, então esboce, reduzindo um pouco, é um dos poucos espaços de tela em branco que me restam.

— Por quê?

— Por que você sempre faz tantas perguntas, porra?

— Você não tem uma máquina que faz isso? Você pode copiar esse e basta o colocar lá se é isso que você realmente quer.

King suspirou com frustração. — Sim. Mas não é o ponto. Eu quero que você desenhe em mim. Eu quero que você coloque a caneta na minha pele e recrie o seu esboço. Eu não me importo se é torto. Eu não me importo se não é perfeito, só desenhe, porra! — gritou ele, se levantando. Ele deu alguns passos em direção a mim até que eu estava apoiada contra o balcão, segurando o caderno de desenho para o meu peito. — Por favor?

Um 'por favor' do homem que não dizia 'por favor'.

— Ok, — eu concordei. — Mas por quê?

— Porque eu olhei para você enquanto você estava desenhando isso, e você parecia bonita, mordendo o lábio, seu rosto corado, a parte de trás do lápis pressionado contra esses lábios rosados. Então, quando você me mostrou o que você fez, eu vi imediatamente.

— Viu o quê?

— Eu. O pássaro. Você me desenhou. — eu abri minha boca para argumentar que foi apenas um pássaro, mas não consegui. Ele estava certo.

Escuro e perigoso.

Duro, mas bonito, pegando o que ele queria do mundo.

Era ele.

King apoiou o caderno sobre a mesa para que eu pudesse fazer referência a meu desenho. Eu fiz o melhor que pude para criar uma versão menor na parte de trás da sua mão. Eu trabalhei ainda mais duro tentando ignorar o zumbido de eletricidade entre nós. King não tirava os olhos de mim.

Levei o dobro do tempo para concluir o esboço, mas quando eu finalmente terminei, eu coloquei a caneta para baixo e me sentei.

— Tá bom? — perguntei.

King ergueu a mão e examinou meu trabalho. Vai servir, — ele confirmou. — Agora, vá me buscar um café.

— Sem Red Bull? — perguntei, me levantando da mesa.

— É depois de cinco horas. Após 5h00 chama para o café.

— Ok, café, então, — eu disse, fazendo meu caminho até a cozinha. Até o momento que eu descobri que a máquina de café fazia apenas um copo por vez - o único aparelho moderno na cozinha - e voltei para o estúdio, King estava debruçado sobre sua mão com sua máquina de tatuagem zumbindo.

— Que diabos você está fazendo?

Silêncio.

— O quê? Vai me ignorar agora?

Ele levantou a máquina de sua pele. — Sim, porque se eu falar com você, eu vou dar a esta ave um pau na boca ao invés de uma cobra, — disse King.

— Eu vou voltar para o fato de que você meio que fez uma piada, algo que eu não achei que você era capaz de fazer, mas agora, a única coisa que você pode se concentrar é em tatuar meu esboço em sua mão! — gritei.

— O que você acha que eu ia fazer com isso? — King baixou a máquina.

— Eu não sei, mas não isso!

— Pequena? — perguntou King suavemente.

— Sim?

— Chega de perguntas. Você está me distraindo. Vai para a cama.

— Mas, — comecei a discutir.

— Pequena?

— Sim?—

— Cama. Agora. Ou você pode escolher ficar, mas eu estou te avisando, se essa é a decisão e você ainda estiver aqui quando eu terminar, eu vou te dobrar sobre este sofá e foder você até a próxima semana.

Merda.

Eu corri para fora da sala o mais rápido que pude, sem parar para recuperar o fôlego, eu ainda o podia ouvir rindo quando eu fechei a porta e cai no chão.

Eu estava totalmente e completamente sem uma palavra melhor, FODER.

Capítulo quinze

KING

Você parecia tão porra bonita, sentada ali concentrada. De onde diabos veio isso? Eu nem tinha percebido que eu tinha dito isso em voz alta até que eu vi a vermelhidão crescendo nas suas bochechas. Por outro lado, flertar com ela e a fazer desconfortável foi, de longe, se tornando a minha fonte mais recente e mais favorita de entretenimento.

Desde que ela começou a comer a comida de Preppy, levou apenas um par de dias para a Pequena conseguir um pouco de peso. As poucas libras adicionais tinham feito coisas incríveis para a sua figura. Suas bochechas afundadas estavam um pouco mais cheias e de alguma forma a fazia parecer ainda mais inocente. Seus peitos e bunda eram redondos e implorava para ser tocados até mais do que antes. Ela tinha o corpo de uma mulher e o rosto de um anjo e eu estava constantemente andando ao redor como um garoto de 13 anos de idade que tinha que ficar se ajustando para esconder seu furioso pau duro.

A verdade era que eu não a incomodava enquanto ela estava desenhando, porque eu não queria que ela se movesse, e eu estava perfeitamente satisfeito em simplesmente sentar e olhar para ela a noite toda. Mas, então, ela iria cruzar e descruzar as pernas, enquanto mordia o lábio, e tudo que eu conseguia pensar era como eu queria ser o único a morder esse lábio. Quão molhada eu poderia deixá-la entre as pernas.

Eu não me levantei após Neil sair porque eu estava com medo de que se eu ela olhasse de cima de seu esboço ela visse meu pau através do meu jeans. Se fosse qualquer outra garota, eu gostaria de chamar sua atenção para isso, mas eu não queria a mandar correndo para o outro quarto. Eu já sentia sua luta pela atração que ela tinha por mim. A terrível verdade da questão é que eu não a queria assustar.

Porque eu realmente gostava de tê-la ao redor.

Em algum lugar, de alguma forma, minha raiva em relação a ela se transformou em uma espécie de afeição fodida.

Que eu tinha que por alguma distância, porque qualquer tipo de sentimentos por ela exceto luxúria só iria ficar no caminho dos planos que eu tinha para ela.

Ela tinha medo de mim. Isso era óbvio, mas havia um fogo lá, também, e quanto mais ela lutava, mais me excitava.

A maneira como seu corpo reagia a mim me disse que só havia um tempo que ela pudesse resistir ao inevitável. O inevitável era eu transar com ela até que ela não conseguisse se lembrar de seu próprio nome.

Não é como se ela soubesse disso de qualquer maneira.

Mas eu fiz.

Uma sensação incômoda e desconhecida puxou meu intestino.

Culpa talvez?

Eu dissipei isso. Não havia tempo para entreter qualquer sentimento de culpa. A melhor oportunidade de conseguir Max de volta não iria cair no meu colo assim de novo. E nesse meio tempo, eu iria gastar o meu tempo com ela. No caso dela, isso significava fazer tudo o que eu tinha que fazer para a deixar quente, úmida, e disposta.

— Chefe! — Preppy gritou, pulando para o meu estúdio com suas pupilas dilatadas, esquecendo de piscar como se tivesse sido atropelado por um fodido caminhão em cheio.

— O que é, Prep? — perguntei, dando os últimos retoques na tatuagem que a Pequena tinha esboçado para mim. Depois que eu vi, eu precisava disso na minha pele, imediatamente e de forma permanente e eu não sabia por quê. Mas depois que foi feito, eu senti como se um peso tivesse sido levantado.

— Que porra é essa? — perguntou Preppy, apontando para as costas da minha mão. Eu tirei o excesso de tinta e sangue e ergui para que ele pudesse ver.

— É uma tatuagem, idiota. Ou você se esqueceu do que é que eu faço nesta sala?

— Eu sei que é uma tatuagem, filho da puta. Eu só queria saber por que você estava se tatuando agora.

— Você me viu fazer isso cem vezes, então qual é o problema? — eu lati, não gostando da tom de voz de Preppy.

— O que é isso exatamente? — ele perguntou, se inclinando por cima do meu ombro enquanto eu colocava uma camada de filme plástico por cima.

— Não é nada. A Pequena desenhou. O que exatamente você queria? — eu odiava ser grosso com ele, mas eu não estava prestes a responder perguntas que eu mesmo não sabia exatamente as respostas.

— Eu vim aqui para dizer duas coisas. Uma delas é que Bear ligou e ele ouviu o pai dele falar. Isaac está vindo para a cidade. Ele não tem certeza quando, só sabe que ele está vindo. Tem os olhos sobre ele embora. Ele não deixou Dallas ainda. — o MC tinha um relacionamento de longa data com a nossa antiga fonte primária de ervas.

— E?

— E eu tenho certeza que ele está provavelmente um pouco chateado de termos cortado ele como nosso fornecedor.

— Eu estava preso e ele não queria lidar com ninguém além de mim. Se ele esperava que simplesmente não fizesse nada até que eu saísse, esse era um erro dele. Vimos oportunidade. Nós aproveitamos. Fim da história.

— Sim cara, essa é a maneira como você e eu vemos isso. Mas Bear ouviu seu pai dizendo que Issac prefere levar um pontapé nas suas bolas e do que ter que pagar volta para nós mil vezes.

— Eu não estou me escondendo de Isaac, ou qualquer outra pessoa. Se ele quer falar comigo, ele sabe onde diabos eu monto. Agora, qual é a outra coisa que você queria me dizer? — eu bati.

— Cara, você está tão mal-humorado desde que você saiu. Você é como uma cadela 24 horas por dia. A segunda coisa que eu queria dizer é que eu vou levar Doe para um encontro no sábado à noite.

— Você vai porra O QUÊ? — de repente eu desejei que minha máquina[11] de tatuar fosse real porque com essa frase, Preppy estava andando em um fodido território perigoso.

[11] Aqui ele chama de arma de tatuar.

— Ela é legal pra caramba, então eu vou levá-la pra sair. Talvez, um filme ou algo assim. O drive-in está passando alguma coisa paranormal assustadora e garotas adoram essa merda. Deixam elas todas medrosas, — Preppy disse, se abraçando com seus braços.

— O caralho você vai. — não só ele não a ia levar para sair, como também eu tive a impressão de que não era exatamente assustador o gênero favorito de Doe. A menina era assustada o suficiente na vida real.

— Cara, eu não vou transar com ela. A menos que esteja tudo bem pra você. Nesse caso, eu *certamente* vou foder.

Me levantei do meu banco. Ele rolou para trás e bateu contra a parede. — Não. Tente. Porra. — o pensamento de suas mãos sobre ela fez o meu estômago torcer.

— Você nem gosta dela, — ele gritou. — Além disso, você não sabe nada sobre ela. E isso é culpa sua, porque ela não pode saber muito sobre si mesma, mas o pouco que ela sabe você nem sequer se preocupou em perguntar a ela.

Ele tinha um ponto, mas Preppy não sabia que havia uma razão para isso e eu planejava manter isso para mim por enquanto.

— O que exatamente você gostaria que eu falasse com ela? Porque de o*nde você veio, qual é o seu nome,* esse tipo de coisa não se aplica exatamente no caso dela.

Preppy bufou e entrelaçou os dedos atrás do pescoço. — Eu não sei. Você poderia perguntar a ela algo simples, talvez como ela goste de seus sanduíches ou algo assim.

— Sanduíches. Você quer que eu pergunte a ela sobre sanduíches?

— Por que diabos não? Todo mundo gosta de um delicioso sanduíche, e falar sobre eles é melhor do que falar sobre a merda pesada que você parece estar carregando por aí esses dias.

É por isso que Preppy era meu melhor amigo. Ele via através de mim.

— Eu sei que Max é importante. Eu sei que nós a precisamos recuperar, mas até lá, você ainda tem uma vida para viver, cara. E

conversar com a menina, que para todos os efeitos, está vivendo em nossa casa, não vai ficar no caminho disso.

Você que pensa.

— Você já pegou ela? Quero dizer, a garota dorme em sua cama e essa merda. Que porra é essa?

— Isso não é da sua maldita conta, — eu avisei. Ele estava cruzando uma linha.

Ele revirou os olhos. — Vou levar isso como um não. Talvez seja por isso que você tem estado tão mal-humorado desde que você saiu. Talvez você só precise ter alguma bunda. Transar. Foder até seu pau murchar.

— Eu fodi desde que eu saí, então cale a boca sobre isso. Não se trata de gostar dela ou sobre transar com ela. Isto é sobre eu dizer NÃO e você me ouvir por uma vez!

— King, você tem sido meu melhor amigo desde que os dinossauros viviam na Terra, então me escute quando eu te digo que você olha para ela como você quisesse foder seus miolos, mas você a trata como se ela fosse lixo sob seu sapato. Não é legal, cara. Você é o único que decidiu a manter aqui, essa não foi à ideia mais brilhante para começar, então me deixe divertir um pouco com ela pelo amor de Deus.

— Se trata de uma dívida que precisa ser paga, — eu disse, sem convencer.

— Oh vamos lá! Nós dois sabemos que ela não tem nada a ver. E desde quando é que você distribui lições de vida de quem precisa pagar para quê? Você é algum tipo de treinador de vida agora? Além disso, ela não é sua propriedade. Ela é uma pessoa, não um carro de merda.

— Isso é demais vindo de você. — eu testemunhei Preppy fazendo coisas que fez até mesmo a minha pele se arrepiar, mas se ele ia jogar minhas coisas na minha cara, então eu ia lançar a merda dele na sua cara.

— Sério, ela não é sua. Você não a pode simplesmente tomar.

— Sim, ela *é* minha, e eu *apenas* a tomei. Ela dorme na minha cama, não é? Perto de mim. Posso não ter fodido ela, mas era eu quem ela queria fazendo gozar outra noite, e eu a fiz gozar quando ela

precisava. Então, não, eu não fodi ela, *ainda*. Mas a resposta ainda é não, você não a pode levar pra sair, porra. — eu disse entre dentes, eu podia sentir minhas veias fazerem minha pressão arterial disparar.

Preppy inclinou a cabeça para o lado e sorriu. Um reconhecimento de algum tipo caiu sobre seu rosto. — Bem, ela não é minha propriedade. Ela é minha amiga. Então, se eu não a posso levar para sair, então você tem que a levar. Eu não estou fazendo isso por mim. Eu estou fazendo isso por ela. Ela passou por alguma merda, e nós dois sabemos como é. A garota merece uma pausa. Um pouco de divertimento.

— De jeito nenhum. Eu não vou sair com ela. E isso não é motivo de debate. Sem encontro. Não, de jeito nenhum. Apenas pare com isso. — pela primeira vez na minha vida, eu me senti com vontade de bater em Preppy. Ele nunca tinha persuadido esse tipo de raiva de mim antes.

— Cara, tire essa sua cabeça do caralho da sua bunda. Ela é apenas uma criança confusa. Ou você a leva, ou você me deixa levar ela. Posso te chamar de chefe, mas nós somos amigos, e isso não significa que você pode fazer todas as minhas decisões por mim. Você pode fazer as decisões, mas eu ainda sou minha própria pessoa. Eu não estou pedindo para você aqui. Eu estou te dizendo.

— Tudo bem! — gritei. Jogando meus braços no ar. — Leve ela em um fodido encontro. Por que diabos eu me importo de qualquer maneira? Vá! Tem uma fodida explosão!

Me sentei de volta no meu banco e fingi mexer com o meu equipamento. Por que diabos eu estava ficando tão irritado estava além de mim.

Talvez eu tivesse apenas esquecido como interagir com as pessoas que não estavam vestindo macacões laranja ou uniformes oficiais.

— Ótimo! — Preppy pulava de um pé para o outro. — Eu vou com a minha melhor gravata borboleta.

— Prep?

— Sim, chefe?

— São seis da manhã, porra.

— E?

— Você a quer levar no sábado certo?

— Sim.

— É segunda-feira.

— Ah.

— Que tal limpar esse fodido pó debaixo do seu nariz e dormir um pouco. Dê um bom nó na sua gravata amanhã. — Preppy pode não me ouvir, mas a necessidade de lhe dizer o que fazer nunca vai embora.

Eu tinha esquecido enquanto estava fora como Preppy era um inferno de festeiro.

Nós dois éramos.

Ou, eu costumava ser.

Antes de Max.

Antes de prisão.

Antes *dela.*

Preppy limpou o pó debaixo de seu nariz e esfregou em suas gengivas.

— Sim, senhor, — disse Preppy com uma saudação simulada. Ele se virou para sair.

— E Prep? — eu chamei.

— Sim, chefe? — ele perguntou, parando a meio passo.

— Você vai levá-la apenas como seu amigo. Você entendeu?

— Eu entendi.

— Ótimo. Porque se você a tocar, eu vou te matar.

Capítulo dezesseis

DOE

— O que é tudo isso? — perguntei, olhando para a tampa em cima do prato de carnes e queijos fatiados.

— Coisas para sanduíche. — disse King, me lançando um rolar de olhos.

— Sim, eu posso ver isso. Mas por que estamos fazendo sanduíches no deck?

Eu me perguntava que motivo estava sendo oculto. King não parece ser do tipo que faz um piquenique no deck, não importa qual seja a situação. Além disso, em todo o tempo que eu estive com King, ele nunca fez uma refeição para mim.

Ou até mesmo comeu uma refeição comigo.

— Porque é um bom dia para estar do lado de fora, e porque quem diabos não gosta de sanduíches? — King se sentou em uma das cadeiras de plástico que cercavam a mesa de madeira que foi aparafusada ao deck, então não iria voar para longe durante uma tempestade. — E Preppy disse... Eu não sei, apenas fiz. — King pegou o salame e queijo e cavou uma enorme colherada de maionese do frasco com uma espátula.

— É maionese o suficiente para sufocar um cavalo, — eu disse, selecionando cuidadosamente peru e bacon para o meu próprio sanduíche.

— Você realmente já viu um cavalo ingerir muita maionese? — ele perguntou.

— Eu poderia muito bem ter. Eu só não me lembro. — eu peguei um punhado de Cheetos e amassei no topo da fatia de pão com as duas mãos. King puxou a outra cadeira ao longo do lado dele até que os braços estavam tocando e fez sinal para eu sentar.

E, em seguida, NOSSOS braços estavam se tocando.

— Então, como é? — perguntou King, estalando a parte de cima de uma cerveja e entregando a mim.

— Como é o quê? — perguntei, colocando meu prato de papel no meu colo.

— Não se lembrar de nada. Eu fico pensando sobre como seria se eu não conseguisse me lembrar de nada.

— É... — eu procurei meu cérebro para as palavras, mas apenas uma surgiu em minha mente mais e mais, —... vazio.

— Você é um monte de coisas, pequena, mas vazia não é uma delas. — King enfiou uma mecha rebelde de cabelo atrás da minha orelha.

— Oh sim? Então, me diga o que eu sou, porque eu não consigo pensar em nada que não tenha a ver com eu perder minha memória. — eu dei uma mordida do meu sanduíche que era tão grande que eu mal conseguia fechar a boca em torno dele.

King riu. — Bem, para começar... você é do tipo peculiar.

— Peculiar?

— Pequena, não foi você que acabou de colocar Cheetos em seu sanduíche?

— Devidamente anotado. Ok, peculiar. Eu posso lidar com isso. Continue. O que mais você acha que sabe sobre mim?

— Bem, você é corajosa. Admirável. Eu mesmo vou tão longe em dizer que você é irritantemente mal-humorada. Você fala cerca de três horas antes que você pense. Você faz muitas perguntas malditas. Você tem essa covinha na bochecha esquerda que sai quando você está sorrindo, mas também aparece junto com o lado direito quando você está chateada. — constrangimento queimou meu pescoço como se eu estivesse de pé perto de um incêndio. — Seu pescoço e seu rosto ficam vermelhos quando você está envergonhada. Ele começa em seu pescoço. Bem aqui. — King levemente envolveu a palma da sua mão ao redor da minha garganta. — Então, ele salta para suas bochechas. — ele passou o polegar sobre minha bochecha. — Em seguida, ele percorre todo o caminho até essas orelhas.

Ele se inclinou e chupou meu lóbulo da orelha em sua boca, arrastando sua língua ao longo da carne delicada dos meus ouvidos

enviando faíscas de prazer pelo meu corpo. Meus mamilos endureceram e pressionaram contra a minha camisa.

King riu e se afastou. — Então, não diga que você está vazia, pequena, porque você é tudo menos isso. — houve um brilho malicioso em seus olhos. Algo que eu não tinha visto antes. — Eu acho que você é, de longe, a pessoa mais interessante que eu já conheci.

— Obrigada, — eu disse. — Mas tente imaginar se seria o mesmo sem a sua memória. Você tem sorte de saber quem você é e onde você pertence.

King puxou a tampa na sua cerveja e suspirou. — Às vezes, eu desejo não saber.

— O que você quer dizer?

— Se eu pudesse escolher acordar amanhã e não me lembrar de quem eu sou, a merda que eu fiz, as pessoas que eu estaria deixando para trás, eu o faria. Eu poderia simplesmente começar de novo. Ser outra pessoa.

— Eu não quero que você seja outra pessoa, — eu soltei, interrompendo sua confissão.

— Você deve me odiar, — disse King, tomando meu prato do meu colo e colocando sobre a mesa. — Se eu fosse você, eu iria me odiar.

— Eu pensei que eu odiasse.

— E agora? O que você acha de mim agora? — perguntou King, se inclinando mais perto.

— Eu acho que você é o mais teimoso, arrogante, desagradável, complicado e belo homem que já viveu.

— Eu acho que você é linda, também, — King suspirou. Em um movimento gracioso, ele tinha me tirado da cadeira e me colocado em seu colo.

Suas mãos tinham deslizado em meu cabelo quando um estrondo soou do outro lado dos manguezais.

— Fique aqui, — ordenou King. Ele se levantou e me jogou de seu colo. Eu me agachei atrás da parede de cimento que separava o cais do estaleiro. King saltou sobre ele sem esforço e correu na direção da garagem, na direção de onde o som tinha vindo.

Parecia que eu estava lá por horas, esperando King voltar ou para que algo acontecesse.

Nada.

Meu estômago roncou, e eu me lembrei de que eu mal tinha começado o meu sanduíche. Eu arrastei a minha bunda e estendi a minha mão, em um esforço para arrastar a cadeira que segurava meu prato para mim. Liguei meu pé em torno da perna da cadeira e lentamente puxei. Ele fez um barulho horrível raspando contra as pranchas de madeira do deck. Fiz uma pausa e esperei.

Nada.

Então, eu continuei. Lentamente, polegada por polegada, eu arrastei o meu sanduíche mais perto de mim até que meus sanduiche de Cheetos estava ao meu alcance. Eu puxei meu prato do assento e peguei meu sanduíche. Abri a boca e estava prestes a morder em vitória quando alguém limpou sua garganta.

Com o meu sanduíche ainda em posição de lançamento em minha boca, olhei para cima através do pão para ver tanto King como Bear de pé sobre o topo do paredão, olhando para mim.

Bear parecia apenas bonito como na noite em que o conheci, mas agora, ele parecia ainda melhor. Porque ele estava sem camisa. Seus músculos abdominais brilhavam de suor. Eu pensei que King tinha um monte de tatuagens, mas Bear não tinha uma só polegada disponível sobrando na sua pele.

King falou primeiro. — Oh não, não se preocupe comigo. Estou bem. Apenas fui verificar o que aquele ruído como bomba era, mas você vá em frente e termine o seu sanduíche. Vamos esperar. — ele estava sorrindo com o canto da boca.

Bear se agachou. — Ah Merda. Olha isso. Não acho que você ainda estaria viva.

Eu coloquei meu prato para baixo e me levantei. — Se vocês dois acabaram de zombar de mim, um de vocês pode me dizer o que diabos aquele barulho era?

— Ah, Merda. Desculpe, isso foi eu. Esta menina se aproximou, e ela tem esse velho Bug Volkswagen. Uma coisa levou a outra...

— Eu não quero saber, — eu interrompi.

Bear continuou, — Tudo o que eu ia dizer é que, quando os lábios dela se enrolaram em torno de meu pau, eu lembrei vagamente de consertar o bug para ela. O que você ouviu foi ele engasgando. Que eu acho que foi a última vez, porque ele está morto. Tipo, super morto. Não há como o carro voltar dos mortos. O que é uma pena porque a menina poderia chupar o...

King levantou uma mão. — Ok, Bear, corte o papo furado, você pode dizer a ela o que realmente aconteceu.

Bear balançou a cabeça e seu telefone tocou. Ele puxou para fora do bolso de trás e clicou em um botão na tela. — Sim. — ele coçou a barba. — Porra. Ok. Sim. Sim, eu vou dizer a ele. — ele clicou o telefone novamente e colocou de volta no bolso.

— Isaac está em movimento. Jimmy e BJ viram ele e seus meninos em Coral Pines esta manhã. Parece que tenho negócios lá. BJ falou com um cara na equipe de Isaac. Eles estarão andando em nosso canto em uma semana ou assim.

— Merda, — King amaldiçoou.

— Eu te disse para ficar fora da cidade, cara. Você sabia que ele estava vindo.

— Sim, e quando você me disse isso, eu não me importava se ele viesse até a minha porta da frente, armado até os dentes.

— Mas agora? — perguntou Bear.

King acenou para mim.

— Ah. Sei. O que você quer fazer, cara? Sua escolha. Você sabe que eu estou com você, não importa o quê. — Bear acendeu um cigarro.

— Eu acho que nós vamos sobre o crime, — disse King.

— Espere, o que significa tudo isso? Quem é Isaac?

King me ignorou. — Vou a levar até Grace antes disso, — disse ele a Bear.

— King, quem diabos é Isaac? Quem diabos é Grace? — eu gritei, pulando para cima e para baixo para fazer a minha presença na conversa.

— Pequena, quando Preppy te levou pra sair, ele te disse que quando ele e eu começamos a operação Granny, nós cortamos o nosso principal fornecedor?

— Sim. Ele disse.

— Bem, Isaac, era esse fornecedor.

— Merda, — eu disse.

Bear deu uma longa tragada no cigarro e soprou a fumaça pelo nariz, parecendo muito com o pássaro recentemente tatuado na mão de King. — Sim, isso resume tudo.

— O que você ouviu foi um aviso, — disse King.

— Que tipo de aviso? — perguntei.

Bear apagou o cigarro no concreto da parede de contenção. — O tipo que vai explodir.

— O que vai explodir?

O lamento de Preppy quebrou através do ar como outra explosão.

— O QUE DIABOS ACONTECEU COM A PORRA DO MEU CARRO?

Capítulo dezessete

DOE

Um sinal da versão brincalhona de King do almoço tinha ido embora. Ele me deu dez minutos para ficar pronta e *por a minha bunda na porra do carro.*

Eu não sabia onde estávamos indo, e algo sobre a maneira como ele latiu para mim ele deixou claro que ele não exatamente quer me perguntar.

Viajamos juntos em um silêncio tão pesado que tinha a sua própria presença no carro. Como um hóspede não convidado, isso se sentou desajeitadamente entre nós sobre o assento. Nós descemos em uma estrada de terra estreita. Minha curiosidade despertou quando King puxou para o lado da estrada ao lado do portão de uma casa amarela em estilo de rancho com uma curta cerca de piquete branca revestindo o jardim da frente.

— Vamos, — disse King.

Saindo do caminhão, ele destrancou a porta e começou a subir a passarela de cimento. Eu segui atrás dele, correndo para alcançá-lo e combinar com seus passos largos. Havia vários ornamentos de jardim e cata-ventos quando passamos por ele, o nosso movimento criando a única brisa no calor estagnado do dia. Eu pensei que talvez King estivesse fazendo uma coleta para Preppy, e que esta era outra de suas Granny Growhouses que eu ainda não tinha visto.

Quando chegamos à porta, King não bateu, apenas empurrou e entrou. Por uma fração de segundo, meu coração pulou uma batida, porque eu pensei que talvez ele estivesse roubando o lugar, mas eu rapidamente esmaguei essa ideia quando o ouvi gritar: — Grace?

Grace. Eu reconheci o nome de mais cedo.

O segui para dentro da casa e fechei a porta atrás de mim. Quando eu virei, eu fiquei cara a cara com mil olhos minúsculos olhando para mim. A pequena sala de estar estava coberto com eles. Das prateleiras de plantas para a mesa de estilo buffet na entrada

da mesa de café e em cima da antiga TV, coelhos de cerâmica de todas as formas e tamanhos estavam por toda parte.

King não deu a eles qualquer atenção enquanto ele caminhava pela sala de estar, as portas de correr de vidro na parte de trás da cozinha, onde grandes coelhos de pelúcia ocupavam todos as seis cadeiras da mesa como se eles estivessem prestes a desfrutar de uma refeição juntos.

Acho que Grace gosta coelhos.

— Aqui Fora! — gritou uma voz aguda, mas arranhada.

King abriu as portas de correr de vidro para que eu pudesse passar, mas ele não passou. Eu tive que encostar o peito para passar. Na minha tentativa de tocá-lo o mínimo possível, eu tropecei para fora em um deck de madeira, onde uma pequena mulher com cabelo curto, grisalho estava sentada em uma cadeira azul de madeira. Seus pés estavam descansando em cima da mesa, cruzadas nos tornozelos. Ela bebeu de um copo com um líquido verde claro. Uma folha flutuava na parte superior do gelo.

Em vez de me perguntar quem eu era, ela se levantou e me levou para um abraço. Ela estava facilmente em seus setenta anos, e vestia um suéter cor de denim, calças combinando e sapatos ortopédicos brancos.

— Eu sou Grace, — ela disse, me empurrando longe o suficiente que ela pudesse estudar meu rosto, mas mantendo as mãos nos meus cotovelos.

— Oi. — eu não tinha certeza de como me apresentar a ela, mas King resolveu esse problema para mim.

— Esta é Doe.

— Que nome incomum. O que isso significa?

Eu olhei para King, e ele concordou. — Doe como Jane Doe[12], — eu disse a ela.

— Os seus pais adoram romances policiais, ou eles são hippies que tiveram seus cérebros fritos em muito ácido? Muitos desses tipos

[12] Um nome usado em registros oficiais para identificar um cadáver do sexo feminino não identificado.

peculiares por aqui. Embora eu nunca tenha te conhecido antes, então eu não acredito que você é de Logan's Beach.

— Eu não sei onde meus pais estão, senhora.

Grace olhou para mim interrogativamente e, em seguida, em King, que ainda estava de pé na porta. Ele deu de ombros.

— Você não vai crescer mais, — Grace repreendeu a King. — Venha aqui fora. Se sente. Tome uma bebida.

Grace acenou para King e me puxou para uma cadeira. Ela nos deu um copo do líquido verde do jarro de vidro sobre a mesa.

— Eu espero que você goste de mojitos! — exclamou ela, terminando sua bebida e se servindo de outra.

Eu tomei um gole. O gelo tilintou contra os meus dentes da frente. A bebida era ao mesmo tempo doce e amarga, mas sob o calor do sol do meio-dia, parecia celestial.

Felizmente, minha queimadura solar foi completamente curada, e eu não precisava mais me esconder na sombra. Nem me assemelhava a um tomate maduro.

King tomou o assento ao meu lado e do outro lado de Grace.

— O que você tem para mim? — Grace perguntou a King.

Ele riu e mexeu na cadeira. Ele tirou um pequeno saco de plástico preto do bolso e deslizou por cima da mesa.

— Obrigada, menino doce, — Grace disse, abraçando a bolsa contra o peito. Ela colocou sobre a mesa e se virou para mim. — Então, como é que você dois se conheceram? Me conte tudo.

— Hum... — eu não tinha ideia de como responder a ela, então eu comecei com a verdade. Enquanto eu falava, comecei a vomitar as palavras em proporções épicas, e eu não poderia impedir de cuspir da minha boca. — Bem Grace, nós nos encontramos na noite em que decidi me vender para uma refeição quente e um lugar para dormir. Eu estava prestes a chupar o pau desse cara quando ele percebeu que eu estava sendo leviana sobre a coisa toda e me jogou para fora. Então, minha amiga, que era uma prostituta, roubou algum dinheiro dele. Em seguida, ela atirou em mim, ou mirou, ou o que quer que ela pensasse em fazer. Então, ele encontrou a minha única amiga morta em um

quarto de hotel com uma agulha em seu braço, mas isso foi antes de eu escapar. Em seguida, ele matou o meu quase estuprador e me trouxe de volta à sua casa para um banho e uma conversa sobre como eu era agora posse dele e não tive uma escolha sobre isso.

Eu parei e olhei para Grace cujo copo foi pausado ar.

King limpou a garganta. — Ela veio para a minha festa de boas vindas. — era a verdade, mas ele estava deixando de fora todos os detalhes dignos de escolha que eu tinha contado a ela. Grace deixou seu copo na mesa e jogou a cabeça para trás numa gargalhada.

— Eu não acho que vocês dois poderiam ser mais bonitos juntos, — disse ela, ignorando tudo o que eu acabei de dizer a ela. — Estou tão feliz que você encontrou alguém, meu caro rapaz. Eu tinha tantas saudades tuas enquanto você estava fora, e eu rezava todos os dias que você iria encontrar alguém que te fizesse tão feliz como meu Edmund me fez. — Grace virou uma pequena faixa de prata em seu dedo anelar.

— Não estamos, — eu comecei, mas King pôs o braço sobre minha cadeira e me puxou para ele.

— Eu queria que você a conhecesse, — disse ele, correndo o polegar contra o lado do meu pescoço em um sinal de afeto inesperado.

Verdade ou não, minha pele ganhou vida sob seu toque aparentemente inocente, e eu tenho certeza que eu engasguei em voz alta porque os ombros de King sacudiram com o riso silencioso. Grace se levantou e contornou a mesa. Pausando acima de King, ela o beijou no topo da cabeça.

— Você fez esta velha mulher muito feliz, — Grace disse, enxugando uma lágrima de sob seus olhos. Ela fungou e juntou as mãos. — Eu vou começar o jantar. Doe, querida, você gostaria de me ajudar?

— Claro, — eu disse, me levantando da mesa.

Eu ainda não estava inteiramente certa porque nós estávamos lá, mas eu gostei de Grace, e de ter alguém além dos três amigos tatuados ao redor foi uma mudança agradável. Ela tinha esse jeitão de avó no momento em que ela abriu a boca. Eu ia aproveitar isso enquanto eu pudesse até que eu tivesse que voltar para a casa com o Sr. Mudanças De Humor.

— Eu tenho coisas no carro, — disse King, saltando para baixo fora do deck e desaparecendo em torno do lado da casa. Grace me levou até a cozinha e pegou ingredientes para a massa com almôndegas. Ela moveu um dos coelhos de pelúcia para que eu pudesse me sentar à mesa e picar legumes enquanto ela usava as mãos para misturar todos os ingredientes para as almôndegas.

— Como você conheceu King? — perguntei, cortando pimentão verde em uma tábua de corte. Eu usei a faca para limpá-los em uma tigela e comecei as cebolas.

— Ele não disse a você?

— Ele não diz muito, — eu admiti.

— Homem de poucas palavras, esse, — Grace disse calorosamente. — Eu conheço Brantley desde que ele era um estudante do ensino médio melequento. Ele tentou roubar meu jardim um dia. Ele não era um dia mais de doze anos.

— Brantley?

— Ele realmente não te diz nada, não é? — Grace me lançou um olhar de soslaio.

— O que você fez quando você pegou ele? — eu estava curiosa sobre como King iniciou um relacionamento com uma senhora três vezes sua idade.

— Eu dei uma surra nele, assim como minha mãe teria feito, baixei suas calças jeans e bati naquela pequena bunda branca pra enfiar algum juízo nele, — Grace disse, casualmente, enquanto ela enxaguava um tomate sob a torneira e secava com uma toalha de papel.

— Não, você não fez! — eu disse, meio em descrença e meio porque eu não podia imaginar esta pequena mulher dando uma surra em King.

— Sim, tenho certeza que fiz. Então, Edmund ligou para a mãe de Brantley, enquanto eu fiz o jantar, mas ela não atendeu. Edmund deixou uma mensagem, mas sua mãe nunca veio. Então, ele ficou para o jantar. Em seguida, ele passou a noite. Ele veio sobre todos os domingos desde então. Bem, todos os domingos que ele não foi envolvido em algo ou trancado na prisão. Nesse caso, nós fomos para ele.

— Você sabia que ele estava na prisão?

— É claro. Visitávamos ele todas as semanas. E quando meu Edmund morreu, aquele garotinho veio a seu funeral vestindo um smoking verde que ele comprou na loja de usados que era três tamanhos muito grandes. Eu ofereci para deixá-lo viver aqui milhares de vezes, mas aquele menino nunca foi do tipo que poderia ser contido. Ele optou por ficar lá fora, fazer o que ele faz, e ele vem para cuidar de mim e da casa as vezes .

— Então, você sabe... tudo?

Grace assentiu. — Não os pequenos pormenores, mas eu não sou uma mulher estúpida. Eu sei que meu menino não está exatamente andando no lado direito da lei. Mas eu sei que eu o amo como um filho, e ele me ama como sua mãe então isso é tudo que importa para mim. — Grace não se deteve quando ela continuou. — O amor é o que você faria para a outra pessoa, não o que você faz em geral. Não há dúvida em minha mente que ele jogaria sua vida por mim. Eu faria o mesmo sem hesitação. — ela abriu a geladeira e pegou uma tigela de pimentões verdes. — Eu também sei que tudo o que você disse lá fora, sobre como vocês dois se conheceram, é verdade.

— Por que você não disse nada? — perguntei.

Grace suspirou e desviou o olhar, imersa em pensamentos. — Havia este filme que eu assisti quando era uma menina. A imagem preto e branco sobre um cowboy que roubava trens. Eu nunca vou esquecer o final. Você vê, o vaqueiro se vira para a mulher que ama, depois que ela descobriu que ele era o ladrão de trem, e ele diz a ela que, embora ele tenha feito coisas horríveis, roubou do povo, matou pessoas, isso não significava que ele amava ela menos, ou que ele não era capaz de amar.

Grace fez sinal para eu pegar a tigela de salada e a segui para o deck. Eu coloquei a tigela sobre a mesa, e Grace dispôs os pratos e garfos. Quando ela terminou, ela me guiou até a grade e acenou com a cabeça para onde King estava em uma escada, substituindo uma lâmpada em um pequeno galpão no canto do quintal.

— O que eu estou tentando dizer, querida, e que eu acho que o vaqueiro estava tentando dizer o seu amor no filme, é que há uma diferença entre ser mau e estar sendo mal. Só porque ele era um menino muito ruim, isso não significa que ele não poderia ser verdadeiramente um grande homem. — eu estava rolando suas palavras

ao redor em meu cérebro quando ela acrescentou: — E Deus me ajude, menina, se você quebrar seu coração, e eu vou te cortar onde você está. Se eu estiver muito longe quando isso acontecer, certeza de que a morte não vai me impedir de acabar com você. — Grace sorriu como se não tivesse acabado de ameaçar a minha vida e me trouxe para outro abraço. — Agora, vamos pegar as almôndegas.

Grace pode ter sido uma coisa pequena, e ela definitivamente tinha a ideia errada sobre o que estava acontecendo entre mim e King, mas eu não tinha dúvida de que, se eu cruzasse a linha, ela iria realizar sua ameaça sem piscar de olhos.

King entrou no banheiro para lavar as mãos e, em seguida, se juntou a nós no deck. O sol estava começando a baixar quando notei os fios de luzes cruzando sobre nossas cabeças. Enquanto o sol se afundou mais baixo, as luzes ficaram mais brilhantes, até que parecia milhares de pequenas estrelas brilhando sobre a nossa refeição.

Nós comemos, e Grace fez mais do que falar. Ela frequentemente reabastecia meu mojito, e em um ponto correu para dentro para fazer outro jarro. Ela estava curiosa sobre mim e fez um monte de perguntas. Entre por almôndegas em minha boca, eu a enchia com minha história.

— Que bom que vocês têm um ao outro. — ela apontou.

— Ela não é minha namorada, Grace, — King disse, seus lábios apertados em uma linha reta fina.

Grace deu de ombros e tomou outro gole de sua bebida. — Edmund e eu tínhamos um casamento arranjado, você sabe. Sua mãe e a minha conspiraram juntas desde que ainda éramos pequenos. Os primeiros anos que estivemos juntos, eu não poderia estar com o homem, mas depois de um tempo, eu aprendi a amá-lo. Então, eu me apaixonei por ele e me senti assim até o dia em que ele morreu. As coisas nem sempre começam do jeito certo. É como elas terminam que é importante. Eu posso não ter amado Ed no começo, mas ele foi o amor da minha vida.

Grace teve a mais otimista, mais meio que distorcida, percepção de relacionamentos. Mas o que eu esperava? A mulher era um poço de contradição. Uma pequena coisa que bebia como um peixe e xingava

como um marinheiro. Já para não falar que a casa dela parecia um episódio de HOARDERS: RABBIT EDITION[13].

— Sem mencionar que o sexo era fantástico, — Grace disse, olhando para as luzes.

Eu cuspi um gole de mojito. Metade dele espalhou contra a camisa de King. Eu me preparei para a sua ira, lentamente levantei os olhos para os dele, mas não havia nenhuma. Seus ombros tremeram quando ele riu. Grace era direta e reta.

Eu ajudei Grace limpar enquanto King desapareceu no corredor. Eu ouvi a banheira correndo e pensei que talvez ele estivesse tirando o mojito de sua camisa.

— Grace, o que é com os coelhos? — eu perguntei a ela, a necessidade de saber. Ela sorriu e fechou a máquina de lavar louça. Ela girou o botão, e ele soou como o carro de Preppy explodindo.

— Ed costumava me levar para casa um coelho de cerâmica após cada viagem de negócios. — ela olhou ao redor da mesa. — Eu sei que é estranho, e eu sei que eles tomaram a casa. Mas cada um foi um momento que meu marido não estava comigo, mas ainda estava pensando em mim. — Grace olhou como se ela estivesse ficando cansada. Meu coração travou. Eu não estava esperando que a razão fosse tão sentimental, e eu odiava nunca ter pensado que ela poderia ter sido apenas uma senhora louca por coelhos.

— Eu vou terminar isso, Grace. Por que você não vai se deitar-se?

Ela assentiu com a cabeça e limpou as mãos no pano de prato pendurado de seu ombro. Colocando em torno da torneira, ela me trouxe para outro abraço. — Obrigada. Cuide do meu menino, você vai? Ele está tendo um momento difícil desde que saiu. Eu me preocupo com ele.

Eu não sabia como responder, então eu peguei o caminho covarde e fui com o que eu sabia que ela queria ouvir. — Claro.

Grace fez seu caminho pelo corredor onde ouvi uma porta abrir e depois fechar. Eu terminei os pratos e me sentei à mesa da cozinha por uma boa hora. Estava ficando tarde. Grace, obviamente, precisava ir para a cama.

[13] É um episódio que passa no Animal Planet.

Onde estava King?

Eu fui pelo corredor e parei diante de uma porta quando ouvi vozes falando em voz baixa. A porta não estava trancada, então eu empurrei um pouco, esperando que não rangesse. Espiando pela fresta, tive um vislumbre de King e Grace no espelho de uma cômoda grande ornamentada que tomava a maior parte do pequeno quarto. Grace estava sentada ao lado da cama com um pijama laranja brilhante e chinelos correspondentes. Seus pés não tocavam o chão. King se agachou na frente dela e levantou o que parecia ser uma espécie de cachimbo de vidro.

— Assim, — ele disse, acendendo o cachimbo que ele deu uma tragada e segurou em seus pulmões antes de soprar a fumaça. Em seguida, ele passou para Grace que fez o mesmo, olhando para King com confiança restabelecida. Quando ela exalou, ela começou a ter um ataque de tosse. King estendeu o braço dela enquanto ela ria e tossia ao mesmo tempo.

— Vou fazer isso toda vez? — perguntou ela quando ela foi finalmente capaz de gerenciar uma frase.

— Não, apenas nas primeiras vezes. — King garantiu a ela com um pequeno sorriso.

— Ótimo. Eu odeio tosse, — disse Grace.

— Você tem certeza que não há nada mais que você precisa? — ele perguntou.

— Eu sou uma senhora de idade, e uma moribunda e você ainda vêm para consertar minha casa e cuidar de mim como se eu ainda estivesse mais seis meses de vida. Você já fez muito.

— Não fale assim, — King repreendeu, apertando a ponte de seu nariz. Grace estendeu a mão, segurou as mãos de King na dela e as pôs no colo.

— Você é a coisa mais próxima de um filho que eu já tive, — ela confessou.

King olhou para o chão. — Você sempre foi mais de uma mãe para mim do que... *ela.*

O rosto de Grace ficou sério. — Só lamento não ter matado a cadela eu mesma.

Foi quando eu ouvi essas palavras que eu perdi meu equilíbrio e cai pra frente para o quarto, desembarcando em minhas mãos e joelhos na frente da cama.

— Ela é sempre tão graciosa? — Grace perguntou.

King beijou Grace no topo da cabeça e apagou as luzes. Eu dei a ela um pequeno aceno triste quando ele me conduziu para fora do quarto, fechando a porta atrás de nós. Ele apagou todas as luzes da casa e trancou a porta de correr. Assim quando chegamos à frente da casa, King parou e enfiou a mão no bolso, em seguida, colocou algo na borda da mesa no corredor. Eu dei alguns passos para trás para que eu pudesse inspecionar o que foi que ele tinha deixado para Grace. Quando eu vi, minha respiração ficou presa na minha garganta.

Era um pequeno coelho de cerâmica branca.

Capítulo dezoito

DOE

— Nós temos outra parada para fazer, — King declarou, perfurando um texto em seu telefone com o polegar quando chegamos de volta para o carro.

Eu olhei para ele, realmente olhei para ele como se eu estivesse o vendo pela primeira vez. O que eu vi foi um homem que quando você esquecia a intimidação e alteração de humor constante era alguém que estava cuidando de uma mulher que ele amava em seus dias finais. O homem que eu tinha começado a acreditar que era um monstro era capaz de amar.

— Por que você estava mostrando a Grace como fumar maconha? — perguntei.

— Ela parece bem, mas Grace sente um monte de dor. — King estremeceu. — Todos os medicamentos que lhe dão é um monte de besteira. Tudo deveria deixá-la confortável, mas ela fica realmente doente com eles.

— O que ela tem?

— Algum câncer agressivo. — as mãos de King apertaram ao redor do volante até que seus dedos ficaram brancos.

— Ela realmente só tem seis meses?

King parecia desconfortável, mas, eu senti depois de conhecer Grace que eu precisava saber mais sobre sua condição.

Ele apoiou o cotovelo em cima da borda da janela do lado do motorista aberto, pensativo, descansando seu queixo na parte de trás da sua mão. — Eles dizem seis meses, mas já me disseram para me preparar e dividir pela metade, porque eles geralmente exageram quando eles dizem quanto tempo lhe resta.

— Quem te contou isso?

— O médico dela.

— Oh.

Passamos quase vinte minutos em silêncio enquanto nós íamos para a nossa próxima parada, que era outro bairro residencial. Desta vez, quando King estacionou e eu agarrei a maçaneta da porta, ele me parou com o antebraço em meu peito.

— O quê? — perguntei.

— Nós não vamos sair.

Ele desligou o motor e se inclinou para trás em sua cadeira. Eu abri minha boca para perguntar por que, mas o olhar escuro em seus olhos disse que ele não estava a fim de conversa. Eu cruzei os braços sobre o peito, esperando que a razão pela qual nós estávamos lá apareceria sozinho.

Depois de alguns minutos, lá estava ele. Uma luz. Não da casa que estávamos estacionados em frente, mas a pessoa por trás dele. De onde nós nos sentamos, tivemos uma vista perfeita da parte de trás da casa e da marquise iluminada. Uma mulher alta com cabelo preto curto foi triando através de alguns brinquedos no chão, quando uma pequena menina loira apareceu.

King se sentou reto.

Nós podemos ter estado a uma centena de metros de distância da casa, mas eu reconheci imediatamente a menina pulando em seus pijamas.

— Essa é a garota de sua foto, certo? Ela é sua irmã? Você quer ir dizer oi? Vou esperar aqui se você quiser.

King permaneceu em silêncio, olhando fixamente para a menina até que a mulher encontrou o que estava procurando e a conduziu de volta para dentro da casa, apagando a luz. King olhou para a escuridão por muito tempo depois que eles estavam fora de vista.

— Eu não posso ir vê-la. Eu não tenho direito. Eu sou sua única família. Ela precisa de mim, mas ao juiz eu sou apenas outro criminoso. Eu nem sequer tenho direito à visitação. Eu fiz tudo que podia na prisão, contratei cada advogado que pude, mas não há nada que pudesse fazer para ajudar. Eu tive que subornar um funcionário para me dar o endereço de seu lar adotivo. É a única maneira que eu sei onde ela está.

— Eu sinto muito. — eu disse, e eu quis dizer isso. King sabia quem e onde sua família estava e ainda assim não podiam estar juntos. — Ela é realmente bonita.

— Ela é, — ele concordou. Ele girou a chave e começou a subir no caminhão. — Max.

— O quê? — perguntei.

— Max. Seu nome é Max.

— Abreviação para Maxine?

King sorriu e balançou a cabeça, virando para a estrada principal. — De Maximillian.

— Para uma menina? — eu enruguei meu nariz.

— Sim, e cale a boca. É o melhor nome de sempre, — King disse, ainda sorrindo. Havia uma ponta de orgulho em sua voz que eu não queria pisar. — Um nome forte para uma garota forte.

— É um grande nome, — eu disse suavemente.

— Sim é.

— Por que você me trouxe aqui? E pra ver Grace? — perguntei, usando o pequeno momento de vulnerabilidade para minha vantagem.

— Porque eu não sei o que diabos eu estou fazendo com você, pequena, — King confessou. — Você me deixa louco e eu sinto que eu não posso. — ele fez uma pausa. — A prisão me fodeu, me fez repensar as coisas, mas você conseguiu me foder mais do que a prisão já fez. Por alguma razão, eu quero você por perto. E desde que eu sou uma merda com palavras, eu percebi que a melhor maneira de você me conhecer, o eu real, era você conhecer as duas meninas mais importantes da minha vida.

— Oh. — eu mordi meu lábio. Eu não sei que tipo de resposta eu esperava dele, nenhuma resposta em tudo, mas o que ele disse me pegou de surpresa completa.

Ele me quer por perto?

— Eu estive em uma prisão de segurança máxima. Eu estive no pior das coisas. Eu tive que dormir com um olho aberto, pensando que minha próxima respiração poderia ser a última.

— Por que você está me dizendo tudo isso?

Ele se virou para mim e nossos olhos se encontraram. Ele estendeu a mão e correu as costas de seu dedo indicador ao longo da minha bochecha. — Porque eu quero que você saiba que nenhum desses filhos da puta me assustaram tanto quanto você faz.

O telefone de King tocou no porta-luvas e ele atendeu, me deixando com a boca aberta em choque.

— Sim, — disse King, segurando o telefone até sua orelha. — Filho da puta! Não, eu entendi. Fique onde está, e eu vou te buscar. Sim, eu sei. Tenho certeza. Entendi.

King jogou o telefone no meu colo e virou o volante do caminhão tão forte que eu juro que nós estávamos sobre duas rodas.

— O que está acontecendo?

— Uma última parada, — King disse rangendo os dentes. Quem quer que fosse do outro lado lhe tinha dito algo que ele obviamente não queria ouvir.

Depois de alguns minutos, nós paramos em frente de um pequeno bar com um sinal verde neon que brilhava o nome Hansen com um símbolo de um navio abaixo dela. Havia apenas alguns carros espalhadas no estacionamento de cascalho. King jogou o caminhão no estacionamento e saltou para fora.

— Fique aqui, — ele ordenou. Ele se inclinou para o estofado do caminhão e pegou algo fora dele antes de fazer seu caminho para o bar. King teve que abaixar para passar pela porta baixa.

Eu tinha visto três lados dele em um dia. O lado assustador louco obscuro como a merda. O sexy como o inferno que fez os meus joelhos tremerem com o menor olhar. E o lado que eu não achava que ele tinha, o lado que ele realmente se preocupa com alguém que não seja ele mesmo. Era bom saber que ele não era um misógino, afinal.

Houve uma comoção lá dentro. A porta do bar se abriu. Gritos de uma mulher seguiram King quando sua enorme sombra emergiu do bar.

Menos de uma hora atrás, ele estava ansiando para a vida onde ele poderia ter sua irmã. Pouco antes disso, ele estava ajudando sua amiga idosa encontrar alívio durante seus últimos dias.

Agora, ele voltou para o caminhão em passos largos, com um olhar explosivo com raiva em seus olhos escuros e perigosos. Não foi até que ele estava de pé sob a luz zumbido rua, que eu fui capaz de dar uma boa olhada nele.

King segurava um taco de beisebol de madeira firmemente em seu aperto. Manchas escuras foram salpicadas em frente a ele e do bastão, gotículas em seu peito e rosto. Quando ele se virou para colocar o bastão de volta para no caminhão, ele entrou totalmente para a luz, e minha respiração engatou.

Ambos, King e o taco de beisebol estavam cobertos de sangue.

* * * * *

King arrancou do estacionamento. Quando nós batemos na estrada, ele entrou na primeira saída e estacionou o caminhão sob um viaduto que estava em construção. Meu coração estava batendo no meu peito, rápido e pesado.

Baque. Baque.

Baque. Baque.

A luz da lua brilhava através da janela da frente, fazendo com que o sangue seco em sua testa parecesse brilhar.

— O que diabos aconteceu? — eu gritei, desafivelando meu cinto de segurança.

— Negócio, — disse King com nenhuma emoção discernível.

— Você está coberto de sangue! Matou... quem quer que fosse?

— Não, eu não fiz, mas ele vai pensar duas vezes antes de foder com a minha merda de novo.

— Quem era?

— Alguém que se enrolou com Isaac. Preppy descobriu que ele era o fofoqueiro que disse a Isaac sobre a nossa operação granny. Ele precisava aprender uma lição. Ele não precisa estar correndo a boca quando ele não sabe nada sobre merda. — King passou a mão sobre a cabeça. — Começar guerras que não precisam ser iniciadas.

— É isso que vai acontecer? Uma guerra? — perguntei. — O que nós vamos fazer?

— Não haverá uma guerra se eu puder evitar. Eu já estendo a mão para pessoas de Isaac, pedi uma reunião. Eu quero ficar na frente dessa coisa antes que fique pior. — King se virou para mim. — Você não vai fazer nada. Eu tenho isso. E você não deve se preocupar com nada. Eu prometo que nada vai acontecer com você. Eu disse que iria te proteger, e eu quis dizer isso.

— Você acha que eu estou preocupada comigo? O carro de Preppy literalmente explodiu. Bear vive na garagem a alguns metros de distância. Você tem um cara, um cara perigoso pelo que parece, atrás de você, e você acha que é COMIGO que eu estou preocupada? — eu bufei. — Quão egoísta você acha que eu sou, porra?

— Você está preocupada comigo, pequena? — King brincou, levantando uma sobrancelha.

— Não! Quero dizer, sim. Por que você é tão irritante? — eu gritei. King desligou o motor. — E por que estamos estacionados sob a...

King interrompeu o meu discurso, agarrando meus quadris e me prendendo para baixo até a parte de trás da minha cabeça pousou no banco.

— Eu amo que você se preocupe comigo, — disse ele, cobrindo meu corpo com o dele, sua boca desabando contra a minha. Seus lábios eram suaves e cheios, mas rígidos e carentes ao mesmo tempo. — Seus lábios são tão fodidamente sexy. Eu os imaginei em volta do meu pau mil vezes. — ele deslizou uma mão debaixo da minha camisa, segurando meu peito, o amassando com a palma da mão. — Eu amo a porra dos seus seios perfeitos. — seu joelho separou minhas pernas, e ele se estabeleceu entre eles. Seu pau duro descansou contra uma área que já estava quente e úmida com a necessidade. — Eu não posso esperar para estar dentro de você. — ele arrastou os lábios contra meu

pescoço onde ele lambeu, chupou e brincou enquanto ele rolou meu mamilo entre os dedos e se esfregou contra mim.

Eu arqueei as costas do assento. Cada toque enviou ondas de choque de necessidade ondulando através de mim, paralisando todo pensamento de resistência que já flutuava em minha cabeça.

— Me diga que você quer isso, pequena. Me diga que você quer isso tanto quanto eu, — ele arquejou contra o meu pescoço. Com um toque de seus dedos, ele abriu o botão da minha calça jeans e empurrou a mão para baixo até que ele encontrou o que estava procurando. Eu gemia quando ele chegou ao local já cantarolando da fricção de sua ereção. — Você está tão molhada. Você quer isso. Eu posso sentir isso. — ele usou minha própria umidade para esfregar círculos contra o meu clitóris. — Você está tão pronta para mim. Me diga que você quer que eu te foda. Me deixe ouvir você dizer isso.

Eu joguei minha cabeça para trás, incapaz de formar as palavras. Ele estava certo. Ele estava tão certo. Eu queria ele. Eu queria isso.

Talvez Grace estivesse certa quando disse que ele poderia ser tanto um menino mau como um bom homem. Um não necessariamente dita o outro.

Meu cérebro não poderia ter estado a bordo com a ideia, mas o meu corpo reagiu ao seu toque como se ele tivesse sido feito para ter prazer com ele, como se ele não conseguisse o suficiente. Como se eu fosse murchar e morrer sem ele dentro de mim. Eu gostava dele em cima de mim. Me tocando. Me querendo.

Não. Eu não gostei. Eu *amei*.

Eu adorava dormir com seu grande corpo ao meu lado. Eu amava o jeito que ele me fez sentir tão pequena. Eu amei a forma como suas narinas inflamavam quando ele estava prestes a me beijar, e depois, quando ele fez, eu adorava quando ele me beijava como se ele estivesse com raiva de mim. Como se fosse minha culpa eu ser tão desejável que ele só tinha que colocar seus lábios nos meus, suas mãos em mim.

King se sentou e eu tive que segurar minhas coxas juntas para afastar a dor que começou a construir no segundo que ele tinha me tocado. King chegou por trás dele, puxando sua camisa para cima e sobre a cabeça. Ele a jogou no chão.

Minhas mãos foram para seu peito porque não havia nenhuma maneira que elas não pudessem ir para lá. Ele estava brilhando com seu suor, suas respirações pesadas e coberto das artes mais fantásticas. Me inclinei para cima e lambi seu mamilo.

Ele gemeu e pegou meu cabelo, forçando minha cabeça para trás. Seus lábios voltaram aos meus. Sua língua deslizou dentro e fora da minha boca, se movendo em sincronia com a minha. Ele balançou contra mim, e eu já não sentia como se meu corpo fosse meu.

— Eu preciso ouvir você dizer isso, pequena. Diga que você quer isso, e ele é seu. Me diga você me quer, — King ofegava.

Ele empurrou meu jeans e a calcinha para baixo sobre a minha bunda. Ele tinha chegado de joelhos quando ele se inclinou, achatando sua língua contra o meu clitóris. Eu quase pulei para fora do caminhão com a sensação, mas finalmente parei quando ele me segurou por minhas coxas. Uma e outra vez, ele me lambeu e me chupou. Sua língua empurrou dentro de mim. Se ele não estivesse me segurando, eu teria esmagado sua cabeça com as minhas pernas.

Ele não só estava me lambendo para me fazer gozar.

Ele estava me beijando lá como ele estivesse beijando meus lábios, minha boca. Ele estava fodendo minha buceta.

A pressão começou a construir no meu estômago e me contorcia sob ele, pedindo à liberação que eu precisava.

King murmurou algo que eu não conseguia distinguir quando me aproximei do limite. Eu estava prestes a saltar para o orgasmo mais surpreendente quando de repente ele se foi, e o ar fresco da noite roçou todas as partes de mim que ele deixado ensopadas.

De repente, fiquei muito consciente de que eu estava deitada lá com as minhas pernas abertas, minha nudez totalmente exposta a ele. Minhas bochechas coraram.

— O que há de errado? — perguntei, sem fôlego como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

King se recostou na poltrona. Diferente de sua furiosa ereção lutando contra a frente de sua calça jeans, ele parecia completamente afetado por aquilo que tínhamos quase feito.

— Eu não vou foder você a menos que você me diga que você me quer. Se você não pode dizer as palavras enquanto eu tenho a minha língua em sua buceta, então não é algo que você realmente quer. Eu te disse antes, quando eu te foder, vai ser porque você quer isso tanto que você vai implorar.

— Quando você me tocou, — eu disse lentamente, — não parece que eu queria? Não parecia que eu queria que você?

King balançou a cabeça.

— Seu corpo me quer. Assim como meu corpo quer você. Mas se você não pode dizer as palavras, há um problema subjacente. No que você se envolveu que você não pode me dizer que você me quer quando você está obviamente prestes a gozar pra mim? — King se inclinou, colocando uma mecha de cabelo atrás das orelhas. — Você ainda está com medo de mim?

Meus olhos dispararam para os seus. É isso o que ele pensou? Claro, ele era assustador como merda, e em um ponto, eu temia pelo que ele pudesse fazer comigo. Mas, ele não me machucou. Ele não fez nada, além de me dar um lugar para ficar e comer.

Por causa dele, eu encontrei um amigo como Preppy.

Por causa dele, eu estava vivendo em um estado de equivalente bolas azuis femininas.

— Não, — eu respondi honestamente. — Eu estava. Quero dizer, pode ser uma responsabilidade muito grande.

— Sim, eu sei. — ele olhou para sua ereção.

Lambi meus lábios imaginando qual seria o gosto em minha boca.

— Não, — ele gemeu. — Você não vai ficar me olhando assim. Precisamos ter essa conversa. Se você continuar olhando para mim desse jeito, qualquer decisão de parar vai desaparecer, e eu vou dobrar você sobre o capô deste caminhão e te comer até o esquecimento. — suas palavras enviaram um espasmo para a área ainda pulsando de desejo. Eu quase gozei ali no caminhão sem ele mesmo me tocar. — Então o que é? O que está prendendo você, se não sou eu?

Apertei meus olhos fechados. — Não é você. Sou eu.

— A mesma frase de merda.

— Não, você não entende. Eu apenas não estou tomando decisões por mim mesma. Eu tenho que pensar sobre ela, também.

— Pequena, eu gosto de um bom trio, tanto quanto qualquer cara, mas eu não vejo ninguém no caminhão com a gente. Quem, exatamente você está se referindo?

— Você sabe que eu não me lembro de nada antes do Verão, antes de acordar, sentindo como se eu tivesse acabado de ser colocada através de um moedor de carne.

King acenou com a cabeça, me arrastando mais perto de modo que nossas coxas se tocaram. Fechei os olhos e foquei no que eu estava tentando dizer a ele, em vez da sua coxa dura me fazendo minha espinha formigar.

— Vá em frente, — insistiu ele, suavemente beijando meu maxilar, arrastando seus lábios atrás da minha orelha.

— Eu não vou ser capaz de falar, se você continuar fazendo isso.

— Sim você vai. Continue. Estou ouvindo.

Minhas entranhas se apertaram, e eu cuspi o resto da minha história ao ser atacada pelos lábios de King em mim.

— Bem, eu me refiro à pessoa que eu era antes, quando eu tinha uma memória. Alguém completamente diferente, porque isso é quem eu era. Uma pessoa diferente.

— Chegue ao ponto, porra. Porque se você não tiver um no minuto seguinte, eu vou colocar meu pau em você. Antes de eu fazer isso, porém, eu vou deixar você me levar em sua boca e lhe dar um gostinho porque eu sei que é o que você estava pensando agorinha.

Mais uma vez, eu fechei os olhos e tentei me concentrar quando King me levantou pela cintura e me sentou no seu colo para que eu estivesse cima dele com as minhas costas no volante. Nesta posição íntima, não havia lugar para eu me esconder. Apesar de seu pau duro estava balançando contra mim, eu tive que deixar de lado os pensamentos dele afundando em mim, a fim de terminar a minha história.

— A questão é que eu não posso fazer qualquer coisa que poderia ser potencialmente uma mudança de vida, porque não é apenas a minha vida que eu tenho que pensar. Eu tenho que considerar que um dia todas as minhas memórias, tudo o que sou e tudo o que eu era, vai voltar para mim. Isso pode nunca acontecer, mas não posso assumir o risco. Devido à possibilidade de que isso poderia acontecer está lá fora. Nesse dia, quando eu me tornar ELA novamente, vou ter que lidar com todas as coisas que eu fiz quando eu não sabia quem eu era. É por isso que eu acho que o seu trabalho artístico é além de incrível e eu imaginei você criando algo para mim desde que eu vi você tatuando pela primeira vez, mas eu apenas não posso fazer isso com ela. E se ela odiar? E se ela é moralmente contra tatuagens e eu a deixar com algo que ela não pode se livrar? É por isso que, embora meu corpo queira você, e eu quero você, não importa. Porque a pessoa que você vê na frente de você é apenas temporária. — King recuou e agora estava olhando nos meus olhos enquanto eu falava. — Eu não posso evitar me derreter em você quando você me toca, mas eu não posso fazer isso com ela. E se ela tem um namorado, um noivo? E se estar com você significa arruiná-la?

Eu funguei. Lágrimas brotaram e estavam prestes a derramar dos meus olhos. King me puxou em direção a ele com uma mão na parte de trás do meu pescoço, e assim como eu pensei que ele ia me beijar de novo, ele virou meu rosto e lambeu meu rosto, enxugando minhas lágrimas com a língua.

— E se ela for virgem? — eu sussurrei.

King lentamente me deslocou de seu colo e me colocou de volta no banco do passageiro.

— Eu não tinha pensado nisso, — disse ele em voz baixa. — E enquanto eu estou tão chocado, estou incrivelmente excitado com a ideia de ser o primeiro dentro dessa buceta de vocês, eu sinto que é necessário apontar os buracos em sua pequena teoria sobre a pessoa que você era, antes de você vier tropeçando em minha vida.

— Quais são esses buracos? — perguntei.

— Em primeiro lugar, a sua teoria de virgindade. Quem se importa com essa porra? Se a memória voltar e você voltar a uma vida em que eu não estou por perto, pelo menos você vai ter o suficiente de memórias incríveis para durar enquanto você finge orgasmos com qualquer idiota que você está.

— Por que ele é um idiota?

— Confie em mim. Um cara que permite que você vá para longe e não tem te encontrado até agora, se ele está mesmo olhando por você em tudo, é um maldito idiota. Eu nem gostava de você primeiro. Na verdade, eu francamente te odiava, e eu ainda não queria você mais do que dez metros longe mim. Nem meu pau.

Estremeci. — E o próximo buraco na minha teoria? — minha voz estava tensa.

— Tatuagens. Quem não gosta de minha arte pode chutar pedras.

— É simples assim?

— Sim, é simples assim, — afirmou categoricamente. Então, seu rosto ficou sério. — É muito simples, mas não por causa de um cara que pode ou não estar lá fora, ansiando por você ou com medo que você vá se arrepender de me deixar te foder ou tatuar você. — King traçou uma linha na parte de trás da minha mão para o topo do meu ombro como se estivesse criando uma tatuagem imaginária. — É tão simples, porque você não pode viver sua vida para alguém que você *pode* ser. Então, e se suas lembranças voltam e a pessoa que estava antes vier com eles? Ela só vai ter que lidar com o fato de que você estava aqui quando ela não estava. Deixe a sua marca enquanto você ainda pode, pequena.

— Você faz isso parecer tão fácil.

— Isto é.

— Não é. Eu só... Eu não posso, — eu respirei. Eu não seria capaz de viver comigo mesmo sabendo que eu não estava protegendo ela.

— Você fez uma promessa que você iria me proteger. Bem, eu fiz uma promessa que eu iria a proteger, — eu disse, minha voz quase um sussurro.

— Você já pensou que quem você é agora é exatamente a pessoa que você é suposta ser? Que talvez com essa limpeza de influências que você é agora mais você mesma do que nunca? — ele perguntou, cada ponto que ele estava tentando fazer que ele ficava mais alto.

— Não. — eu não tinha pensado nisso. King tinha um ponto. — Mas viver a vida pensando que a verdade era um jogo que eu não estou

disposta a jogar. — eu olhei para o chão e desejei que se abrisse e me sugasse para dentro dele.

— Então, me deixe ver se entendi. Você estava disposta a foder motoqueiros aleatórios, mas você não pode ficar comigo? — havia uma sugestão de crueldade em sua voz. Se suas intenções eram que emputecesse, funcionou.

— Isso é um golpe baixo.

Mas King continuou como se eu não tivesse interrompido. — Então, eu sou igual a eles para você? Assim como um motoqueiro que você não quer foder e acabar chupando?

King virou a chave e ligou o caminhão, puxando de volta para a estrada.

— Não, você não é como eles em tudo, — eu sussurrei, sem saber se ele me ouviu.

— Como é que você pode me ver como pior do que eles, quando eu sei que você me quer? Eu posso sentir isso. Não negue isso. Porque é besteira, e você sabe disso. — King olhou para frente para a estrada. Ele ligou o rádio até que Johnny Cash estava cantando tão alto que sacudiu meus tímpanos. As lágrimas nos meus olhos transbordaram em minhas bochechas.

Me encostei à janela e abracei meus braços ao meu peito. As luzes e sinais borravam quando nós passamos pelas luzes coloridas da estrada.

— Você está certo. Você é muito pior do que eles, — eu sussurrei, sabendo muito bem que King não podia me ouvir sobre a música. — Porque com eles, não doeria tanto.

Capítulo dezenove

DOE

King não tinha vindo para a cama em dias. Eu ainda ajudei à noite em seu estúdio, mas a nossa conversa nunca escalava para algo mais do que ele latindo ordens para mim.

No sábado de manhã eu tinha encontrado uma caixa sobre o balcão da cozinha com uma nota dirigida a mim. O cartão dizia:

PARA NOSSO ENCONTRO. ESTEJA NA VARANDA AS OITO - PREPPY

Nosso encontro? Por que iríamos sair em um encontro? Dentro da caixa havia um vestido preto sem alças e um par de saltos correspondentes.

Preppy fez certeza que eu tivesse um monte de jeans e tops para usar em uma base diária. Ele até parou em uma loja e me deixou escolher algumas roupas íntimas e coisas um dia, mas eu não tinha nada parecido com isso.

O relógio marcava apenas dez horas. Fiquei desapontada que eu teria que esperar tanto tempo para colocá-lo.

Às oito horas em ponto, eu estava andando inquieta, arrastando a bainha do meu vestido novo. Eu gastei horas tomando banho, me depilando e secando meu cabelo. Eu estava além de pronta, emocionada de estar fazendo algo novo e grata pela distração.

Eu não tinha ideia do que Preppy tinha nas mangas.

— Você está pronta, Doe? — ele perguntou, pulando para fora da porta sob a escada.

Ele passou o braço por cima do meu ombro e me levou na direção do caminhão de King, que já estava estacionado em frente. — Eu gostaria de poder te levar em meu carro. Mas você sabe, a porra explodiu, — disse ele amargamente.

Sua camisa de manga curta de costume tinha sido trocada por uma de botão e mangas compridas azul escuro que ele usava para fora da calça ao longo de um par de calças jeans escuras. Sua gravata borboleta habitual estava cuidadosamente no lugar. Ele cheirava como se tivesse acabado de sair do chuveiro. Como sabão e creme de barbear.

— Fez a barba? — perguntei. Sua barba parecia tão longa naquela manhã.

— Huh? — ele perguntou, olhando para mim.

— Você cheira como creme de barbear, mas você ainda tem a barba.

— É um encontro, baby. Eu me depilei no caso de eu ter sorte.

Eu ri. — Você não está tendo sorte.

— Eu sei. King iria me matar, e eu gosto da minha vida. Então, eu acho que nós vamos deixar isso para fora da mesa. Por enquanto. — ele piscou. — Além disso, você pode não deixar meu pau molhado, mas talvez alguém vai ter pena de mim quando a noite acabar e me deixar ter isto.

Eu ri pelas suas palavras grosseiras.

— Você está bonito, — eu disse. Se eu não o conhecesse, eu diria que Preppy realmente corou.

— Obrigado. Mas esta noite, eu não sou Preppy.

— Você não é? — perguntei. — Então, quem é você exatamente?

— Não, este é um encontro. Portanto, esta noite, você pode me chamar de Samuel. Eu diria que você parece bem, também, mas você parece muito mais do que agradável. Eu diria...

Preppy deu um passo para trás e deslizou a mão pelo meu braço, para bloquear os dedos em volta do meu pulso. Ele, então, levantou meu braço e me girou lentamente para me avaliar. Meu rosto corou de vergonha quando eu notei que ele estava olhando para minha bunda.

— Gostosa. Você é gostosa, menina. Panquecas te fizeram um bom corpo. Bom pra caralho na verdade.

— Obrigada. — eu senti meu rosto corar. — Eu desejo que você possa me chamar pelo meu nome verdadeiro, também, mas eu não sei...

O rugido de uma moto abafou as minhas palavras. Nós dois nos viramos em direção ao barulho. King parou no cascalho e estacionou uma moto preta brilhante ao lado de uma das estacas da casa. Foi a primeira vez que eu o vi dirigir qualquer coisa diferente de seu caminhão velho. Ele saiu de sua moto e arrancou o capacete da cabeça, o jogando no chão enquanto ele pisou em nossa direção com passos furiosos. Suas sobrancelhas franzidas, e os punhos cerrados ao lado do corpo. Seus olhos firmemente fixos em mim quando ele se aproximou, me olhando de cima e abaixo e, em seguida, para onde Preppy ainda estava segurando minha mão.

Meu coração batia em um ritmo desigual quando ele se aproximou. Minhas mãos começaram a suar. Eu gessei um sorriso falso no rosto.

— Onde diabos você conseguiu isso? — King gritou, apontando para o meu vestido. Seu olhar correu para trás de mim para Preppy.

Preppy sorriu e soltou minha mão. Mais uma vez drapeando seu braço sobre meus ombros, ele me puxou para o seu lado.

Os olhos de King se arregalaram com o gesto, e eu tinha certeza de que ele ira perfurar um ou ambos de nós. Preppy, no entanto, não parecia afetado pelo estado de espírito de King.

— Vamos pintar a cidade de vermelho, chefe, — Preppy respondeu friamente. — Como é que estamos?

Alguma coisa nessa pergunta me fez pensar que ele estava incitando King.

— Ele me comprou o vestido, — acrescentei, um pouco envergonhada que King, obviamente, não gostou. Era sem alças e apertado. Mostrando as curvas que eu tinha desenvolvido nos dias que eu estava enchendo meu rosto.

— Porra, não, você não vai. Eu mudei de ideia, — disse King, dando um olhar mortal a Preppy nos olhos. — Você vai levar a porra do seu rabo de volta em casa antes de eu colocar a porra de uma bala em seu crânio. Isso é o que você vai fazer, porra.

— Por que não? — me ouvi perguntar antes que eu tivesse tempo para registrar o fato de que eu tinha também me soltado de Preppy e dei um passo para King. Ele veio para frente, também. Nossos pés tocaram nos dedos um do outro. Desde que eu era muito mais baixado que ele, eu tive que olhar para cima para encontrar o seu olhar de desaprovação.

— Porque eu disse assim, pequena, — King rosnou, suas narinas dilatadas.

Seus olhos verdes habituais estavam agora brilhando como piscinas negras de raiva. Havia uma dureza de suas feições que sugeriu esta era uma luta que eu nunca seria capaz de vencer.

Isso não significa que eu não ia tentar.

— Eu estou aqui porque eu não tenho quaisquer outras opções! Eu entendo que você está com raiva de mim, ou que você me odeia. Eu entendo. Mas eu só queria fingir por uma noite de merda que eu sou uma garota normal em uma encontro normal em um lugar normal!

Assim quando eu me virei para voltar para a casa, King agarrou meu cotovelo e me virei, ele inclinou meu queixo para cima.

— Fique. Aqui, — ele ordenou, com o rosto ainda duro e com raiva. — Você. — King apontou para Preppy. — Vamos conversar. *Agora.*

Ele apontou com o queixo para a casa, me soltando quando ele começou a subir os degraus e bateu a porta atrás dele. Preppy parecia divertido, embora eu não tenha certeza de como ele poderia ter estado com King tão puto.

— Desculpe, querida, — Preppy disse com um sorriso. — Talvez, outra vez? — ele subiu as escadas, tomando dois ao mesmo tempo. Eu pensei em segui-los, mas eu não queria provocar King ainda mais.

Passei os próximos dez minutos esperando na varanda, me perguntando se eles tinham matado um ao outro, porque eu não tinha ouvido nada lá dentro. O sol se pôs sobre as árvores, então eu fiquei sob a segurança da luz da varanda. Eu logo me cansei de ficar em pé. Minha bunda mal tinha tocado o degrau quando a porta se abriu, e King veio pulando para fora. Dei um pulo e segurei no corrimão para não cair.

— Vamos, — disse King, estendendo a mão para mim. A raiva ainda permanecia em seu rosto, juntamente com um pouco de confusão.

— Ir? Ir para onde? — perguntei.

— Em um encontro. — suas sobrancelhas franziram novamente como se a minha pergunta o confundisse.

— Com você?

King acenou com a cabeça. Desde que sua mão ainda estava estendida para mim e que eu tinha feito nenhum movimento para levá-la, ele estendeu a mão e agarrou a minha. Foi quando eu olhei para ele, eu quero dizer *realmente* olhei para ele.

Ele estava de banho tomado e cheirava como se tivesse acabado passar colônia. Ele usava calça jeans escuros habituais e uma camiseta preta justa. Sua barba ainda estava lá, mas bem aparada. É incrível o que ele tinha feito nos dez minutos que ele me deixou aqui fora.

— Comigo, — ele confirmou, lentamente passando os olhos sobre o meu corpo. Seu olhar queimou dentro de mim.

— O que aconteceu com Preppy? — King endureceu.

— Ele não está mais disponível, — King cuspiu, obviamente, finalizando a questão.

— Oh, — eu disse, olhando para os meus pés.

— Porra. Esqueça. Foi uma ideia estúpida de qualquer maneira.

— O quê? Não, eu só... isso foi tudo ideia de Preppy de qualquer maneira.

— Cale a boca, — disse ele, silenciando meu discurso. King puxou minha mão e me levou até sua moto. Ele me entregou um capacete e montou no assento. Ele girou a chave e ela veio rugindo para a vida. Ele se virou e apontou para o espaço atrás dele.

Eu gritei sobre o motor, — Eu estou usando um vestido!

King pegou minha mão e me puxou em sua direção. — Eu acho que nós sabemos até agora que você sabe como ficar em cima, então suba. — eu apertei minhas coxas juntas, tentando levar a memória da noite em seu caminhão à distância.

— Por que não podemos simplesmente pegar o caminhão, ou podemos caminhar. — Eu sugeri.

King me olhou. — Pequena?—

— Sim?

— Suba na porra da moto.

— Você é realmente é um babaca, você sabe disso? — eu pontuei minhas palavras, cavando meu dedo indicador no peito dele. King sorriu desagradavelmente. Eu não queria um sorriso, eu queria uma briga. Eu estava começando a pensar que ia durar.

— Levou tempo suficiente. — ele disse, agarrando meu dedo.

— Tempo suficiente para quê?

— Para descobrir que eu sou um idiota. Agora, suba na porra da moto.

— Vá se foder, — eu cuspi.

King desceu da moto e andou na minha direção. Ele tirou o capacete das minhas mãos e o empurrou para minha cabeça. Meu cabelo estava preso nos meus olhos e eu estava momentaneamente desorientada. King tomou vantagem disso, me pegando e me colocando sobre a moto.

Eu gritei no meu capacete, e antes que eu pudesse protestar e saltar, estávamos em movimento. Minhas opções eram então limitadas a agarrar King ou voar para fora da parte traseira de sua moto.

Relutantemente, eu passei meus braços em torno de sua cintura.

O que eu realmente queria era embrulhar as mãos em torno de sua garganta.

Nós dirigimos pelo que parecia ser apenas alguns minutos, mas na realidade era mais como uma metade de uma hora. O ar da noite normalmente estagnado e úmido soprava fresco em torno de nós enquanto a moto pressionava em frente para a noite.

Meu queixo caiu, e meu coração acelerou quando as luzes de néon vieram à tona.

Parque de diversão.

King tinha me trazido para um parque de diversão.

A roda-gigante em cima parecia tão perto que eu achei que pudesse levantar minhas mãos para o ar que eu poderia ser capaz de tocar um dos carrinhos balançando.

Quando King parou a moto no estacionamento gramado, meu corpo ainda estava cantarolando a partir das vibrações do motor. Na minha emoção em estar em um parque de diversão de verdade, eu pulei da moto rapidamente, pastando minha panturrilha em um dos canos quentes.

— Merda, merda, *merda*! — gritei, saltando ao redor em uma perna.

King colocou seu capacete para baixo e deu a volta para onde eu estava pulando e fazendo uma careta de dor. — Venha aqui, — disse ele.

Eu ainda estava com raiva, o passeio de vinte minutos e na hora de descer eu me machuco. Eu ignorei seu pedido e se inclinei para inspecionar os danos na minha perna.

King balançou a cabeça e se aproximou de mim, me pegando sob meus ombros e me colocando em cima de uma mesa de piquenique nas proximidades. — Você precisa aprender a fazer o que te manam, — ele disse, levantando minha perna para inspecionar a queimadura.

Eu bufei. — Me pegar e me jogar por aí é desnecessário, você sabe.

King inclinou e gentilmente soprou sobre a queimadura, enviando arrepios quentes pela minha espinha. Eu estava muito consciente de que o vestido que eu usava tinha montado até minhas coxas quando ele me pegou. Eu o peguei olhando para a tela branca exposta entre as minhas pernas.

— Então, faça o que te mandei pelo menos uma vez. — ele então começou a me inspecionar completamente. — Não é uma má queimadura, — disse ele, mas eu mal podia ouvi-lo sobre a memória de seu sopro contra a minha pele.

— Eu pensei que você não fazia a coisa gentil, — eu provoquei.

King me ajudou a por o meu pé de volta no chão e pegou a minha mão.

— Eu não. — ele se virou para o portão, me puxando atrás de si como para provar seu ponto.

King pagou nossos bilhetes, e entramos por uma roleta. Uma vez lá dentro, minha criança interior ganhou vida, e minha raiva foi temporariamente esquecida. Luzes de néon, música de parque de diversão, milho cozido e stands de algodão doce.

Era tudo o que eu sempre quis em um primeiro encontro. Bem, pelo menos o meu eu atual queria. Eu puxei minha mão da mão de King, mas ele me agarrou novamente e segurou minha mão com mais força, me puxando para mais perto para o seu lado.

— O que você quer fazer primeiro, pequena?

— Tudo. Eu quero fazer absolutamente tudo! — estiquei o pescoço para dar uma olhada melhor na roda gigante.

— A roda gigante por último, — disse King, me empurrando em direção à linha de jogos.

Quando nós nos movemos mais e mais no meio da multidão, o nível de ruído em torno de nós aumentou dez vezes. Um grupo de crianças passou zunindo por nós, deixando gargalhadas em seu rastro.

Os trabalhadores do parque de diversão gritava os nomes de seus jogos e anunciando como era fácil de ganhar um dos prêmios, os grandes bichos de pelúcia eles sustentavam.

King parou em um jogo onde o objetivo era atirar água de uma arma na boca de um hipopótamo, a fim de mover o hipopótamo acima da escada. Quem disparou sua arma mais constante e levasse o bebê hipopótamo ao topo o mais rápido era o vencedor.

— Quer?

— Claro, — eu respondi, mal conseguindo conter a minha emoção. Eu saltei para cima na ponta dos meus pés.

— Dois, — disse King Ele tirou um clipe de dinheiro do bolso e arrancou algumas notas, entregando ao homem que controlava o jogo. King tomou um assento em um dos banquinhos de couro rasgado, e eu tomei um assento de alguns bancos.

— Com medo de sentar perto de mim? — perguntou King.

— Não, mas você é enorme e os bancos são pequenos. Eu não quero esbarrar em seu braço e perder só porque você não treinou em três anos. — eu fechei um olho e preparei minha pistola de água.

King balançou a cabeça: — Essa sua boca, — disse ele. Existem várias maneiras que eu poderia ter tomado essa afirmação, mas eu não tive tempo para pensar sobre isso, porque eu tinha um jogo para ganhar.

— Eu estou te avisando. Eu sou realmente bom neste jogo, — disse King para mim.

Ele estava brincando?

— Competição, é? — perguntei, mantendo meu foco em frente.

— Oh, pequena. Você não tem ideia.

A campainha tocou, e o cara gritou: — VAI!

Eu apertei o gatilho. Água pulverizava para fora da minha arma e diretamente sobre o alvo. Meu hipopótamo pequeno subiu a escada, e tão rapidamente como tinha começado, o jogo tinha acabado. Eu olhei para King, que estava sentado para trás sorrindo. Por que ele estava sorrindo? Eu fui à única que venceu.

— Vencedor! Vencedor! — fritou o cara quando ele soltou um enorme veado de pelúcia do topo da tenda e entregou a King, que recebeu o prêmio e, em seguida, começou a se afastar.

Ele ganhou? Como isso era possível?

— Ei! — gritei, correndo atrás dele. — Por que você recebeu o prêmio? Eu ganhei. Meu hipopótamo estava tão à frente de seu que eu nem sequer vi o seu mover. — King parou.

— Pequena, você não viu meu hipopótamo subir porque eu terminei antes mesmo de começar. — ele estava sorrindo. Um genuíno, sorriso, digno de desmaiar que chegou a seus olhos. Ficava bem nele.

Não, ficava BEM demais nele.

— Você tem que estar brincando comigo! — gritei.

— Competição, é? — perguntou King, zombando de mim. — Eu disse que eu era bom nesse jogo.

King parecia como qualquer outro jovem que estava levando uma garota para sair em um encontro. Bem, qualquer outro de um metro e

noventa e uma parede tatuada de músculo que parecia que poderia ser um modelo de cuecas.

Eu gostei do King brincalhão.

Eu gostava muito dele.

— Você deve ter jogado esse jogo antes, — eu fiz beicinho. — Vantagem injusta.

— Sim, eu vou te dar isso. Este parque chegou aqui desde que eu era criança. Preppy e eu costumámos nos esgueirar na parte de trás. Por lá. — King apontou para um portão em uma cerca de arame com um enorme cadeado a mantendo fechada. — A gente roubava milho das barracas de comida, diretamente da fritadeira. Embora o cadeado acontecesse somente depois que eles descobriram como conseguíamos entrar.

Eu sabia que Preepy e King eram melhores amigos, mas esta foi a primeira vez que eu tinha ouvido alguma história da infância deles juntos.

— Vou te dizer o que, — King começou. — Como este é um encontro e tal, e caras costumam dar aos respectivos encontros seus prêmios, eu vou deixar você ter o meu veado. — ele estendeu o bicho de pelúcia.

Eu não sabia se ele estava brincando comigo. Se eu não soubesse como lidar com o intratável King, eu certamente não sabia como lidar com o agradável e brincalhão King.

Agarrei ele para fora de suas mãos como se estivesse indo reconsiderar a sua oferta, e eu o dobrei firmemente debaixo do braço. King riu.

— O que é tão engraçado agora? — perguntei.

— Doe... segurando um veado[14]. — Ok, ele me pegou nessa. Eu segurei minha mão sobre minha boca para conter o meu riso.

Pelas próximas horas, jogamos cada jogo que o lugar tinha para oferecer.

Eu ganhei nenhum deles.

[14] É porque Doe é um animal parecido com o veado.

King me entregou cada um de seus prêmios. Logo, eu já não tinha mais espaço no braço para levá-los.

— Eu não acho que nós podemos jogar mais, — eu disse a ele, apontando para a pilha enorme de brinquedos baratos até o queixo.

O sino soou para um dos jogos, e eu estava prestes a ir embora, quando King me parou. — Não, espere um segundo.

Vimos como um menino minúsculo tentou três vezes ganhar um prêmio contra dois adolescentes muito mais velhos. Depois de um minuto o pai do rapaz o chamou de lado. — Isso é o suficiente, Sam. Podemos tentar novamente outra hora.

— Mas eu queria o jacaré de pelúcia, — o menino reclamou.

— Você vai ter. Talvez, no próximo ano, quando você for um pouco maior. — o pai sorriu.

King arrancou um pinguim de pelúcia dos meus braços e se aproximou do garoto e seu pai, que estavam andando longe do jogo, lábio inferior do rapaz definido em um beicinho. Lágrimas brotando dos seus olhos.

— Com licença, — disse King, tendo a atenção deles. O pai pareceu alarmado e puxou o filho em sua perna.

King ignorou a reação do pai e se abaixou para o menino, segurando o pinguim. — Eu sei que não é um jacaré, mas pinguins são tão legais. Por uma questão de fato, eles são mais frios. Eles vivem na neve, e eles é a única ave que não voa. Você sabia disso?

— Não, eu não sabia disso, — disse o menino, com um polegar na boca.

— Eles também deslizam suas barrigas no gelo.

— Legaaal, — disse o menino, olhando para o pinguim.

— Agora, cuide bem dele, ok? — o garoto balançou a cabeça e levou o pinguim.

— Obrigado. — o pai do garoto murmurou a King.

Ele balançou a cabeça, e eles desapareceram no meio da multidão.

King fez seu caminho de volta para mim. — Você é a próxima, — disse ele enquanto ele se aproximava.

Ficamos parados por trás dos jogos e demos os meus prêmios para as crianças que perderam os seus jogos um por um até que tudo que eu tinha era o veado que King tinha me dado primeiro.

Nós comemos algodão doce. Nós comemos milho. Nós comemos Oreos fritos. Nós rimos como crianças. Nós montamos em um que você bloqueava para os lados e ele girava, e dez minutos mais tarde, eu pensei que toda a comida iria voltar.

— Aqui, — disse King, empurrando um copo na minha frente. — Grace diz que um ginger ale[15] é o melhor remédio para uma dor de estômago.

Tomei um gole lentamente da bebida borbulhante, e eu comecei a me sentir melhor quase que instantaneamente. King agarrou meu copo e deu alguns passos para atirá-lo no lixo quando notei uma mulher nas proximidades admirando ele.

Olhei em volta, e parecia que toda mulher na feira, se ela estava com um homem ou não, estava despindo King com seus olhos.

— Elas têm que fazer isso? — eu murmurei sob a minha respiração.

— Será que ela tem que fazer o quê? — perguntou King.

— Todas as mulheres tem que olhar para você como se elas quisessem saltar em seus ossos? — eu zombei.

King colocou um braço em volta de mim. Seus lábios roçaram meu ouvido quando ele sussurrou: — Ao contrário de algumas pessoas, elas não estão escondendo o que elas querem. — eu abri minha boca para dizer algo, mas eu não conseguia encontrar as palavras. — É bonito que você está com ciúmes, embora.

— Eu não...

— Hora da roda-gigante, — King anunciou. Estava ficando tarde, e a multidão havia diminuído.

— Por que nós deixamos por último? — perguntei.

— Porque é a melhor parte, — disse King. — Você sempre guarda o melhor para o final.

---

[15] Ginger Ale é um refrigerante comum nos Estados Unidos, Canadá, Japão e Inglaterra feito à base de gengibre.

King me ajudou a entrar no carrinho estridente enquanto o funcionário fechou a pequena porta. Há apenas espaço suficiente no banco para nós dois. Quando eu empurrei meu veado entre nós, King o pegou e o entregou ao cara, juntamente com um dinheiro do bolso. — Cuide desse para mim até chegarmos sim?

— Claro que sim, cara! — ele colocou o veado na cadeira ao lado do painel de controle do passeio.

King apoiou o braço na parte de trás do assento por cima do meu ombro.

Então, estávamos levantando no ar. Mais e mais alto, parando de vez em quando para permitir a outros subirem. Uma vez que estávamos quase no topo, ele começou a se mover de forma mais fluida. Fomos rodando, observando as luzes da cidade abaixo de nós piscar e brilhar.

— Uau, — eu disse, observando as pessoas correrem ao redor abaixo. — Eles todos parecem formigas a partir de aqui em cima. — eu olhei para King, mas ele não estava olhando para as luzes da cidade ou para a multidão.

Ele estava olhando para mim.

A profundidade de seu olhar me prendeu ao assento. — Pequena, o que eu aprendi quando estive na prisão é que nós somos todos apenas um grupo de formigas.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que estamos todos correndo por aí, fazendo besteira insignificante. Nós recebemos um presente, a vida. UMA. E nós gastamos muito tempo fazendo merda que nós não queremos fazer. Eu não quero mais fazer isso.

— O que você quer dizer?

— Eu não quero ser lembrado como o notório Brantley King.

— Então, como é que você quer ser lembrado?

— Eu não quero. Eu quero ser esquecido.

— Você não pode dizer isso.

— Eu quero. Eu costumava querer sair em um momento de glória. Agora, eu só quero viver na minha casa, um dia de cada vez,

tatuando quando o humor estiver leve. E quando for a minha hora de ir, quero desaparecer como o fim de um filme e ser rapidamente esquecido.

— Isso soa solitário.

— Não se você estiver comigo, não vai ser.

— Por favor, você já me disse que eu vou embora no segundo que você se cansar de mim. — eu ri.

King não estava rindo. — Estou falando sério. E se eu dissesse que eu mudei de ideia? E se eu quisesse que você ficasse de verdade?

Eu balancei minha cabeça. — Eu não saberia o que dizer sobre isso. Eu nem sei se você quer dizer isso ou não. — eu suspirei. — Simplesmente não é assim tão simples. Você sabe que eu tenho que cuidar dela.

— Foda-se. Foda-se *ela,* — King disse, erguendo a voz. — Como eu disse, temos uma vida. Uma. Tão certo como a merda eu não vou gastá-la fazendo nada além do que eu quero fazer. Eu não quero envelhecer e olhar para trás e perceber que eu possa ter tido uma vida, mas eu me esqueci de vivê-la. — King roçou seus lábios contra os meus. — Você está comigo, pequena?

— O que você está fazendo? — eu perguntei, minha respiração superficial e rápida. King se inclinou para mim e beijou o local atrás da minha orelha, seus lábios inflamando minha pele. Senti o beijo na minha essência, e eu tremi.

— Depois de tudo, você ainda não tem ideia. Não é?

— Não tenho ideia do que? — eu respirei.

Mal as palavras saíram da minha boca seus os lábios caíram sobre os meus. Seu beijo era duro e exigente. Sua língua separou meus lábios, ganhando entrada em minha boca, lambendo e dançando com a minha. Eu gemia nele.

Eu estava em chamas. A mão de King escorregou debaixo do meu vestido e encontrou o lugar onde eu já estava molhada e pronta para ele. Ele gemeu e pressionou um dedo em mim, seu grosso pau cutucou minha coxa. Ele passou a mão pelo meu pescoço e pegou um punhado de meu cabelo, me virando para ele para que ele pudesse ter um melhor acesso à boca enquanto seus dedos empurravam dentro e fora de mim. Eu apertei ao redor dele, meu orgasmo se construindo, quando de repente ele se afastou.

— Por que você parou? — perguntei, nervosa, minhas pernas ainda separadas para ele.

— Porque, pequena, fim do passeio.

Eu não tinha notado que estávamos na parte inferior. O trabalhador veio e nos deixou sair. Eu ajustei meu vestido e fiquei com as pernas trêmulas enquanto King recuperava meu veado.

Nós caminhamos para o estacionamento em completo silêncio.

Nós passamos algum tipo de barracão no nosso caminho para a moto. King de repente me agarrou e me arrastou para as sombras, me prendendo com força contra a parede do galpão.

— Esta é a última vez que eu vou te perguntar isto, pequena. Você me quer? — perguntou King, seus lábios encontrando os meus novamente, fazendo a mesma pergunta com o seu beijo exigente. Minha pele se tornou viva e dançou com antecipação. — Eu não posso ficar longe de você. Eu tentei, e eu não posso fazer isso. Eu quero você. Eu preciso que você me diga que toda essa de besteira hesitação acabou e que eu posso ter você. Viva e comece a viver. — ele puxou um fio de cabelos para longe e procurou a resposta no meu rosto.

— Sim, — eu respondi sem fôlego. Porque era verdade. Cada parte de mim queria ele. Eu tinha lutado contra ele por muito tempo por razões que quanto mais tempo eu estava em torno dele parecia cada vez menos importantes. — Eu quero estar viva.

— Eu quero você pra caralho, — disse King, me prendendo à parede com os quadris pressionados contra o meu. Sua ereção dura e pronta contra o meu núcleo. Meu vestido estava em torno da minha cintura. Apenas seus jeans e minha calcinha nos separavam.

— Por que você me chama de *pequena*? — perguntei, sem fôlego enquanto ele levantou os lados do meu vestido então suas mãos poderiam mergulhar na parte de trás da minha calcinha. Ele enfiou os dedos na minha bunda e eu engasguei.

— Porque quando eu vi pela primeira vez estes grandes olhos inocentes, você parecia um cachorrinho perdido.

Fiquei desapontada com a comparação com um filhote de cachorro, especialmente depois que Preppy tinha me chamado de gato de rua.

— E, — ele continuou, — Eu sabia que naquele momento quando você estava na minha porta, que queria ficar com você.

Ele enfatizou sua declaração com um impulso de seus quadris. Deixei escapar um gemido gutural, e ele riu baixinho no meu ouvido, sua língua lambendo e sugando ao longo da linha da minha mandíbula e de volta para minha boca.

— Não aqui, — disse ele, se afastando de mim e ajustando meu vestido de volta para baixo para cobrir minha bunda.

Ele me levou de volta para sua moto, tornando o trabalho rápido de colocar o meu capacete. Quando eu pulei atrás dele e passei meus braços em torno dele, o senti estremecer sob o meu toque. Eu deixei minhas mãos escorregar apenas sob o seu cinto para a carne nua de seu abs, e eu o ouvi gemer sobre o rugido do motor.

Ele *me* queria.

Quem quer que eu fosse.

E eu queria *ele.*

Por mais louco que isso era.

Pelo menos por esta noite, eu não iria pensar sobre o que a menina com as memórias faria, a menina que eu tentei agradar em uma base diária. Eu ia ser egoísta, e eu só ia pensar sobre o que eu queria.

Quem eu queria.

Eu tinha tomado à decisão de *viver.*

Capítulo vinte

DOE

Quando chegamos em casa, eu não esperava ver uma festa em pleno andamento. Motos estavam alinhadas na rua, bloqueando nossa entrada da propriedade. King dirigiu por elas e se virou para outro caminho de terra pequeno que eu não tinha notado antes quando passamos até a garagem.

King estacionou a moto e desligou o motor. Eu tirei o meu capacete e sai para ele para que ele pudesse colocar no banco.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Parece que minha hospitalidade está sendo aproveitada, — ele murmurou. King me arrastou para dentro da casa pela minha mão e subimos as escadas para o piso principal. Na sala de estar, passamos por um grupo de motoqueiro, observando uma mulher de pele escura mais velha pulando para cima e para baixo nua no colo de um rapaz que parecia mais jovem do que eu, suas calças em torno de seus pés. O patch em seu colete estava escrito prospecto[16]. Seu rosto estava voltado para o teto, os olhos encapuzados em êxtase, com a boca parcialmente aberta.

— King! — Bear gritou, apontando para ele. — Venha aqui, e assista a isto. Billy acabou de estourar a cereja.

— Que porra é essa, Bear! O que é tudo isso? — King rosnou. Seu punho estava apertado ao seu lado, e a mão que segurava a minha endureceu mais e mais. Eu podia sentir seu pulso correr.

Bear sorriu e estendeu os braços. — Cara é uma festa. É sábado. Nós costumávamos fazer uma destas sete dias por semana. Não achei que você iria se importar.

— Não vá a qualquer lugar. Eu estou descendo. Você e eu precisamos conversar. — King apontou para Bear, em seguida, me arrastou para o quarto no andar de cima.

---

[16] Prospecto no mundo dos MC é como um estagiário. Ele tem que passar por algumas coisas antes de entrar como um membro do clube.

— Eu preciso que você fique aqui enquanto eu falo com Bear. Eu já volto. — pela primeira vez, ele não estava latindo ordens para mim. Soou mais como um pedido. — Feche a porta. Mantenha ela trancada.

— Ok, — eu disse, entrando no quarto e fechando a porta. Foi a primeira vez que ele me disse para fazer algo que eu não senti a necessidade irresistível de discutir com ele.

Três horas mais tarde, ainda não havia nenhum sinal de King, e a música parecia estar ficando cada vez mais alta. Eu tinha lido um pouco, clicado através de alguns canais, e fiz o meu melhor para me distrair, mas minha curiosidade estava recebendo o melhor de mim.

Eu não queria desobedecê-lo, mas talvez, eu poderia, pelo menos, me mexer um pouco. Eu imaginei que ir para o estúdio de tatuagem no quarto ao lado não seria desobedecer a suas ordens demais. Além do mais, o caderno de rascunho de King estava lá, e isso poderia me ajudar a me ocupar até que ele voltasse.

Eu me arrastei para fora do quarto. O andar de baixo, na festa, ainda assolava apesar de nenhum dos festeiros tivesse feito o seu caminho no andar de cima como da última vez. Eu abri a porta e entrei.

Eu não estava preparada para o que eu encontrei.

Meu queixo caiu no chão junto com meu coração e qualquer fé que eu tinha em King e suas promessas. Meu coração se desintegrou no meu peito.

Estava escuro no quarto, exceto pelas luzes de néon que batiam no tempo com o baixo da canção de Nine Inch Nails tocando no iPod. King estava empoleirado em sua cadeira com os olhos fechados, uma baseado em seus lábios. Seus jeans estavam para baixo em torno de seus tornozelos. Uma morena de topless caiu de joelhos na frente dele, estendendo a mão para o cós da cueca.

— Que porra é essa, — eu engasguei. Eu ia vomitar. O imbecil estava apenas brincando comigo o tempo todo. Ele não quis dizer uma palavra. Talvez, essa foi a vingança que ele estava querendo desde que Nikki roubou dele. Talvez, esse era o seu jogo o tempo todo e agora que eu estava humilhada, a minha dívida foi oficialmente paga.

Os olhos de King abriram de repente, e eu meio que esperava um pedido de desculpas por pegá-lo no ato. Pelo menos, eu esperava uma

tentativa de puxar para cima suas calças. Mas a culpa foi minha por pensar dessa forma. Em algum lugar entre as tatuagens, os sanduíches no deck, a casa de Grace, e o parque de diversão, eu tinha esquecido com quem eu estava lidando.

Este era o homem que me segurou contra a minha vontade. Me algemou a sua cama. Ameaçou a minha vida.

Matou a própria mãe.

Ele era o próprio fodido diabo. E bastou uma morena sacana de joelhos para me lembrar disso.

— Saia, — ele latiu. Ele deu uma longa tragada no baseado, em seguida, puxou o cabelo da morena, inclinando a cabeça para trás. Ele se inclinou até que seus lábios estavam quase tocando nos dela e fez um show soprando a fumaça diretamente em sua boca.

Bati a porta e corri pelo corredor. Peguei uma garrafa de algo da mesa da cozinha e me dirigi para o deck, ignorando vaias de alguns dos motoqueiros que eu acordei.

Passei pela fogueira furiosa e em direção à água.

Me sentei no final do pequeno deck e balancei as pernas sobre a borda. Eu rasguei a tampa da garrafa e a joguei na água. Eu levantei o fundo da garrafa e bebi alguns bocados do líquido âmbar. Parecia como gasolina pura misturada com pinho-sol, queimando minha garganta e estômago em seu caminho para baixo. Eu respirei e continuei bebendo, engolindo um bocado horrível após o outro. Eu não parei até que senti o calor nebuloso começar a se espalhar através de mim.

Limpei a boca com meu pulso e olhei para a água.

Eu posso não ter sabido quem eu era no passado, mas eu sabia quem eu não queria ser, e quem eu não queria ser era alguém fraca.

Eu tinha caído por isso. Suas palavras. Seu corpo.

Eu tinha caído para ele.

Eu posso ter tido a intenção de ser uma prostituta, mas tenho certeza como a merda que não ia me permitir ser tratada como uma.

Ele pode ter sido o notório Brantley King para todos naquela casa e todos naquela cidade, mas para mim, ele só se tornou o imbecil. O

idiota que poucos minutos antes tinha quebrado a porra do meu coração.

As coisas eram muito mais fáceis quando eu o odiava.

— Este lugar está ocupado? — perguntou uma voz profunda. Eu dei de ombros. Bear se sentou ao meu lado e acendeu um cigarro. — Alguma coisa está incomodando você, garota bonita?

— Não, — eu menti.

— Eu posso não saber nada de nada, mas posso te dizer que quando uma garota sai correndo de uma festa com apenas uma garrafa de uísque sozinha, algo está definitivamente a incomodando. Na minha experiência, algo que geralmente tem um pau ligado a isso. — Bear exalou a fumaça.

— Bem, você não está completamente errado, — eu admiti. Girando a garrafa novamente, o líquido não queimou quando eu engoli.

— Calma, menina, — Bear disse, agarrando a garrafa de mim. Ele tomou um gole. — O que está acontecendo entre você e King, de qualquer maneira? Você é dele? Porque ele certamente olha para você como se você fosse. E vendo como ele não te matou e tudo, eu estou pensando que ele sente por você pode ser muito sério.

Eu balancei minha cabeça. — Neste momento, ele está em seu estúdio, com uma morena com peitos falsos. — meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu me recusei a chorar em minha própria estupidez.

— Ah, entendi, — disse Bear, me passando de volta a garrafa. — O garoto não vê o que é certo na frente dele.

— Ele não é exatamente um garoto, Bear. Na verdade, eu tenho certeza que ele é mais velho do que você, e não é que ele não vê o que está diante dele. É que ele simplesmente não dá à mínima. — eu estava mais do que bêbada, trabalhando o meu caminho para ficar mais de que bêbada. Minhas palavras ficaram mais ousadas em minha boca antes de cuspi-las. Qualquer filtro que já tive foi completamente desaparecido. — O que você vê quando você olha para mim?

Bear olhou para a água e coçou a barba. — Eu vejo uma bela garota, que não deveria estar com nenhum dos caras naquela casa. Ou

alguém sentado ao seu lado, pra contar. Somos sementes ruins, menina. Você é uma boa semente. Eu posso dizer. Merda, qualquer um dentro de uma centena de milhas daqui pode dizer. Você não pertence aqui. Isso é óbvio.

— Eu não pertenço a lugar algum, — eu admiti. Uma névoa começou a se estabelecer sobre a água, emergindo das árvores do outro lado da baía, viajando em direção e escovando meus tornozelos enquanto ela se espalhava sob o cais.

— Claro que você faz. Primeiro, você tem que descobrir onde é esse lugar. Então, você apenas tem que querer pertencer lá.

Eu não tenho certeza se Bear sabia toda a minha história, mas o que ele disse foi muito simplificado para ser uma resposta, especialmente no meu caso.

Eu ri. — Oh sim? Bem, eu vou sair daqui hoje à noite, e não tenho para onde ir. Eu não quero viver nas ruas de novo, mas isso é onde eu vou estar. É preciso muito mais do que querer pertencer a algum lugar, ou não pertencer, ou o que quer que seja, — eu disse, minhas palavras enroladas.

— Me lembro de falar com você na primeira noite. Você se lembra do que eu disse sobre voltar para o clube comigo? — perguntou Bear.

— Sim.

— Eu nunca deveria ter te enviado para King. Eu deveria ter te arrastado para longe dali e feito você minha naquela noite antes de King chegar a você.

— King nunca chegou em mim, — eu falei arrastado. — Ou faz do meu jeito ou cai fora, talvez.

— Não me diga? Bem, isso muda tudo, baby, — disse Bear. Seu sorriso atingiu todo o caminho até que seus olhos estavam incrivelmente brilhantes e bonitos. Eu tinha certeza que sua barba escondeu ainda mais de sua boa aparência, e uma parte muito bêbada de mim queria o puxar para ver se iria sair.

— Isso não muda nada, Bear. Eu ainda estou indo. Ele ainda está com a garota morena[17]... — eu coloquei minhas mãos na frente do meu

[17] Ela arrotou. Kkkkkkkkkkk

peito. Bear riu alto, revelando uma linha reta perfeita de dentes brancos.

— Isso muda tudo, na verdade. Nosso código de irmão só vai até um ponto. Vendo como ele não te reivindicou como dele, tão estúpido como isto é, a minha oferta ainda é boa. O que é justo é justo, — disse Bear, mais uma vez levando a garrafa de minhas mãos.

Olhei para ele e meio que espera encontrá-lo rindo da própria piada, mas seus lábios estavam em uma linha reta.

Ele estava falando sério.

Ele também não era ruim de olhar. Aquela noite foi a primeira vez que eu vi o cabelo loiro puxado em um coque alto na parte de trás de sua cabeça.

— Ouça, — disse Bear. — King tem sido meu amigo quase toda a minha vida, mas ele sabe as regras que eu vivo. No meu mundo, você joga justo, e eu gostaria de te colocar em minha cama.

— Você só está falando por falar. A verdade é que você não vai me querer quando você descobrir que eu não sei o que estou fazendo quando se trata— corri meus olhos para a protuberância em sua calça jeans. — disso.

— Porra, — Bear xingou, mordendo o lábio inferior. — Querida, eu acredito que eu quero que você ainda mais agora.

— Você tem sardas sob seus olhos, — eu disse, me inclinando em direção a ele. Ele agarrou meus ombros antes de eu cair para frente.

— Sim, garota. Já ouvi isso. — ele riu. Ele também tinha uma covinha na bochecha esquerda, que era, por si só uma contradição ridícula quando ele veio como o grande homem motoqueiro sentado ao meu lado.

— Por que você me mandou para ele? — perguntei. — Eu teria ido com você. Você é bom. Eu precisava de um lugar para ficar, e você tem sardas sob seus olhos, e eu teria sido uma boa prostituta de motoqueiro para você.

As sobrancelhas de Bear levantaram. — Ah, é? — ele perguntou, com um sorriso torto em seu rosto. — Eu realmente não vejo você como

o tipo de prostituta de motoqueiro. Mas eu posso definitivamente ver você na parte traseira da minha moto.

— Mas você disse que eu não pertenço aqui. Que eu não deveria sair com você. Ou qualquer um dos— eu acenei a garrafa por trás de mim, quase acertando a mandíbula de Bear apenas por uma ou duas polegadas. — caras lá em cima na casa. As pessoas estúpidas na casa estúpida sobre palafitas estúpidas. — Meus ombros caíram. — Bear, meu coração estava ficando quente. Agora, é tudo frio novamente.

Bear pegou a garrafa da minha mão e a colocou no deck.

— Eu disse que não pertence aqui. Eu disse que você era boa demais para sair comigo. Eu não disse que eu não iria sair com você. Você pode ser muito boa para mim, mas eu sou o tipo de cara que pode viver com isso. — Bear colocou a mão no meu rosto. Eu podia ver por que eles o chamavam de Bear. Ele era forte e quente e suas mãos eram tão grandes que me fez lembrar patas gigantes. Fechei os olhos e balancei contra ele. Ele se inclinou para perto, seus lábios apenas um sopro de distância da mina.

— Você vem comigo, baby? Eu não sei se eu posso aquecer o seu coração, mas tenho certeza como a merda que posso aquecer seu corpo. Eu sei de fato que você pode aquecer minha cama. Então, talvez, nós vamos trabalhar nessa coisa de coração frio. Vamos levar um dia de cada vez. — ele me assegurou.

Bear parecia sincero, e o que ele estava oferecendo era exatamente o que eu estava procurando semanas antes.

Parecia uma vida atrás.

Um tempo atrás, quando King não estava em minha vida.

— Eu não posso, — eu respondi honestamente.

Eu não podia ficar com King mais; isso eu tinha certeza. E toda a coragem líquida do mundo não seria o suficiente para eu me convencer de que eu poderia sobreviver nas ruas de novo, conseguir alimentos e abrigo.

A oferta de Bear era tudo que eu tinha, mas eu não poderia me fazer dizer sim. Dizer sim significava fechar a porta de King completamente. Isso foi algo que eu estava pronta para fazer? Eu olhei de volta para a casa. A luz estava agora apagada no estúdio de King.

Eu não posso não ter estado pronta para fechar a porta, mas assim como eu pensei que ele tinha aberto, ele bateu na minha cara.

Era hora de eu fazer o mesmo.

— Eu acho que eu vou ter que fazer um pouco mais para te convencer. — Bear passou os braços em volta de mim e me puxou para o seu grande corpo quente. Antes que seus lábios tocaram os meus, eu senti.

Ou melhor, eu *o senti.*

— Saia de perto dela, Bear, — King fervia. Um som de clique agarrou a minha atenção, e eu chicoteei minha cabeça para onde King estava atrás de nós no deck, a sua arma engatilhada e mirando em Bear.

— Já acabou? — perguntei, muito consciente dos braços de Bear ainda envoltos em torno da minha cintura. Eu fiz nenhum movimento para afastá-lo. — Ela deve estar se decepcionado que o todo-poderoso Brantley King, o rei da estúpida Calçada, não poderia durar mais tempo.

Bear riu.

Eu passei tanto tempo tentando não deixar King irritado, e isso nunca funcionou. Eu estava cansada de pisar em ovos ao redor dele. Eu queria deixá-lo irritado. Eu queria lutar com ele mais do que eu queria alguma coisa. Eu queria gritar.

Eu queria agarrar a porra seus olhos para fora.

Eu queria machucá-lo do jeito que ele me machucou.

— Saia de perto dela, Bear, — King repetiu.

— Nós estamos apenas conversando, cara, — disse Bear, nenhum sinal de medo em sua voz. Se qualquer coisa, ele estava se divertindo.

— Parece que você está fazendo mais do que isso. Tire essas fodidas mãos dela e vá foder alguém, — King advertiu. — Ela é. Minha.

— Oh sim? Bem, você pode querer dizer isso a ela porque ela não acha a mesma coisa que você.

— A única razão pela qual você não tem uma bala na porra do crânio é porque temos história. Mas em dois malditos segundos, se você

não tirar essas suas mãos sujas longe da minha garota, eu vou dizer foda-se toda a nossa história e explodir sua fodida cabeça, — disse King com raiva com os dentes cerrados.

— Não precisa ficar todo putinho, irmão. — Bear se levantou e limpou seus jeans. — Desculpa querida. Talvez outra hora. — ele piscou para mim e sussurrou, — A oferta continua de pé se você precisar de mim venha me encontrar.

Eu podia sentir a raiva irradiando de King quando Bear passou por ele, cutucando seu ombro. — Você pode querer colocar sua reinvindicação nisso antes dos meninos ficarem sabendo que você não tem, — Bear disse a ele. — Ela é um jogo justo para os motoqueiros nesta festa, incluindo eu, então é melhor fazer isso e fazer em breve. Isto é, se ela ainda te quiser seu imbecil.

Bear era uma alma corajosa para falar com King assim enquanto o olhar em seu rosto gritava nada além de fúria assassina. Eu meio que esperava que King pirasse e fizesse sua promessa de atirar em Bear, mas o segundo que ele desapareceu nas sombras, King deu um passo para o deck.

— Eu odeio a maneira que você me faz sentir. Bem, a maior parte do tempo, — eu cuspi. Eu estava cansada de dançar em torno da verdade. — Eu odeio a confusão que você traz para a minha vida já confusa. Eu não preciso disto. — eu respirei fundo. — Eu não aguento mais. Você gosta de mim. Você me odeia. Você gosta de mim. Você quer me matar. Você quer me foder. Você quer que eu fique. Você quer que eu *viva.* Minha cabeça está fodida.

Meu zumbido desapareceu mais rápido que o sol poente.

— Você deve sair. Eu não quero você aqui, — eu acrescentei.

— Eu sei. Eu não me importo, — disse King.

— Oh, eu estou plenamente ciente de que você não se importa. Isso eu sei.

— Você não sabe merda nenhum, pequena, — King latiu.

— Oh sim? Então você não passou a noite toda no parque comigo, dizendo coisas doces para mim, me fazendo sentir como se essa coisa estúpida entre nós fosse algo mais do que apenas uma coisa estúpida, apenas para enfiar seu pau em outra pessoa a primeira chance que

você tem? Volte para a porra da casa, King. Volte para aquela garota. Espero que ela seja tudo o que você queria.

— Eu não posso, — King disse uniformemente.

— Por que não? Parecia fácil para você antes.

— Porque, pequena, eu não quero. Não importa o quão duro eu tente lutar contra isso, eu estou atraído por você. Você acha que eu gosto dessa merda? Você acha que você é a única que está confusa aqui? — ele balançou a cabeça como se não pudesse acreditar nas palavras que saíam da sua boca. — Eu estou atraído por você, — ele repetiu virando meu queixo para cima para ele.

— O que você espera? Eu deveria cair aos seus pés e agradecer por você estar 'atraído por mim'? — não era só ele que estava confuso, isso era irritante. — Desenhe pra mim. Você está atraído por mim? Bem, me deixe tirar a calcinha então, e vamos fazer essa merda. Sim, você estava realmente atraído por mim. Me diga uma coisa, *KING*. Será que a maioria dos primeiros encontros acabam com o cara sendo chupado por outra garota? Quer dizer, eu nunca estive em um, então me diga. Eu posso estar errada aqui. Porque, se a resposta for sim, então este encontro foi uma maravilha!

— Eu... PORRA! Você acha que sabe tudo, mas você não sabe. Tudo que você faz é correr esses seus lábios bonitos e esperar que eu seja capaz de deixar pra lá! — King ergueu as mãos no ar. — Você me deixa louco, você sabe disso! — ele gritou.

— Eu te deixo louco? Como diabos você acha que eu me sinto? Na maioria das vezes eu não sei se você quer me matar ou me foder! — eu gritei, cada palavra que ele falou acendeu a minha ira até que não era algo que eu poderia segurar.

King teve a audácia de realmente sorrir. Ele se inclinou para frente e sussurrou sedutoramente contra minha bochecha, — Não posso querer os dois, pequena?

Eu me afastei e me levantei.

— NÃO! Você não pode! E pare de me chamar de pequena[18]. É uma porra de nome estúpido. Eu não sou a porra do seu animal de estimação!

Andei pelo deck. Minha raiva estava em um ponto de ebulição que eu não poderia desligar. Era culpa dele. Ele tinha me transformado nessa lunática.

King se levantou e agarrou meu rosto com as duas mãos, me forçando a olhar para ele. — Sim, você é, — disse ele, quando ele baixou os lábios e os escovou suavemente contra os meus em um movimento tão suave, tão diferente dele que levei alguns segundos antes registrar o que estava acontecendo.

Então, minha raiva voltou, em pleno vigor. Usando as duas mãos, eu empurrei contra seu peito até que ele não tinha escolha a não ser para me libertar.

— Vá se foder! Você não quer ficar comigo! — eu gritei por cima do meu ombro enquanto eu fiz meu caminho até a frente da casa e comecei a descer o caminho de cascalho. — Você acha que eu sou estúpida? Você não estaria recebendo um boquete enquanto eu estava no quarto ao lado se fosse eu que você queria.

Uma grande mão agarrou meu ombro e eu me virei.

— Me solta! — gritei.

— Ouça, pequena. Eu tentei do seu jeito. Eu tentei ser suave, mas você não escutou. Agora, vamos fazer do meu jeito, e você vai me ouvir. Não me faça ter que te algemar novamente, — ele alertou.

O tom de King era de raiva e confiança. Eu não duvido por um momento que ele iria dar cabo em sua ameaça. Ele passou os braços em volta da minha cintura e segurou minhas mãos atrás das costas, bloqueando meu corpo lutando contra o seu.

— Eu fiz isso para te empurrar para longe, — ele admitiu. — Eu queria que você visse.

— Parabém funcionou, — eu cuspi. — Você deveria estar feliz para caramba.

[18] Já mencionei antes que ele a chama de pup, que quer dizer filhote de cachorro.

— Você e essa sua língua. — King balançou a cabeça. — Não, eu não estou feliz. Estou longe de estar feliz para caramba. Eu estive longe de estar feliz para caramba desde que saí da prisão. Se eu olhar para trás, eu não estava exatamente feliz antes da prisão e é a porra da sua culpa!

— Como diabos isso é minha culpa? — agora ele tinha ido longe demais, me culpando por seus anos de vida antes mesmo que eu estivesse nela.

— Porque você é a única que me fez perceber que eu estava infeliz. Porque com você, eu acho que posso realmente ser feliz! — ele me balançou quando ele falou, como se quisesse sacudir as palavras em meu cérebro para me fazer entender o que ele estava dizendo.

Eu precisava que tudo isso acabasse. Era demais. Era tortura demais e eu não aguentava mais. Eu o queria. Eu queria acreditar nele. Mas as palavras eram apenas palavras, e vindo de King, elas eram provavelmente apenas outro método para continuar me torturando.

Eu só queria ser deixada em paz. Era hora de eu ir. — Estou indo embora. Apenas me deixe ir, — eu implorei, suavemente.

King balançou a cabeça. — Não. Você não vai a lugar nenhum.

— Você não pode me manter aqui, — eu disse.

— Veja, isso é onde você está errada. Eu acho que eu tenho provado que posso, — King argumentou. — Além disso, para onde você iria? Voltar para as ruas?

— Talvez. O que você se importa, afinal? — eu lati de volta.

— Você parece esquecer como é lá fora sozinha. Ou talvez possamos desenterrar Ed, e ele pode te dizer como ele planejava se desfizer do seu corpo quando ele tivesse acabado de estuprar você, — King cuspiu.

— Eu prefiro apostar as chances com a minha vida lá fora lá, — meu peito se contraiu. — do que apostar com meu coração aqui.

— Não, — King argumentou.

— O que diabos você quer de mim? — perguntei. Minha raiva lutou contra o pensamento de partir meu coração ao sair e nunca mais ver King. — Por que você não apenas me estripa e acaba logo com

isso? Faça o que é que você quer fazer comigo. Bata em mim. Me foda. Porra me mate. Apenas. Pare. De. Me. *Machucar.*

Soluços surgiram da minha garganta, e eu caí em seus braços.

— Baby, — King disse, me segurando mais apertado para que eu não caísse no chão. Foi a primeira vez que ele tinha me chamado assim, e quando eu tentei registrar o carinho, escorregou. — Eu sinto muito. Eu não fodi aquela garota. Eu não consegui fazer. Ela não me tocou. Parei no segundo que você fechou a porta. Eu juro. Eu sinto muito. Você é a última pessoa que eu quero machucar. Eu só não sei como fazer isso.

— Fazer o quê? — perguntei. Uma lágrima caiu do meu rosto e em seu braço. Por mais que eu não quisesse, eu enterrei meu rosto em sua camisa e apertei o tecido em meus punhos.

Sua voz falhou quando ele sussurrou: — Eu não sei. Nada disso. Eu nem sequer sei que porra é essa.

— Isso não é bom o suficiente, — eu disse, realmente não sei que parte que eu estava falando. Talvez, o seu pedido de desculpas. Talvez suas ações. Talvez, sua incerteza. Talvez, tudo isso.

— Eu acho que esse é o problema, — disse King. — Você merece muito mais do que um ex-presidiário que não têm nada para oferecer a você. Você merece muito mais do que eu. Foi fácil te manter quando você era apenas minha, minha propriedade. É difícil te manter como a minha garota. Eu não sei quando tudo mudou, mas mudou. E é isso que eu quero, mas é algo que eu nunca quis antes. Eu nunca tinha levado uma garota para sair em um encontro antes de hoje à noite. Eu quero você na minha vida mais do que qualquer coisa, mas é muito mais complicado do que apenas querer. Muito mais do que você sabe.

— Se você vai me deixar ir, me deixe ir. Se você vai me deixar entrar, me deixe entrar. Mas, você tem que escolher um. Você não pode me segurar perto durante a noite e me afastar a cada manhã quando o sol sai. — eu empurrei para fora do seu peito novamente e virei para ir embora, mas ele me puxou de volta.

King beijou o topo da minha cabeça. — Eu sei, Baby. Eu sei.

— Você não sabe de nada!

Me livrando do seu aperto, eu fui para frente da casa, longe da festa, e longe de King. Eu precisava ficar sozinha. Eu precisava pensar. King me apanhou facilmente, cada um de seus passos representando pelo menos três dos meus.

— Estou cansado de ser bonzinho, pequena, — King gritou atrás de mim. Continuei marchando para longe, tentando colocar algum espaço entre nós.

— Você está sendo bonzinho? — eu disse voltando por cima do meu ombro. — Você nunca foi bom. Você mentiu para mim e brincou comigo, e isso não é *bom.*

King me pegou por trás quando eu me aproximava do primeiro pilar sob a casa. Ele me empurrou contra ele e se apertou nas minhas costas, sua ereção cutucando a costura da minha bunda.

— Bear é bom, — eu disse com o meu rosto pressionado contra o pilar. — Bear ofereceu me levar. Ele queria que eu ficasse com ele na sede do clube. Ele quer que eu mantenha a sua cama quente, foder seus miolos. Me disse que me queria na parte traseira de sua moto.

— Que porra é essa que você acabou de dizer para mim? — King sussurrou em meu pescoço, seus dentes contra a minha pele. Eu não deixei que isso fizesse parar de soltar minha ira sobre ele. Ele merecia cada pedacinho disso. Eu me virei em seus braços, mas ele era muito rápido. Antes que eu pudesse soltar, ele tinha me prendido contra o pilar, minhas costas para sua frente. Seus olhos escureceram. Uma veia pulsava em seu pescoço. Sua mandíbula estava definida em uma linha dura.

— Você me ouviu, — eu disse. — Eu ia dizer sim, também. Eu ia com ele e deixar ele por as mãos em mim. Você nos viu. Ele estava prestes a me beijar. Eu iria deixá-lo. — eu estava selvagem com o poder, enlouquecida com a luxúria, e completamente irresponsável das consequências de minhas ações.

Eu estava livre.

Eu não estava nem aí.

Isso era incrível.

— Que porra é essa que eu estive dizendo a você? — King rugiu empurrando o joelho entre minhas pernas, os afastando até que eu estava escancarada em suas coxas.

— Nada. Você não me disse nada além de besteiras faz semanas agora.

— Calma aí, menina. Você era minha desde o primeiro momento em que você subiu para me foder. Você era minha naquele dia e você é minha agora. — King parecia como se qualquer controle que ele tinha foi embora. Ele retrucou.

Eu não me importava.

— Você é um mentiroso, — eu cuspi.

— Eu nunca menti sobre isso. Você. É. Minha.

— Foda-se. Eu não pertenço a você ou qualquer outra pessoa! — eu gritei. King pressionou sua testa contra a minha.

— Eu só vou dizer isto mais uma vez. Você. — ele se empurrou contra mim, sua ereção contra o meu núcleo, e eu engasguei. — É. — ele fez de novo. Desta vez, eu tive que colocar meus braços em seus ombros para me impedir de cair. — Minha. — disse ele, martelando em seu ponto com outra confiança de seus quadris.

Eu me afastei e o olhei nos olhos. — Prove isso, — eu desafiei.

King rosnou e empurrou as mãos para cima do meu vestido, sua força rasgando minha calcinha pelas minhas pernas. Estávamos nas sombras, mas qualquer um que desce a volta pelo lado da casa podia nos ver. No instante em que ele me tocou, eu estava muito perdida na sensação para me importar.

Zero foda-se.

King me beijou. Um beijo abrangente. Uma posse. Ele não estava beijando minha boca. Ele estava me fazendo como a sua, e eu ia deixar minha marca nele de todas as maneiras que podia.

Meu corpo inteiro acendeu na chama que ele estava alimentando dentro de mim por semanas. Ele amassou meus seios através do meu vestido e atacou meu pescoço com seus lábios. Ele me levantou e envolveu minhas coxas em torno de sua cintura. Eu grunhi em

frustração, girando contra sua ereção. Eu não podia chegar perto o suficiente. Eu não poderia encontrar o atrito que eu precisava.

— Você é virgem, pequena? — perguntou King maliciosamente.

— Você sabe que eu não sei disso, — eu ofegava.

— Porque eu vou deixar você saber agora que não haverá uma pergunta se você for depois desta noite. Eu vou estar enterrado tão profundamente dentro da sua buceta doce que você nunca mais vai esquecer quem é seu dono.

Ele empurrou para baixo do meu vestido, expondo meus seios, em seguida, puxou o resto até que eu estava nua, exceto por um pedaço de tecido preso ao redor minha cintura.

— Porra, sim, — ele assobiou por entre os dentes.

Depois disso, nós éramos todos mãos e bocas. Tocando, explorando, precisando, mordendo. Estalando os dentes juntos em um esforço para se aproximar um do outro. Foi desleixado e molhado e maravilhoso, e não foi o suficiente. King estendeu a mão entre nós, desafivelou seu cinto, e empurrou para baixo a frente de sua calça jeans. Sua ereção saltou livre. Liso, macio e duro como pedra cutucou contra a minha entrada quente e úmida, buscando.

— Sim, — eu respirei. Eu estava pronta. Eu precisava dele dentro de mim mais do que eu precisava respirar.

King alinhou seu pau com a mão, e em um longo impulso, ele estava dentro de mim. Ele gemeu quando ele empurrou o seu caminho em meu aperto, alongamento e me enchendo até que eu pensei que eu ia desmoronar de dentro para fora. Doeu, mas era um tipo agradável de dor, causado pela sensação estranha de estar tão cheia.

A dor que ele causou foi um prazer.

— Porra, sim, — King gemeu, agora totalmente encaixado dentro de mim.

Eu gemia alto, sem se importar quem me ouvisse. King se enfiou dentro de mim, e minhas entranhas se apertaram em torno dele. Toda vez que ele tirava, ele esfregava contra esse ponto interior que me fez ver estrelas antes de empurrar para dentro.

De novo e de novo.

— Eu disse a você, — disse ele. — Eu disse que você é minha. Esta buceta. Esta buceta é minha. Não se esqueça dessa merda de novo.

Ele empurrou duro e com raiva. Eu o tomei tudo dele. Seu pau. Sua raiva. Sua posse. Deixei que ele me reclamasse com seu beijo, seu pau, suas palavras.

Estávamos lutando com nosso sexo.

Para frente e para trás.

Dando e recebendo.

Com o nosso sexo, nós dissemos um ao outro *Eu te odeio* e *eu quero você* e *eu não quero que você saia.*

— Porra, pequena. Porra. Eu sabia. Eu sabia que ia ser assim, — disse King, sem fôlego.

A pressão estava se construindo dentro de mim era dez vezes mais poderosa do que quando King tinha me feito gozar em seus dedos. Crescendo com cada curso. Mais e mais rápido ele mergulhou em mim até que ele não só me deu um orgasmo; ele o arrancou do meu corpo.

Eu gritei quando gozei e segurei King, apertando minhas coxas em torno dele, cavando os saltos dos meus pés em sua bunda enquanto ele furiosamente bombeava em mim. Eu vi estrelas, brilhantes e vivas, dançando na frente dos meus olhos até que eu pensei que eu poderia desmaiar e morrer ali mesmo em seus braços. Talvez King esta dentro de mim roubou minha respiração, porque eu não conseguia recuperar o fôlego.

— Olhe para mim, — King ordenou, sua voz grave e rouca como se ele estivesse tentando segurar seu controle. Eu estava perdida demais na descia do meu orgasmo para travar qualquer atenção ao que ele estava dizendo. — Olhe para mim!

Desta vez, ele enfatizou suas palavras com um impulso de seus quadris. Eu gemi e abri meus olhos.

— Não desvie o olhar, — ele ordenou, segurando meu olhar enquanto seu pau endurecido se contorceu. Ele gemeu quando ele gozou dentro de mim, derramando seu calor molhado em minhas profundidades.

Nós tínhamos dito todas as coisas com nossos corpos que nossas bocas não tinham conseguido comunicar uma e outra vez. Ele me disse que eu era sua antes, que eu pertencia a ele. Mas antes daquela noite, eu não tinha acreditado nele.

Era o que seu corpo me disse que me pegou de surpresa e me balançou a minha essência.

Ele era meu.

Capítulo vinte e um

DOE

— Venha comigo, — disse King. Endireitando as minhas roupas, ele pegou minha mão e me levou de volta para deck. Quando passamos pela fogueira, fomos recebidos com um monte de assobios e aplausos.

Eles, obviamente, nós ouviram.

Eu não me importava.

Nós nos sentamos no deck com nossas pernas balançando para o lado. A névoa tinha levantado da água. A lua cheia lançava nossas sombras sobre a baía como vidro, fazendo parecer como gelo preto.

King segurou a minha mão na sua, e quando tentei erguê-la para longe, ele apertou ainda mais.

— King, — eu comecei.

— Brantley, — ele corrigiu. — Me chame pelo meu nome.

— Brantley, — eu disse, testando seu nome.

— Eu odiava o nome enquanto crescia, mas para o bem ou para o mal, essa é a única coisa que a minha mãe nunca me chamou. Grace é a única outra pessoa que o usa. — ele fez uma pausa e acrescentou: — Eu gosto do jeito que soa quando você diz isso. — Seu tom gentil e olhos sérios me fez perguntar onde ele estava indo com isso, mas, em seguida, isso bateu em mim.

Ele estava me deixando entrar.

— Ok, Brantley, o que mais você tem? — eu o cutuquei no ombro. Ele respirou fundo.

— Você sabe sobre Max?

Eu balancei a cabeça. A menina que fomos ver, a da foto. — Sua irmã.

— Pequena, Max não é minha irmã, — King admitiu.

— Então, quem é ela? — perguntei. Se ela não é da família, então por que ele tem tanto interesse nela?

— Ela é minha filha.

Santa. Merda.

— Sua filha? — perguntei, minha garganta apertou.

— Sim, Max é minha filha. Ela é a verdadeira razão pela qual eu fui para a prisão, e apenas Preppy e Bear sabem a verdade sobre ela. — ele apertou minha mão com mais força. Olhando para fora sobre a água, ele parecia aflito a estar recordando memórias associadas com Max. — Você quer saber a história? Porque você me perguntou se eu queria te deixar ir ou ficar com você, e eu quero te deixar entrar. Eu quero ficar com você, mas é uma história difícil para eu dizer. Eu nunca disse a ninguém.

— Eu quero saber.

— Você sabe por que eu estava na prisão?

— Por causa de sua mãe.

— Sim, — ele concordou. — Eu não dou desculpas para as coisas que eu precisava fazer para o bem dos negócios. Preppy e eu crescemos na merda. Fizemos tudo o que podíamos para dar a volta por nós mesmos, à maioria dessas coisas era muito fora da lei, mas nós fizemos isso. A merda foi incrível por um tempo. Mas a minha raiva tirava o melhor de mim, e eu seria quase sempre o único que acabava na prisão aqui e ali, geralmente apenas durante a noite. Às vezes, há trinta ou sessenta dias, dependendo das acusações. Os outros jogadores no jogo que nós jogamos conhecem as regras. Eles também sabem que quando você sai da linha, as coisas acontecem. Coisas que fazem você morto. Mas este não foi um desses momentos. Eu não puxei um gatilho, ou usei uma faca, ou mandei alguém atrás dela.

— Sua mãe? — perguntei.

Ele balançou a cabeça, em seguida, me contou a sua história.

Até o momento que eu tinha quinze anos, eu, Prep, e Bear éramos a nossa própria pequena tripulação. Apenas três jovens idiotas que só queria se divertir, ficar com alguém, e fazer alguma merda de dinheiro. Surpreendentemente, nós ganhamos dinheiro. O suficiente para eu para comprar a casa.

Nós três estávamos no topo do mundo por um tempo. Eu não vou mentir. Foi o melhor tempo da minha vida inteira.

Mas então, eu me belisquei. Não era a primeira vez, e não foi por nada que eu deveria realmente me ferrar. Uma briga de bar estúpido em um lugar sofisticado que Preppy queria checar do outro lado do rio em Coral Pines. Algum ponto turístico de merda.

Eu estava conversando com uma menina quando um idiota com seu casaco de frio rosa amarrado no ombro deu um passo para mim para falar com ela. Nós brigamos, quebramos alguma merda no bar, cadeiras, copos, mesas.

Estou coberto de tatuagens, e eu tenho um registro. Ele tem uma porra de um suéter rosa amarrado em torno de seus ombros. Era fácil descobrir quem de nós estava indo para a cadeia quando o xerife apareceu.

Eu peguei 90 dias por causa dos meus antecedentes. Quando eu estava na cadeia, essa garota que eu costumava sair apareceu para visitação. Ela estava tão grande quanto à porra de uma casa. Eu pensei que ela iria dar à luz ali mesmo na sala de visitas. Ela me disse que o bebê era meu, disse que ela queria que eu a ajudasse cria-lo quando eu saísse.

Eu não achava muito da menina, mas ela era boa o suficiente, e depois que eu passei pelo choque inicial de tudo isso, eu estava realmente animado para ser pai. Eu fiz um plano, fiz promessas para mim mesmo que eu iria ser um bom pai, especialmente desde que eu só poderia me espelhar em cada homem da cidade, exceto Sr. Wong que era dono da loja da esquina, por razões óbvias.

Eu escrevi cartas pro bebê da prisão, embora Tricia não soubesse se era um menino ou uma menina. Ela disse que tentou descobrir no ultrassom, mas ele ou ela estava se movendo demais. Era exatamente o que eu precisava. E então era o que eu queria.

Claro que eu tinha dinheiro, mas o bebê me deu uma razão para querer mais da vida.

Finalidade.

Na manhã que eu saí da cadeia, Tricia era para me pegar, mas nunca apareceu. Fui até um telefone público para ligar para ela, e quando ela atendeu, ela me disse que ela tinha tido o bebê na semana anterior.

Uma menina.

Ela a chamou de Max, o nome da menina que escolhemos quando ela ainda estava grávida.

Perguntei a ela onde o bebê estava, e ela murmurou algo sobre isso ser muito difícil e que ela não podia lidar com isso. Que a coisa toda de maternidade não era para ela. Ela disse que não ia voltar. Houve muito barulho no fundo, copos tilintando, música. Parecia que ela estava em um bar. Ela estava gritando no telefone.

Onde diabos ela está? *Eu ficava perguntando a ela uma e outra vez. Por um segundo, pensei que ela ia dizer que ela deu o bebê ou algo assim, e eu já estava pensando quem diabos eu ia ter que matar para recuperá-la quando Tricia disse algo que me surpreendeu e virou meu estômago.*

DEIXEI ELA COM SUA MÃE

Antes desse dia, eu não tinha visto a minha mãe, mas um punhado de vezes nos últimos anos, e nenhuma dessas vezes foi de propósito. Na maioria das vezes, quando me encontrei com ela, ela não sabia quem eu era. A última vez que a vi, ela me chamou de Travis e me perguntou como estava Bermuda.

Assim que Tricia disse onde o bebê estava, eu desliguei e liguei para minha mãe, mas a linha telefônica estava muda, e eu não sabia se ela tinha um celular.

Tomei um táxi para mamãe e chamei Preppy para me encontrar lá.

Eu cheguei lá antes dele.

Eu sabia quando cheguei à porta que algo estava errado. Eu podia senti em meu intestino.

Bati na porta de seu apartamento até que meus dedos sangraram, mas não houve qualquer resposta. Eu podia ouvir a estática de uma TV lá dentro. Eu gritei para minha mãe, mas não houve resposta. Eu estava prestes a virar e ir embora, verificar com alguns dos vizinhos para ver se ela ainda morava lá, mas então ouvi.

Ouvi ela.

Meu bebê.

Chorando.

Meu bebê estava chorando.

Não era apenas um pequeno grito ou um grito choroso, mas um grito estrangulado diretamente do intestino, do tipo que diz que merda não está certa.

É como se ela soubesse que eu estava lá, e ela estava me chamando.

Eu chutei a porta da frente. A sala estava escura, exceto a TV. Quando eu dei um passo, lixo ficou preso em meus sapatos, embalagens de fast food, pontas de cigarro. O aquecedor estava cheio de lixo. A lata de lixo estava transbordando. Moscas circulavam na pia da cozinha que esta repleta de pratos sujos.

Eu a ouvi chorar novamente. Era proveniente da parte de trás do apartamento.

Corri para um dos quartos e liguei o interruptor, mas nada veio. Levou um segundo para os meus olhos se ajustarem à escuridão, mas quando fizeram, eu vi este bebê pequeno, este belo, assustado, magro, pequeno bebê, não maior do que a metade do meu antebraço, coberto de merda da cabeça aos pés do caralho. Seus olhos estavam vermelhos e com crosta de tanto chorar. Ela não estava em um berço. Ela estava deitada em um lençol sujo no chão. Sem mamadeira. Sem cobertor. Sem luzes. Não, nada.

Eu gentilmente a peguei nos meus braços, e ela pesava praticamente nada. Mesmo que ela estava visivelmente sofrendo e eu estava sofrendo por ela, eu me lembro da primeira sensação de segurá-la. Antes de ela ter nascido, ela se tornou a coisa mais importante do mundo para mim, mas a segurar selou o acordo. Não havia nada que eu não faria por ela. Nada.

Eu faria mal a qualquer um e todos os que alguma vez fizessem o meu bebê chorar daquele jeito de novo. Eu iria queimar cidades por ela.

Eu caí no chão com as costas contra a parede e a embalei até que ela se acalmou. Eu disse a ela sobre todas as coisas que eu ia comprar para ela. Eu disse a ela que seu pai estava aqui, que ela estava segura. Me levantei e encontrei uma toalha limpa que pude e a envolvi em cima dela. Ela se acomodou contra o meu peito e adormeceu.

Eu estava louco. Profundamente perturbado. E completamente apaixonado. Tudo ao mesmo tempo.

Eu estava saindo com Max em meus braços quando a luz da TV brilhou, e eu vi uma sombra. Com certeza, era a minha mãe. Ao lado dela estava uma garrafa vazia de um fodido uísque barato e um cinzeiro cheio de pequenos sacos de restos de copos.

Ela não cuidou do meu bebê recém-nascido porque ela estava muito ocupada bebendo e se drogando.

Max teria morrido se eu não tivesse chegado até ela a tempo.

Foi esse pensamento que me partiu. Ele ainda me irrita até hoje, e faz lembrar o que aconteceu em seguida era muito mais fácil de digerir quando eu chamava a memória.

Raiva me consumiu. O tipo que faz você querer arrancar a garganta de alguém com porras das mãos.

Um cigarro aceso pendia de seu lábio inferior, um jornal aberto em seu colo. Seu rosto estava coberto de marcas de pústulas e sua pele estava pendurando deles como se fosse derreter. Por mais que eu queria machucá-la, era como karma ou sei lá o que, porque o cigarro aceso caiu de sua boca, e o jornal inflamou.

Eu estive lá e vi acontecer.

Eu estava feliz. Não poderia ter ido melhor se eu acendesse o fogo. Era uma maneira horrível de morrer, mas saber o que poderia ter acontecido com Max, eu realmente não dei a mínima se essa foi à morte mais horrível que se possa imaginar. Para mim, naquele momento, ela merecia.

Eu ainda me sinto assim.

O peito da minha mãe se levantou e caiu, então eu sabia que ela estava viva, mas ela estava tão drogada que nem mesmo um incêndio em seu colo a perturbava.

Quando o papel caiu no chão, o tapete pegou fogo. A luz das chamas me permitiu dar uma boa olhada no local. Não havia uma parte do piso que não estava coberto de sujeira e seringas enferrujadas cobriam o sofá como se fosse uma almofada de alfinetes.

Quando as chamas ficaram mais altas, eu tomei a decisão.

Eu me virei e fui embora.

Senti o calor atrás de mim enquanto eu me afastava. Eu estava no meio da rua quando as janelas explodiram e o vidro quebrou.

Eu comprei fraldas, mamadeira e leite numa loja nas proximidades conveniente e limpei Max no banheiro o melhor que pude. Levei dez minutos para descobrir como colocar a fralda.

Preppy viu as chamas na casa da minha mãe e parou atrás do posto de gasolina.

Ele nos levou para casa.

Ele cantou para ela dormir, canções de ninar.

Max engoliu uma mamadeira tão rápido que ela fazia uma pausa para respirar, e meu coração pulava para fora do meu peito toda vez que ela fazia isso, mas, em seguida, ela continuava.

Eu estava tão nervosa. Eu era um cara solteiro em meus vinte e poucos anos que nunca tinha sequer estado no mesmo quarto que um recém-nascido antes. Eu nunca tinha passado mais de um par de horas com a mesma mulher.

E, de repente, eu tinha essa menina para criar. Foi à primeira vez na minha vida que eu posso dizer que eu estava verdadeiramente aterrorizado.

Eu falei com ela novamente e cantarolava algumas cações do Zeppelin até que ela adormeceu no meu peito.

Nos cobri com um cobertor e fiquei olhando o ventilador girar ao redor até que eu vi luzes piscando através das minhas janelas da frente.

Azul e vermelho.

— Acontece que a loja de conveniência tinha alguma vigilância bastante decente. Desde que eu fui embora sem procurar ajuda e eu não fiz nenhuma tentativa de apagar o fogo ou salvar a minha mãe, eles me prenderam. Me acusaram de homicídio e me enjaularam.

Max foi enviado para uma casa de acolhimento para cuidados de imediato, uma vez que não conseguiram encontrar Tricia. Eles não iriam liberar o bebê para Preppy porque ele era um criminoso, para não mencionar que ele não tinha nem mesmo um emprego legal no registro, de qualquer maneira. Grace estava na Geórgia, recebendo tratamento para sua primeira luta com o câncer no momento.

— Você sabe o que aconteceu com Tricia?

— Não, mas se ela é esperta, ela nunca vai mostrar o seu rosto do caralho nesta cidade novamente. — King suspirou. — Eles a levaram de

mim. Eu fui seu pai por apenas três horas, e elas foram as três melhores horas de porra minha vida. E eles levaram ela de mim.

— Você ainda é o pai dela, — eu ofereci.

— Sim, eu tenho tentado ser, — disse King. — Enquanto eu estava fora, eu fiz tudo que podia. Apresentei documentos. Contratei advogados. Mas isso me levou a lugar nenhum.

— Existe alguma coisa que você pode fazer? — perguntei. — Tem que haver. Isso não pode ser assim.

— Existem duas opções sobrando, pelo menos duas que eu conheço. O primeiro é um tiro no escuro. — King deu um sorriso triste. — Mas há esse cara, um grande juiz. Um fodido político sujo. Bear tem laços com ele através do MC. O senador acha que pode fazê-lo ver as coisas do meu jeito e movimentar a custódia em meu favor.

— Então o que você está esperando? Faça isso! — eu gritei animadamente.

— Vai me custar cerca de um mil, — King disse categoricamente, matando meu entusiasmo crescente.

— Merda, — eu amaldiçoei. — Um mil? Tipo um milhão de dólares?

King riu. — Sim, pequena, tipo um milhão de dólares americanos de verdinhas.

— Você tem esse tanto de dinheiro? — perguntei.

— Tinha, — disse King. — Eu não tenho mais. Nós enfiamos tudo para fazer a operação granny continuar. Mesmo se eu vendesse a casa, ela precisa de reforma, e isso custa ainda mais dinheiro. E o mercado está uma merda agora, por isso mesmo que eu a vendesse, eu não seria capaz de chegar nem na metade disso.

— E se você conseguir a custódia, você precisa de uma casa para ela né, — eu adicionei.

— Sim, eu já imaginava construir uma casa na árvore no grande carvalho na garagem e transformar meu estúdio em seu quarto, mover a minha tatuagem de merda para o apartamento na garagem.

— Então pra onde Bear iria? — perguntei.

— Casa! Bear tem um quarto na casa de seu pai e um quarto na sede do clube. Ele só gosta de ocupar todo o espaço livre de aluguel que pode. — King riu.

— Estou tão, tão triste, sobre tudo isso, — eu disse, com lágrimas se derramando em minhas bochechas. Ele enxugou com a ponta do polegar.

— Não se desculpe, pequena. Eu nunca vou ser o bom rapaz na história. Eu deixei minha mãe queimar até a morte. Eu perdi a minha filha por causa de quem eu sou e as coisas que eu fiz. Essa merda é por minha conta. Essa é a minha cruz para carregar.

A profunda necessidade de ajudar King a se reunir com sua filha ditou a minha tomada de decisão. Eu respirei fundo e agarrei suas mãos, as dobrando para o meu colo.

— O que precisamos fazer agora?

— Nós?

— Sim. — eu deixei a palavra sair. — Nós.

— Nós não precisamos fazer nada. Eu vou pensar em alguma coisa.

— Mas espere. Você disse que havia uma segunda opção.

King balançou a cabeça. — É um cenário de pior caso, e, honestamente, isso vai ser ruim se eu decidir fazer ou não. Eu não posso ganhar de qualquer maneira.

— Me diga o que é exatamente isso que você tem que fazer.

— É uma estrada escura para viajar e eu não tenho certeza se é uma que eu posso voltar. — foi a persistente tristeza em sua voz que fez meu coração pausar para ele e me fez não querer pressioná-lo ainda mais. — Mas é um cenário de pior caso, então eu vou atravessar essa ponte quando e se ele se resumir a isso. — King me olhou pensativo. — Por agora, eu vou chutar a coisa da granny em alta velocidade e ver o que podemos conseguir.

— Me deixe saber se você precisar da minha ajuda. Eu farei qualquer coisa.

— Eu vou lembrar de que você disse isso, — King disse, me puxando para o seu colo.

— Quero dizer isso.

— Eu também, — King respondeu, me apertando com mais força. Ele enterrou o nariz no meu pescoço. — Eu poderia precisar que você fique com há Grace um tempo.

— Por que, ela está bem? Quero dizer... você sabe. — eu gaguejei.

— Grace está bem por agora, mas nós poderíamos ter alguma merda ficando ruim aqui em breve, e eu preciso de você longe disso.

— A coisa com Isaac? — perguntei.

— Sim, a coisa com Isaac. Mas não se preocupe com isso. Só sei que quando eu digo que você precisa para ir para Grace é onde você precisa estar. Sem perguntas. Sem discutir. Você me entendeu?

— Entendi.

— Podemos conversar mais tarde, pequena? Eu me sinto como uma porra de idiota agora, derramando minhas tripas para você. — King riu.

— Sim, nós podemos conversar mais tarde, — eu disse.

Eu passei meus braços em volta do pescoço de King e olhei por cima da água. O pássaro que foi a inspiração para meu esboço sentou em cima de uma boia para armadilha de caranguejo no meio da baía. Seu bico estava para baixo, olhando para a água para sua próxima refeição.

— E agora? — perguntei, me virando para King.

— Agora? Agora, temos de ir lá para cima, e eu preciso chegar à minha cama porque eu não estou nem perto de ter terminado com você esta noite.

Capítulo vinte e dois

DOE

— Levante-se, — disse King.

Ele me pegou pela mão e me levantou do colchão. Eu ainda estava meio dormindo. Bati em um coma pós sexo depois que King provou que, quando ele disse que não tinha acabado comigo, ele não estava mentindo.

Calor corria de sua mão para a minha e atirou diretamente no meu coração batendo de forma irregular, fazendo minha respiração engatar na minha garganta.

— Para onde estamos indo? — eu consegui guinchar quando eu puxei a parte superior da minha camiseta e calcinha.

Olhando para baixo em meus olhos, King escondia lentamente uma mexa incontrolável de cabelo atrás da minha orelha, permitindo que as pontas dos dedos escovassem contra a minha pele.

— Pequena, — ele disse, com a voz quase rouca, — é hora de você parar de viver para que você possa ser e começar a viver por quem você é agora.

— Eu pensei que era isso que eu estava fazendo, — eu disse com um bocejo. O aperto de King apertou ao redor minha palma. Ele me arrastou pelo corredor em seu estúdio de tatuagem e acendeu a luz.

— Sente-se, — ele comandou, libertando minha mão e apontando para a cadeira no meio da sala.

— Por quê? — eu perguntei, me tornando mais consciente enquanto eu lentamente acordava.

Minhas mãos começaram a suar. — Você me quer naquela cadeira? — perguntei.

King caminhou até a caixa de som para iPod, e de costas para mim, ele passou as músicas. Depois de alguns minutos, os sons de Florida Georgia, Line's STAY encheu a sala.

Quando King voltou ao redor e percebeu que eu ainda estava de pé ao lado da porta, ele estreitou seu olhar e novamente apontou para a cadeira. — Sente-se, ou eu irei até aí e te jogo nela.

Seu tom não implicava que eu tinha outra opção. Me mexi com relutância até a cadeira e timidamente sentei.

— Tire sua camisa. — a voz dele tão tensa de repente que ele teve de limpar a garganta. King se sentou em seu banquinho e abriu a última gaveta de sua caixa de equipamentos. Ele começou a tirar materiais como se ele estivesse se preparando para tatuar um cliente, assim como eu o tinha visto fazer muitas vezes ao longo das últimas semanas.

— O quê? Por quê? O que você está fazendo? — perguntei, incapaz de esconder o pânico na minha voz.

— Porque, pequena, vai ser muito difícil de fazer essa porra de tatuagem com sua camisa. Então, tire a maldita coisa, sim? — King era exigente, mas seu tom sugeria uma suavidade que não estava lá quando eu o conheci.

— Eu já te disse. Eu não posso, — eu disse. — Você simplesmente não entendeu. Eu posso querer uma, mas eu simplesmente não posso. Eu já te disse isso. — em seguida, outro pensamento passou pela minha cabeça.

Ele não me tatuaria contra a minha vontade, né?

King levantou de seu banquinho e se aproximou lentamente. Um olhar ameaçador em seus olhos. Ele empurrou meus joelhos afastados e estabeleceu seu grande corpo entre as minhas coxas. Ele descansou sua testa contra a minha em um gesto que era ao mesmo tempo intimista e novo.

— Quantas vezes eu preciso te dizer? Você precisa aprender a fazer o que lhe é dito, pequena, — ele rosnou, seu hálito flutuando através da pele no meu rosto e pescoço.

Em um movimento fluido, ele puxou minha blusa sobre a minha cabeça e a atirou para sua caixa de equipamentos. — Você é minha agora. Em todos os sentidos. E eu preciso que você saiba que se você recuperar a sua memória e lembrar quem você é, você ainda vai ser minha. Se você tem um namorado lá fora esperando por você? Você ainda é minha. — ele fez uma pausa. — E se você *nunca* me deixara

voltar para sua antiga vida, só sei que não importa com quem você está, cada polegada deste belo corpo seu sempre vai me pertencer.

Sem sutiã e me sentindo muito exposta em todos os sentidos, eu fiz um movimento para cobrir meus seios com a mão. Olhei para o chão para evitar contato com os olhos. Eu podia sentir seu olhar sobre o meu corpo. Os cabelos em meus braços se arrepiaram. Meus mamilos endureceram.

Os lábios de King enrolaram para cima em um sorriso perverso. Ele se inclinou para mim e colocou suas mãos sobre a minha, as retirando dos meus seios, me expondo totalmente a seu faminto olhar. Ele soltou um suspiro longo. Sua língua disparou para fora, lambendo seu lábio inferior antes de sugá-lo em sua boca. Depois do que pareceu uma vida inteira, ele balançou a cabeça e riu levemente.

— Isto não é sobre mim agora, — disse ele. Tive a sensação de que ele estava falando para si mesmo, em vez de para mim. — Deite-se de barriga. — ele estalou em um par de luvas de látex preto.

— Você não pode. Eu não posso, — argumentei.

Ele se sentou no banquinho e o rolou para mim com os pés. — Você disse que queria uma tatuagem, certo?

— Sim, eu disse, e eu quero. Mas eu não posso. Eu não posso, porque e se...

— Não. Me deixe adivinhar, você não pode porque ele pode ser o que você quer, mas isso pode não ser o que ela quer? — ele não esperou eu responder. Provavelmente porque ele sabia que era exatamente o que eu ia dizer. — Mas o que você não está entendendo é que você é ela! — King rugiu, se levantando tão abruptamente que seu banco deslizou para trás e bateu na parede atrás dele. — Você não vê? Você não pode adivinhar tudo o que você quer, porque você tem medo de se lembrar de outra vida!

Ele caminhou pela sala e apertou as mãos, estalando os dedos.

— Foda-se quem você era! — King gritou, as veias do pescoço pulsando com cada um de sua respiração irregular. — Seja você, esta fantástica, incrível, linda... — seu tom de voz suavizou, e ele parou de andar, levantando os olhos para encontrar os meus. — Nós não vamos ter uma vida, lembra-se? Nós vamos viver.

Ele lentamente se aproximou de mim. Mais uma vez, ele tirou as minhas mãos para longe dos meus seios. Ele pressionou seu peito no meu. Suas mãos circularam em volta da minha parte inferior das costas, sua dureza na minha suavidade.

— Porra, eu amo quem você é, pequena, e com o tempo você vai amá-la, também, — ele disse, colocando um beijo suave na borda da minha boca, acendendo uma sensação profunda dentro de mim que fez todo o meu corpo tremer.

AMAR?

Eu comecei a protestar novamente, mas a névoa do desejo não me deixou levantar, e ao invés disso, eu apenas sentei lá com a boca aberta, esperando que King fizesse o próximo movimento.

Muito para minha decepção, ele se sentou em seu banquinho e abriu outra gaveta da caixa de equipamentos. Ele tirou uma folha de papel onde se via linhas coloridas já desenhadas na página.

— Aqui. — ele me passou o papel, desviando o olhar para o chão. — Eu fiz isso pra você.

Estendi a mão para o papel. Levei um minuto para descobrir o que era. As linhas eram todas coloridas, profundos tons de roxos, rosa, e azul. O projeto era ornamentado, e num primeiro momento, apenas parecia um belo trabalho de videira, mas quando você olhava atentamente, escondido no projeto estava... eu.

Escondido no projeto estava um livro aberto no meio com asas saindo dos lados, empoleirado em cima de um soco inglês. Mais para baixo e para o lado estava uma citação tecida em videiras, *''eu não quero repetir a minha inocência. Eu quero o prazer de perder tudo de novo'.*

Minha respiração engatou na minha garganta, e eu não conseguia formar as palavras. Saiu de mim completamente.

Eu tinha que fazer isso.

De repente, nada mais importava, porque este homem sabia exatamente quem eu era. Não quem eu costumava ser, e não alguma garota que eu estava esperando retornar ao pôr minha vida atual em espera no processo.

Eu estava cansada de ficar parada. Eu queria seguir em frente. Tudo o que importava era o que eu queria agora, e o que eu queria estava bem na minha frente.

— Onde? — perguntei, incapaz de tirar os olhos dele.

— Você confia em mim? — perguntou King.

— Sim, — eu disse sem hesitar. Porque era verdade.

— Ótimo. Então se deite. — King pegou o papel de mim, e com uma mão no meu ombro, ele me pressionou para baixo em cima da mesa, colocando o joelho do lado de fora da minha coxa. Seu rosto pairou apenas polegadas acima do meu. — Agora, seja uma boa menina, — ele sussurrou em meu pescoço, — e role. — um sorriso torto apareceu em seus lábios.

— Sim, senhor, — eu disse, não sendo capaz de conter meu próprio sorriso, minha barriga fazendo cambalhotas quando eu pensei onde aqueles belos lábios tinham estado não muito tempo antes.

— Boa garota. Agora você está aprendendo, — King me elogiou, selando seu elogio com um tapa na minha bunda quando eu fiz o que me foi dito e rolei.

Ele se arrastou ao redor, preparando suas ferramentas. A agulha de tatuagem começou a cantarolar, e logo após ele aplicar o modelo, eu senti a primeira fisgada na minha pele, seguido por uma sensação de risco.

Não doeu tanto como eu pensava que doeria. De uma maneira estranha, eu gostei da dor. Fechei os olhos e me perdi na sensação da agulha através da minha pele.

A sensação de tomar conta da minha vida e torná-la minha.

A agulha picava e raspava o seu caminho nas minhas costas e ombros. Ao mesmo tempo, eu disse um adeus silencioso para a garota que eu estava protegendo por meses.

Eu não iria sentir falta dela.

Enquanto King marcava a minha pele, eu abracei a menina cuja vida estava apenas começando. Abracei a vida.

Minha vida.

King me encheu tão completamente. Não apenas meu corpo. Meu coração. Minha alma. Minha vida. Eu não dou à mínima se eu irei ter a minha memória de volta.

Porque com King eu sabia exatamente quem eu era.

Eu era dele.

Capítulo vinte e três

KING

Tatuar Doe foi o momento mais erótico da minha vida. Marcando sua pele perfeita, clara, com uma tatuagem que eu projetei para ela me deixou tão duro que eu tive que me ajustar a cada trinta segundos, a fim de me concentrar em meu trabalho.

Quando eu terminei, eu entreguei a ela o espelho de mão, e ela caminhou até o espelho de tamanho grande que estava pendurado na parte de trás da porta, como ela tinha visto dezenas de meus outros clientes fazer antes. Quando ela ergueu o espelho de mão, ela engasgou.

— O quê? — perguntei em pânico, esperando que ela não visse o que eu tinha escondido na tatuagem. Eu era um idiota por colocar lá. Eu era um idiota por tatuá-la em primeiro lugar.

Eu era apenas um idiota.

Mas eu não poderia evitar. Meu nome precisava estar com nela. Não era suficiente apenas chamá-la minha. Eu precisava marcá-la. Então escondido no trabalho de videira sob a citação que eu achei que era perfeito para ela, estava o meu nome.

KING foi tecido no projeto. Para vê-lo você tinha que inclinar a cabeça ou de outra forma você não iria notar. Mas estava lá.

Eu diria a ela, eventualmente, é claro, mas eu queria que fosse o meu segredo por um tempo. Ela deixou de ser minha posse há um tempo, muito antes que eu gostaria de admitir isso, mas eu ainda sentia a necessidade de marcá-la como minha.

Eu ainda gostava da ideia de possui-la.

Só agora, ela me pertence, também.

Ela não percebeu o nome. Lágrimas encheram seus olhos. Ela ficou lá olhando para o espelho de mão em apenas sua calcinha. Sua pequena bunda insolente pendurava para fora de suas calcinhas. Os seios dela estava há apenas polegadas do meu rosto. Suas lágrimas de

felicidade fizeram o meu pau se contorcer. Embora as lágrimas tristes evocassem a mesma resposta.

Meu pau não era parcial a que tipo de lágrimas.

Peguei o espelho de sua mão e a levantei sobre o balcão. — Você gostou? — perguntei, empurrando sua calcinha por suas pernas.

— Eu amo isso, — ela ofegava, envolvendo suas pernas em volta de mim, me puxando para perto. Sua umidade molhou minha boxer. Eu as empurrei para baixo com uma mão. Eu tinha estado duro por três horas, o tempo todo que eu estava trabalhando nela, e não podia esperar mais. Eu empurrei dentro do seu calor apertado, molhado.

Nós dois gememos com o contato.

— Você adora isso? — perguntei, a necessidade de ouvi-la dizer isso de novo.

— Sim, eu adoro isso! — ela disse enquanto empurrava para dentro dela, duro. — Eu amo isso. Muito. Eu amo você.

Eu congelei quando ouvi as palavras, e quando o fiz, seus olhos se abriram.

— Eu não quis dizer...

— Cale a boca.

— Oh meu Deus, eu tenho essa de soltar as palavras. Sinto muito. Merda, eu só queria dizer-

— Cale a boca! — eu exigi, empurrando duro para conseguir sua atenção. Ela fechou os olhos, e sua cabeça caiu para trás. — Assim está melhor. Agora, mantenha essa linda boca fechada enquanto eu te fodo.

— Ok, — ela sussurrou, ofegante.

— Cale a boca, — eu disse novamente, e ela fechou a boca. — Cale a boca para que eu possa te foder... e te mostrar o quanto eu te amo.

Ela assentiu com a cabeça e, embora seus olhos ficassem fechados, uma lágrima rolou pelo seu rosto. A chupei de seu queixo antes que pudesse cair no chão.

Então, eu a fodi.

Duro.

Eu mostrei a ela o quanto eu a amava, até que eu não poderia dizer onde eu comecei e ela começou. Até que tudo o que estava naquela sala era eu e ela e a coisa entre nós que continuava nos puxando juntos como ímãs. Até que fomos perdidos em sensações e orgasmos.

E um no outro.

Eu a fodi até que nos tornamos uma só pessoa, e de uma forma nós éramos, porque eu tinha me perdido ao longo do caminho, e eu me encontrei novamente no lugar mais improvável.

Eu me encontrei novamente nos olhos assombrados de uma menina que estava tão perdida quanto eu.

Ou talvez, não encontramos um ao outro em tudo.

Talvez, nós decidimos nos perder juntos.

Capítulo vinte e quatro

KING

Doe e eu estávamos deitados na cama num sábado à tarde, observando Demolition Man. Ideia dela. Não é minha. Fora de todos os DVDs em minha coleção, essa era o que ela assistiu mais nos últimos dias. Ela também gostava de filmes da Disney, mas cada vez que ela os assistia, eu pensava sobre Max e uma dor formava em meu peito em pensar que ela poderia nunca estar por perto para vê-los conosco.

Ou Max poderia esta por aí e Doe pode ter ido.

Eu ia fazer tudo o que podia para deixar ambas sob o mesmo teto comigo. Embora, com o passar dos dias a realidade de juntar o dinheiro para o pagamento parecia cada vez menos provável.

Filmes de princesa da Disney podem ter sido apenas um monte de contos de fadas, mas a ideia de nós três juntos e quatro se você contar Preppy - era a minha ideia de felizes para sempre.

— Todos os restaurantes são agora Taco Bell[19], — Doe disse em sincronia com o personagem de Sandra Bullock. Conhecia cada linha. Era absolutamente adorável. Além disso, estávamos nus, e eu tinha uma mão no seu seio e a outra estava segurando sua buceta, então eu não tinha queixas. — Porque a casa está metade pintada? — ela se virou para mim de repente, apoiando a cabeça no meu peito.

— Porque quando Preppy e eu nos mudamos, já era uma velha casa, mas nós meio que destruímos com todas as festas e não pensamos muito em consertá-la. Então, eu pedi a Preppy para consertá-la um pouco, porque eu esperava trazer Tricia e Max aqui.

— Mas por que ele parou?

— Porque eu fui para a prisão, e a casa ser pintada não parecia importar para nenhum de nós mais. De jeito nenhuma ele ia fazer isso naquele momento. Além disso, Preppy pode ser capaz de cozinhar, e ele é um mecânico bom, mas ele é um trabalhador braçal de merda. Assim, o lugar foi para o inferno enquanto eu estava fora.

[19] Taco Bell é uma cadeia norte-americana de restaurantes de comida rápida.

— Bem, — disse ela, esticando os braços sobre a cabeça. Seus peitos empertigados saltaram quando ela bocejou e enganchou a perna por cima da minha coxa. — É melhor você começar a pintar de novo, porque nós vamos conseguir o dinheiro, e ela vai voltar para casa.

— Sim, querida. Nós vamos recuperá-la. — eu não tinha certeza se eu estava falando com ela ou tentando me convencer. A verdade era que a cada dia que passava, Max estava deslizando cada vez mais longe.

Preppy abriu a porta, e Doe se sentou rapidamente, puxando o lençol sobre seu peito nu.

— Cara, custa bater primeiro? — perguntei.

Preppy me ignorou e pulou para cima da cama, se acomodando entre mim e Doe. Ele passou um braço em volta de cada um de nós.

— Eu simplesmente amo vocês, — disse ele, apertando os três de nós juntos como se fôssemos uma grande e família estranha como a porra.

— Há um propósito para essa festa do amor? — perguntou Doe, rindo enquanto Preppy se inclinou para fazer-lhe cócegas.

Ele deveria ter me irritado que ele estava tocando nela, mas não havia nada sexual sobre sua conexão. Embora muitas vezes eu me encontrar com ciúmes de sua amizade fácil. Eu tive que trabalhar pra caramba para fazer a pequena gostar de mim e, mesmo assim, eu era uma merda nisso.

Mas, Preppy usava tanto a sua loucura e seu coração em sua manga e eu sempre tive um pouco de inveja de como era fácil estar perto dele.

Todos nós juntos só fazia sentido. Doe podia ler histórias de ninar para Max quando ela caísse no sono à noite. Tio Preppy poderia ensiná-la a fazer panquecas. Essas eram o tipo de imagens que fizeram tudo se resumir para mim. Ficou claro. Eu tinha que fazer o que for pra fazer isso funcionar.

Max tinha que voltar para casa.

Pequena tinha que ficar.

Eu disse a ela que eu era um idiota egoísta, e eu quis dizer isso. Eu só não achava que ela percebeu o quão verdadeira essa

afirmação realmente era. Eu garanto que ela não tinha ideia de que eu estava escondendo a verdade sobre seu passado dela.

Eu não tinha planos de me apaixonar dela, mas eu fiz. Agora, ela não era apenas um peão que eu iria começar a usar pra trazer Max de volta. Agora ela era uma parte da minha vida.

A parte que eu não estava disposto a dar de volta.

Mesmo se isso significasse manter a verdade sobre quem ela realmente é um segredo até que eu estiver apodrecendo no chão.

— Por uma questão de fato, há um ponto. Portanto, fico feliz que você perguntou! — Preppy se virou para mim, e seu rosto ficou sério. — Bear quer que a gente vá para o complexo hoje à noite. Eles estão tendo uma festa desde que o papai aqui ficou chateado e expulsou todo mundo.

— Corte o sarcasmo, Prep, — eu disse, eu não tinha paciência para humor de Preppy porque tudo que eu queria era que ele saísse para que eu pudesse ficar sozinho de novo com a minha garota.

— Sim, uma festa com os motoqueiros e os quatro B.

— Quatro B? — perguntou Doe.

— Sim. Beer, Booze. Blow. Babes. — Preppy olhou entre nós. — Bem, talvez não os babes[20] desde que vocês dois parecem ser uma coisa exclusiva. Vocês são uma coisa exclusiva? Devo arrumar as coisas e chamar um pregador? — Preppy se virou para Doe. — Você está grávida?

— O quê? — ela perguntou. — Não! Eu não estou. — ela riu enquanto Preppy fingia desmaiar no colchão.

— Mas somos exclusivos, — eu entrei na conversa. Eu não sei por que eu senti a necessidade de dizer isso, mas senti. Eu precisava que Preppy entendesse a mensagem alta e clara. Pode ser uma amizade inocente entre eles, mas a advertência a seus amigos companheiros sobre a sua mulher nunca poderia ser óbvio demais ou muito alto.

— Ahhhhh, então o que vocês dizem, meus amigos? Festa com Preppy esta noite? — ele esfregou as mãos como um bruxo do mal lançando um feitiço.

[20] Ele quis dizer babes como garotas.

— Você quer ir? — eu perguntei a Doe que estava rindo.

— Sério? — ela perguntou.

— Sério. — eu respondi. Se for a uma festa for o suficiente para conseguir esse tipo de sorriso dela, eu a levaria para uma a cada noite se ela quisesse.

— E isso aeeeee filhos da puta! Se vistam, amantes. Nós vamos para o clube. — Preppy se levantou na cama, pulando para cima e para baixo até que sua cabeça bateu em uma lâmina do ventilador de teto. Ele caiu de volta, segurando a testa. — Isso vai deixar uma marca.

Doe se inclinou até Preppy e empurrou a mão de sua cabeça para inspecionar sua lesão. Ela deixou cair o lençol de seu peito, os seios nus balançaram na frente do rosto de Preppy.

Preppy não estava mais preocupado com sua ferida. Ele abertamente olhou para seus mamilos e lambeu os lábios.

Eu não poderia ter ficado louco que eles eram amigos, mas eu estava prestes a dar um soco no meu melhor amigo por olhar minha menina assim.

Agarrei sua cintura e a arrastei de volta para mim, cobrindo o peito dela com o lençol. Ela corou.

Se ela achava que a minha festa de boas vindas era selvagem, ela ficaria chocada ao ver o que se passava lá no complexo dos Beach Bastards. — Merda, eu esqueci sobre esses malditos motoqueiros, — eu disse.

— Oh pare com isso, — disse Preppy. — O pessoal de Bear são inofensivos agora. Você apostou sua reivindicação, sinalizou seu território, coloque sua salsicha no lugar. Isso é tudo o que importa. Essa é a bíblia para eles. Ela não vai ser fodida. Além disso, eu estarei lá, assim como Bear, assim como você.

— Eu não estou tão confiante de Bear nos dias de hoje, — eu disse. — Não foi nem uma semana que ele estava pedindo a minha menina para ser sua old lady.

— Mas como eu disse, você entendeu. Está tudo bem, vamos festejaaaaar.

— Preppy, quanto café você já tomou esta manhã? — perguntou Doe.

— Não muito, seis, sete xícaras. Por quê? — ele contraiu os dedos como se estivesse tocando um piano imaginário.

— Nós podemos ir, mas você não deve sair da porra da minha vista, — eu disse a Doe. — É sério. Ou eu ou Preppy estamos com você em todos os momentos, entendeu? Pior cenário, vá para Bear, mas eu juro por Deus, se ele colocar a mão em você, vou acabar com ele.

Isso saiu mais duro do que eu pretendia, mas eu não estava de brincadeira. A realidade do que poderia acontecer a ela se ela ficasse sozinha era o que realmente me preocupava.

Nenhum filho da puta naquele lugar sobreviveria se tocasse nela. Só de lembrar o que Ed quase tinha feito me fez querer matar aquele pedaço de merda de novo.

— Entendi, — disse Doe, reconhecendo a seriedade no meu tom. Ela colocou a mão no meu ombro. — Eu não vou a lugar nenhum a menos que você ou Preppy estejam comigo.

— Bom. — eu soltei um suspiro que eu não sabia que eu estava segurando.

— Então, o que estamos assistindo? — perguntou Preppy, se recostando nos cotovelos e cruzando os pés nos tornozelos. — Ooh, O Demolidor. Isso é legal.

— Dê o fora, — eu disse, o empurrando para fora da cama.

— Vocês estão cortando a porra da diversão, — Preppy fez beicinho, se levantando. — Está tudo na terra dos amantes e esqueceram tudo sobre Preppy aqui. — ele esticou o lábio inferior e os ombros caídos.

— Tenha o carro pronto em vinte minutos, — eu lati, jogando um travesseiro em sua cabeça.

— Você quer dizer o caminhão. O meu está em um milhão de pedaços pequenos, e 'explodir o motor' não é coberto pelo seguro, — disse Preppy, se esquivando do travesseiro.

— Você não tem porra de seguros, — eu disse. Preppy não queria qualquer coisa que tivesse registro, não importa o quão legal fosse.

— Mas se eu tivesse, não iria cobrir, — disse ele, nos acenando e saindo do quarto.

— Me lembre de colocar uma trava para a porta, — eu disse.

— Oh, pare. Preppy é legal, ele esta apenas altamente cafeinado, — Doe disse em sua defesa.

— Você pode voltar atrás agora se você mudou de ideia. Podemos ficar aqui e ficar nus e assistir o filme estúpido que você quiser, contanto que estamos nus enquanto assistimos. Não temos que ir para a festa de Bear se você não acha que você vai se sentir confortável.

— Eu quero conhecer melhor os seus amigos. Eu quero sair da casa um pouco. Eu quero tudo. — Doe sorriu. — E eu quero isso com você.

Eu queria soprar para fora do meu peito e bater nele como um gorila. Suas palavras ficaram gravadas. Ela queria tudo.

Comigo.

Eu me senti tão bem sobre onde estávamos e onde estávamos indo que eu quase me senti bem em viver o resto da minha vida mentindo para ela.

Quase.

Capítulo vinte e cinco

KING

A casa do clube de Bear era um velho complexo de apartamentos de dois andares com um pátio no centro e uma pequena piscina, em forma de rim que tinha sido grafitada um milhão de vezes.

Um monte cadeiras de plástico com buracos nos assentos e encostos, algumas pernas faltando, estavam espalhadas por toda parte. Algumas estavam flutuando de cabeça para baixo na profunda da piscina em um pé de água lamacenta verde. Não havia sistema de altifalantes sofisticado. Uma caixa antiga estava em cima de uma pequena mesa redonda tocando Johnny Cash. Seu cabo corria para dentro da água rasa da piscina e em frente ao pátio onde foi ligado a uma tomada de parede dentro de um dos quartos.

Mulheres seminuas estavam por toda parte, e motoqueiros de todas as idades, formas e tamanhos estavam em vários estados de embriaguez. Duas cabeças de músculos vestindo seus coletes com nada além de seus peitos nus por baixo, lutavam no canto em cima de um cesto de roupa suja transbordando.

Duas mulheres combinando com o cabelo loiro branco, ambas de topless, estavam transando do lado de fora na varanda do segundo andar contra a grade, enquanto um prospecto magricelo estava por perto olhando com os olhos cheios de luxúria, com uma ereção que ele não estava mesmo tentando esconder, lutando contra seus jeans.

Bear foi a primeira pessoa a nos cumprimentar. — King, seu filho da puta! — ele gritou, de pé na porta aberta de um dos quartos com o braço envolto em torno no pescoço de uma menina com bochechas rechonchudas inocentes, mas um olhar muito cansado em seus olhos. — Aqui! — ele nos acenou e praticamente empurrou a garota para fora do quarto. Ela teria caído de cara no concreto se Preppy não a tivesse pegado e a colocado de volta em seus pés.

— Obrigada, — disse ela, olhando para Preppy. Preppy franziu o nariz como se ele estivesse confundido por seus agradecimentos, em seguida, pisou em torno dela. Ela olhou para ele, enquanto se afastava.

— Que diabos foi isso? — perguntei.

— Não faço ideia porra, — Preppy disse seriamente, seu humor habitual nada em vista. — Vamos começar a festa.

— Doe, baby! Você está aqui! — Bear exclamou, puxando Doe para um abraço que durou muito tempo. Cerrei os punhos. Bear não pareceu notar, e se o fizesse, ele não parecia se importar. — Bump traga a meus amigos uma bebida!

O prospecto ruivo sardento que eu tinha visto algumas vezes antes encheu três copos vermelhos do barril e os entregou para nós.

— Tem alguma coisa em uma garrafa para a senhora? — perguntei, esvaziando meu copo em apenas alguns goles.

Eu precisava de algo mais forte para tomar, mas eu não iria deixar um destes pequenos filhos da puta de prospectos tentarem colocar algo na bebida de Doe. Éramos amigos do clube, mas alguns desses novatos não sabem a extensão de que era melhor não mexer com a gente. Eu estava prestes a explodir da minha pele. Por que viemos aqui mesmo? Oh sim, porque Doe queria.

Eu estava me transformando em uma porra de uma bichona por causa dessa garota.

— Você ouviu o cara. Um garrafa para a senhora, — Bear ordenou, tomando o copo das mãos de Doe antes que ela tivesse uma chance de levantá-lo aos lábios.

Bear jogou fora o conteúdo de seu copo enquanto Bump entregou a ele uma garrafa fechada de cerveja. Eu descartei meu copo e usei a fivela em um dos cintos em torno de meus braços para estalar a tampa para ela. — Exagerando muito, amigo? Não deixaria que nada acontecesse com ela. Não no meu turno. Não no meu lugar. Você deveria saber disso.

Dei de ombros, e Preppy entrou na conversa antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. — Não fique magoado sobre isso, Bear. King nem mesmo confia em mim em torno dela, e eu queria levá-la para um encontro e talvez me dar bem um pouquinho, mas nãoooooo.

Era uma mentira. Espero que Preppy saiba disso. Eu confiei nele com a minha vida, e eu sabia que ele não iria fazer nada se isso

significasse me perturbar com Doe. Mas isso não significa que eu não queria cortar sua garganta toda vez que ele sorria para ela. Especialmente quando todos os dias desde o dia que eu decidi que eu precisava dela na minha vida, eu senti como se cada movimento meu tivesse que ser pensado para não mandá-la correndo com medo.

Ou pior, acidentalmente lhe dizer a verdade.

— Você quer começar essa merda? — perguntou Bear, estendendo a mão apontando para uma velha mesa de cabeceira, onde várias linhas de pó branco já foram cortadas. Eu balancei minha cabeça. Eu não tinha tocado em nada além de álcool e maconha desde que saí, mas Preppy sim e cheirou duas linhas. Ele me conhecia melhor do que ninguém, e ele sabia que droga era a última coisa que eu precisava com toda a adrenalina já correndo em minhas veias. Mas ele também sabia que cheirar coca com os motoqueiros, especialmente Bear, era como sua versão de trazer em uma boa garrafa de vinho para um jantar. Uma demonstração de respeito. Etiqueta de motoqueiro, se isso faz algum sentido. Acendi um cigarro e olhei para Doe, que estava olhando ao redor do lugar como se ela estivesse descobrindo a cidade perdida de Atlantis.

Outro membro de Bear colocou a cabeça para dentro da sala. Eu o reconheci imediatamente como um cara chamado Harris, que tinha sido votado[21] antes de eu ir embora. — Bear, seu velho está aqui. Ele quer te ver e disse para trazer King e seu pessoal para que ele possa dizer oi. Ele está no escritório.

Bear finalizou sua cerveja e soltou um longo arroto. Ele jogou o copo agora vazio em Bump. Bateu na cabeça dele e caiu no chão.

— Limpe essa merda, — Bear ordenou, nos levando da sala. — Vamos, crianças. Vamos dizer oi para o meu velho e acabar logo com isso.

O pai de Bear era o presidente dos Beach Bastards. Um dia ele levaria o martelo dele e se tornaria o homem responsável.

Quando nós caminhamos para o escritório, a porta se fechou atrás de nós e um estalo ecoou na sala. Preppy se virou para a porta e virou a maçaneta, mas ela já estava trancada.

Merda. Bear amaldiçoou.

[21] Ele quer dizer que passou de prospecto para membro.

Atrás da mesa, do outro lado da sala, sentado numa cadeira, de frente para longe de nós. Ele se virou lentamente, e onde eu esperava ver o pai de Bear, estava Isaac.

— Filho da puta, — Preppy xingou.

Os pés de Isaac estavam apoiados no topo da mesa. Ele estava acariciando sua longa barba trançada. Um palito de dente pendurado ao acaso de seu lábio inferior. Seus olhos imediatamente se estreitaram em Doe.

Porra.

Seus olhos corriam de mim em Doe enquanto ele falava. — E quem é essa?

Senti meu rosto ficando quente de raiva. Se eu alguma vez visse aquele fodido do Harris novamente eu iria rasgá-lo membro a membro.

Foi nesse momento que eu percebi o quão estúpido trazer Doe para a festa realmente foi. Isaac era um homem perigoso, e, embora eu pensasse que tinha tempo antes dele aparecer na cidade, eu sabia que aparecer do nada era uma possibilidade. Eu tinha planejado enviar Doe para a casa de Grace em um par de dias, pelo menos até que isso acabasse.

Obviamente, não deu tempo.

Foi um lapso completo de julgamento da minha parte. Meu cérebro tinha sido colocado em espera, porque todo o sangue tinha estado no meu pau, que na maior parte da semana tinha estado profundamente alojado dentro da apertada buceta de Doe.

— Ela está comigo, — eu respondi, mantendo minha voz tão casual quanto possível. Tentando não deixar que as minhas palavras gritassem ELA ESTÁ COMIGO, DE UM JEITO QUE É PRA SEMPRE, ENTÃO É MELHOR TIRAR OS OLHOS DELA SEU IMBECIL. Em vez disso, eu mantive meu rosto duro e sem emoção. — Elas estão com você?

Fiz um gesto para as duas loiras que tinham tatuagens cor de rosa em seus bíceps. Elas estavam fazendo um show tocando nos peitos falsos enormes uma da outra.

— Eu acho que elas estão, — disse Isaac com uma risada. Ele apertou as mãos e fez um gesto para a cadeira na frente dele. — Sente-se, Sr. King.

Me sentei e puxei Doe para o meu colo, onde eu mantive uma mão possessiva em torno de seu pescoço. Era um gesto que dizia que ela estava comigo, mas era suficiente desrespeitoso para dizer a Isaac que Doe não era tão importante. Ela deixou escapar um pequeno grito de surpresa, e eu esfreguei a parte de trás do pescoço dela com a ponta do meu polegar para confortá-la. Seu pulso disparou em seu pescoço.

O olhar de Isaac percorreu até suas panturrilhas de se estabeleceu entre as pernas dela, onde eu tinha certeza que ele tinha um vislumbre de sua calcinha. Eu queria cruzar as pernas ou jogá-la do meu colo para que ele parasse de olhar para minha garota como se quisesse comê-la, mas que iria mostrar a ele que ela era minha fraqueza. Em vez disso, eu abri seus joelhos com as mãos para mostrar Isaac mais dela. Ele lambeu seu lábio inferior, e seu olhar encontrou o meu.

— Tem sido um longo tempo, King, — ele disse, seus olhos brilhavam com diversão. Eu empurrei as pernas de Doe juntas de novo.

A maneira que Isaac disse meu nome fez calafrios correm pela minha espinha. Doe foi junto com o que eu estava fazendo. Ela confiou em mim e agradeço a Deus por isso, mas a maneira como seu corpo ficou tenso, eu sabia que ela estava horrorizada com o que eu tinha acabado de fazer.

Eu também.

— Sim. Ouvi dizer que você recentemente perdeu seu sobrinho em um acidente de construção trágico. Minhas condolências, — eu ofereci.

Isaac sorriu. — Foi trágico, Sr. King, mas não foi um fodido acidente. Wolfert estava roubando de mim. Simples assim. Então, eu cortei sua garganta e o enterrei sob três pés de concreto. A única verdadeira tragédia foi eu ter sido estúpido o suficiente para lhe dar uma chance e que sua mãe me liga chorando três malditas vezes por dia. — Isaac acendeu um cigarro e coçou a cabeça. — Eu aprendi minha lição, Sr. King, e eu não vou ser tão estúpido novamente. A regra número um neste negócio é ter certeza de que as pessoas que te fodem tenham o troco ou morram bem rápido.

Doe endureceu.

Isaac acenou para as loiras que trouxeram uma garrafa de uísque caro. Uma delas enchia os copos enquanto a outra os servia. Quando ela chegou para mim, ela fez um show escovando os peitos falsos contra minha mão. Eu estava prestes a dizer a ela para sair de longe de mim quando pelo canto do meu olho eu notei Isaac observando cada movimento meu.

Peguei o copo da loira e coloquei no decote da outra. Eu fiz um show lambendo o sal de seu peito antes de mergulhar a cabeça entre seus seios para morder o copo com meus dentes. Eu joguei para trás a dose, mantendo Doe firmemente ao meu lado. Eu acenei minha mão com desdém quando terminei, atirando a ela o meu copo vazio e, em seguida, redirecionando a minha atenção para Isaac, que por enquanto, parecia satisfeito.

Preppy e Bear estavam no fundo da sala. Eu tive uma sensação desconfortável com a situação, e, obviamente, eles também porque estavam em posição que se a merda batesse no ventilador eles seriam capazes de disparar.

— Não vamos sentar aqui e botar isso pra você agora mesmo, — disse Preppy. — Festa hoje à noite. Vamos agendar uma reunião formal para amanhã, quando todos nós já tivemos a oportunidade de ficar bêbado e conseguir alguma buceta.

Eu podia sentir a desconfiança de Preppy. Eu era capaz de lê-lo melhor do que ninguém, o que ele realmente estava dizendo era *vamos dar o fora daqui.*

Bear entrou na conversa com um: — Sim cara, vamos sair para o pátio. As strippers já devem estar aqui agora. Bump e os meninos estão arrumando tudo. Vamos nos embebedar e conseguir os nossos paus molhados antes de toda a conversa séria ir pra merda.

— Parece bom. — me levantei e comecei a caminhar para a porta, arrastando Doe comigo.

À direita quando cheguei à porta, dois dos homens de Isaac entraram na sala e fecharam, bloqueando a nossa saída, levantando suas armas.

Quando me virei, mais três homens de Isaac saíram da sala logo atrás do balcão. Suas pistolas engatilhadas.

— É isso aí? Você me fodeu e espera que eu festejasse com você e esquecesse tudo sobre isso? — perguntou Isaac. Ele se levantou e andou na frente da mesa. — Você não pode simplesmente foder todo um negócio que eu passei décadas executando. Eu não sou sua prostituta. Você não pode optar por foder comigo quando te convém, e então me deixe pendurado depois de ter cuidadosamente me fodido.

— Eu estava preso, — argumentei, sabendo que não seria uma razão boa o suficiente para Isaac. — Você não queria lidar com Prep. Precisávamos ganhar. Nós não te cortamos. Fizemos uma decisão de negócios. Uma decisão *temporária.* Estive tentando falar com você desde a minha libertação, mas você teve suas bolas em um nó. Eu não sou sua vadia, Isaac. Eu não tive a intenção de ferir seus sentimentos. Agora, vamos passar por essa porra e se você quiser conversar, vamos conversar. Mas os deixe voltarem para a festa. — acenei minhas mãos para meus amigos e Doe. — Dessa forma, eles, pelo menos, podem se divertir hoje à noite.

— Você acha que essa porra é fácil, não é? Este concelho pode pertencer a você, mas esta é a minha costa. A qualquer momento que um de seus pequenos bastardos quer sair, você precisa da porra da minha permissão! — cuspiu Isaac, batendo o punho sobre a mesa. Seu rosto ficou vermelho. Ele virou a cabeça para o lado e passou a palma da mão contra o rosto, quebrando sua mandíbula de lado a lado.

Bear foi para a pistola, mas ele não foi rápido o suficiente. Um dos homens que bloquearam a porta pressionou a arma na parte de trás do pescoço de Bear.

— Nem pense nisso, — alertou.

Preppy falou, — Que porra é essa que você quer, Isaac? Você quer que a gente faça isso para você? Você quer dinheiro? Tudo bem, vamos fazer isso. Fazer você mais rico do que você já é. Eu honestamente não acho que você se importa. Somos pequenos em comparação com suas outras operações. King estava trancado. A ideia foi toda minha. Essa coisa toda é sobre mim. — sua voz ficou mais alta quando ele ficou mais ousado. — Você quer alguém para culpar? Me culpe. — ele não estava xingando e seu tom era sério. Isso me preocupou mais do que as armas para as nossas cabeças.

Preppy estava sendo imprudente.

E ele estava fazendo isso por nós. Assim ele poderia levar toda a culpa e toda a punição.

Eu não podia o deixar levar toda a culpa, e eu não poderia permitir que esse filho da puta de merda chegasse em cima de nós como se ele corresse o mundo todo. Eu não era um traficante de merda, mas eu não era alguém que você poderia apontar uma arma e não pagar por isso com a sua vida. Eu segurei a mão de Doe e dei um aperto, tentando o meu melhor para tranquilizar a ela que eu iria protegê-la.

Então eu comecei.

— Mas uma vez que eu sabia sobre isso, eu não parei, — eu entrei na conversa. — O dinheiro era bom, cara. Mas estamos prontos para ficarmos grandes. Preciso de sua ajuda para nos levar lá. — eu tentei apelar para o senso de negócios de Isaac. Mas havia uma razão de Isaac ser bem sucedido. Ele cortou todos que tinham ficado em seu caminho como um lenhador irritado.

Até mesmo sua família.

Isaac se inclinou e cacarejou como uma bruxa possuída. As meninas no sofá deslizaram para a borda mais distante, em um esforço de escapar. — Fiquem bem aí, garotas! — Isaac advertiu. Sua risada desapareceu instantaneamente. Linhas profundas gravaram em sua testa. Seus lábios franzidos. — Isso não vai demorar muito tempo.

— Isto não é sobre elas, — disse Bear, acenando para as meninas e, em seguida, para Doe. — Deixe as três cadelas saírem, e nós vamos lidar com isso da forma que precisa ser tratado. Não se esqueça de que esta é a minha casa, o meu povo. Eu não sei o que você pensa que está acontecendo, mas isso não vai ir pra merda. Eu tenho uma dúzia dos meus irmãos lá fora que não ficam ociosos quando ouvem tiros.

Isaac desfilou em nossa direção. Eu instintivamente empurrei Doe atrás de mim. Má ideia, porque com esse movimento, eu mostrei a Isaac que ela era mais importante para mim do que eu mesmo. Foi instinto de protegê-la, mas nessa situação, o instinto não estava me fazendo nenhum favor.

Ele sorriu enquanto se aproximava.

— O Rei da Calçada, — Isaac disse, citando o ar com os dedos ao redor do rótulo que tinha sido dado a mim quando eu comecei a fazer um nome para mim em Logan's Beach. — Você não é o rei de merda! O único rei por aqui sou eu, e se você foder com o que é meu, a única maneira que eu vejo é que eu preciso foder com o que é seu. — ele se virou para Doe. — Ou foder o que é seu.

— Não toque nela, porra! — gritei, parando pouco antes de acabar com Isaac quando eu senti o cano de uma arma nas minhas costas e a faca de Issac na minha garganta. Minha arma ainda estava presa por trás da minha fivela do cinto no cós da minha calça jeans.

Não havia nenhuma maneira de chegar a ela sem nós todos morrermos.

Isaac acenou para seu um de seus homens. — Leve ela para o quarto de trás.

O homem se aproximou e agarrou Doe, empurrando ela para frente. Ela tropeçou em seus saltos e caiu de joelhos. Os sapatos caíram de seus pés e ela caiu ruidosamente contra o chão.

Com apenas uma pequena queda, todos os meus instintos mais básicos gritaram comigo para ir ajudá-la, protegê-la. Mas eu estava cercado, e eu não podia fazer nada.

Eu nunca me senti tão fraco em toda a minha vida.

O cara de Isaac puxou Doe pelo braço e atirou ela para frente. Ela aterrissou com um baque, sua bochecha contra a porta. Rosnei. Ele abriu a porta e a empurrou para dentro. Isaac seguiu e voltou para onde eu estava cercado por armas destinadas à porra da minha cabeça.

— Porra, — Preppy xingou. Estávamos totalmente desamparados.

— Como eu disse, KING. Você me fode. Eu te fodo. E desde que eu não gosto de pau, sua menina aqui vai ter que servir.

Ele fechou a porta.

* * * * *

DOE

Um homem veio por trás de mim e me agarrou pelo braço, me empurrando para frente em um quarto escuro, batendo a porta atrás de mim.

Uma pequena cama estava no meio de altas paredes forradas com prateleiras vazias. Olhei ao redor por Isaac, que entrou no quarto atrás de mim e vi King murmurando um ME DESCULPE quando a porta se fechou.

Então, nós estávamos sozinhos.

Escuro era o meu maior medo.

Este era pior.

A minha única família no mundo estava no outro quarto com armas apontadas para eles.

Quão irônico essa porra era? Porque no caminho para a festa tanto Preppey quanto King estavam tão preocupados com minha segurança que me fizeram recitar suas regras a eles várias vezes.

1 Não vá para fora sozinha.

2 Se certifique de que um de nós esteja com você em todos os momentos.

3 Não aceite bebidas de ninguém, além de nós.

Nós ainda não tínhamos estado nem por uma hora, e o que eles pensavam que era a pior coisa que poderia acontecer comigo não era nem de perto tão ruim quanto o que realmente estava acontecendo.

Eles estavam preocupados comigo sendo drogada e estuprada.

O que aconteceu foi muito pior.

Isaac queria se vingar de King, e era óbvio que ele tinha planejado tudo antes que aparecêssemos na festa com a ajuda de alguém do MC de Bear.

King e Prep poderiam ser mortos.

Eles poderiam já ter sido mortos.

Eu não conseguia sentir minhas pernas, mas eu podia ouvir o sangue correndo na minha cabeça.

Talvez, foi tudo para o show. Eu silenciosamente esperava que Isaac só quisesse provar um ponto e que suas intenções não eram tão ruins quanto ele deixava transparecer.

Não. Eles não eram tão ruins. Eles eram piores.

Muito piores.

Porque o segundo a porta se fechou atrás de mim, a realidade bateu. Olhei ao redor por uma arma, algo que eu poderia usar para afastá-lo, mas já era tarde demais. Eu estava de costas na cama com a mão de Isaac em volta do meu pescoço, silenciando o grito gutural que eu nem sabia que estava vindo de dentro de minha garganta.

Com uma mão prendendo meus pulsos, ele montou em mim, suas coxas me enjaularam. Ele soltou minha garganta e puxou para baixo o meu vestido, expondo meus seios. Eu soltei outro grito, que foi recompensado com um recuo, em seguida, um soco no meu queixo. Meu cérebro sacudiu na minha cabeça. Eu vi estrelas e minha visão ficou turva. Minhas entranhas estavam em modo de defesa.

A pouca adrenalina que eu tinha estava sendo usada para combatê-lo. Mas levar um golpe no rosto, meus esforços não foram suficientes porque ele lançou um lado de meus pulsos e se atrapalhou com as calças, a sua gordura e pau mole descansou na minha coxa enquanto eu tentava derrubá-lo com tudo o que eu tinha.

Ele não era tão grande quanto King, mas era grande o suficiente para fazer o que fosse que ele havia planejado para mim sem muita dificuldade. Lutando de volta com toda a minha força não era nada mais para ele do que uma ligeira diversão e porca irritação.

Eu não estava prestes a desistir. De jeito nenhum King seria capaz de me salvar desta vez. Eu estava sozinha e eu iria sobreviver a isto, mesmo se isso significava que eu tinha que rasgar seu pau com a porra dos meus dentes.

Nesse meio tempo, eu mordia qualquer parte do corpo dele que veio perto de mim, minha boca desembarcando em seu osso do pulso, sacudindo os meus dentes e mal perfurando sua pele bronzeada e resistente. Imediatamente, eu senti algo frio contra a minha testa.

— Eu vou estourar seus miolos por todo este quarto se você não parar de me morder, cadela. Então, eu vou ter os meus homens atirando na cabeça dos seus meninos lá fora e despejá-los na porra do

pântano. É isso que você quer, porra? — ele respirou, empurrando a arma mais forte contra minha cabeça.

— Não, — eu engasguei.

— Isso foi o que eu pensei. King precisa aprender seu lugar. Ele precisa saber que quando ele fode comigo, eu sou o único que dá as cartas fodidas, e o que é seu é meu. Estas são as minhas ruas, o meu produto. Esta é a porra do meu clube. Estes são meus peitos do caralho. — ele serpenteou sua fria língua molhada em torno de um dos meus mamilos, e eu tive que engolir a bile subindo na minha garganta. — É por isso que eu vou transar com você agora. Eu vou te foder sem preservativo e te enviar de volta lá fora com meu esperma escorrendo por sua perna para que ele possa aprender que ele é o Rei de *nada.*

Ele deslizou a mão na minha perna e agarrou a minha calcinha. Quando eu gritei, ele novamente cobriu minha boca e montou em mim com um joelho de cada lado da minha caixa torácica, apertando as pernas com tanta força que eu ouvi minha costela fazendo um crack ao mesmo tempo em que eu senti a explosão de dor no meu peito. Com a mão livre, Isaac alcançou sua bota e trouxe uma longa faca de caça. Ele a levantou no ar, e, em seguida, trouxe para baixo em minha coxa até que eu senti bater osso.

Duas vezes.

Quando ele puxou a lâmina serrilhada para fora, ele trouxe pedaços da minha carne com ele. — Eu te disse para não gritar porra, sua vadia.

Dor percorreu minha perna e se espalhou por todas as terminações nervosas do meu corpo até que senti como se toda a minha perna tivesse sido esfaqueada, não apenas a minha coxa. As lágrimas derramavam dos meus olhos enquanto eu lutava para ver além da visão embaçada induzida pela dor.

As mãos de Isaac estavam de volta ao meu vestido, puxando minha calcinha para baixo, o ar frio soprou sobre minhas partes expostas, me deixando saber que Isaac tinha removido com sucesso.

Ele se sentou entre as minhas pernas e estendeu a mão para posicionar seu pênis na minha entrada. — Se você lutar eles estão fodidamente mortos, — disse ele, me olhando nos olhos.

Não havia nada sobre seu comportamento que me faria acreditar que ele não era o tipo de cara que não seguia com suas ameaças. Ele quis dizer cada palavra. Se eu gritasse, se eu lutasse com ele, as únicas pessoas no mundo que eu amava estariam mortas.

King estaria morto.

— É isso aí garota, — ele assobiou quando eu deixei cair os joelhos para os lados. Com um monte de esforço, Isaac conseguiu se empurrar dentro de mim. Ele estava lutando. Meu corpo estava tão seco que era como ele estava fazendo contra sua própria luta para mantê-lo fora. Ele cuspiu na mão e chegou entre nós.

Fechei os olhos com força. Talvez, se eu não visse não estava realmente acontecendo.

Mas aconteceu. Porque embora eu não pudesse vê-lo, eu podia sentir isso.

Ele entrou em mim, violando completamente o corpo que eu tinha finalmente tomado posse como meu. Não era apenas uma violação do meu corpo. Foi uma invasão de minha alma.

Pop Pop Pop Pop.

O som rachou através do ar do outro quarto.

— Que porra é essa? — Isaac rugiu, virando a cabeça para quem tinha acabado de abrir a porta.

Pop.

A cabeça de Isaac explodiu em cima de mim como uma marreta em uma melancia. Meu rosto ficou coberto de um líquido espesso, quente e vermelho. O peso total do seu corpo mole caiu sobre mim, tirando o ar do meu peito. Estilhaços de carne e osso, que costumava ser a cabeça de Isaac, pousaram na minha boca aberta, e eu imediatamente virei minha cabeça e soltei no chão.

King apareceu de repente ao meu lado, a arma na mão. Ele rolou Isaac de cima de mim empurrando seu corpo sem vida no chão, finalmente me libertando de sua penetração.

King tinha perdido sua camisa e estava vestindo apenas uma calça preta. Cada polegada de pele disponível em seus braços e pescoço estava coberto de sangue, como se ele tivesse abatido uma vaca.

Ou pessoas.

Os olhos de King passaram longe quando ele olhou para baixo para o meu estado de nudez. Em seguida, ainda mais quando percebeu o sangue bombeando da minha perna.

— Porra! — King apontou sua arma para Isaac e disparou duas vezes, seu corpo sem vida saltou quando cada bala fez contato. — Filho da puta, — King murmurou. — Eu sinto muito, baby. Estou tão arrependido.

— O que diabos está acontecendo? — perguntei. Eu estava perdendo sangue rápido e ficava cada vez mais tonta. King me levantou em seus braços. — Onde está Preppy? Onde está Bear?

— Cubra seus olhos, pequena, — King ordenou.

— Por quê?

— Porque você pode pensar de forma diferente de mim, se você os mantiver abertos, — ele sussurrou, me levando para o outro quarto. — Não é uma vista bonita aqui fora.

Eu sabia que deveria ter ouvido ele, mas uma parte de mim, uma parte muito estúpida de mim, precisava ver. Mas não importa o quanto eu me avisei sobre o que estava do outro lado da porta, não era nem de perto o suficiente para me preparar plenamente para a realidade do que estava na minha frente.

Corpos.

Corpos. Em todos os lugares.

Caídos uns sobre os outros em sofás, cadeiras, no chão. O linóleo branco estava coberto de pegadas vermelhas escuras.

Preppy estava sentado na soleira da porta, pálido, segurando o lado com uma das mãos, o sangue saturando a área de sua camisa que sua mão estava tentando cobrir. Bear estava em cima dele com as mãos sobre os joelhos tentando recuperar o fôlego. Preppy olhou para cima quando nos aproximamos e coçou a cabeça com o cano de sua arma. Ele nos deu um sorriso triste. Este era Preppy. Sorrindo, enquanto estava gravemente ferido em uma sala cheia de cadáveres.

— Então... vocês estão prontos para a festa agora? — ele perguntou, sua voz alta e sarcástica como de costume era rouca, sua respiração superficial.

Ele ficou branco fantasma em questão de segundos. O sangue escorrendo de seu rosto em um ritmo alarmante. Seu sorriso desapareceu quando seus olhos rolavam em sua cabeça até que suas pupilas foram substituídas com apenas o branco dos seus olhos. Bear pulou para pegá-lo quando ele caiu para frente no chão.

Preppy exalou em um gemido estrangulado.

Eu teria dado qualquer coisa no mundo para que esse sorriso e essa respiração não tivesse sido a sua última.

Capítulo vinte e seis

KING

Quinze anos atrás

— Porra, não! Eu não vou ser puta de ninguém — Preppy gritou para Bear. Ele tomou outro gole gigante da garrafa de tequila barata que estávamos dividindo. Nós três nos sentamos em caixas de leite derrubados no chão da sala de estar do apartamento de merda que Preppy e eu tínhamos acabado de nos mudar. As caixas eram a única mobília que tínhamos. — Esse colete é legal como a merda, mas você não vai me ver anunciar ao mundo que eu sou um criminoso. Eu mantenho minha merda escondida.

O lugar era um buraco de merda completa. Dois quartos, um banheiro e uma cozinha que constituía de um fogão elétrico e uma pia sustentada por dois gabinetes no canto da sala quadrada. O piso de linóleo preto e branco marcava a área da 'cozinha'.

Estava suja. Havia um monte de formigas andando sob um dos rodapés, moscas presas nas armadilhas penduradas no teto. Um ventilador com duas lâminas quebradas praticamente inútil estava no teto sala de estar. A única janela da sala de estar principal estava pregada então não tinha como abrir.

Era a maior merda.

— Nah cara, é totalmente legal. Policiais não fodem com a gente porque eles estão com medo de nós. Além disso, tem festas do MC toda fodida hora. Buceta e diversão em todos os lugares, tanto quanto os olhos podem ver cara. — Bear balançou para um lado e se segurou para não cair fora de sua caixa de leite por endireitar uma de suas pernas e ancorar o calcanhar da bota no chão. — São peitos, cara. Você tem que entrar. Prospecto como eu. Uma vez que eu estiver dentro, eu vou responder por vocês. Em seguida, depois de um ano vamos velejar em peitos e bundas. Além disso, você vai adorar o clube. Tem uma mesa de bilhar *e* uma porra de um bar.

Bear tinha nos dito que ele iria virar Prospect para o MC de seu pai, The Beach Bastards, quando ele começou a comprar maconha de nós na oitava série. Ele sabia que seu futuro reservava para ele desde o dia em que nasceu. Desde que ele passou a maior parte de seu tempo conosco ou com o MC, ele estava tentando nos levar como prospectos desde o dia em que decidiu que todos iríamos ser amigos.

— Não para nós, cara. Somos como o nosso próprio MC de dois. Somos como o não MC, MC, — eu disse. Eu segui em frente para a tequila que estava encima de um vidro roxo no meio da sala de estar em mais uma caixa de leite derrubada, este na qualidade de nossa mesa de café.

— Você tem que matar pessoas e merda? — perguntou Preppy em voz baixa, como se alguém estivesse escutando e ele não quer que eles ouçam. Ele estendeu a mão para tomar a garrafa de volta de Bear, esticando o braço muito longo-para-seu-corpo.

Quando eu tinha quinze anos e mais alto e mais construído do que a maioria dos adultos, parecendo vários anos mais velhos do que eu, Preppy estava bem no meio de uma fase estranha que fez seus braços e pernas parecer como os de Gumby[22] e seu rosto parecia como se ele tivesse tido um caso crônico da catapora.

— Somente as pessoas que precisam morrer, — respondeu Bear como se estivesse recitando algo que tinha ouvido um milhão de vezes antes, e sem dúvida ele tinha. — Sem mulheres ou crianças, nada disso. Apenas pessoas que conhecem o placar e compreendem as consequências, ou pessoas que fodem com o MC. — Bear olhou para Preppy por seu cabelo bagunçado branco e o escovou de seus olhos. — Por quê? Você tem alguém que precisa matar?

Ele soava muito parecido com seu pai, presidente do The Beach Bastards. O pai de Bear era um assassino psicopata, que negociava com drogas e mulheres, mas Bear ainda conseguia ter a educação mais estável entre os três de nós.



22

— Nah, cara, — disse Preppy, acenando com a mão com desdém como se a pergunta fosse ridícula, mas eu sabia que ele estava mentindo. Eu vi isso em seus olhos. — Só por curiosidade, é tudo.

Eu também tive uma ideia muito boa de que ele achava que 'precisava matar'.

Bear olhou em volta e se inclinou para perto, acenando para nós nos inclinarmos. — Temos esses caras, especialmente treinados. Papai chama eles de 'os zeladores'. Você sabe o que o trabalho deles é? — ele perguntou parando dramaticamente, à espera de Preppy e eu o incitá-lo a continuar.

— O quê? — perguntou Preppy, totalmente encantado. — O que eles fazem?

Bear sorriu, exultante que Preppy tinha tomado a isca. — Quando as pessoas precisam morrer ou serem mortas, eles acabam com isso e faz parecer que nunca aconteceu.

Ele fez um movimento de limpar com as mãos no ar. Ele se sentou, parecendo satisfeito que ele pudesse compartilhar conosco alguma coisa sobre o MC. Não foi até que ele virou prospecto que ele finalmente obteve um vislumbre do funcionamento interno dos The Bastards Beach, e ele estava sempre animado para nos dizer mais sobre o clube no qual ele foi criado, mas não necessariamente sabe muito antes deve ter recebido um colete de PROSPECTO.

O garoto era um motoqueiro nato, mas tanto quanto ele tentou nos fazer entrar, não era para nós.

Preppy e eu nunca nos afastamos do nosso plano.

Nunca.

— Se alguma vez precisarem de uma limpeza, me chamem. Eu posso colocar uma palavra nisso. O problema é que vocês nos deverão um favor. É assim que funciona. Não importa se vocês não acham que é um favor, você tem que fazer isso. — Bear acendeu um cigarro e acenou com a fumaça para longe de seu rosto. — Chega dessa merda, meninos. Preppy, você tem a mercadoria ou o quê?

— Mercadorias? — perguntei. Eu não estava ciente de que estávamos vendendo para Bear hoje, ou qualquer outro dia. Desde que ele virou prospecto, ele comprou seu baseado do MC.

Preppy pulou e foi até o armário do corredor. Ele voltou segurando algo coberto com um lençol rasgado. — Que porra é essa? — perguntei.

— Este, — Preppy acenou com a mão sobre o lençol. — é O seu presente de aniversário, seu ingrato. — ele colocou no chão e pegou o lençol no meio, o levantando como um mágico. — Voila! — ele deu um passo para trás, e os meus olhos voltaram para o que estava na minha frente. Era uma caixa de papelão e dentro dele estavam pedaços de alguma coisa.

Não apenas algo. Era um equipamento de tatuagem.

— Feliz aniversário, seu merda! Agora vamos descobrir como montar essa coisa, porque Bear e eu já escolheu quais tatuagens do seu caderno de esboços ele quer. — eu olhei para o equipamento na frente de mim, não acreditando meus olhos.

— Se você tomar mais tempo para começar a montar, eu vou mandar você tatuar meu pinto, — disse Bear, me tirando do meu estado atordoado.

— Obrigado, rapazes. — eu levantei a caixa para o meu colo e começou a mexer com as peças. — E Bear?

— Sim, cara?

— De jeito nenhum, nem no inferno eu vou chegar perto do seu pinto.

— Notável.

Naquele dia, eu tatuei pela primeira vez. Eu não fiz as que os garotos haviam separado do meu bloco de desenho. Eles eram muito elaborados e, embora eu soubesse desenhar, eu nunca tinha usado um equipamento de tatuagem antes, então o logotipo dos Bastards entrelaçado em serpentes que Bear queria teria que esperar até que eu soubesse o que diabos eu estava fazendo.

Em vez disso, Bear fez um pequeno trevo atrás da orelha, embora eu não tenha certeza se ele era algum tipo de irlandês. Preppy resolveu escrever PREP sobre os nós dos dedos. As letras eram finas e tortas. Essas foram as piores tatuagens do mundo. Bordas borradas, uma porra de confusão sangrenta. Mas os meninos e eu mal podíamos esperar para praticar um pouco mais.

— Sou tão gangster, — disse Preppy, admirando seus dedos recém-tatuados.

— Você é tão gangster como a minha vó de 90 anos de idade, — disse Bear.

— Bear, sua avó não tem uma tatuagem enorme no peito e cabelo roxo? — perguntei.

— Sim, — ele respondeu.

— Então, eu realmente acho que ela é mais gangster que o Preppy aqui, — eu disse.

— Vocês vão rir agora, mas vocês vão ver. King aqui vai tatuar meu pescoço depois. Eu vou parecer real.

— Você ainda vai usar camisa de botão por dentro das calças, gravata e suspensórios? — perguntei.

— Porra, sim. Sempre. Esse é o meu estilo.

Bear riu. — Você não pode parecer duro, mas você pode confundir a porra das pessoas.

— Foda-se essa merda cara, — Preppy disse, se levantando. — Eu tenho que ir buscar o último da merda do meu padrasto. Eu estarei de volta. Sintam-se livre para rir de mim enquanto eu estiver fora, idiotas.

— Você quer que eu vá com você? — perguntei.

— Nah, deixa comigo. Já passou das nove. O fodido deve estar no bar ou desmaiado no sofá. Estarei de volta em uma hora.

Preppy nunca falou sobre isso, mas eu tinha certeza de que seu padrasto ainda estava batendo nele até o dia em que ele saiu de casa. Ele esteve sempre mancando um pouco ou apertando suas costelas. Quando lhe perguntava se ele estava bem, ele geralmente me dizia que estava resolvendo. — Nah cara, meu peito não estaria doendo se fosse tivesse feito essa merda direito. — ele era um mentiroso de merda, mas seu orgulho era tudo o que ele tinha, além de mim e de Bear. Embora nós brincássemos com ele, a última coisa que eu queria era que Preppy estivesse sofrendo nas mãos de algum babaca bêbado.

Quando eu não tinha ouvido falar de Preppy por duas horas, eu subi na minha moto e fui para o parque de trailers onde seu padrasto

desperdiçava sua vida. Assim quando eu estacionei minha moto, eu ouvi uma comoção lá dentro.

— Prep? — eu chamei. Sem resposta.

— Vá se foder! — eu ouvi Prep rugir lá de dentro. Sua estridente voz estava embargada com seu grito tenso. Com um chute, eu bati na porta frágil.

O que eu vi além dele iria assombrar meus sonhos para os próximos anos.

Seu padrasto, Tim, tinha Prep inclinado sobre a ponta do velho sofá de veludo, empurrando furiosamente nele, segurando uma pistola contra a testa dele. Quando enviei a porta voando, ele voltou sua atenção em minha direção, junto com sua pistola. Preppy se virou e bateu no lado dele, a arma deslizou pelo chão. Preppy se lançou para ele, mas seus jeans, que ainda estavam envolvidos em torno de seus tornozelos, o fez tropeçar e cair para frente contra a parede.

— Dê o fora daqui, rapaz. Vocês dois pensam que são melhores do que este lugar? Bem, vocês estão fodidamente errados. Eu estava ensinando a Samuel aqui uma lição. Ele pertence aqui. Ele não é melhor do que eu e precisa saber isso.

Eu chutei mais latas de cerveja vazias e fui em direção a arma. Foi a primeira vez na minha vida que eu lembro de ter visto vermelho. Ver vermelho não é apenas um ditado, eu descobri. Minha visão foi matizado da cor da raiva fervendo dentro de minhas veias. Eu flexionei os dedos. Minhas juntas coçavam com a necessidade de liberar a pressão se construindo em meus ossos. Eu queria machucá-lo, mas o querer foi secundário à *necessidade* de machucá-lo.

— O que você vai fazer? Atirar em mim? — perguntou Tim, se sentando contra os armários da cozinha. Empurrando do chão, ele foi se levantar, mas antes que ele pudesse, eu levantei a arma e bati a coronha contra a testa dele. Tim saiu voando pela cozinha minúscula, batendo a cabeça na porta da geladeira.

— Vou te matar seu desgraçado! — Preppy gritou, ajeitando seus jeans. O sangue escorria de seu nariz. Seu rosto já estava amarelo e roxo. Aparentemente, ele tinha levado um inferno de uma surra antes de Tim decidir que o estupro anal era uma forma mais adequada para ensinar a criança uma lição.

— Então, você vai me bater, garoto? É isso? Vai me ensinar uma lição agora, rapaz? — Tim olhou para mim do chão.

— Não, — eu disse, uma estranha calma passando sobre mim. A fúria tomou um tipo de controle de precisão sobre minhas ações. — Eu não vou te ensinar merda nenhuma.

Medo passou nos pequenos olhos de Tim.

— Então o quê, rapaz? Você vai chamar a polícia? Porque eu conheço os policiais por aqui. Não vão fazer merda nenhuma!

— Não, — eu disse, dando um passo em direção a ele, a arma na minha mão ainda apontada para o chão.

— Então, o que diabos, rapaz? Você vai me matar? — Tim riu nervosamente até que ele viu a expressão afirmativa na minha cara.

Levantei a arma, apontei para a testa de Tim, e disparei.

— Sim.

Capítulo vinte e sete

DOE

A única vez que King falou comigo nos dias após a morte de Preppy foi para me pedir para ir para o quarto de Preppy encontrar algo que eu achasse que ele gostaria de ser enterrado. Pelo menos, é isso que eu entendi pelo grunhir e aceno de cabeça que ele tinha estado utilizando ao invés de palavras. King estava sofrendo e eu não podia fazer nada para fazer isso ir embora.

Eu nunca tinha estado no quarto de Preppy antes, e quando eu abri a porta, notei que seu quarto era enorme, muito maior do que o de King. Preppy tinha o quarto principal. O quarto era limpo e arrumado, mas cheio de coisas aleatórias. Prateleiras de livros, jogos de vídeo, figuras de ação, e bugigangas de todos os tipos.

Em seu armário estava uma única imagem. Uma selfie de nós três. Ele tinha tirado uma manhã quando ele correu para o quarto de King e saltou sobre a cama para nos acordar, o que ele fazia com frequência. King e eu estávamos em cada lado dele, os cabelos emaranhados e semiadormecidos. King estava cobrindo os olhos.

Ele nunca vai nos acordar assim novamente.

O armário de Preppy era um grande closet, transbordando com roupas de todos os tipos. Uma das paredes estava forrada com caixas de armazenamento que foram todas bem marcadas. Uma estava parcialmente aberta. O rótulo estava escrito *garotas aleatórias que deixaram merdas no meu quarto* e estava cheio de roupas femininas. Acho que isso resolve o mistério a respeito de onde Preppy estava tirando todas as minhas roupas.

Eu escolhi uma camisa amarela e uma gravata borboleta mais viva que Preppy tinha, um padrão xadrez multicolorido de uma caixa marcada como *gravatas impressionantes do caralho.*

De repente, segurando suas roupas em minhas mãos, as roupas finais que ele estaria usando em seu funeral, tudo se tornou demais. Eu cai no chão e segurei o casaco contra o meu peito. Meu coração parecia

um milhão de vezes o seu tamanho. Eu não conseguia respirar. Eu não podia fazer muita coisa, exceto chorar silenciosamente, segurando um pequeno pedaço do único amigo de verdade que eu já conheci.

Eu não sei quanto tempo eu estava lá, mas devo ter chorado até dormir, porque eu acordei com lágrimas secas sobre minhas bochechas e o terno de Preppy ao meu redor em uma confusão amassada. Me levantei e ajeitei a jaqueta em um cabide e assim quando eu estava prestes a pendurá-lo na parte de trás da porta do armário em uma tentativa de desamassar, vi algo colado na parte de trás da porta do armário. Um pequeno envelope branco. E na escrita desarrumada de Preppy as palavras:

ME ABRA FILHOS DA PUTA

* * * * *

King insistiu em levar sua moto para o funeral no que eu acho que era a sua maneira de continuar a evitar qualquer tipo de conversa. Quando nós chegamos, já havia várias motos estacionadas ao longo da estrada que serpenteava pelos jardins exuberantes do cemitério, bem como o Buick velho de Gladys.

Fomos os últimos a chegar. Bear e um punhado de motoqueiros, Grace, e seis das 'Growhouse Granny' já estavam sentadas sob o dossel portátil cobrindo o buraco retangular no terreno brilhante que caixão preto da Preppy pairava acima. Todos estavam vestidos de preto. Alguns das avós usavam chapéus pretos combinando. King usava uma camisa de colarinho preto e jeans.

Eu joguei essa coisa de preto para o vento e usava um vestido de amarelo. Acho que Preppy teria gostado.

Quando nós nos sentamos nas cadeiras de plástico na fila da frente, King pegou minha mão e a colocou sobre seu colo, entrelaçando os dedos, me trazendo o mais perto que ele poderia me trazer sem me sentar no seu colo.

O pregador acenou para King, em seguida, começou a falar sobre a vida e a morte. Ele até tentou dizer algumas palavras sobre Preppy, embora os dois nunca se conhecessem. Eu tive que segurar uma risada quando ele se referiu a ele como um membro saudável e bem-respeitado

da comunidade. Por uma fração de segundo, o rosto estoico de King deu lugar para revelar uma dica de um sorriso, enquanto Bear francamente soltou uma explosão de risos de onde ele estava contra um dos pilares do dossel. O pregador fez uma pausa para recolher seus pensamentos, então continuou.

— Quem tem palavras para o nosso querido ente que partiu? — sua voz era mecânica, como se estivesse recitando um manual.

Me toquei para encontrar o envelope no bolso para me certificar de que ainda estava lá. Quando Bear começou a andar para a frente da pequena multidão, me levantei e cortei. King me lançou um olhar de confusão e Bear parou em seu caminho.

— Oi, — eu disse, percebendo que a minha voz não era alta o suficiente para que todos pudessem ouvir quando algumas das avós colocaram as mãos aos seus ouvidos para amplificar o som. Tentei de novo, falando um pouco mais alto desta vez.

— Meu nome é Doe, e embora eu não conhecesse Preppy, er, Samuel, muito tempo, ele era meu amigo. Um grande amigo. Meu melhor amigo. Por mais que eu queira dizer algumas palavras sobre ele e quanto ele significava para mim, a forma típica de Preppy, ele já nos fez isso.

Peguei o envelope do bolso e desdobrei as páginas do caderno com uma letra pequena. Eu já tinha lido, e eu não queria chorar, então eu tentei sair da zona, enquanto eu lia as palavras finais que meu amigo queria que seus amigos ouvissem antes de deitar para descansar. — Então, apenas um aviso, eu sei que temos algumas... pessoas maduras no meio da multidão. Porque isso está vindo Preppy e contém um pouco, hum ... de linguagem colorida.

Olhei com olhos de desculpas para o pregador cuja atenção já estava em seu telefone celular, seu polegar correndo através das teclas.

Amigos e MoFos[23]*,*

Vocês acharam que eu iria deixá-los ter a última palavra de merda.

Foda-se isso. Eu sei que vocês meio que tem dificuldade em chegar a algumas coisas boas a dizer sobre mim, então eu vim com elas eu mesmo. Eu atualizei isso desde que eu tinha dez anos, pensando que, devido à situação que eu estava vivendo, eu não ia passar dos doze anos

[23] Uma abreviação para Mother Fuckers, que significa, filhos da puta.

e que minha família, se você pudesse se preocupar em chamar eles assim, eles não gastariam esforço para dizer qualquer coisa no meu funeral. E o pensamento disso, o pensamento de silêncio enquanto eles me colocaram debaixo da terra era pior do que o pensamento de morrer. Depois disso, isso se tornou uma espécie de hábito, e assim eu continuei a fazer.

Assim, no caso da minha morte prematura, isto é o que eu preciso de todos vocês, filhos da puta, ouçam.

Se você está lendo isso para uma multidão de pessoas vestidas em seu melhor no funeral, então eu consegui uma longevidade que eu nunca pensei que eu iria chegar. Eu consegui chegar à idade madura de vinte e seis e tem sido um inferno de uma porra de um passeio.

Mas agora que eu estou morto e em breve estarei apodrecendo na porra do chão, sendo comido por vermes e outros bichos aleatórios e merda. Mas não se preocupe comigo, porque eu morri um homem feliz para caramba. Olhando para o passado, eu nunca pensei que eu iria viver uma vida onde a palavra feliz poderia ser uma palavra que eu pudesse descrevê-la, mas eu fiz e foi tudo porque quando eu tinha onze anos, este grande e fodido homem-criança brutal me salvou de um valentão que não vou citar o nome, e então ele se tornou meu amigo. Oh merda, o nome do agressor era Tyler Nightingale e o maldito ainda vive com sua maldita mãe e trabalha no turno da noite no Stop-N-Go. Pentelho do caralho. Vou jogar ovo na porra do seu carro a caminho de casa.

De qualquer forma, eu estou divagando pra caralho.

O homem-criança se tornou mais do que o meu amigo. Ele se tornou o melhor amigo do caralho que alguém poderia pedir. Ele se tornou minha única família. Nossas infâncias eram uma merda completa, mas por causa dele, fomos capazes de viver nossas vidas por nosso próprio conjunto de regras. Ele não tinha que fazer amizade com um garoto magricela com hematomas por todo o corpo e uma boca suja do caralho. Ele poderia ter olhado para o outro lado. Ele poderia ter me ignorado quando eu o incomodei por nada. Há um monte de coisas que ele poderia ter feito. Mas ele me escolheu para ser sua família, e eu o escolhi para ser a minha.

Embora houvesse solavancos na estrada, um pouco de reformatório, uma temporada na cadeia, e um monte merda toda que eu não posso falar aqui. Eu não olho para trás e vejo isso como sendo más

escolhas. Vejo elas como parte da viagem mais épica da do caralho da minha vida. Uma viagem que eu nunca pensei que eu iria ver. Merda, eu nunca pensei que eu iria viver mais que 14 anos e se ele não tivesse sido meu melhor amigo, e salvado a minha bunda uma noite, eu não teria.

Eu quero enviar uma mensagem para Bear. Parabéns para você, seu grande animal de merda. Vá viajar. Vá. Vá fazer toda a merda que você quer fazer antes que seu clube engula você inteiro e você não pode ver onde suas ideias iniciam e as deles terminam.

Sem zoeira. No início, eu pensei que você fosse apenas um cara chato, mas acontece que eu era capaz de ter mais que um amigo depois de tudo, e eu estou contente pra caralho que foi você, cara.

Bear, você precisa cuidar de King e Doe. O fodido Senhor sabe que os dois vão precisar de toda a ajuda que podem ter. Quero dizer, eles se amam pra caralho, mas ambos são estúpidos demais para ver além da sua própria bunda tempo suficiente para manter sua merda juntas.

Vejo uma grande bagunça do caralho no futuro deles. Esteja lá para eles. Ajude eles a ver o passado de suas questões ridículas e pregue sobre as alegrias, honestidade e sexo anal.

Continuando.

Eu fiz merdas que eu não tenho orgulhoso. Graças a todos vocês por não me julgar. Graças a todos vocês por serem meus amigos, apesar disso. Obrigado por me dar uma vida que valeu a pena morrer. Eu faria tudo de novo se eu pudesse. Portanto, não chorem por mim, sejam felizes por mim. Sejam felizes por eu ter tido amigos como todos vocês que eu amava mais do que família, que eu amava mais do que eu, e todos nós sabemos o quão louco eu sou sobre mim. Sejam felizes que eu estava feliz e que todos vocês desgraçados foram uma parte disso.

Doe, se King não tirar a cabeça da bunda dele e se casar com você e você engravidar de milhões de seus pequenos filhos, ele é um idiota fodido e eu prometo que vou subir do túmulo para tomar seu lugar. Pode me levar algum tempo para descobrir como, mas se alguém pode fazer, isso vai ser eu.

King, meu irmão, obrigado por dar uma chance a um magricelo como eu todos esses anos atrás. Obrigado por salvar minha bunda do caralho, mas você fez mais do que isso. Você salvou minha vida. Você me deu uma vida.

Eu te amo, cara.

Sejam felizes.

Eu tenho que ir estar morto agora. Sem tristeza após o funeral. Eu odeio essa merda.

Vão transar. Isso vai me fazer feliz.

Porra. Festa. Se divirtam. E saibam que eu amava pra caralho todos vocês.

- Prep

P.S - Eu também escrevi o meu próprio obituário que eu gostaria que fosse publicado em todos os jornais locais. Estou falando sério sobre isso. Eu vou assombrar vocês se isso não acontecer.

— Ummm, eu não sei se eu deveria ler esta parte seguinte em voz alta.

— Faça! — Bear me animou para continuar. Mesmo do outro lado do altar, eu podia ver as lágrimas em seus olhos, mas agora havia um sorriso no rosto. — Vamos ouvir isso, porra.

A multidão se juntou, e eu fiquei sem nenhuma escolha.

— Oh, bem, — eu disse, tomando uma respiração profunda e lendo rápido através do obituário autobiográfico de Preppy.

Samuel Clearwater

26 anos

Filho da puta fodão.

Saiu como um chefe

Deixa para trás a família que ele escolheu: King, Doe, Bear, e as cadelas peitudas.

Que Deus tenha sua alma... e seu pau de vinte e cinco centímetros.

Todo o grupo desatou a rir. Não apenas algumas risadas, mas gargalhadas, de dobrar a barriga. Quando eu guardei a nota e me sentei ao lado de King, eu percebi o que Preppy tinha feito. Ele era o tipo de cara que não podia suportar a ideia chorarmos sobre ele, então ele fez o que sempre fazia Preppy.

Ele nos fez rir.

Eu olhei para King, que não estava sorrindo. Eu puxei sua mão, mas em vez de conseguir sua atenção, ele se levantou.

Antes que o pregador disse que suas palavras finais, King já estava muito longe.

Capítulo vinte e oito

KING

Minha menina havia sido estuprada, e tinha passado uma semana desde que enterramos nosso melhor amigo. Nesse tempo, eu não sabia onde colocar a minha raiva na pessoa que eu mais odiava no mundo.

Não, não Isaac. Eu matei esse filho da puta. Abri sua cabeça com um tiro à queima-roupa.

A pessoa que eu mais odiava no mundo era eu.

Depois de tudo que Doe tinha feito por mim, depois de tudo o que ela tinha passado, ela merecia coisa melhor do que viver uma vida com medo de ser estuprada ou levar um tiro. Por mais que eu queria da vida, não era algo que eu poderia apenas saltar para fora em um instante. Eu precisava fazer alguma coisa por ela, mas não importa o que me veio à mente, não era grande o suficiente para fazer este enorme erro correto novamente.

Então, isso veio até mim.

Havia uma coisa que eu poderia fazer por ela.

Uma fodida pesquisa de imagens no Google. Isso é tudo que levou para descobrir quem Doe realmente era. Eu tinha carregado uma foto dela eu tirei de meu telefone na primeira noite que ela dormiu na minha cama e apertei buscar e lá estava ela, olhando para a câmera como se ela estivesse olhando diretamente nos meus olhos. Eu desejei que eu nunca tivesse feito a pesquisa. Eu desejei que eu nunca tivesse sabido quem ela realmente era.

Eu tinha usado o fato de que eu sabia quem ela era e o que isso poderia fazer por mim como uma desculpa para trazê-la de volta para mim. Apesar de ter sido ela que eu queria desde o primeiro momento que a vi.

Eu tinha planejado mantê-la para sempre, e seu segredo ainda mais tempo se fosse necessário.

Até agora.

Dezessete anos de idade, Ramie Elizabeth Price.

Ou a polícia dava a mínima sobre seus empregos, ou eles nunca realmente tentaram descobrir quem era ela, para começar, porque pela segunda vez depois de procurar a imagem dela, menos de um segundo depois de pressionar a pesquisa, eu estava olhando para imagens múltiplas da garota que eu tinha me apaixonado no meu laptop.

Não havia artigos sobre seu desaparecimento, apenas fotos dela de vários eventos. Baile de gala, eventos de caridade. Ela estava nas imagens, mas não era. Os vestidos, a maquiagem, o sorriso falso, se havia alguma sorriso em tudo.

A última foto dela que eu encontrei foi tirada há quase um ano. Ela tinha um olhar vazio em seu rosto. Seus olhos estavam vagos.

Eu conhecia aquele olhar. Eu, infelizmente, parecia como ela. Era um olhar que quebrou a porra do meu coração.

Indiferença.

Ela estava segurando a mão de um menino que parecia um pouco mais velho do que ela, que estava sorrindo de orelha a orelha.

Eu queria alcançar através do computador e quebrar sua maldita mão e, em seguida, quebrar cada um de seus dentes brancos.

Senador Westmore Bigelow Price, com a filha Elizabeth Ramie e namorado Tanner Preston Redmond no Baile de Gala para arrecadar dinheiro para o câncer infantil.

Mesmo que era a minha segunda vez de digitalizar as imagens, meu sangue ferveu. Eu não sei o que me deixou mais furioso. O rapaz que estava tocando a minha menina. Ou o homem que eles listaram como o pai dela.

Um senador concorrendo à presidência. Um homem que gostaria de evitar o escândalo a qualquer custo. Isso é provavelmente porque eles nem sequer tentaram encontrar sua filha desaparecida.

Cuzão do caralho.

Levantei da mesa da cozinha e joguei o laptop pela sala. Ele esmagou contra um armário e caiu no chão em um milhão de pedaços.

Bear veio correndo para a cozinha. — Que porra é essa? — perguntou ele, olhando para o laptop quebrado. — O que foi, cara?

— Nós temos que fazer uma viagem, — eu disse, olhando para o laptop, agora quebrado enquanto a imagem de Doe ou de Ramie, ou qualquer merda que o nome dela era e seu namorado estavam ainda na tela quebrada que estava piscando de azul para preto e outra vez.

— Onde estamos indo?

— Me diga uma coisa, Bear, e seja honesto. Quais são as chances de conseguirmos o dinheiro que precisamos para conseguir Max de volta?

Meus olhos se encontraram com os deles pela primeira vez desde que ele entrou na cozinha.

— Quase nenhuma, cara, — ele respondeu honestamente.

— Então, pegue a porra do caminhão. Eu vou dirigir.

— Mas você ainda não disse por que tenho que pegar o caminhão.

— Porque, meu amigo, há um pacto com o diabo que precisa ser feito. — eu olhei pelo corredor para a porta fechada do meu quarto, onde a garota que eu tinha me apaixonado dormia tranquilamente na minha cama. Ela era minha, e eu sempre pensei nela dessa maneira. Mas ela merecia uma vida melhor do que a que eu poderia dar a ela, que parecia apenas machucá-la em cada virada.

Depois do funeral de Preppy eu estava pensando em contar a ela a verdade.

Agora, eu ia afastá-la.

— E quem é o diabo neste cenário? — perguntou Bear, encolhendo os ombros em sua colete.

Eu iria ver o senador e oferecer Doe em troca dele ter certeza de que eu tinha assinado os papéis de custódia para Max.

A única família que me restava.

Olhei pela janela da cozinha, mas não podia ver nada. Era como se eu estivesse olhando para um abismo branco, um lugar que eu estava prestes a ir, um que eu nunca mais poderia voltar.

— Eu.

Capítulo vinte e nove

KING

Quando você se apaixona, você sabe que é o negócio real, porque você chega à conclusão de que você levaria um tiro por essa pessoa. E quando você se torna um pai, você percebe que você não só iria usar o seu próprio corpo, mas o corpo da pessoa que você ama como um escudo humano para proteger seu filho.

Esse é o lugar onde eu estava.

O senador tinha uma filha que tinha uma vida, um namorado. Eu não estava fazendo nenhum favor a Doe por mantê-la comigo, envolvê-la na merda que ela não deveria estar envolvida. Ele viu Preppy morrer. Eu não estava fazendo nenhum favor a minha filha deixando ela pendurada lá fora no mundo sem proteção. Ela precisava de seu pai. Ela precisava de sua família.

Ela precisava de mim.

Eu iria desistir de tudo por ela. Eu não poderia gerir a recompensa, mas se o senador aceitasse minha oferta de troca, então eu poderia manter o dinheiro que eu tinha e era o suficiente para vender a casa, e desaparecer do radar para algum lugar onde ninguém nos conhecia.

Eu e Max.

Eu ia ser um bom pai para ela. Uma boa influência. Um bom modelo. Eu nos levaria a uma casa em um bairro bom e a mandaria para uma boa escola. Iria ler para ela na hora de dormir. Eu tinha que essa porra porque *tinha* que fazer. Eu ia desaparecer, porque minha vida iria reaparecer.

Eu perdi meu melhor amigo, e isso me fez perceber que, mais cedo ou mais tarde eu ia perder minha garota também. Porque assim que ela soubesse que eu sabia quem ela era desde o início, ela iria me odiar para sempre.

Eu precisava de Max, porque ela era tudo que eu tinha, e eu estava amarrado e determinado que não foderia isso. Rezei a qualquer Deus que ouvia que, se eu pudesse apenas estar com ela, eu faria as coisas direito. Eu lhe daria tudo de mim.

Meu amor.

Meu coração.

Minha filha.

Meu tudo.

Eu tomei uma decisão que quebrou a porra meu coração e o fez cantar, tudo ao mesmo tempo. E daí se eu sentiria como se um pedaço de mim estivava faltando? Foda-se. Eu teria a minha filha.

E ela era meu coração.

Em troca de Max, eu iria dar Doe, ou Ramie, ou a pequena, ou o que você quiser chamá-la, de volta ao seu pai.

Em não dizer Doe sobre o que ia acontecer, eu não estava lhe dando uma opção. Mas não havia nenhuma dúvida em minha mente que, quando ela descobrisse que eu estava escondendo o tempo todo, ela iria olhar para mim como o monstro que sou.

Mas, novamente, ela poderia ser grata a mim para dar a ela sua vida de volta.

Talvez não.

Eu fingia não me importar todo o caminho para o escritório do senador.

Eu ia ter que estar preparado para fingir para o resto da minha vida.

— Você tem hora marcada? — a recepcionista com cabelo preto encaracolado e sardas escuras em todo o nariz perguntou, sem levantar os olhos do computador.

— Meu nome é Brantley King, e eu não preciso de uma maldita hora. Deixe ele saber que eu estou esperando. Dê a ele isso. Ele vai querer me ver.

Eu coloquei a imagem dobrada sobre a mesa, uma que eu tirei de Doe esta manhã enquanto ela estava dormindo. Eu não esperei ela

responder. Me sentei na sala de espera em uma cadeira de plástico de frente a sua mesa. Quando ela finalmente levantou os olhos do computador, seu queixo caiu. Ela provavelmente nunca viu alguém que se parecia comigo esperando para ver o senador. Eu não tenho paciência para ser discreto. Eu precisava fazer essa merda acontecer e fazer acontecer antes que eu mudasse de ideia.

A recepcionista se levantou e caminhou pelo corredor. Ela surgiu poucos momentos depois e discou um número em seu telefone. Ela levantou a mão sobre sua boca enquanto ela sussurrava para o receptor.

— O senador Price vai te ver agora, — disse ela, com um sorriso falso, colocando o telefone de volta no gancho.

Ela se levantou, e eu a segui pelo corredor até chegarmos a um escritório com uma porta dupla. Ela abriu e se afastou para me deixar passar. Quando eu entrei, ela fechou atrás de mim. Houve outro clique, o que eu tenho certeza que significava que ela trancou bem.

— Eu sei quem você é, Sr. King, e a única razão que eu estou deixando você entrar neste escritório é porque eu sei que você passou pelos detectores de metal. Então, eu sei que você não está armado, — disse o senador, em pé de trás da enorme mesa de mogno, segurando a imagem que eu tinha dado a sua recepcionista em sua mão. Ele estava tentando nivelar o campo de jogo, mas ele não parecia entender que eu era o único segurando todas as cartas.

— É aí que você está errado, senador. — eu levantei a frente da minha camisa e tirei a pistola da frente da minha calça. Eu estava usando um cinto com uma fivela enorme de metal. Um que eu consegui em uma feira. — Esse cinto de metal é uma loucura. Eles fazem os alarmes dispararem todos de uma vez.

O senador se sentou e cruzou as mãos sobre a mesa, apontando para a cadeira na frente dele. — Vamos cortar a merda então, vamos?—

Uma imagem em uma prateleira ao lado de sua mesa chamou minha atenção. Era a minha pequena, vários anos mais jovens do que agora, em algum tipo de praia, seu sorriso maior e mais brilhante do que eu já tinha visto. Ela tinha sido feliz uma vez, e vê-la feliz tornou mais fácil propor meu negócio.

— Eu tenho sua filha. Você tem dez segundos para me dizer por que você não sabe onde ela está e por que você não está procurando por ela. A verdade. Não alguma fodida besteira ou, — eu avisei.

Os olhos do senador se arregalaram. — É melhor não ter prejudicado minha filha... — ele se levantou abruptamente, sua cadeira virou para trás e caiu no chão. — O que você sabe?

— Calma, porra. O que eu sei é que ela tem grandes olhos azuis e uma tendência a falar demais quando está nervosa. — E, em seguida, apenas por diversão, acrescentei, — eu sei como o seu coração bate mais rápido quando ela está excitada.

— Que porra você fez com a minha filha?

— Oh não. Não é assim que funciona. Você precisa me responder primeiro. Por que você não informou o desaparecimento dela? Por que você não procurou por ela?

— Por que você acha que não procuramos? — perguntou o senador, se recostando em sua cadeira, torcendo as mãos nervosamente.

— Porque quando a filha do senador desaparece, você acharia que era uma grande coisa. Em todos os noticiários e tal. E não está.

Senador Price pegou sua cadeira do chão e se sentou, esfregando as mãos sobre os olhos.

— Dissemos às pessoas que ela está estudando no exterior em Paris. Mas, como você já sabe, essa não é a verdade, — ele admitiu. — Nós não denunciamos seu desaparecimento porque Ramie é uma criança problemática. Ela começou a andar com a turma errada. Desaparecendo por semanas as vezes. Desta vez, há meses, e ela não usava muito meu cartão de crédito. Sua mãe e eu achamos que ela estava se rebelando, nos ensinando algum tipo de lição. Nós tínhamos tido uma briga enorme antes dela sair. Nós não a vimos desde então.

— Então, você não informou o desaparecimento dela porque ela era uma criança problemática? Ou porque você estava pensando em sua reeleição e tinha medo que a história fosse manchar a sua imagem política tão perfeita?

— Você viu o que aconteceu com Sarah Palin quando descobriram que ela tinha 16 anos de idade, solteira e grávida? Isso a matou! Eu não podia fazer isso com o meu partido, e eu sabia que Ramie não estava realmente perdida. Ela tinha acabado de fugir como ela tinha feito tantas vezes antes. Então eu dei desculpas, mentiras. Eu disse às pessoas o que elas queriam ouvir, e sua mãe e eu rezávamos todos os dias para que ela ligasse. — ele parecia perturbado. — Me diga que ela está bem.

— Sim. Ela está bem.

O senador deixou escapar um suspiro de alívio.

— Por que ela nunca voltou para casa? Ela realmente nos odeia tanto? — ele perguntou, seus dedos pressionados em sua testa.

— Ela não se lembra. Ela esteve em algum tipo de acidente. Ela acordou sem memória. Ela ainda não sabe seu próprio nome.

— O quê? — ele se levantou novamente. — Me leva até ela. agora! Eu preciso vê-la! — ele perguntou.

— Não tão rápido. — eu levantei a mão. — Sente-se, senador. Parece que temos uma pequena troca que precisamos trabalhar.

Ele se sentou novamente. — Sim, claro. Quais são os seus termos?

— Sem besteira. Sem dinheiro. O que eu estou oferecendo é uma troca. Ramie por Max. Minha filha. Aqui está a sua informação. — eu coloquei um recibo em sua mesa. — Na parte traseira está o nome da minha filha, número de segurança social, bem como o endereço do lar adotivo que ela está vivendo, assim como todas as minhas informações. Esteja na minha casa. Amanhã ao meio-dia. Traga Max e todos os papéis de custódia, me dando plenos direitos para minha filha e, em seguida, e só então, você vai adquirir o que é seu de volta. —a palavras saindo da minha boca machucaram, mas precisava ser dito, porque a troca precisava ser feita.

— Isso pode ser arranjado, mas vou precisar de mais de um dia, — disse o senador, nervosamente arrastando os polegares um sobre o outro uma e outra vez. Me levantei e caminhei até a porta.

— Amanhã ao meio-dia. Se você não estiver lá, se você não levar Max, — eu me virei e olhei para ele uma última vez. — Eu vou cortar a garganta da sua menina. Sem hesitação. Se eu não posso ter a minha filha, eu não vou deixar você ter a sua. Eu não dou a mínima para o que acontece comigo depois disso.

Eu esperei até que eu estava no carro e Bear estava dirigindo para fora do estacionamento para expirar.

— Como foi? — perguntou Bear.

Eu suspirei.

— Tão ruim assim?

— Foi tão bom como poderia ter ido. É pelo o que eu fiz que eu estivesse suspirando.

— O que é exatamente o que você fez lá?

— Eu acabei de negociar Doe.

— Por quê? — ele gritou.

— Quem, — eu corrigi.

— Ok, por quem?

— Max. Eu negociei Doe por Max.

— Oh. Puta. Que. Pariu.

— Sim, isso resume tudo. — eu disse, passando a mão sobre minha cabeça. — Se eu não tinha certeza se eu tinha vendido a minha alma, eu tenho certeza que eu vendi agora.

Capítulo trinta

KING

Eu estava na cama com Doe. Era quase meia-noite, e eu já estava contando as horas por meio-dia. Meio-dia era quando eu veria Max pela primeira vez desde que eu a segurei em meus braços na noite que eu deixei minha mãe queimar no fogo.

Meio-dia também era a última vez que veria minha menina.

Doe ia se tornar a pessoa que ela era suposta ser, a pessoa que ela nasceu, Ramie Price. Ela provavelmente não se incomodaria de olhar de volta para mim no espelho retrovisor depois de perceber a vida de luxo que ela estava voltando. Eu nunca fui bom o bastante para ela, para começar, e isso ia ser tanto a coisa mais egoísta e altruísta que eu já tinha feito para ela.

Eu estava dando as costas.

Eu estava tendo a minha filha de volta.

Eu nunca tinha estado tão miserável e animado ao mesmo tempo. Há alguns meses atrás, eu não achei que se eu tivesse Max de volta eu estaria fazendo isso sozinho. Eu pensei que pelo menos eu teria Preppy. Então, eu pensei em Doe na imagem.

Agora isso foi para baixo e era apenas eu.

Eu levantei minha perna por cima dela. Eu não podia chegar perto o suficiente. Eu tinha a convencido a deixar de ser a pessoa que ela era para estar comigo, mas ao contrário de Preppy, sua vida passada tinha saído da tumba e esteve me assombrando desde que eu apertei o botão de pesquisar.

Eu estava jogando ela fora como um peixe que não valia a pena manter.

Mas ela valia a pena manter.

Ela valia tudo, porra.

Tudo o que eu não podia lhe dar.

Não havia nenhuma dúvida em minha mente que se algo como almas gêmeas existisse, Doe era a minha. O problema era que não era Ramie. Ramie tinha um namorado. Ramie tinha dinheiro. Ramie tinha um futuro que não incluía um criminoso com tatuagens e uma propensão para a violência. Ramie não ia ter que se colocar em perigo, levar um tiro, ou nunca precisar se preocupar que qualquer um de nós ia se machucar ou acabar morto.

Eu queria mais para ela. Eu queria quebrar o coração dela e o meu e acabar logo com isso para que pudéssemos nos curar.

Ela com sua família.

Eu com a minha.

A virei de costas e rolei em cima dela. Espalhando suas pernas, eu me abaixei até que eu poderia provar sua doçura uma última vez. Eu lentamente lambi sua buceta quando ela acordou com um gemido. Água rolou de meus olhos. Eu tinha a feito gozar no momento em que primeira lágrima caiu. Eu estava feliz por seus olhos estarem fechados quando entrei nela e comecei a empurrar ferozmente em não apenas na melhor buceta que eu já tive, e a maior garota que eu já tinha conhecido, mas o maior amor que eu sabia que eu tinha tido.

O único amor.

Se as coisas fossem diferentes, eu ia colocar um anel em seu dedo. Um bebê em sua barriga. Teríamos Max. Teríamos Preppy. Seríamos a família que eu sempre quis, mas nunca soube que poderia existir.

Porque ele não existia.

Preppy estava morto, e minha garota estava prestes a voltar para a vida de privilégios na qual ela nasceu.

Eu disse a ela que a amava com cada impulso de meus quadris. Eu lhe disse que estava arrependido. Eu disse a ela que eu queria que ela ficasse para sempre. Eu lhe disse que desejava que ela tivesse o meu filho. Contei e ela com o sexo tudo que eu não ousaria falar em voz alta. Eu disse a ela que, se as coisas fossem diferentes, iríamos ficar juntos para sempre.

Para sempre.

Eu nunca tinha falado essa palavra na minha vida, mas olhando para Doe, ainda meio dormindo, quando eu a trouxe para a beira de um orgasmo, eu vi como o para sempre seria.

E era bonito pra caralho.

Uma lágrima rebelde escorria de meu queixo. Estendi a mão e a peguei na palma da minha mão antes que ela tivesse a chance de acordar Doe a partir do estado de êxtase sonolento que ela estava no momento.

Antes que ela pudesse saber como eu realmente me sentia.

Antes que ela tivesse ido embora.

Para sempre.

Na manhã seguinte, pela primeira vez na minha vida, eu fiz amor com uma mulher. Eu não fodi. Eu não tive relações sexuais.

Há beijei o tempo todo. A segurei tão perto como duas pessoas poderiam estar. Eu disse a ela que ela era bonita. Que eu amei tudo sobre ela.

Eu esperei até que ela estava em seu orgasmo para sussurrar, — Eu te amo. — eu não sei se ela me ouviu, mas eu estava dizendo isso mais para mim do que para ela.

Eu precisava dizer aquelas palavras enquanto eu ainda tinha a chance.

Eu acho que uma parte de mim amou Doe desde o primeiro momento em que meus olhos pousaram sobre os dela. Assombrada, bonita, assustada. Eu queria ela, de corpo e alma.

Gostaria apenas de tê-la para mais algumas horas, e eu iria passar cada segundo desse tempo dentro da minha garota.

Enquanto ela ainda era minha garota.

* * * * * *

DOE

Toda vez que eu acordava durante a noite, King estava me tocando. Era como se não importasse o quão perto estávamos, ele não estava perto o suficiente.

Sonhei que ele me disse que me amava. Uma vez antes, depois de terminar a minha tatuagem, ele me disse *para calar* a *boca e me deixar te amar.* Mas o que eu ouvi em meu sonho era o negócio real.

Havia algo errado. Eu senti isso em meus ossos. Eu lhe perguntei o que estava incomodando, mas ele me limpou e só ficava fazendo amor comigo.

Por horas.

Talvez ele estivesse perdido em pensamentos sobre Preppy, e só precisava que eu estivesse lá para ele.

Então, eu estava.

Nosso tempo juntos naquela manhã era tão diferente de tudo que eu tinha experimentado com ele antes.

Eu disse a ele outra vez que eu estava bem depois que Isaac se forçou em mim. Foi um momento na vida, um bem horrível. Mas eu sei que eu ficaria bem. Contanto que eu tivesse King, eu estaria bem.

Estaria tudo bem.

Eu estava impotente, totalmente apaixonada pelo homem complicado que me tocou como se eu fosse uma peça fina de vidro, e ele estava com medo de que fosse me quebrar.

Ele sussurrou para mim como eu estava linda enquanto ele arrastava seu pau contra o meu clitóris. Ele saiu de mim e esfregou contra o meu pacote de nervos sensíveis quando ele empurrou de volta.

Eu estava viva com a sensação, e cheio de perguntas.

Ele sussurrou o quanto ele amava estar dentro de mim. O quanto ele desejava que ele não fosse um imbecil. Como eu merecia o mundo. Como ele não era bom o suficiente para mim.

E então isso me atingiu como um trem de carga fodido sem freios, e meu coração apreendeu dentro do meu peito.

King estava dizendo adeus.

* * * * *

O sol já estava alto no céu no momento em que eu acordei e me vesti. A qualquer segundo, eu esperava que King irrompesse pela porta e me dissesse que ele queria que eu fosse embora. Foi uma coisa horrível de se estar esperando. Eu estava indo embalar as coisas, mas não havia nada lá que era verdadeiramente meu.

Eu joguei algumas roupas e me dirigi para fora para encontrar King. Ao invés de esperar por aí com meu pescoço esticado para fora da casa, fui em busca de King. Encontrei ele lá fora, balançando em um balanço que eu recentemente o convenci de que era a única coisa que faltava na varanda[24].

— O que está acontecendo? — eu perguntei a ele. — Algo está errado. Me diga. — ele enterrou o rosto nas mãos.

— Tudo, baby. Tudo está errado, — disse King, olhando por cima do parapeito da varanda.

Fui até ele e ele passou as mãos para cima e para baixo nos braços. Eu sentei no colo dele e coloquei os braços em volta de seu pescoço. Ele enterrou o nariz no meu peito.

— Me conte. Por favor, — eu implorei. — Eu posso ajudar.

— Você não pode. Ninguém pode.

— Você está me assustando. Você precisa me dizer o que está errado.

---

24 

— Meu coração está partido, porra, — disse ele, erguendo a voz rouca.

— Por quê? Quem o quebrou? — perguntei.

— Você, — disse ele, olhando para mim com lágrimas nos olhos.

Fiquei surpresa. O que eu fiz para quebrá-lo? Eu ainda tenho esse tipo de poder sobre ele?

O som de um carro se aproximando nos fez virar ambas as nossas cabeças para a entrada de automóveis. O carro preto com vidros escuros estacionou em frente da casa.

— Você vai se lembrar de alguma coisa para mim? — perguntou King, virando minha cabeça para ele.

— Qualquer coisa, — eu respondi. E era verdade. Eu faria qualquer coisa por ele.

— Lembre-se que eu te amo, — ele sussurrou.

Ele havia dito isso. Eu não apenas imaginei.

— Por que você está me dizendo isso agora? — perguntei, achando estranho que King não estava nem mesmo reconhecendo o veículo se aproximando.

Eu queria que ele me amasse, especialmente porque eu sabia que eu tinha me apaixonado por há muito tempo, mas a o jeito que ele disse, e o que havia acontecido naquela manhã me disse que havia muito mais para o que estava acontecendo.

— Me diga o que diabos está acontecendo! — eu saltei de seu colo.

— Baby, — disse ele, estendendo a mão para mim.

— Não! Sem essa de *babe!* Me diga o que diabos está acontecendo!

King finalmente olhou para o carro. O motorista saiu do carro e caminhou ao redor, abrindo a porta do banco de trás.

Um menino um pouco mais velho do que eu, com cachos loiros escuros saiu do banco de trás. Ele usava um casado preto, bermuda cinza e uma camiseta do Batman vermelha. Não foi até que ele olhou para mim quando eu o reconheci. Ou, pelo menos, seus olhos.

Castanho.

Os olhos do meu sonho.

Eu estava atordoada em silêncio, congelada na varanda quando o garoto se aproximou.

— Ray? Ray é realmente você? — ele perguntou, olhando diretamente para mim.

Eu olhei para King cuja expressão tinha mudado completamente de incomodado e cansado para irritado e vingativo. Ele estava olhando furiosamente para o rapaz. Sua mandíbula se esticou tão duro que eu juro que eu podia ouvir seus dentes rangerem.

— Quem é Ray? — perguntei King.

— Não faça essa porra, — retrucou Bear da porta.

— Volte para dentro, porra, — King latiu.

— Tudo bem. É sua fodida vida. Ferre isso mais do que já está. Preppy teria chutado a porra da sua bunda por isso. Vou visitar minha irmã. Eu não posso ficar aqui e testemunhar esta merda. — Bear saiu para a varanda e me beijou na bochecha. — Amo você, menina bonita, — disse ele antes de desaparecer ao lado da casa. Um momento depois, sua moto passou zunindo, levantando poeira em seu rastro.

— Você, — King finalmente respondeu. — Você é Ramie Price.

— Ray, não se lembra de mim? — perguntou o menino. — Eu sou Tanner. Você não sabe quem eu sou?

Me virei para King. — O que é isto? Quem é ele? Por que ele está aqui?

— Ele é seu... namorado. — ele forçou as palavras de sua língua como se estivessem o esfaqueando na boca.

— Meu o quê? — eu não esperei que ele respondesse. — Você sabia que ele estava vindo? — então, isso me bateu, e eu respirei estrangulada. — Você sabia quem eu era?

King não disse nada, mas o mais importante, ele não negou.

— Há quanto tempo você sabe? — eu sussurrei.

King olhou para seus sapatos.

— Há quanto tempo você me conhece? — eu gritei.

— Desde o início, — admiti. — Desde antes de eu vir para você novamente depois que você escapou.

— Escapou? — perguntou Tanner, me lembrando de sua presença.

— O tempo todo? — perguntei, me sentindo como se ele tivesse me esfaqueado no peito. — Você sabia quem eu era toda essa *porra* de tempo?

— O que diabos você quer que eu diga? Eu sou uma pessoa de merda, e eu faço as coisas de merda. Você sabia disso. Porra, eu te disse isso, mas você foi e veio para mim de qualquer maneira. — ele passou a mão sobre a cabeça, frustrado. — Bem, isso já é demais. Bem-vinda a sua nova vida. Ou devo dizer sua *antiga* vida, — King cuspiu.

Ele baixou os olhos. — Você merece melhor do que toda essa merda de qualquer maneira. — ele acenou com a mão em direção à casa. — Você merece coisa melhor do que eu. Você tem uma família. Vai estar com eles, e esquecer que eu existo.

Seus olhos correram de volta para Tanner que estava no jardim da frente com a confusão estragando seu rosto. Ele olhou para trás e para frente entre mim e King.

— O que está aconte...— Tanner começou a perguntar.

— Cale a boca, — King estalou, efetivamente silenciando o menino.

— Isso não é a sua decisão para fazer, — eu disse a ele. — Você não pode dizer para onde eu vou ou com quem eu vou.

— Na verdade, é, — King argumentou.

— O que diabos isso significa? Que porra você fez?

— Ray! — o menino gritou sobre o nosso argumento.

King olhou para ele como se fosse saltar para baixo os degraus e esmagar seu crânio com as mãos.

— Venha até aqui, — disse Tanner com uma voz suave. — Só por um segundo. Eu apenas quero ver você. Falar com você.

Olhei novamente para King, e me ocorreu. Não era a minha decisão de fazer, porque ele estava me dando.

Isso é o que ontem à noite e esta manhã foram. Ele estava dizendo seu adeus.

King acenou para mim como se dissesse que eu tinha a sua aprovação para ir falar com Tanner. Revirei os olhos para ele. Eu não precisava de sua fodida aprovação.

Eu timidamente desci os degraus, um de cada vez. Quando cheguei ao fim, eu sentei no degrau. — Você sabe quem eu sou? — perguntou Tanner, se agachando e apoiando as mãos nos joelhos.

Eu balancei minha cabeça. — Eu reconheço seus olhos, mas nada mais, — eu admiti.

— Como eu disse, meu nome é Tanner. Nós nos conhecemos nossas vidas inteiras. Fomos rei e rainha do baile todos os quatro anos do ensino médio, — disse ele com uma risada. Então seu rosto ficou sério. — Eu amo você. Você me ama. Sempre foi assim. — Tanner corou e se balançou sobre seus calcanhares. — É uma sensação estranha me apresentar a você quando nós nos conhecemos desde que estávamos em fraldas.

— Quem eu sou? — perguntei, hesitante.

Tanner se sentou no degrau ao meu lado, cuidando para manter alguma distância entre nós. Eu não precisava olhar para trás para saber que King estava observando cada passo de Tanner. Eu senti seu olhar nas minhas costas como se fossem raios do sol queimando minha pele. Tanner cheirava a praia. Seu cabelo rebelde caiu em seus olhos. Ele o afastou quando ele falou. Um enorme sorriso se espalhou pelo seu rosto, revelando uma covinha na bochecha esquerda.

— Você é a adorável Ramie Elizabeth Price. Filha da Dra. Margot Price e o senador Bigelow Price. Você vive em East Palm Cove, cerca de uma hora a partir daqui. Você estava matriculada na escola de arte, e você deveria começar no outono. Você e eu íamos mochilar pela Europa durante o verão primeiro mas depois você desapareceu.

Eu tinha um nome.

Ramie. Ramie. Ramie.

— Ramie, — eu sussurrei, testando o nome na minha língua.

Nada ainda.

— Eu fui para a polícia. Eles disseram que ninguém estava procurando por mim. Sem pessoas desaparecidas no relatório. Por que não procuraram por mim se eu tinha sumido? — perguntei.

Tanner balançou a cabeça. — Eu não quero ter que ser o único a dizer isso, mas você tinha uma amiga, e ela estava passando por algumas coisas ruins. Ela ficou em apuros. Você deixou uma nota, disse que estava fugindo. Eles não procuraram por você, porque não acharam que você queria ser encontrada. Você tinha acabado de completar dezoito anos. Você era uma adulta. Não havia pessoas desaparecidas a relatar porque você não estava perdida. Você apenas foi embora.

— Eu fui embora? — perguntei.

— Sim.

— Eu deixei você?

— Sim, — ele admitiu. — Você me deixou. E sua mãe. E seu pai. Todos.

Eu tinha uma mãe.

— Por que minha mãe não está aqui? — perguntei.

— Nós não queremos sobrecarregar você. Sua mãe está em casa, esperando você chegar, mas seu pai está no carro. — disse Tanner, apontando para o carro com as janelas escurecidas, ainda ligado na calçada.

— Eu ainda não me lembro. Eu pensei que eu iria me lembrar se eu visse alguém do meu passado, se eles me dissessem quem eu era, mas eu não me lembro. — minha cabeça girava. Se eu não me lembro dele olhando pra ele, algum dia eu iria me lembrar dele?

Será que eu me lembraria de alguém um dia?

— Você vai, mas isso vai levar tempo. Você só precisa voltar a entrar no sulco de coisas por um tempo. Sua rotina normal. Isso vai voltar para você. Nós não vamos te apressar. Sua mãe tem os melhores médicos já de plantão. Especialistas. Você estará de volta ao seu velho eu em algum momento, — disse ele, cutucando o meu ombro.

King já havia dito tudo a eles. Pelo menos o suficiente para a minha mãe já ter médicos a postos.

A garota que eu tinha desistido pode estar de volta depois de tudo.

A porta de trás do carro se abriu novamente, e dele saiu um homem alto, de terno preto nítido e uma gravata vermelha sólida.

— Quem é esse? — perguntei a Tanner.

— Seu pai, — ele me disse. — O senador.

— Ramie, — disse o homem. — Sua mãe está doente de preocupação. Vamos lá. Entre no carro, — disse ele severamente, abotoando o botão inferior do seu paletó.

Estava mais de trinta graus aqui fora, e não havia uma gota de suor na testa dele. Sem vermelhidão nas bochechas. É como se ele fosse importante demais para ser afetado pelo calor.

De cima de mim, King se inclinou para frente sobre o peitoril. Com a luz do sol diretamente em cima, sua estrutura maciça lançou uma sombra no chão.

Ele realmente parecia como um rei. Uma força a ser reconhecida. Zeus, em seu poleiro acima do mundo.

O senador saiu da sombra de King como se fosse bom demais para está sob ele. Isso me irritou.

Ele não era melhor do que King.

Ninguém era.

King era um bad guy, mas ele era meu bad guy. Ele era mais do que isso. Ele era o meu mundo. Meu coração. Estas pessoas podem ter conhecido quem eu era antes, mas eu sabia quem eu era agora, e as duas versões de mim iam ter que descobrir como mesclar antes de eu desenraizada do que eu tive com King em busca de algo desconhecido.

— Senador, — King reconheceu o homem.

— Senhor King, — o senador cumprimentou, protegendo os olhos do sol com a mão.

— Onde está a Max? — perguntou King, com amargura.

— Em breve. Ela estará aqui em breve. Há outro carro vindo pra cá com ela.

— Troca: é uma troca. — disse King. — Ela não vai a lugar nenhum até que Max chegue aqui.

Então a coisa me bateu. King tinha dito que eu não tinha escolha, e agora, eu sabia o por que.

Se eu ficasse, King não iria receber a sua filha de volta. A troca que ele mencionou era eu por Max.

— Lá está ela, — disse o senador quando outro carro cidade parou na calçada. King desceu os degraus, saltando sobre mim quando ele fez o seu caminho até o carro. O segundo parou quando King abriu a porta traseira.

— Max? — ele gritou para dentro do carro.

O motorista do veículo tirou algo do bolso do paletó. Ele clicou um punho de metal em torno do pulso de King.

— Ela não está lá, — King gritou, puxando a manga. — Que porra é essa? Onde ela está?

O homem que eu pensei que era o motorista torceu o outro braço de King para frente e pôs os punhos na frente dele.

— O que você está fazendo? — eu gritei, correndo até King. — Deixem ele ir! — um par de braços fortes me agarraram por trás e me impediu de ficar mais perto. — O que diabos está acontecendo? Eu preciso ir com ele!

Chutei meus pés no ar quando o homem que era o meu pai me levantou do chão. As narinas de King queimaram quando o homem que tinha acabado de colocar King em punhos, lutou com ele no banco de trás do carro.

— Senhor King, este é o detetive Lyon. Você está sendo preso por rapto de minha filha, — disse o senador, ao mesmo tempo mantendo seu domínio sobre mim.

— Mas ele não me sequestrou! Ele não fez nada. Ele me salvou. Ele me salvou! — gritei, mordendo seu braço enquanto tentava me libertar de suas garras.

E eu quis dizer isso. King tinha me salvado. Em todos os sentidos. Ele me salvou de mim mesma, de uma vida estagnada. Por causa dele, eu estava avançando.

Eu queria avançar com ele.

— Seu filho da puta! — King gritou. Detetive Lyons fechou a porta do carro, e eu perdi King de vista por trás do tom escuro das janelas.

— Não! — eu gritei. O carro decolou e desapareceu sob as árvores. — Me deixe ir, porra!

O senador me virou para encará-lo e me agarrou pelos ombros. — Calma, Ramie, ou você vai assustá-lo, — alertou.

— Quem? Que porra você está falando?

Tanner caminhou até o carro e abriu a porta. Um rapaz pequeno com cachos como Tanner e cabelo tão branco quanto o meu saíram do banco de trás.

O menino me viu e abriu os braços. Ele veio correndo até mim e bateu em minha coxa.

O senador me largou. O menino esfregou seu rosto em minha perna.

Eu olhei para ele, intrigada.

Não foi seus olhos tão azuis como o gele como os meus, ou a covinha no queixo igual o meu que me assustou mais.

Era o que ele gritou que fez meu coração parar.

— Mamãe!

CONTINUAÇÃO EM: **TYRANT**

TYRANT

PRÓLOGO

O tempo médio gasto de um ex-prisioneiro voltar para a cadeira é de seis meses.

Eu só tinha estado fora por três.

Eu esperava encontrar Max naquele carro. Em vez disso, metal frio tilintou em torno de meus pulsos, e o porco imbecil teve a audácia de rir quando ele apertou os punhos até ao ponto de dor.

Eu não estremeci embora. Eu não lhe daria a satisfação. Ele pressionou minha cabeça par abaixo e me empurrou duro na parte de trás do carro da polícia. Eu pousei de lado e meu rosto bateu contra o banco pegajoso. Cheirava como vômito e más decisões. Minhas mãos formigavam com a perda de fluxo sanguíneo.

O filho da puta teve sorte de eu estar desarmado.

Três anos. Eles já tinham me prendido por três malditos anos, e agora eles iam me prender por muito mais tempo.

Sequestro não era exatamente punido com um leve tapa no pulso, especialmente para alguém cujo registro era tão longo quanto o meu. Eu prometi que eu nunca ia voltar, mas mantendo minhas promessas é apenas mais uma coisa que eu nunca fui muito bom em conseguir.

Eu estava muito puto para dar a mínima, embora. O sistema poderia me ter. Eu pertencia a eles agora, mas eles não me possuíam. Eles NUNCA iriam me possuir.

Ela me pertence.

Coração e fodida alma negra.

Vou andar para a fila de comida de merda com um sorriso de comedor de merda no meu rosto arranhado usando meu macacão laranja todos os dias filho da puta. Vou jogar cartas com o pior dos piores e fazer bonito com os guardas que estavam dispostos a me dar alguma folga. À noite, quando estou sozinho na minha cela sem janelas com meu pau na minha mão, eu vou lembrar como era tê-la em minha cama; como os olhos arregalados inocentes olharam para mim

enquanto eu me movia dentro dela, do jeito que ela arqueou as costas para mim enquanto eu a fazia gozar uma e outra vez.

Eu me mantive dizendo que eu não tinha nada para oferecer a ela, mas isso não era verdade.

Eu tinha amor.

Pequena. Doe. Ray. Seja qual for o fodido nome dela. Eu a amava mais do que o normal, racional, ou são, e eu ficaria feliz em apodrecer na prisão de merda com um sorriso no meu rosto se eu sabia que a minha menina ia ficar bem.

Mas eu não sabia disso. Eu não poderia saber disso.

Eu deveria ter imaginado que filho da puta do caralho ia armar para mim.

— O notório Brantley King, — disse o porco[25] com um sorriso quando ele entrou no banco da frente. O couro de plástico guinchou contra o cinto quando ele fechou a porta e ligou o motor. — Achei que você teria aprendido a lição por agora, garoto.

Ele riu e balançou a cabeça. Era óbvio que esse cara estava recebendo algum tipo de prazer doentio de ser o único a me prender.

— King, — o corrigi desafiadoramente. Ninguém me chama de Brantley além dela.

— Como? — ele perguntou, levantando uma sobrancelha para mim através do espelho.

Me sentei ereto, encontrando seu olhar como se eu estivesse olhando direto para sua alma de um fodido. — Eles me chamam de King, filho da puta.

A raiva dentro de mim cresceu para proporções épicas. Foi quando notei que o detetive não virou para a estrada principal, mas em vez disso seguiu direto para o caminho através dos bosques.

Esse cara não era a porra de um policial. Avistei a arma; ele colocou sobre o banco. Era uma Judge[26], não o tipo de arma que era padrão da polícia. Esse cara não estava me levando para cadeia.

Ele estava me levando para a terra.

---

[25] Alguns criminosos e pessoas contra o sistema chamam policiais de porcos.
[26] É um modelo de uma arma.

Não havia tempo a perder.

Minhas meninas precisavam de mim.

Mais do que isso, eu precisava delas.

O idiota tinha me algemado na frente. O que deveria ter sido o meu primeiro sinal de que algo estava errado. Um policial de verdade nunca teria feito isso a menos que ele estivesse transportando um criminoso não-violento.

O que não era eu.

Usando a cadeia que ligava minhas algemas, eu prendo no pescoço do detetive falso contra o encosto de cabeça e puxei de volta com todas as minhas forças, até que eu senti como se meu bíceps fosse explodir.

Suas mãos deixaram o volante e se debateram enquanto ele tentava bater com a minha cabeça, mas eu esquivei, baixando atrás do assento.

O carro desviou o caminho e saltou de um lado para outro quando ele atropelou raízes das árvores.

A pressão montou atrás dos meus olhos enquanto eu puxava de volta nos punhos, apertando mais e mais. Eu não soltei até que o carro começou a parar e cada polegada de vida havia drenado de seu corpo.

O policial falso estava certo. Eu nunca seria nada mais do que o notório Brantley King.

Isso foi bom para mim, porque o senador tinha uma lição a aprender. Você não toma o que é meu e sem esperar pagar em sangue, suor, ou buceta.

Ele pegou a minha menina. Ele queria acabar com a minha vida.

Seu pagamento seria com sangue